



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

JEFERSON MUNDIM DE SOUZA

MEMÓRIAS E LETRAMENTOS DE IDOSOS: a leitura e a escrita como processo
formador identitário

Salvador

2022

JEFERSON MUNDIM DE SOUZA

**MEMÓRIAS E LETRAMENTOS DE IDOSOS: a leitura e a escrita como processo
formador identitário**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Bueno Borges da Silva.

Salvador

2022

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário
Maurício José Morais Costa CRB 13-833

S729m

Souza, Jeferson Mundim de.

Memórias e letramentos de idosos : a leitura e a escrita como processo formador
identitário / Jeferson Mundim de Souza. – Salvador, 2022.

212 f. il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Bueno Borges da Silva.

Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua
e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

Inclui bibliografia e apêndices.

1. Memórias. 2. Letramentos. 3. Leitura. 4. Escrita. 5. Identidade. 6. Narrativas. I.
Título. II. Silva, Simone Bueno Borges da.

CDD: 025.567
CDU: 025.5-053.9 (813.8)

JEFERSON MUNDIM DE SOUZA

MEMÓRIAS E LETRAMENTOS DE IDOSOS: a leitura e a escrita como processo
formador identitário

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura.

Data da Aprovação: 14 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Simone Bueno Borges da Silva – Orientadora

Doutora em Linguística Aplicada (UNICAMP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dr. Humberto Luiz Lima de Oliveira

Doutor em Literatura Comparada - Université d' Artois, ARTOIS, França
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Prof.^a Dr.^a Márcia Paraquett Fernandes

Doutora em Literatura Hispânica – Universidade de São Paulo (USP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof.^a Dr.^a Suzane Lima Costa

Doutora em Letras (Teorias e Crítica da Cultura e da Literatura) (UFBA)
UFBA – Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Dr.^a Zélia Malheiro Marques

Doutora em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (UFMG)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

À comunidade afrodescendente e afro-brasileira de São Francisco do Conde (BA).

Aos idosos, que abriram as portas de suas memórias e de suas casas para me conceder o privilégio de aprender, pesquisar e escrever particularidades de suas vidas, confiando, respeitando e me ensinando por meio de saberes construídos em suas jornadas diárias.

À Francisca Demétrio Teles (Chica), que me fez reunir em sua casa, grande parte dos idosos entrevistados, além de sua dedicação e carinho para com eles e para comigo, e que em meus propósitos contava com sua ajuda e acolhidas após chegar de viagem para mais levantamentos de dados e experiências de letramentos.

À Sra. Zefa, que carinhosamente rememorou sua vida, destacando suas inúmeras qualidades sobre a aprendizagem do mundo e o valor que sempre atribuiu à formação escolar e aos letramentos.

À Sra. Sabrina, pela riqueza descritiva de suas narrativas, apresentando suas histórias de uma infância sofrida, mas das lutas enfrentadas para conquistar o que hoje tem e celebrar junto com os filhos os sucessos de seus objetivos alcançados.

À Sra. Euzébia, por compartilhar muitas de suas memórias na roça ao lado de sua madrinha; dos aprendizados com os poucos acessos descontínuos à escola, lutando para ser uma mulher letrada.

À Sra. Cremilda, denunciadora de vários “crimes” cometidos em sua infância por parte dos adultos que se tornaram responsáveis por seu cuidado e educação.

À Sra. Angélica, que marejava os olhos a cada instante que me contava suas batalhas para terminar de criar seus filhos, após ter ficado viúva e da certeza de mudar o destino de seus filhos e netos pelos estudos.

À Sra. Altamira, mulher idosa letrada, que não fechou os olhos às necessidades dos idosos de sua comunidade, mantendo diálogos constantes e providências para que suas vidas tivessem sentido e suas memórias preservadas através de projetos de manutenção dessas memórias identitárias e cultura local.

Ao Sr. João, de fala mansa e olhar discreto, que aos poucos foi narrando as dificuldades que o levaram a desistir da escola e seguir trabalhando para ajudar no cuidado dos pais e no sustento da casa.

Ao Sr. Florêncio, homem idoso com visão além do alcance, que narra suas histórias de acesso à escola e das discontinuidades provocadas pelas exigências da vida. Sua admiração e consideração pela professora que o levou a persistir na educação e construir um futuro melhor.

Aos moradores das comunidades de São Bento, do Monte Recôncavo, do Gurugé, de Cajaíba, bem como aos ex-alunos do Pré-Vestibular São Francisco do Conde (PREVESF), que tanto colaboraram para a construção desta pesquisa.

Enfim, a todos os que se disponibilizaram e colaboraram para tornar meus desejos em sonhos possíveis e concreta realidade.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão primeiramente a Deus de misericórdia, que sempre esteve presente em todos os caminhos traçados e no meu existir. Seu amor, compreensão e forças são eternamente renovados.

Aos meus pais (in memoriam) Antônia Railda de Souza e Lirosvaldo Mundim de Souza, que me trouxeram ao mundo, me ensinando, educando e corrigindo quando necessário. Em especial a minha mãe, pessoa linda e cheia de letramentos ensinados e vividos.

Ao meu amado esposo, paciente, cuidador, observador e disposto a compreender meus momentos de angústias, ansiedades e desesperos. Basílio, você nunca me abandonou! Sempre acreditou que meus sonhos seriam realizados. Gratidão, meu amado!

Às vovós Hercília, Esmeralda e Menininha, que me acarinham, afastando de mim os medos, letrando seus ensinamentos para que eu crescesse como pessoa digna.

Aos idosos da comunidade de São Francisco do Conde, inspiradores de minha pesquisa, que desprendidos de valores materiais e financeiros, narraram suas memórias e saberes construídos. Com vocês aprendi que a vida e as trajetórias trazem consigo letramentos capazes de revolucionar o mundo, assumindo sua posição social em sociedade. Saberes trazidos como parte de sua formação identitária.

À Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde, que abriu as portas do acesso para o conhecimento de sua história e grandes heranças ancestrais, alimentando minhas descobertas para a escrita desta tese.

A minha queridíssima orientadora, Simone Bueno Borges da Silva, que em sua sensibilidade, dedicação e carinho, soube conduzir minha pesquisa para o universo poético dos letramentos, ajustando, revendo e apoiando nossas memórias e letramentos em narrativas.

Ao queridíssimo professor, escritor, poeta, ensaísta..., Humberto Luiz Lima de Oliveira, que em sua sensibilidade ímpar, aceitou meu convite para sugerir e orientar-me nas etapas desta pesquisa. Suas experiências de vida, em “Narrativas de alguma esperança e Narrativas da compaixão”, provavelmente me ajudaram a rememorar as inúmeras narrativas com as quais minha Tese se nutriu. A você, minha reverência e eterna gratidão!

À “Marcinha”, professora Márcia Paraquett Fernandes, mulher, guerreira, idosa, pesquisadora incansável e formadora de professores em ação, que sempre está nos surpreendendo com seu pensamento crítico e desenvolvimento de novas metodologias para dizer, de maneira simples e direta, o que deve ser dito e visibilizado em um mundo recheado de divisões e injustiças. A você e a todas as contribuições que têm me concedido, minha eterna

gratidão! Contigo aprendo e sinto o desejo de continuar sendo professor de espanhol, porém renovado, alerta e sensível ao mundo multipluricultural.

À professora que me causou encantamentos desde o momento em que a conheci, entre as vivências de suas experiências acadêmico-profissionais e de seus inúmeros atravessamentos com as pesquisas em ação. Cartas, retratos, biografias e autobiografias de povos indígenas, Suzane Lima Costa. Um semestre como aluno em um componente curricular foram mais que especiais para sentir de perto as práticas de seus discursos coerentes e apaixonantes. Você faz a diferença!

À professora Zélia Malheiro Marques, acessada por meio de vários ex-alunos que a reconhecem como brilhante em suas “Práticas de leitura e de escrita em utilização de correspondências de mulheres e impressos do século XIX e XX”, que vem abrilhantar nossa pesquisa, por possuir uma leitura sensível do universo de mulheres, leitura e escrita a quem vem lutando contra invisibilidades. Por sua disponibilidade e olhar crítico, meu muito obrigado!

Ao Programa de pós-graduação em Língua e Cultura, que dispôs de mecanismos legais para meu acesso, apresentando trajetórias em forma de currículo para meus mergulhos e descobertas.

A tod@s @s coleg@s de caminhada do PPGLINC, por suas contribuições de escuta, leitura, sugestões e disposições para sempre nos ajudar a compreender o quão difícil é trilhar o caminho da pesquisa.

Aos atravessamentos que cada leitura, cada situação, cada memória... foi capaz de criar em mim emoções indescritíveis para a composição desta tese.

Aos meus e minhas amig@s professor@s, companheir@s da Educação Básica e Superior de todos os dias na tão cara tarefa de “Letrar” constantemente.

Aos alunos e alunas, sujeitos de nossas estratégias e experiências de ensino-aprendizagem.

Aos encontros possíveis com pessoas anônimas que se dispuseram, mesmo sem compreender o que eu queria, pararam e escutaram, ajudando-me sobremaneira em minhas decisões.

Aos autores que me impulsionaram a reexistir diante de tantas vicissitudes que a vida me reserva e das práticas de letramentos que fizeram de mim um sujeito mais sensível e com posicionamentos sociais abertos para o aprendizado.

Às minhas cadelinhas Brisa (in memoriam) e July, que sempre estiveram presentes com seus latidos e travessuras, chamando minha atenção para deixar um pouco a escrita e sair para passear.

Ao Universo, que me proporcionou tudo e sempre me desafiou dizendo, que tudo para mim teria que ser difícil, mas não impossível de ser conquistado.

Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.

Ecléa Bosi

RESUMO

Esta tese apresenta os resultados da pesquisa em que são estudadas as memórias de letramentos de idosos em sua formação em leitura, escrita e identidade, apresentando elementos e eventos de letramentos, nas histórias de vida de homens e mulheres idosos, na faixa etária de 60 a 100 anos, no Município de São Francisco do Conde (BA). Trata-se de pessoas que tiveram acesso a algum tipo de letramento, mesmo sem terem tido contato com os bancos escolares formais, ou ainda, que os frequentaram com determinadas descontinuidades. O objetivo foi evidenciar, compreender, através de memórias de idosos/as, seus percursos formativos e as práticas sociais de letramentos do contexto sociocultural da comunidade e do diálogo com as práticas pedagógicas do letramento escolar, que, pelas narrativas expressas, indicaram um panorama sobre o modo como os idosos, mesmo tendo formação escolar descontínua e identitária, colaboraram para sua (in) visibilidade junto a sua comunidade. Especificamente, conhecer e transcrever as histórias de vida dos citados idosos; descrever as comunidades como universo sociocultural de cada sujeito da pesquisa; registrar as interações entre os atores sociais com os eventos e práticas de letramentos nos espaços sociais por onde transitam, narrando os processos de interação desses participantes com as práticas de letramentos, leitura e escrita, e analisando como acontece o processo de construção dessas memórias. Para o aporte teórico, os estudos de Bourdieu (1999), pelo entendimento da memória como prática social. Além da História da Leitura e da História da Cultura Escrita, tendo Chartier com os conceitos de práticas de leitura e de escrita (CHARTIER, 1990; 1991). O perfil de nossa pesquisa é de natureza qualitativo-etnográfica conjugada com a técnica da história oral e de vida, em uso dos depoimentos pessoais, que se mostraram um meio adequado para captar o intercruzamento das memórias e letramentos da história de vida dos idosos com a memória e a construção da identidade pessoal. O corpus da investigação foi construído a partir de registros diários de campo, entrevistas semiestruturadas, narrativas pessoais e coletivas, além de participações em eventos de letramentos. A pesquisa apresenta as memórias e letramentos que narram a vida dos idosos que representam um conjunto de vozes que ecoam em nosso presente como reflexo de um passado que não se cansa em ser representado como histórias de vida e batalhas incansáveis construídas ao longo de caminhos e letramentos diversos para ser um idoso letrado. Sujeitos que desejam tão somente sentir-se parte de uma comunidade que lê, escreve e vê a vida a partir de uma lógica letrada, mas que não ignoram os múltiplos saberes construídos e consolidados que demarcam nossa sociedade, revelando vozes antes silenciadas e que agora se apresentam como participantes legítimos desses mesmos espaços e lugares de fala.

Palavras-chave: Memórias; Letramentos; Leitura; Escrita; Identidade; Narrativas.

RESUMEN

Esta tesis presenta los resultados de una investigación en la que se estudian las memorias alfabetizadoras de ancianos en su formación en lectura, escritura e identidad, presentando elementos y eventos alfabetizadores en las historias de vida de ancianos y ancianas, en el grupo etario de 60 a 100 años, en el Municipio de São Francisco do Conde (BA). Se trata de personas que tuvieron acceso a algún tipo de alfabetización, incluso sin haber tenido contacto con las bancas escolares formales, o incluso que asistieron a ellas con ciertas discontinuidades. El objetivo fue mostrar, comprender, a través de las memorias de los ancianos, sus caminos formativos y las prácticas sociales de alfabetización en el contexto sociocultural de la comunidad y el diálogo con las prácticas pedagógicas de alfabetización escolar, que, a través de las narrativas expresadas, indicaron un recorrido por la forma en que los ancianos, incluso con educación e identidad escolar discontinua, colaboraron para su (in)visibilización en su comunidad. En concreto, conocer y transcribir las historias de vida de los citados ancianos; describir las comunidades como el universo sociocultural de cada sujeto de investigación; registrar las interacciones de los actores sociales con los hechos y prácticas alfabetizadoras en los espacios sociales por los que transitan, narrar los procesos de interacción de estos participantes con las prácticas alfabetizadoras, lectoras y escritas, y analizar cómo transcurre el proceso de construcción de estas memorias. Para el aporte teórico, los estudios de Bourdieu (1999), a través de la comprensión de la memoria como práctica social. Además de la Historia de la Lectura y la Historia de la Cultura Escrita, teniendo a Chartier con los conceptos de prácticas de lectura y escritura (CHARTIER, 1990; 1991). El perfil de nuestra investigación es de carácter cualitativo-etnográfico, combinado con la técnica de la historia oral y de vida, utilizando testimonios personales, que se mostró como un medio adecuado para captar el cruce de memorias y alfabetizaciones de la historia de vida de los ancianos con la memoria y la construcción de la identidad personal. El corpus de investigación se construyó a partir de registros diarios de campo, entrevistas semiestructuradas, narrativas personales y colectivas, así como la participación en eventos de alfabetización. La investigación presenta las memorias y alfabetizaciones que narran la vida de los adultos mayores que representan un conjunto de voces que resuenan en nuestro presente como reflejo de un pasado que no se cansa de ser representado como relatos de vida y luchas incansables construidas a lo largo de caminos y alfabetizaciones diversas a ser un anciano alfabetizado. Sujetos que solo quieren sentirse parte de una comunidad que lee, escribe y ve la vida desde una lógica letrada, pero que no ignoran los múltiples saberes construidos y consolidados que demarcan nuestra sociedad, revelando voces que antes fueron silenciadas y que ahora se hacen presentes como legítimos participantes en estos mismos espacios y lugares de habla.

Palabras clave: Memorias; alfabetizaciones; Leyendo; Escritura; Identidad; Narrativas.

ABSTRACT

This thesis presents the results of research in which the literacies memories of elderly people in their training in reading, writing and identity are studied, presenting elements and literacies events in the life stories of elderly men and women, in the age group of 60 to 100 years old, in the Municipality of São Francisco do Conde (BA). These are people who had access to some type of literacy, even without having had contact with formal school benches, or even who attended them with certain discontinuities. The aim was to show, understand, through the memories of the elderly, their formative paths and the social practices of literacy in the sociocultural context of the community and the dialogue with the pedagogical practices of school literacy, which, through the narratives expressed, indicated an overview of the way in which the elderly, even with discontinuous school education and identity, collaborated for their (in) visibility in their community. Specifically, knowing and transcribing the life stories of the aforementioned elderly; describe the communities as the sociocultural universe of each research subject; recording the interactions between the social actors with the events and literacy practices in the social spaces through which they transit, narrating the interaction processes of these participants with the literacy, reading and writing practices, and analyzing how the process of building these memories happens. For the theoretical contribution, the studies of Bourdieu (1999), through the understanding of memory as a social practice. In addition to the History of Reading and the History of Written Culture, having Chartier with the concepts of reading and writing practices (CHARTIER, 1990; 1991). The profile of our research is of a qualitative-ethnographic nature, combined with the technique of oral and life history, using personal testimonies, which proved to be an adequate means of capturing the intersection of memories and literacies of the life history of the elderly with the memory and the construction of personal identity. The research corpus was built from daily field records, semi-structured interviews, personal and collective narratives, as well as participation in literacy events. The research presents the memories and literacies that narrate the lives of the elderly that represent a set of voices that echo in our present as a reflection of a past that never tires of being represented as life stories and tireless battles built along paths and literacies diverse to be a literate elderly. Subjects who only want to feel part of a community that reads, writes and sees life from a literate logic, but who do not ignore the multiple built and consolidated knowledge that demarcates our society, revealing voices that were silenced before and that are now present themselves as legitimate participants in these same spaces and places of speech.

Keywords: Memories; literacies; Reading; Writing; Identity; Narratives.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRALIN – Associação Brasileira de Linguistas

ALBA - Assembleia Legislativa da Bahia

CCI - Casa de Convivência do Idoso de São Francisco do Conde

CEAS- Centro de Estudos e Ação Social

CECBA – Centro Educacional Claudionor Batista

CEJAL - Complexo Escolar Julieta Ribeiro Porciúncula, Arlete Magalhães e Lícia Maria Pinho

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP - Comissão Nacional de Ética e Pesquisa

DRCA - Diretoria de Registro e Controle Acadêmico

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EDUFBA – Editora Universidade Federal da Bahia

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FACED – Faculdade de Educação

FERMAM – Escola em São Francisco do Conde

HO – História Oral

HV – História de Vida

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IIBA - Imperial Instituto Baiano de Agricultura

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NEL – Novos Estudos do Letramento

NIME - Núcleo de Intervenção e Mediação Escolar

OIT - Organização Internacional do Trabalho

ONU – Organização das Nações Unidas

PDDU – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano

PEA - População Economicamente Ativa

PIB – Produto Interno Bruto

PMSFC – Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde

PPGLINC – Programa de Pós-graduação em língua e cultura

PPP – Projeto Político Pedagógico

PREVESF – Pré Vestibular São Francisco do Conde

PROAP - Programa de Atenção e Acompanhamento Pedagógico e Psicossocial a Alunos e Professores

PRODETUR – Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo

RLAM – Refinaria Landulpho Alves

RMS – Região Metropolitana de Salvador

SCFV- Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

SDHCJ - Secretaria Municipal de Direitos Humanos, Cidadania e Juventude

SEDES - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social

SEDESE - Secretaria de Desenvolvimento Social e Esportes

SEDUC – Secretária Municipal da Educação

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

SEPLAN - Secretaria de Estado do Planejamento, Indústria e Comércio

SESAU - Secretaria Municipal da Saúde

SMS – Serviços de Mensagens Simples

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TI - Território de Identidade

UATI – Universidade Aberta para a Terceira Idade

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UNEB – Universidade do Estadual da Bahia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

USP – Universidade de São Paulo

VOARTE – Voando nas Asas da Arte Educação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada (Portal) da cidade de São Francisco do Conde	20
Figura 2 - Visão panorâmica da cidade de São Francisco do Conde	44
Figura 3 - População festejando o Lindro-amor	56
Figura 4 - Idosa em apresentação – Samba das Pitangueiras.....	58
Figura 5 - Marisqueira em atividade em São Francisco do Conde	60
Figura 6 - Moqueca de peixe assado na brasa.....	62
Figura 7 - Escola Agrícola de São Bento das Lajes – Bahia.....	63
Figura 8 - Capa Bode – Representação cultural – Carnaval em SFC - BA	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados da caracterização dos (as) idosos (as).....	46
Quadro 2 - Bloco 1 – Caracterização dos sujeitos	50
Quadro 3 - Bloco 2 – Aprender a ler e a escrever.....	51
Quadro 4 - Bloco 3 – Importância e prazeres em ler e escrever	51
Quadro 5 - Bloco 4 – Lembranças da cultura, história e religiosidade.....	52
Quadro 6 - Bloco 5 – Leitura nos espaços institucionais.....	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 O PESQUISADOR E SUAS HISTÓRIAS	28
2.1 A pesquisa e seu contexto	44
3 DADOS ETNOGRÁFICOS, CULTURA LOCAL E O MUNICÍPIO	55
3.1 Passado Histórico	55
3.2 Muitas heranças culturais	62
3.3 Promessas e visibilidades à vista	64
4 LETRAMENTOS E OS DADOS DAS ENTREVISTAS	69
4.1 Letramentos e suas marcas nas Memórias Idosas	70
4.2 Histórias das gerações e mulheres em narrativas	82
4.3 Um olhar sobre as memórias e narrativas pela perspectiva do conceito de Bem Viver	95
5 NARRATIVAS E LEGADO DOS IDOSOS	102
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS	146
APÊNDICE A - TERMO DE ADESÃO	160
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	161
APÊNDICE C - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	163
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	168
APÊNDICE E - DETALHAMENTO DAS PERGUNTAS	209
APÊNDICE F - PERGUNTAS PARA O PESQUISADOR	211

ESTRUTURA DA TESE

Quanto à estrutura desta tese, ela é composta pela presente introdução, que transcorre registrando os processos pessoais de formação como indivíduo, profissionalmente e as descobertas para a constituição desta pesquisa, situando o leitor em uma visão panorâmica, antecipando as razões que me levaram à escolha de São Francisco do Conde, como lócus da pesquisa, ressaltando as minhas inquietações e as memórias acessadas no processo da pesquisa, por cinco capítulos e pelas considerações finais, além de referências, anexos e apêndices.

O primeiro capítulo - Introdução - apresenta uma visão geral do que encontraremos como leitura e compreensão da organização desta pesquisa. Algumas sinalizações de narrativas com acesso à memória, à leitura e à escrita, seus percursos culturais e formativos de letramentos, em contraposição a cenários não favoráveis ao seu aprendizado, descrevendo, através de narrativas orais metodológicas essas histórias que foram registradas com objetivos de dar a conhecer esses percursos.

No segundo capítulo – O pesquisador e suas histórias e a pesquisa e seu contexto - constitui-se numa exposição dos aspectos da pesquisa, inserida em um campo investigativo qualitativo etnográfico, onde o estudo da cultura e comportamento das memórias de um grupo de idosos em sua formação descontínua de leitura, escrita e suas construções identitárias surgem por meio de narrativas e memórias relatadas e registradas em áudio e escritas a partir de entrevistas semiestruturadas. Além desses dados de entrevistas gravadas em áudio, há também os dados registrados em diário de campo reunidos a partir das minhas observações contextuais das comunidades dos idosos, das suas práticas de letramentos em contexto escolar, familiar e comunitário e da minha participação em eventos culturais nas comunidades.

O terceiro capítulo – Dados etnográficos, cultura local e o município; passado histórico, heranças culturais, promessas e visibilidades - reflete os dados etnográficos de São Francisco do Conde, demonstrando a trajetória cultural local e ressignificações de memórias narradas por participantes da pesquisa e propostas de grupos de líderes idosos da comunidade em diálogo e Poder Público, que buscam encontrar estratégias para modificar os cenários de promessas e perspectivas do passado por novas possibilidades de vida, apoiando-se na diversidade histórica, patrimonial e cultural que o município oferece.

O quarto capítulo – trata da construção que elabora conceitos de letramento, a partir de percursos históricos, identificando, nos novos estudos do letramento, o uso da escrita em perspectiva sociocultural de como a oralidade versus a escrita são discutidas, propondo um modelo ideológico de letramento, que são destacados em eventos e práticas de letramentos

como um conjunto de práticas sociais vividas pelos idosos através da memória, bem como apresenta as reexistências de letramentos como marcas nas memórias idosas; das histórias das gerações e mulheres em narrativas em perspectiva do conceito de Bem Viver.

O quinto capítulo - Em Narrativas e legado dos idosos. Já elaborado a partir dos dados - trata das trajetórias das pessoas idosas e as lembranças que compartilham, ao narrarem suas trajetórias de vida, o acesso descontínuo à escola, a partir do trabalho, aprendizagens e seu envelhecimento/memórias compartilhadas. Este capítulo enfatiza mais especificamente os elementos diacríticos que os idosos desta comunidade elegem ao serem requisitados para rememorar, fazendo comparações e recordações ao longo do tempo. O vivido torna-se rico de significados quando acessado pela memória, pois o que é recordado desses momentos expressa também um aprendizado, acúmulo de experiências que são levadas para a vida toda.

Finalizando com nossas considerações, percorremos por meio de narrativas que os idosos desta pesquisa declaram ser a escola um espaço de renovação, de expectativas e de aprendizagens, distantes, mas memoráveis. Na escola, eles esperariam adquirir o letramento capaz de lhes permitir ler, conhecer e adentrar em outros espaços, em outros mundos, projetando outros sonhos, simples para alguns, mas, para eles, aprender a ler e escrever significaria ganhar autonomia. Ser um idoso independente. Na opinião de alguns deles, seria envelhecer aprendendo; envelhecer conquistando direitos e cidadania, envelhecer lendo e escrevendo. Seria o sonho de ir ao mercado e poder realizar compras, colocar no papel as anotações cotidianas. Enfim, atender às mais diversas necessidades da escrita nas suas funções sociais.

Idosos que desejam tão somente sentir-se parte de uma comunidade que lê, escreve e vê a vida a partir de uma lógica letrada, mas que não ignoram os múltiplos saberes construídos e consolidados que demarcam nossa sociedade, revelando vozes antes silenciadas e que agora se apresentam como participantes legítimos desses mesmos espaços e lugares de fala.

Figura 1 - Entrada (Portal) da cidade de São Francisco do Conde



Fonte: Captura do Google (2020)

1 INTRODUÇÃO

As memórias e letramentos de idosos: a leitura e a escrita como processo formador identitário nasce com um narrador em primeira pessoa e com personagens de 60 a 100 anos de idade, autodeclaradas negras, no Município de São Francisco do Conde (BA), em um tempo não cronológico que irá narrar sobre os eventos culturais e de letramentos nas histórias de vidas de mulheres e homens idosos, que será introduzida a partir da contação de histórias de vida.

Essas histórias têm como enredo o acesso à memória, à leitura e à escrita, seus percursos culturais e formativos de letramentos, em contraposição a cenários não favoráveis ao seu aprendizado, descrevendo, através de narrativas orais metodológicas essas histórias que foram registradas com objetivos de dar a conhecer esses percursos.

O ponto alto dessas histórias está nas riquezas das memórias e narrativas ressignificadas pelos próprios personagens, que descrevem suas lembranças, enchendo-se de sentimentos que vão revelar sofrimentos, lutas, reexistências, esperanças e muitas vitórias. São elementos narrativos que dão conta de suas experiências pessoais, sociais, culturais, históricas e desfechos sobre cada enfrentamento vivido.

Os resultados dessas narrativas são lutas de reexistência histórica afrodescendente identitária e de lutas por resistência à cultura eurocêntrica, bem como aprendizados que se narram por meio de memórias que revisitam o passado, trazendo para o presente, perspectivas de dias melhores e aprendizados contínuos dos idosos desta pesquisa, tornando-os visíveis a cada dia.

Sendo assim, passo a narrar que, em um dia qualquer, fui convidado para ensinar em São Francisco do Conde. Cidade distante 82,1 Km de Salvador.

No dia combinado, me dirigi à estação rodoviária, comprando a passagem de ida e ansioso para chegar ao meu destino.

Chegou o ônibus, entreguei o bilhete de viagem ao motorista e sentei-me na poltrona indicada. Reparei que poucas pessoas viajavam naquele horário e por isso muitos assentos seguiram vazios. Tive a impressão de ser a cidade para onde eu estava indo, pouco habitada. Ledo engano!

O motorista deu partida e fui fazendo a viagem, contemplando a natureza exuberante e processando as informações que eu havia reunido sobre o lugar. Eram mistos de expectativas e medos sobre aquilo que me esperava, porque já sabia que se tratava de um município rico, porém pobre por não conseguir atender às necessidades de seu povo, ou dos muitos “empregos” dados a alguns que apenas recebiam seus altos salários sem sequer aparecer

à sua repartição de trabalho. Um escândalo que se propagara pelos meios de comunicação. Mas, meu interesse naquele momento era aceitar o convite e contribuir, para que os alunos, ali matriculados, pudessem acessar o conhecimento por meio de minhas aulas.

Ao chegar, fui recebido por Renato, coordenador do Curso Prevesf – Pré-vestibular que me deu as boas-vindas e explicou sobre o objetivo e funcionamento do curso, apresentando-me a estrutura do edifício e convidando-me para iniciar as aulas no próximo turno.

Chegado o turno, observei e fui observado por 150 alunos em idades que iam de 16 a 70 anos. A maioria era de afrodescendentes, que ali passavam algumas horas entusiasmados com os estudos. No entanto, 2 desses alunos me chamaram a atenção, pois aparentavam ter mais de 60 anos, o que mais tarde vim a saber que uma senhora, D. Reginalda, havia completado 63 anos e o Senhor Francisco, 70 anos. Nesse momento, algumas perguntas foram se formando e despertando o meu interesse para esse público em específico. Fiquei curioso!

Na primeira oportunidade que tive, aproximei-me dessa senhora que, com voz suave e olhar desconfiado, apresentou-se. Eu, em minha curiosidade persistente, perguntei-lhe: — O que a senhora faz aqui?

Ela prontamente me respondeu: — “Quero ser professora de Geografia”.

Então a senhora pretende fazer o vestibular? Sim — respondeu ela. Mas, antes fez uma observação: — “Eu quero entrar para uma Universidade Pública, de preferência a UFBA”.

O primeiro encontro com D. Reginalda, suas palavras e sonhos, trouxe, entre muitos pensamentos, questões sobre sua condição social, cultural, familiar e indagações sobre sua história de vida, que mais tarde, em momento oportuno eu teria acesso.

Parti para o segundo aluno, Sr. Francisco que, com 70 anos, estava ali em meio a tantos outros jovens.

Perguntei-lhe qual era seu objetivo ao estar ali, estudando?

Ele prontamente me respondeu rindo: — “Aqui é melhor do que estar em casa, ouvindo choro de netos e assistindo as novelas, que são uma porcaria”. — “Aqui ocupo minha mente; aprendo coisas; fico mais sabido...”.

Nascia ali meu interesse em pesquisar sobre esse aspecto geracional, seus desejos, letramentos, lembranças e esperanças.

Aos poucos fui conhecendo a cidade, os distritos e vilarejos do entorno. Eram sempre eles, os alunos, quem me apresentavam aos mais idosos nas comunidades. Com olhares desconfiados e sorrisos tímidos, fui sendo recebido e correspondido em minhas perguntas e interações. Mostrei-me curioso e sempre sensível a compreender como eles viviam e quais experiências de vida tinham para contar. Essas aproximações renderam-me bons momentos de

reflexões e possibilidades de um projeto de pesquisa, pois escutei muitas histórias de descontentamentos em suas formações escolares e letramentos.

A cada convite que eu recebia para participar de eventos culturais, de letramentos em igrejas, associação de moradores, terreiro de candomblé e organizações festivas particulares, onde o idoso fosse presença marcante, lá eu estava presente. Tinha muita sede em aprender com eles como tudo acontecia, por meio do meu olhar atento e direcionado a objetivos que seriam traçados mais adiante. Participação e entrega, engajamento e inserção na vida social.

De posse desses novos conhecimentos e das experiências acumuladas nesses encontros, busquei traçar alguns objetivos que seriam favoráveis a evidenciar, a partir das trajetórias de vida dos idosos de minha pesquisa, seus percursos formativos e os eventos vivenciados no contexto sociocultural da comunidade em diálogo com as práticas culturais de letramentos, pois eram muitos os elementos que colaboravam para isso. Ver nas tradições culturais e ancestrais a possibilidade de rememorar-las através desses idosos, que juntos ensinavam e aprendiam, passando seus conhecimentos na hora de construir o roteiro de como seria essa ou aquela celebração, dava em mim mais impulso para querer seguir descobrindo mais memórias.

A princípio eu tinha a notícia de ser um grupo de pessoas idosas, consideradas “iletradas” em sua maioria, segundo relatos da comunidade local, que traziam consigo a descrição de histórias com marcas de uma formação escolar descontínua, por meio de inúmeras narrativas que serão apresentadas nesta tese.

Para cumprir esses objetivos, busquei conhecer as histórias de vida e, através delas, aproximar-me dos eventos e culturas locais de letramentos, descrevendo a metodologia a ser desenvolvida nesta pesquisa. Utilizei-me da pesquisa de natureza qualitativo-etnográfica conjugada com a técnica da história oral e de vida. Selecionei 8 idosos que conheci nessas minhas andanças e por meio de contatos em eventos culturais e de letramentos, sendo 6 idosas e 2 idosos, com os quais conversamos a partir de um roteiro de 29 perguntas semiestruturadas, sendo seis sobre a caracterização dos sujeitos e indagações acerca dos sentidos que a escrita, a leitura e os eventos culturais e de letramentos assumem para eles e as demais perguntas, distribuídas sobre suas experiências de vida pessoal, profissional e papel na comunidade.

Gravei em áudio suas narrativas por 5 horas e 41 minutos aproximadamente, aproveitando as oportunidades para fotografar momentos de interação e solitários, além de fazer uso de minhas observações e anotações em campo para registrar e transcrever esta pesquisa.

Seguindo nesta perspectiva de estudos dos letramentos, utilizei a história oral (HO) (ALBERTI, 2004; CASTELUCCI, 2013; MEIHY, 1994, 2005, 2007; PAUL THOMPSON,

1992), destacando a importância da tradição oral e saberes locais na formação sociocultural de comunidades e, também, a história de vida (HV) (MONTENEGRO, 2007; QUEIROZ, 1988). O diálogo com os teóricos me permitiu compreender as imagens das situações e episódios dos eventos culturais e de letramentos nos quais esses idosos participaram mostrando-me como os saberes experienciados por sujeitos que não têm o domínio da leitura e da escrita se constituem em *corpus de estudo*.

Os dados etnográficos¹ subsidiaram minha pesquisa, possibilitando-me uma descrição densa e mais completa possível sobre os idosos, suas memórias, eventos culturais e de letramentos e os múltiplos significados das perspectivas que eles têm do que fazem. Foram experiências e registros vivos que notei ao participar dos eventos culturais locais, podendo verificar que suas práticas dialogavam com sua formação cultural identitária, traduzindo aprendizados e memórias em histórias de vidas a serem visibilizadas e compreendidas.

Confesso que foi emocionante poder viver esses momentos de eventos culturais e de letramentos, pois muitos deles me reportaram à minha infância, trazendo-me lembranças das minhas tradições culturais ali celebradas. Meu diálogo com os idosos refletia exemplos de experiências que eles me contavam e que eu as recordava. “Lavar roupa com patchuli”; “tomar mingau, mugunzá” na festa de Santo Antônio; tentar cantar e recordar as “ladainhas” e louvores; ouvir atentamente as histórias e costumes dos ancestrais... Estas e outras participações protagonizadas são trazidas em relatos em minha pesquisa que serão vistos mais adiante.

Registrei os detalhes que caracterizaram meus participantes e que permitem apresentá-los da seguinte forma:

João² é casado, tem 81 anos de idade, pai de seis filhos, cinco netos, nasceu em Bugalinho – distrito de São Francisco do Conde, onde reside. É aposentado, porém antes trabalhou na Refinaria Landulfo Alves e depois foi trabalhar na roça, com a lavoura de banana, onde também comercializava no mercado de Salvador. Estudou apenas³ até a 1ª série da educação básica.

Angélica é viúva, 69 anos de idade, mãe de sete filhos e avó de 29 netos. Nasceu em Candéal (BA), mas foi criada em São Francisco do Conde. É pensionista; sempre cuidou do lar e dos filhos. Estudou só até a 3ª série da educação básica.

¹ Para Geertz (2008) a etnografia não é, apenas, uma questão de método, mas sim um esforço intelectual do pesquisador. “Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante [...]” (GEERTZ, 2008, p. 4).

² Em conformidade com as recomendações dos princípios éticos em pesquisa, todos os nomes apresentados nesta tese são fictícios, a fim de preservar a face dos participantes.

³ O advérbio “apenas” configura-se como um dos muitos utilizados por nossos atores sociais, lamentando não terem podido estudar por força de suas trajetórias de vida.

Euzébia é casada, tem 80 anos de idade, mãe de seis filhos e avó de cinco netos. Nasceu em Conceição de Feira, mas aos 24 anos casou-se e veio morar em São Francisco do Conde. É aposentada, mas antes trabalhou na roça e nos serviços de casa, porque foi “adotada” pela madrinha aos sete anos de idade, quando seu pai faleceu. Estudou muito pouco, até a 3ª série da educação básica.

Florêncio é casado, tem 60 anos de idade, pai de três filhos, nasceu em São Francisco do Conde. É aposentado, mas antes trabalhou como pedreiro, artista, lixador, marisqueiro e como pescador. Estudou muito pouco, até a 3ª série da educação básica. Retomou os estudos aos 55 anos por incentivo de uma antiga professora, através de um projeto educacional. Trabalhava durante o dia e ia à escola à noite. Concluiu o ensino profissionalizante.

Cremilda é solteira, tem 65 anos de idade, mãe de cinco filhos, dez netos e dois bisnetos, nasceu em São Francisco do Conde. Trabalhou como empregada doméstica desde os 9 anos de idade, lavou “roupa de ganho” e depois aprendeu a costurar, tornando-se costureira, profissão que exerce até hoje, visto que complementa a “pequena aposentadoria” com as costuras que aprendeu a fazer. Estudou até a 5ª série da educação básica, retornando mais tarde aos estudos e parando no 2º- ano do ensino técnico de enfermagem.

Sabrina é viúva, 78 anos de idade, mãe de nove filhos, alguns netos e bisnetos; nasceu em Jacuípe distrito de São Sebastião do Passé (BA). Após casar, aos 16 anos, veio morar em São Francisco do Conde. Nunca foi à escola, mas aprendeu a assinar o nome e a ler muito pouco. Foi criada em uma fazenda, produtora de açúcar, onde a filha do administrador da fazenda ensinava. Trabalhou muito, na colheita da cana de açúcar, na moagem e na produção dos produtos da cana de açúcar, além dos afazeres domésticos. É pensionista.

Zefa é viúva, 86 anos de idade, nunca teve filhos legítimos, “só os do coração” que ela criava. Nasceu em São Francisco do Conde, estudou até a 5ª série da educação básica; não retomou mais aos estudos porque precisava cuidar dos “filhos” que apareciam e das atividades domésticas. Encaminhava todos eles para a escola, porque acreditava na educação; só não participava das reuniões, porque essa era a única obrigação que os pais deveriam ter. Teve sete irmãos. Pensionista; trabalhou como empregada doméstica; lavou “roupa de ganho” e cozinhava “como ninguém”!

Altamira é divorciada, professora aposentada, 63 anos de idade, mãe de um único filho, membro do Candomblé, onde ocupa o cargo de Mãe Pequena de um Terreiro local. Nasceu nesta mesma cidade. Segundo ela, são vários os projetos que o Terreiro de Candomblé tem de leitura e escrita para os (as) idosos (as). Defende o ensino de uma gastronomia identitária

local e artesanatos de referência e matriz africana como formas de ajuda, na subsistência desses idosos, que “[...] *resgatam não somente a cultura dos nossos antepassados, provando nossa gratidão, através dos alimentos, mas resgata nossas tradições [...]*”. D. Altamira descreve sua opinião sobre as mulheres idosas participantes da seguinte forma: “Elas não têm algo que lhes dê prazer, qualidade de vida na cidade; há muita depressão por conta dessa falta de qualidade de vida”.

De muitas abordagens teóricas a serem discutidas nesta pesquisa, não posso deixar de anunciar que três estudos foram especialmente importantes para a pesquisa. O primeiro deles, o letramento como uma prática social de uso da leitura e da escrita, na perspectiva de seus usos e na aplicabilidade social e política, portanto, ideológico (GRAFF, 1991; GREEN, 2001; KLEIMAN, 1996; LUKE, 1996; SCRIBNER; COLE, 1981; STREET, 2003, 2001, 1995, 1984), havendo possibilidades para novas visões do letramento, situando a leitura e a escrita em seus contextos sociais (BARTON, 1994) e à luz dessa ideia, reconhecer, entre outros aspectos, que não há apenas um letramento e sim letramentos (STREET, 2003, 2001, 1995, 1984; MCKAY, 2001, 1993; GEE, 2000; HAMILTON; BARTON; IVANIC, 1993; ROJO, 2001b; 2004; MARCUSCHI, 2001 etc.).

O segundo campo diz respeito à cultura que representa um conjunto de valores ou significados compartilhados, sendo a base fundamental da linguagem como processo de significação, como sistema de representação, ressaltando o caráter público e social da linguagem que não pode ser um jogo inteiramente privado (HALL, 2016); é contexto, onde esses fatos, comportamentos, instituições, etc., podem ser descritos de forma inteligível, com densidade (GEERTZ, 1989); aprender culturas significa aprender normas, valores e costumes, aquilo que se realiza, unicamente, no contato com o outro, porque, isolado, ninguém pode aprender aquilo que se constrói socialmente. Daí que somente formamos ou construímos nossas identidades no diálogo com outras pessoas e outras culturas (PARAQUETT, 2010).

E não menos importante, o terceiro, a identidade que indica a cultura à qual os idosos estão inseridos, compartilhando com outros membros do grupo suas tradições, crenças, preferências e eventos de letramentos, determinando fatores da identidade que reforçam suas histórias pessoais ancestrais, seu lugar de fala, sua etnia e saberes construídos. O conhecimento do passado, socializado através dos relatos dos mais velhos aos mais jovens, é um fator importante na construção e reafirmação da identidade coletiva no presente (ROSALDO, 1980).

A construção identitária é um processo determinado e dinâmico que ocorre com o indivíduo durante toda a sua vida e o determina com expressão e interação com o mundo. A identidade é um processo de constante metamorfose, pois o ser humano como um ser ativo está

em permanente transformação, em um processo não linear em que os fenômenos são considerados e analisados em seus movimentos recíprocos e contínuos de interação (CIAMPA, 2011). Ainda, a identidade de um indivíduo é construída na relação com os diversos grupos de pertencimento, ou seja, a identidade encontra-se apoiada nos grupos ao qual o indivíduo pertence e nas relações que vai produzindo e efetivando ao longo do tempo (CAMPEDELLI, 2009). Desse modo, não é possível pensar o conceito de identidade sem pensar na sua relação com a memória. Da constituição de nossa identidade, de qual material somos constituídos, o nosso DNA biológico e cultural que pode ser inventariado pela memória.

Portanto, em nossa pesquisa é possível encontrar, através das narrativas rememoradas, os três pilares que envolvem o letramento, a cultura e a identidade, que entre narrativas e memórias das experiências de vida serão dialogadas com as práticas e eventos culturais de letramentos, permitindo ao leitor perceber a grande contribuição para estes campos da pesquisa, principalmente para os estudos de grupos antes negligenciados, a exemplo das comunidades que demarcam a cidade de São Francisco do Conde, inserida em um contexto de lutas por disputas de espaços de fala, memórias e conquistas celebradas a cada batalha vencida, seguem reexistindo, lutando e evocando as memórias de suas trajetórias de vida, contribuindo significativamente para a construção da autoimagem do grupo e construindo histórias que servem para legitimar suas lutas e celebrarmos suas vitórias.

2 O PESQUISADOR E SUAS HISTÓRIAS

Nesta sessão o EU⁴ pesquisador que fala nesta tese dará vazão a suas histórias e memórias construídas, ao longo das caminhadas realizadas, até chegar ao projeto de pesquisa e seus resultados. Serão relatos de construções feitas, a partir dos estudos e descobertas acadêmicas, bem como a minha imersão no campo investigativo. Aparecerão os encontros e desencontros dos percursos realizados, em meu próprio convívio familiar e comunitário, perpassados pelas experiências vividas com outros idosos familiares ou da vizinhança, que, de alguma forma, influenciaram as reflexões desta pesquisa sobre as memórias e letramentos de idosos do município de São Francisco do Conde (BA).

O lugar de fala, o pesquisador que não se esconde em um discurso supostamente universal. O texto tem marcas evidentes do sujeito que narra sua pesquisa e narra o porquê pesquisa, narra o seu próprio envolvimento.

A pesquisa insere-se em um campo investigativo qualitativo etnográfico, onde o estudo da cultura e comportamento das memórias de um grupo de idosos em sua formação descontínua de leitura, escrita e suas construções identitárias⁵ surgem por meio de narrativas e memórias relatadas e registradas em áudio e escritas a partir de entrevistas semiestruturadas. Além desses dados de entrevistas gravadas em áudio, há também os dados registrados em diário de campo reunidos a partir das minhas observações contextuais das comunidades dos idosos, das suas práticas de letramentos em contexto escolar, familiar e comunitário e da minha participação em eventos culturais nas comunidades.

Na continuidade de minha pesquisa, irei descrever a minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, apresentando a pesquisa e seu contexto histórico, cujo conjunto de dados reúne entrevistas semiestruturadas e gravadas em áudio, observações, notas de campo e fotografias. Minhas memórias serão atravessadas pelas memórias dos idosos, que relembram seu passado, revelando suas lutas, conquistas e esperanças. Narrativas reveladoras de toda uma vida que pareceu estar silenciada pelas condições de sua época ou mesmo pela subalternidade acometida pela carência financeira ou mesmo afetiva em razão da ausência de seus pais.

⁴ A tese será escrita em primeira pessoa do singular, aparecendo muitas outras vezes o nós como inclusão e participação dos participantes da pesquisa, bem como colaborativamente os inúmeros auxílios de outros colaboradores.

⁵ Daí entendermos construção identitária como um “texto representativo” elaborado por alguém, nos moldes de uma produção de sentido específica, um processo de identificação, que “pode funcionar como afirmação ou como imposição de identidade”.

Minha caminhada, enquanto sujeito em formação da pesquisa constituiu-se de percursos formativos e laços afetivos, desde muito cedo, pela sensibilidade e atuação, nos meios sociais por onde as desigualdades, as injustiças, discriminações e subalternidades sempre se fizeram presentes. Crianças abandonadas, idosos desprezados, adolescentes subvertidos pelas drogas e pessoas vulneráveis às adversidades encontradas nas ruas e fora de suas comunidades. Meu olhar atento e minha predisposição para saber acolher, colocando-me como parte deste processo de quem se doa para melhorar tais condições foi uma constante, ajudando-me a construir um universo de informações que virariam ações em pouco tempo.

Tive experiências com esses sujeitos, aqui no Brasil, mas também na Bolívia, Peru, Israel e Egito, aprendendo através dessas culturas que o sofrimento insiste em se instalar na vida de pessoas, independentemente de onde elas vivem ou condição sociocultural. Um incômodo que me atravessava e solicitava de mim providências a serem tomadas. Com mangas arregaçadas, busquei participar de uma Organização Não Governamental (ONG) que me acolheu e me colocou neste processo de estar com os Outros, sendo eles com compaixão, sem ser assistencialista, mas procurando entendê-los em suas complexidades diárias.

Antes mesmo de seguir contando sobre esses percursos, valho-me de minhas memórias e lembranças que motivaram essa pesquisa, quando instaurada a partir de meus sonhos pessoais e de inúmeras memórias revividas a cada momento que ia buscando a partir delas, as lembranças de minha infância, a relação com os idosos e as inúmeras observações comparativas entre minhas memórias e as memórias de nossos atores sociais (os meus parceiros nesta pesquisa), trouxeram-me os laços afetivos com minhas avós.

Narrativas que passo a contar a partir das primeiras idosas que fizeram parte de minha vida: as vovós Esmeralda, Hercília e Menininha. Elas suscitaram diversas recordações de vínculos de amor, aprendizagens e conselhos para quando fôssemos grandes. Seus relatos e cuidados soam como sentenças de quem deseja o bem ao acreditar em nossa infância e na certeza que seria mais fácil para elas nos ensinarem, a partir de seus aprendizados, carregados de sofrimentos, mas com muitas histórias de resistência diante das vicissitudes da vida. Seus letramentos apareciam nas explicações sobre as “folhas de mastruz” sobre nossas feridas, quando caíamos ao brincar; do cortar nossas unhas para não “pegar vermes”; dos banhos diários para crescermos dignos e com noções de higiene; dos convites para a reza de Santo Antônio, sinalizando a importância da religião em nossa vida; das tomadas de leituras diante delas – mesmo que seu letramento não fosse contínuo e garantido como compreensão do que estávamos lendo; dos momentos de afago sobre nossas cabeças, dizendo-nos: “estude, meu filho! Você só será alguém na vida se seguir as letras e os números”.

O pesquisador recorda suas lembranças e nota o quanto aprendeu na relação de afeto com suas avós. Apenas uma delas era sua avó por parte de mãe, porque as demais eram vizinhas que tinham o mesmo valor e significado para ele. Mulheres guerreiras e dispostas a enfrentar o mundo para me defender, quando meus pais vinham me bater, a fim de me disciplinar por alguma travessura. Essa proteção não era para desautorizar meus pais, mas sinais de educação e afeto que elas acreditavam ensinar de maneira mais tranquila e eficaz. Primeiro, elas me acalmavam, demonstrando que nada de mal me aconteceria, para depois pedir licença aos meus pais para conversar comigo e me ensinar àquilo que era correto. Gestos completos de práticas sociais de letramentos que não me deixavam jamais esquecer de suas palavras e de qual caminho seguir a partir daquele momento. Uma educação pelo amor que difere da educação patriarcal⁶ da força e do castigo físico ou humilhação moral.

Assim, cresci com esses sentimentos e fui me deparando com outras idosas e idosos, que me proporcionaram novas experiências e aprendizados. Uma dessas experiências foi o convite para ensinar Espanhol na Universidade Aberta à Terceira Idade (UAT), através de um curso de extensão promovido pela Universidade do Estadual da Bahia (UNEB), para idosos. Nascia aí a oportunidade de conhecer mais de perto como os idosos e idosas aprendiam e ensinavam. Era minha primeira oportunidade de ensino com esse público específico. Aceitei o desafio e elaborei um bom projeto de ensino que seria o primeiro passo. Em posse desse planejamento, em que especificidades foram colocadas para atender aos idosos, fomos à prática para saber se de fato era o que havia planejado.

Nossos encontros eram recheados de ricas e inimagináveis criatividade e contribuições dos queridos idosos. Seus saberes e sabores iam construindo nossos percursos e dando ideias de como e onde melhorar. As trocas de experiências e suas narrativas sobre como faziam (e seguem fazendo) algumas das atividades propostas chamavam minha atenção pela simplicidade e praticidade em informar como é que se aprende.

Dessa convivência nasceram muitas inquietações e perguntas sobre como melhorar a vida dos idosos, visto que esses não eram respeitados, em seus direitos, e muitas vezes eram tratados com infantilidades, distanciando toda e qualquer potencialidade e vitalidade deles. Nascia então um projeto de Mestrado que se propunha a defender “A Educação dos idosos e sua inclusão na contemporaneidade”, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB.

⁶ Neste modelo patriarcal, caberia aos homens dirigir os negócios, discutir e participar da política e desbravar os sertões incultos, enquanto as mulheres seriam educadas no seio da própria família, para ser uma esposa obediente e mãe dedicada. De uma educação sexista às escolas mistas foi um longo caminho.

Mesmo com o projeto aprovado, não segui seus estudos, pois fui aprovado no mesmo ano em outro processo seletivo de Mestrado na Faculdade de Educação (FACED) da UFBA, onde preferi cursar neste espaço por razões próprias ao meu futuro profissional e acadêmico. No entanto, apesar de ter o contrato de trabalho finalizado, segui trabalhando com idosos que se apresentavam junto a outras gerações, em um projeto social no Município de São Francisco do Conde (BA), como já foi dito neste trabalho. Era o Pré-vestibular São Francisco do Conde (PREVESF). Alguns idosos estavam aí matriculados nos turnos vespertino ou noturno, sendo assíduos e resistentes a tudo e a todos, contrariando o pensamento dos mais jovens e familiares que não viam neles a capacidade e a necessidade de seguir estudando e construindo suas histórias.

Meu olhar voltou-se mais uma vez para a especificidade desse público que aí estava oportunizando meu sentimento de prazer por ver o desejo estampado em seus olhos em busca de mais letramentos. Era a oportunidade de saber o que os levava àquele espaço; o que fariam ao terminar o ano; se era intensão deles cursar uma faculdade, entre dezenas de questionamentos que fui construindo dentro deste espaço de convivência e nos encontros de suas comunidades. Algumas respostas vieram rápidas! D. Reginalda, uma idosa de 63 anos estava lá todos os dias, chovesse ou fizesse sol – como ela mesma dizia, queria aprender para prestar o vestibular para uma Universidade Pública, seu desejo era cursar Geografia. Queria ser professora. Sua presença em sala de aula impunha respeito e admiração, pois os mais jovens a viam como uma grande vovó, requerendo silêncio, quando eles distraíam sua atenção com conversas paralelas. Formação concluída, D. Reginalda conseguiu realizar seu sonho – entrou para a UFBA, no curso de Licenciatura em Geografia.

A história de D. Reginalda não foi a única, entre os outros idosos, a se tornar realidade, naquele curso preparatório. Alguns deles indicaram o vínculo com a formação pela necessidade de terem novo lugar social. Estavam para passar o tempo ou declaradamente para não terem que estar em casa assistindo a novelas – “pura perda de tempo” ou mesmo ouvindo choro dos netos mimados pelos pais. Ali pelo menos havia algo que os motivava e dava prazer. “Nunca é demais aprender”, dizia Sr. Francisco. A vontade de aprender, de saber, a busca pelo conhecimento e a recusa à mentalidade do rebanho oferecido pela televisão e a recusa à resignação de uma vida doméstica sem satisfação, sem prazer, com tédio.

Tais narrativas me fizeram elaborar um projeto de pesquisa que se proporia a investigar quais eram as memórias de letramentos de idosos naquele espaço, analisando como a leitura e a escrita eram aprendidas e como iriam formar seus processos identitários. Este

projeto foi apresentado e aprovado em processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC) de 2018 na UFBA.

Iniciada a investigação, tomei como protagonistas da pesquisa oito idosos, residentes na zona rural e urbana de São Francisco do Conde (BA), sabendo que alguns deles retornam aos bancos da sala de aula como estudantes do Prevesf, espaços formativos de aprendizagem de uma mesma amostra ou seguiram percursos descontínuos em formações livres, a partir de suas oportunidades diárias. Esses idosos experienciam no seu cotidiano os saberes do letramento construídos, em suas trajetórias de vida, e vão a estes espaços para aprender a ler e a escrever, além de novas perspectivas como citadas anteriormente (*corpus*).

São Francisco do Conde (BA), um dos municípios mais ricos da Bahia, lócus deste estudo, produz em mim sentimentos contraditórios: ora de indignação, por perceber que, com tanto dinheiro, ainda há pouca ou quase nenhuma preocupação com o acesso do idoso aos espaços escolares, fruto da ganância dos interesses políticos e do descaso aos mais empobrecidos que sofrem com os desvios públicos realizados por tais políticos; ora de entusiasmo, pelo tanto que aprendi ao escutar as histórias de vida, a sabedoria daquelas pessoas historicamente tão desprestigiadas. Na maior parte das vezes, entretanto, me senti aprendiz que milita na busca por respostas, debates e desejos por uma educação de qualidade para todos, pois é assim que me vejo no cotidiano da pesquisa – minha gratidão com essa população cresce a partir do convívio e trocas estabelecidas.

As cenas da pesquisa acontecem na comunidade, na sala de aula do Prevesf, na Associação de Moradores, nas Igrejas Católicas, no Terreiro de Candomblé, nas residências dos idosos, na casa e varanda dos vizinhos, além de vários outros espaços sociais por onde circulam os idosos em conformidade com seus interesses e atividades diárias.

Meu campo de pesquisa transita entre espaços escolares contínuos, bem como outros improvisados e itinerantes, onde os idosos estão envolvidos em eventos de letramentos, apresentando inúmeras possibilidades de observação e interação com o pesquisador. Foi em uma dessas minhas andanças pelas comunidades que conheci outros moradores idosos informantes de memórias e registros que enriqueceram este estudo. D. Zefa, uma moradora idosa da comunidade à época prestes a completar 90 anos; D. Angélica; D. Cremilda; D. Altamira; D. Euzébia; D. Sabrina; Sr. João e Sr. Florêncio – todos nomes fictícios para preservar a face dos meus colaboradores. Meu interesse maior se ampliou para o estudo da “memória de letramentos de idosos”, tendo esses idosos como protagonistas de suas próprias memórias e narrativas.

A delimitação do objeto de estudo foi resultado das reflexões feitas com base em minhas conversas com esses atores sociais, antes da pesquisa propriamente dita, quando fiquei sabendo dos desejos de aprender de cada idoso. Essa aprendizagem não foi possível na sua história de vida, devido à falta de escola na comunidade e aos poucos recursos financeiros da família que não permitiam seu deslocamento para a escola mais próxima ou em outra comunidade; pelos trabalhos na lavoura ou em casas de família, além dos pais não priorizarem os estudos. Enquanto muitos destes idosos contavam suas histórias e de suas famílias, embora alguns se declarassem “iletrados”, pude perceber as mais diversas concepções de letramentos que eles demonstravam em um grande discernimento sobre as funções sociais da língua escrita e sua implicação na identidade pessoal e profissional de quem a domina. São marcas de letramentos construídas ao longo de suas atividades diárias diante do desafio de decodificar algum tipo de escrita em paredes, livros, anúncios ou mesmo os comunicados das escolas dos filhos chegados às suas mãos. A maioria dos idosos participava ativamente, desde jovem, dos diversos eventos de letramentos na sua vida pessoal e na comunidade.

Busquei trabalhar a construção de letramento, partindo das histórias de vida dos idosos, através de entrevistas semiestruturadas, resultando em inúmeras narrativas com as quais apresento as análises nas próximas sessões. Nossos colaboradores puderam me oferecer os suportes necessários para identificar suas trajetórias pessoais associadas à história de vida da comunidade, sua tradição oral, suas experiências com a escolarização e os eventos de letramento. As histórias de vida narradas representam um conjunto de vozes que retrata coletivamente a comunidade de São Francisco do Conde, por meio das inúmeras ressignificações de suas memórias sobre o acesso descontínuo à escola e as diversas atividades de letramentos em seus próprios espaços de vida, quando reuniões em associação de moradores; planejamentos das festas religiosas e culturais e das tentativas de letramentos por meio de um projeto, em um terreiro de candomblé aconteciam.

Ampliar meu universo de informações foi uma das tarefas que se intensificou a partir deste momento, quando na semana que acontecia a celebração do Dia Internacional do Idoso, em 1 de outubro de 2018, descobri uma série de manifestações e ações pró-idoso, das quais participei de uma caminhada junto com os idosos e a sociedade civil, carregando faixas, placas e gritos que solicitavam respeito aos direitos legais conquistados pelos idosos e maior visibilidade na sociedade. Caminhamos até à Praça Municipal de Salvador, adentrando à Câmara de Vereadores, onde se seguiu as plenárias em defesa dos direitos dos idosos e das possíveis ações para incluir outras reivindicações listadas pelos vereadores, líderes comunitários e por alguns idosos.

Minha intenção aqui, não é analisar e fazer um estudo comparativo entre as cidades de Salvador e São Francisco do Conde, onde estabeleço minha pesquisa, mas oferecer reflexões de inúmeras possibilidades e ações desenvolvidas em uma delas e não contempladas na outra cidade, oferecendo subsídios necessários para a possível consolidação de semelhantes projetos, ações e critérios que venham a visibilizar e respeitar o idoso em seus direitos e deveres como cidadão do mundo.

Apresento alguns dados científicos e artigos de opinião, ratificando meu compromisso em desenvolver uma pesquisa pautada na perspectiva da memória, do letramento, da identidade e das narrativas dos idosos com características próprias e desenvolvidas em São Francisco do Conde.

Na mesma semana, em 2 de outubro de 2018, o Jornal Correio (BA), página 10, apresentou algumas estatísticas nada favoráveis aos idosos (JORNAL..., 2018). Um “estudo que aponta que três, em cada quatro idosos dependem do SUS (Serviço Único de Saúde)”, informando o estudo longitudinal da saúde dos idosos brasileiros realizado pelo Ministério da Saúde em parceria com a Fundação Osvaldo Cruz e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Segundo a pesquisa, mais de dois terços dos entrevistados – todos com idade acima de 50 anos, de 70 municípios de todas as regiões – têm pelo menos uma doença crônica. A principal é a hipertensão, seguida por problemas na coluna, artrite, depressão e diabetes. Apenas 30% falaram que não possuem doenças crônicas.

Outra contribuição do estudo foi a de que 85% da população idosa vivem em áreas urbanas. Com isso, 43% da população brasileira acima de 50 anos tem medo de cair na rua por causa de defeitos nas calçadas, 30% dizem viver em regiões muito inseguras e 6% já tiveram sua casa invadida por bandidos.

Não distante da realidade desfavorável para o idoso, nascia talvez algumas iniciativas de esperança. Outros espaços foram inaugurados, como o “Espaço Aconchego” para o idoso, que fiquei surpreso ao chegar a um shopping de Salvador, e ver que ali teria como medir a glicemia, aferir a pressão arterial, esclarecer dúvidas sobre seus documentos e direitos civis, além de usufruírem neste mesmo espaço de acolhimento, som ambiente, cafezinho e orientações terapêuticas para manterem-se vivos e saudáveis. Uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Salvador que muito nos surpreendeu, ao ponto de eu questionar até quando duraria aquela ação.

Essas informações foram me motivando e me impressionando sobre o ponto de vista de que começavam a ser viabilizadas ações de respeito e dignidade para a pessoa idosa.

Entre elas, uma “Cartilha da Pessoa Idosa”, desenvolvida pela Defensoria Pública (BA), orientando os idosos e toda a sociedade sobre direitos e deveres a serem considerados. São fantásticas orientações que vêm a colaborar para a proteção e cuidado com a pessoa idosa.

Outros artigos e notícias tão importantes quanto os apresentados anteriormente surgiram como avalanches nos meios de comunicação, defendendo e valorizando o envelhecer com atividade, tranquilidade e de maneira saudável. Depoimentos de idosos contando sua rotina e demonstrando como encaram o dia a dia diante de tantos desafios que o mundo moderno lhes impõe. São narrativas que perpassam a alegria de ser idoso, podendo ainda trabalhar, sentir-se útil e vislumbrar novos horizontes para melhorar sua qualidade de vida.

Dentre muitas descobertas e experiências vividas nas comunidades de ensino de São Francisco do Conde, tive acesso a outros projetos educacionais que ultrapassavam as fronteiras da sala de aula formal, que proporcionam a inclusão de idosos. Um deles é o PROJETO MELHOR IDADE, com turmas de idosos a partir de sessenta anos de idade, no Centro de Convivência do município, com programação nos dois turnos, onde se trabalha com alfabetização, trabalho com o samba resgatando suas origens, trabalhos artesanais e esportes⁷.

Na manhã de quarta-feira, 03 de outubro de 2018, outra ação de relevância marcou o dia em São Francisco do Conde. A Secretaria Municipal de Direitos Humanos, Cidadania e Juventude (SDHCJ) lançou o Projeto Futuridade. A atividade, promovida, no Mercado Cultural, reuniu um conjunto de serviços voltados, aos maiores de 60 anos, em comemoração ao Dia Internacional do Idoso, celebrado em 01 de outubro. Teve verificação de PA e glicemia, saúde bucal, orientação nutricional, fisioterápica e benefícios sociais/Carteira do Idoso, além de exposição de artesanato e apresentação musical com os idosos que integram o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).

O Projeto Futuridade propicia um conjunto de ações integradas com vista à promoção e garantia dos direitos dos idosos no município. A ação da SDHCJ contou com a parceria das Secretarias Municipais da Saúde (SESAU) e de Desenvolvimento Social e Esportes (SEDESE).

Outras iniciativas e projetos me motivaram e desenvolveram em mim expectativas a serem aprendidas, como o “Maduramente”⁸, cujo objetivo é eliminar o preconceito sobre o envelhecimento e causar uma mudança de consciência na sociedade em torno do tema,

⁷Disponível em: <http://saofranciscoconde.ba.gov.br/centro-de-convivencia-do-idoso-esta-em-reforma-mas-atividades-nao-param/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

⁸ Conferir informações sobre o projeto Maduramente em: www.maduramente.wordpress.com. Acesso em: 16 dez. 2020.

realizando palestras e eventos, além de atuar nas redes sociais com informações e dicas. “Falta a consciência de que envelhecer é o plano A. Quando se fala isso, estamos falando de gestão pública, de sustentabilidade, de práticas saudáveis”, diz Ana Figueiredo, idealizadora da ação ao lado de Rosa Correia. “A ideia nasceu da importância de conscientizar a população sobre estas estatísticas alarmantes de envelhecimento”, complementa Rosa – uma das mentoras do projeto. Pensei encontrar em São Francisco do Conde projetos ou movimentações bem semelhantes, mas o que encontrei foram pequenos esforços em ações de letramentos que não alcançavam a mesma proporcionalidade, porém davam seus primeiros passos na construção de uma sociedade um pouco melhor para o idoso.

A vida dos idosos sempre me interessou, por isso, busquei, enquanto pesquisador, investigar suas peculiaridades, fenômenos e possibilidades manifestas para o desenvolvimento deste ciclo da vida, pois à medida que a sociedade cresce, com ela aumenta a população de idosos, fazendo com que sejam revistas propostas de políticas públicas e privadas que envolvem projetos sociais, culturais e educacionais para a pessoa idosa. Tais projetos são determinantes na qualidade de vida desta população e de todos que convivem com ela.

A longevidade, com qualidade de vida será a superação das inúmeras representações negativas sobre o idoso por seu envelhecimento ativo e produtivo. Essa perspectiva se propõe a convidar o idoso a lutar por sua visibilidade social. Entretanto, envelhecer com autonomia, esperança e felicidade é desafiador devido às limitações impostas pela sociedade, que não são um conjunto de imagens, mas uma relação social de pessoas, mediatizada por imagens de acordo com GUY DEBORD (2003, p.4). O idoso perde o direito de vivenciar sua liberdade e quando alguns se aventuram nesse desafio, servem de desprezo para os mais jovens e até mesmo para os mais velhos, que além de não terem coragem de viverem sua liberdade, ainda zombam daqueles que a têm e buscam desfrutá-la.

Os idosos, este grupo, particularmente numeroso e crescente em todo o universo, é, em geral, um dos grupos mais vulneráveis, mas a vulnerabilidade não é indiscriminada. Ela está depositada na visão daqueles que acreditam em suas limitações e desprezam as experiências vividas na parceria uns com os outros, durante anos e para alguns desrespeitos ao previsto no Art. 3º, do Estatuto do Idoso, que responsabiliza a família, a comunidade, a sociedade e o Poder Público, assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003, p. 1).

A negação desses e de outros direitos fazem desta pesquisa uma busca constante, para que a mulher e o homem idoso estejam sempre amparados por uma velhice garantida pelo

respeito mútuo da família, da sociedade e todos que delas fazem parte, garantindo a eles segurança para seguir com suas trajetórias, sonhos e realizações. Não ignoremos a capacidade do idoso em ter sua própria autonomia, não direcionando nosso olhar sobre um cuidado tutelar.

Boaventura de Sousa Santos (2021), em um jornal português, *O Público*⁹, escreveu demonstrando sua preocupação com os idosos que sempre estiveram, em seus lares, cuidados ou não por seus familiares, tendo cada um seu modo e qualidade de vida, mas com o surgimento da Pandemia, os retiraram de suas casas, levando-os para um lugar mais seguro e livre de pandemia. Este espírito protetivo, de atenção e colaboração, resultou em modificações de estilo de vida e preocupações que vão desde a proteção à vida ao contagiar-se com o retorno à casa, sentindo-se culpados caso seus idosos fossem acometidos com tal vírus. O ponto de reflexão de Boaventura está em como reagirão esses familiares no possível retorno de seus idosos; quais preocupações deverão ter; se o ambiente de retorno à casa será o mais favorável ou deixá-los nos abrigos por se sentirem mais cômodos e despreocupados?

Preocupações que nos remete a concordar com o autor sobre a atenção e responsabilidade de cada um sobre o idoso, baseados a partir das experiências destes grupos sociais que se tornaram particularmente evidentes a necessidade de imaginar e adotar alternativas, ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver, respeitando a pessoa idosa nos primeiros anos do século XXI.

O direito e o dever de poder intervir no mundo é um dos maiores desafios que a população idosa sofre, no atual momento, pois ela é entre muitos aspectos, vítima de preconceitos e invisibilidades ditadas pela sociedade. Neste sentido, a luta contra essas invisibilidades tem acontecido a passos lentos, mas eficazes, graças às ações da sociedade civil, através das Organizações Não Governamentais (ONG), centros de pesquisas e instituições educacionais que a cada dia vem influenciando os governos a formular políticas específicas para os idosos.

No Brasil, a Geriatria e a Gerontologia foram influenciadas pelas ideias europeias, especialmente pela francesa. Em 1961, criou-se a Sociedade Brasileira de Geriatria que, em 1978, recebendo também não médicos, que veio a se chamar Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Nos anos de 1960, o Serviço Social do Comércio (SESC) foi pioneiro no desenvolvimento de programas de preparação para a aposentadoria, de lazer, de atividades físicas, de divulgação científica sobre cuidados com a saúde no envelhecimento. Em 1982 era fundada a Associação Nacional de Gerontologia, envolvendo os profissionais da área social.

⁹ Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/sul-da-quarentena-por-boaventura-de-sousa-santos>. Acesso em: 06 abr. 2022.

A partir destes contextos, a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso foram ganhando vida em um longo período; em 1976, reuniram-se profissionais de Geriatria, Gerontologia e técnicos das áreas de Saúde e Previdência Social no I Seminário Nacional de Estratégias de Política Social do Idoso. Em 1980 foram colocadas em prática várias atividades e iniciativas acadêmicas, tendo como objetivo a formação de pessoas para lidar com a saúde do idoso, dentro das Faculdades de Medicina, surgindo nesta mesma época as primeiras Universidades da Terceira Idade.

As ações aqui apresentadas proporcionaram o surgimento da Política Nacional do Idoso e do Estatuto do Idoso que juntamente com cidadãos idosos começaram a se mobilizar em defesa de seus direitos como aposentados. A partir destas e de outras trajetórias, sabe-se que o Estatuto do Idoso tramitou no Congresso a partir de 1997, quando em 2000 foi instituída uma Comissão Especial da Câmara Federal para tratar do Estatuto. Em 2000 e 2001 dois seminários nacionais foram realizados, quatro regionais e outro promovido pela Comissão de Direitos Humanos e pela 3ª. Secretaria da Câmara Federal.

Ressalto que todo o processo de elaboração e aprovação das Leis de Política Nacional do Idoso e do Estatuto do Idoso pelo Congresso Nacional foi resultado de muita pressão feita pela sociedade civil sobre os políticos. A Política Nacional do Idoso, Lei 8842, promulgada em 4 de janeiro de 1994 e o Estatuto do Idoso, Lei 10741, em 1º. de outubro de 2003, por exemplo, foram as bases para as políticas públicas brasileiras relativas ao idoso.

O Estatuto do Idoso é composto por 118 artigos dispostos, em sete títulos, sendo eles: I que trata das Disposições Preliminares; II dos Direitos Fundamentais; III Medidas de Proteção; IV da Política de Atendimento ao Idoso; V do Acesso à Justiça; VI dos Crimes e VII das Disposições Finais e Transitórias.

O direito à educação, ponto importante de minha pesquisa, está no Capítulo V, nos Artigos 20 a 25, os quais incluem também a cultura, o lazer e o esporte. Nestes Capítulos percebi direcionamento de obrigatoriedade para o Poder Público, no que se refere aos conteúdos do artigo 21, criando oportunidades de acesso à educação, com adequação de currículos, metodologias e materiais didáticos destinados aos idosos, no entanto, o que pude perceber são programas de alfabetização para jovens e adultos (EJA) e não especificamente para a população idosa, com interesses bem distintos dos adultos que normalmente procuram na educação uma melhoria de sua condição socioeconômica.

Notei também que no Artigo 22 verifica-se a necessidade da inserção de conteúdos voltados para o processo de envelhecimento nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal, não detalhando maiores cuidados quanto à forma que esses conteúdos serão

apresentados, visto que dependendo do teor ao apresentar o tema velhice, o mesmo pode vir carregado de ideias preconceituosas, arcaicas, irrealistas ou mesmo de invisibilidades, onde o idoso pode vir a ser concebido como ônus para a sociedade e mais um problema a ser resolvido.

O Poder Público cita em seu Artigo 25 que apoiará a criação de Universidades Abertas à Terceira Idade, assim como incentivará a publicação de livros com conteúdo e padrão editorial adequado ao idoso. São 18,9 mil universitários com idades entre 60 e 64 anos em faculdades públicas e privadas. A estatística reflete o aumento da expectativa de vida entre os brasileiros – hoje é de 76,3 anos¹⁰. Ainda assim, apresenta-se o problema do número de vagas que não atende a porcentagem maior de idosos que procuram programas de extensão na modalidade de Universidade Aberta à Terceira Idade, contando ainda com a não oferta de programas educacionais aos idosos em pequenas cidades. Neste sentido, recordo-me de minha mãe, que desejosa de voltar a estudar aos 65 anos, encontrou as portas abertas da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI/UNEB), localizada em Salvador (BA), no bairro do Cabula, não teria acesso por conta do número de vagas, já preenchidas. Uma vaga foi excepcionalmente aberta para ela por eu ser professor da mesma instituição. Como se não bastasse, ainda trabalhamos com a questão do processo de escolarização brasileira que apesar de sucessivas reformas, permanece conservador. O sistema formal de ensino privilegia a criança, o adolescente e o adulto, deixando o idoso de fora das propostas de formação continuada como opção acessível ao seu bem viver.

A educação, portanto, na redação do Estatuto do Idoso, assume uma postura na qual o legislador coloca o Poder Público apenas como incentivador de medidas que deveriam ser prioridades para o governo. Este mesmo Estatuto, embora sendo um grande avanço na luta pelos direitos e dignidade do idoso, retrata sutilmente posturas de invisibilidades. Ao mesmo tempo que elege a educação como uma das funções permitidas legalmente para ampliar as oportunidades educacionais e na redução das desigualdades, o Poder Público só se responsabiliza pelo acesso básico de ensino, transferindo para outros setores as responsabilidades por outros níveis de ensino.

Sendo assim, o Poder Público apenas legisla como incentivador para a inclusão do idoso na educação, mobilizando outros setores da sociedade a oferecer estratégias que tragam os idosos para os espaços de letramentos. A escola, como um dos espaços de letramento, oferece uma educação básica que ainda classifica e exclui o idoso, contrariando a lógica do acesso de todos, sem distinção, ao saber que se constrói a partir de uma Base Curricular

¹⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 19 de abr. de 2021.

Nacional. Por isso, através do pensamento de Paulo Freire (2001) é possível aplicarmos uma reinvenção dessa lógica neoliberalista, superando a lógica elitista, classificatória e excludente, pois para ele, a escola deveria ser o lugar de debate, de tomada de decisões, de construção do conhecimento, de sistematização de experiências, um centro de participação popular na construção da cultura.

Moacir Gadotti (1997), em um de seus escritos, retrata a postura de Paulo Freire referente ao pensamento e a prática neoliberal, quando escreve:

O neoliberalismo é visceralmente contrário ao núcleo central do pensamento de Freire que é a utopia. Enquanto o pensamento freireano é utópico, o pensamento neoliberal abomina o sonho. Para Paulo Freire, o futuro é possibilidade. Para o neoliberalismo o futuro é uma fatalidade [...]. (GADOTTI, 1997, p. 4).

Neste processo, o ser humano é apenas um agente econômico; vê a desigualdade como algo natural, provocando nas pessoas uma atitude de passividade diante das injustiças sociais e econômicas. A educação tem como função social despertar nos homens a capacidade de intervenção no mundo, através de conhecimentos que possibilitem as pessoas deixarem de ser objetos para se transformarem em sujeitos da sua própria história.

Gadotti (1997) reforça essa questão quando ressalta que:

A escola não distribui poder, mas constrói saber que é poder. Não mudamos a história sem conhecimentos, mas temos que educar o conhecimento para que possamos interferir no mercado como sujeitos, não como objeto. O papel da escola consiste em colocar o conhecimento nas mãos dos excluídos de forma crítica, porque, a pobreza política produz a pobreza econômica [...]. (GADOTTI, 1997, p. 5).

Ter acesso à educação é poder sonhar em crescer, conhecer, interagir e fazer novas descobertas e celebrar novas vivências, que trazem consigo elementos essenciais para a preservação e manutenção de uma vida mais produtiva e saudável.

Abro um parêntese para reforçar que a educação ou o aprender para o idoso perpassa por outros sentidos e objetivos. Suas buscas não estão no tão sonhado diploma, mas sim em estabelecer canais de comunicações e letramentos com a sociedade. A educação é um caminho de reintegração social. Importa-me também destacar que o retorno à escola está pautado pelo interesse na qualidade formativa da educação.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na década de 80, apresentou os resultados de um estudo sobre as finalidades na educação de pessoas idosas, resultando nas seguintes considerações (SCHONS, 2000, p. 162):

a) Considerar menos o conteúdo e mais o despertar nela a capacidade de confiança em si mesma, de sua autonomia e o de destruir os estereótipos negativos que poderão estar influenciando em sua vida. Aumentando o senso de suas responsabilidades, a pessoa idosa poderá melhorar sua saúde física e mental, o que contribuirá para que ela se afirme cada vez mais no dia a dia e no seu comportamento social.

b) Minimizar o isolamento, a solidão em que vivem muitos idosos, estimulando as relações com pessoas de sua geração e, também, com as de outras gerações.

c) Proporcionar conhecimentos práticos, específicos sobre, por exemplo, a passagem da vida ativa para a de aposentado, além de conhecimentos teóricos relativos ao processo de envelhecimento; ainda atividades físicas, socioculturais e artísticas que possam interessar aos idosos.

d) Proporcionar a tomada de consciência das pessoas idosas da riqueza de sua vida pessoal e profissional e da importância da comunicação de sua experiência a outras gerações, desenvolvendo o equilíbrio e a compreensão mútua em um mundo tão cheio de conflitos e que muda rapidamente.

Essas finalidades e outros aspectos na educação devem ser lembrados e respeitados, sobretudo porque são as diferentes experiências vivenciadas pelos idosos, influenciadas por diversos fatores tais como: históricos, culturais, regionais, sanitárias e condições sociais, os quais influenciam a visão que o idoso tem sobre a importância da educação nesta fase da vida. Muitos idosos incorporam em si preconceitos com relação à sua capacidade de aprender, e sobre esta questão alguns estudos e pesquisas, como esta, têm demonstrado que a memória tende a melhorar a partir do aprendizado de novos conhecimentos e solução de situações problemas.

Acredito que a Política Nacional do Idoso, através de normas para os direitos sociais dos idosos, possa garantir autonomia, integração e participação efetiva como instrumento de cidadania, bem como o Poder Público, embasado pelo Estatuto do Idoso, garanta ao idoso, condições de vida apropriada junto à família, e na sociedade, garantindo acesso aos bens culturais, participação e integração na comunidade, conferindo ao idoso o direito de viver preferencialmente junto à família, tendo liberdade e autonomia. Que o acesso e permanência aos seus direitos sejam permanentes para os idosos, respeitando os espaços que lhes são de direito e seus limites, mas não ignorando sua real capacidade de adequar-se a uma sociedade que envelhece, porém com dignidade, respeito e preservando suas memórias e narrativas que muito ajudarão na construção de novos parâmetros para tratar seus pares e às novas gerações, que diferentes deles, vivem as garantias legais de acesso contínuo à educação.

Os sujeitos da pesquisa não se realizaram no letramento grafocêntrico oferecido pelo acesso à escola, mas são frutos dos inúmeros letramentos aprendidos em seu cotidiano na lida da lavagem de roupas; nos serviços domésticos; na plantação e colheita de cana de açúcar e banana; no costurar para fora; na mariscaria; na venda de comidas e nos poucos e descontínuos acessos que tiveram à leitura e à escrita por mãos de quem, mesmo sem formação adequada – como a filha do administrado da fazenda, ofereceu o que pôde na tentativa de torná-los letrados - leituras do mundo.

Portanto, a dimensão educacional de São Francisco do Conde está longe de atender a todas as necessidades e resolver todos os problemas enfrentados há décadas. Mas, ainda assim, notei que falta empenho dos poderes públicos para colocar em prática projetos e propostas educacionais que visem melhorar não somente o índice de franciscanos letrados, como também promova a formação continuada de seu povo, letrando e valorizando os recursos naturais e patrimoniais que o próprio município dispõe.

Neste contexto, os idosos ficam ainda mais excluídos, por ter seu acesso restrito ao mundo do saber letrado, porque dentro das prioridades das políticas públicas educacionais, o principal e imediato interesse começa pelos mais jovens, restando aos idosos as pequenas “sobras” dos projetos sociais de inclusão e as poucas viabilizações de acesso à escola pela EJA ou através dos Editais de fomento a educação e saúde da pessoa idosa, lançados às vezes pela prefeitura. A exclusão do idoso do mundo da cultura e até mesmo da indústria cultural.

Assim, essas e outras repercussões sobre o mundo do idoso foram sendo vistas e admiradas, desejando que a população de fato percebesse o quão importante é respeitar e valorizar os idosos, que, em suas memórias, ressignificam suas narrativas, ensinando-nos como fora dura sua caminhada para aprender a ler, escrever e fortalecer sua própria identidade, tendo que se calar diante da opressão de quem os subalternizou, mas também das alegrias de quem soube aproveitar as oportunidades para transformar dor em amor, e ter a utopia de “sonhar um sonho possível”.

Com essas experiências vieram as apresentações nos Congressos e Seminários dentro e fora da UFBA, oportunidade de expor meu projeto de pesquisa e os caminhos trilhados até aquele momento. Nesse período, iniciamos o trabalho de escrita, refletindo sobre as categorias conceituais que emergiam na pesquisa: envelhecimento, memória narrativa e letramentos. Produzimos, então, o texto intitulado Memórias e letramentos de idosos: a leitura e a escrita como processo formador identitário no Município de São Francisco do Conde (BA), apresentado na Associação Brasileira de Linguistas (ABRALIN), 2018. Depois, esse texto foi

ampliado e reelaborado, constituindo-se em um capítulo de livro: *Letramentos e memórias: histórias de vida de idosos de São Francisco do Conde (BA)* (ALMEIDA *et al.*, 2020).

Essas reflexões foram sendo ampliadas e colocadas em debate junto à comunidade acadêmica, através das publicações pretendidas e participações em outros eventos que tratavam dos objetivos de minha pesquisa.

No processo da escrita, observei-me na posição do ‘eu participante’; a pessoa que se implica na pesquisa por sentir-se parte daquela comunidade. Nesse processo, rememorei várias experiências de minha infância junto aos idosos a partir de suas narrativas. Nessa perspectiva, a escrita da tese se constitui entre dimensões que vão do vivido: no processo antes e durante a pesquisa, o pesquisador como pessoa que rememora suas histórias pessoais, que viveu com suas avós, mulheres rezadeiras, sambadeiras e mulheres candomblecistas; do sentido, como o professor que se constituiu no âmbito da academia, apropriando-se do conhecimento acadêmico para reconhecer o lugar de fala dos idosos; e, por fim, do refletido, que nas suas múltiplas identidades, experiencia o processo de reconhecimento a partir das trajetórias de vida dos idosos colaboradores da pesquisa.

São memórias que trafegam em fluxos inconstantes e incertos, mas que trazem consigo as lembranças refletidas a partir de contextos contínuos ou descontínuos de ambientes escolares ou culturais, onde idosos e nós observamos como os letramentos e as memórias marcam e demarcam nossas vidas. “A memória é este lugar de refúgio, meio ficção, universo marginal que permite a manifestação continuamente atualizada do passado [...]” (PINTO *apud* BRANDÃO; MERCADANTE, 2009, p. 46).

Ao dar-me conta da descrição desse objeto, busquei investigá-lo. No processo, passei a refletir sobre as histórias de letramento e de como os idosos foram se constituindo como mulheres e homens questionadores, inquietos, produtores de saberes e conscientes de seus limites, conforme se apresenta em outra sessão deste estudo.

2.1 A pesquisa e seu contexto

Figura 2 - Visão panorâmica da cidade de São Francisco do Conde



Fonte: Portal do site da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde (2019)

Quando tive a oportunidade de conhecer o município de São Francisco do Conde, muitas histórias entre mitos e verdades escutei a seu respeito. Desde a grande riqueza que ele possuía por receber os royalties da Petrobrás, destacando-se como o município mais rico entre os outros 416 pertencentes à Bahia. No entanto, meus olhares estavam para além dessas e de outras contravenções políticas, pois queria saber como o povo franciscano, principalmente os idosos, narravam suas histórias pessoais, memórias, letramentos e suas trajetórias de vida junto a este município.

O recorte e interesse sobre as memórias e letramentos recaiam sobre o ensino e aprendizado que percorreu parte da ancestralidade ali presente. Um misto de memórias de como a cidade se mantinha diante das políticas públicas até o resgate das memórias e narrativas que são dadas a conhecer a uma parte silenciada da população de São Francisco do Conde, mantendo suas culturas e características de um povo que luta e resiste sempre.

Os colaboradores deste estudo e a maior parte de suas histórias aqui rememoradas situam-se em São Francisco do Conde, município localizado no Recôncavo Baiano, na microrregião de Salvador que concentra cerca de 90% da indústria de transformação do Estado. Está a cerca de 66 quilômetros da capital baiana; possui três distritos: Sede, Mataripe e Monte Recôncavo e quatro ilhas: Bimbarras e Cajaíba (particulares), Fontes e Paty (domínio público).

O comércio se desenvolve em torno das produções agroindustriais e pelos frutos do mar vendidos, nas feiras livres, até a chegada da Petrobrás, onde se alterou todo modo de vida da população que anterior a esta mudança passou a pensar em novas alternativas de laborar, principalmente, os agricultores, pescadores e marisqueiras locais, que viram na Petrobrás a possibilidade de serem admitidos e ascenderem na empresa, vislumbrando-se melhores condições oferecidas, únicas para quem vivia do que produzia.

Outras iniciativas foram apresentadas para melhorar a condição financeira e o comércio de São Francisco do Conde. A fábrica Belpasso foi instalada com a promessa de corresponder a este propósito. Seria parte de uma política de diversificação da economia local e geração de empregos implementada pelo município e apoiada pelo governo do Estado da Bahia. No entanto, poucos anos durou e não absorveu a maioria da população como prometido.

Um aspecto importante do município está nos patrimônios culturais e históricos de uma gama de bens naturais como rios, ilhas e riachos; monumentos históricos, igrejas, engenhos, construções civis e arquitetônicas; e culturais: grupos e manifestações culturais que podem ser uma via de acesso a novas atividades econômicas como o turismo, por exemplo.

As reflexões apresentadas indicam mais algumas evidências de que o município possui um imenso referencial cultural a ser explorado e divulgado para a sociedade brasileira, resgatando raízes ancestrais e visibilizando aspectos que constituem a história e cultura do povo franciscano e sua relação com o tempo. Na esfera cultura local, o município é detentor de belíssimas manifestações da cultura popular que incluem o Samba Chula, tombado pelo Patrimônio Histórico Imaterial da Humanidade pela UNESCO (2008), os grupos culturais e suas manifestações, tais como o Capabode, Mandú, Carecas, Caretas, os Terreiros de Candomblés, a Capoeira, os Afoxés, as festas populares como o São João, maior evento cultural do município, dentre outras manifestações.

Novas gestões e políticas públicas surgiram, ao longo do tempo, registrando promessas e ações de mudança para os cenários, anteriormente, descritos, mas ainda há muito que lutar para que os problemas sociais, econômico-financeiros, educacionais e de segurança pública sejam efetivamente colocados em prática, não bastando apenas a boa vontade, mas mecanismos estratégicos que devolvam ao povo franciscano, uma São Francisco que celebra a vida presente, revisitando seu passado histórico, ressignificando suas memórias e tendo maiores oportunidades.

Neste contexto, apresento meus sujeitos da pesquisa, que estão predispostos com algumas caracterizações, logo abaixo, no Quadro 1 de referência que evidencia a importância de seus dados pessoais, informações profissionais, familiares, memórias de suas trajetórias

socioculturais e escolares na constituição do saber letrado e de sua formação identitária, compreendendo assim a profundidade das análises que darei sequência em outra sessão.

Quadro 1 - Dados da caracterização dos (as) idosos (as)

Idoso (a)	Profissão	Estudou até quando	Cidade/Local de nascimento	Idade
João (1)	Aposentado	1ª. Série ¹¹	Bugalinho - SFConde	81 anos
Angélica (2)	Pensionista	3ª. Série	Candeal	69 anos
Euzébia (3)	Aposentada	3ª. Série	Conceição de Feira	80 anos
Florêncio ¹² (4)	Aposentado	3ª. Série	SFConde	60 anos
Cremilda (5)	Autônoma	2º. Ano	SFConde	65 anos
Sabrina (6)	Pensionista	2ª. Série	Jacuípe	78 anos
Zefa (7)	Pensionista	5ª. Série	SFConde	86 anos
Altamira (8)	Professora Aposentada	Superior completo	SFConde	63 anos

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

A nossa pesquisa desenvolve-se sob os parâmetros qualitativos, de perfil etnográfico conjugada com a técnica da história oral e de vida, em que depoimentos pessoais se mostraram um meio adequado para captar o intercruzamento das memórias e letramentos da história de vida dos idosos de São Francisco do Conde com a memória e a construção da identidade pessoal. A etnografia, conforme (OLIVEIRA, 1998) tem como característica a observação participante que envolve um olhar e um ouvir, havendo assim uma interação entre o pesquisador e o pesquisado. Tarefas que executei em ações participativas e cuidadosamente observadas, fotografadas, gravadas em áudio e transcritas posteriormente.

¹¹ Embora a nomenclatura para se referir aos anos iniciais e etapas do processo de escolarização tenham mudado com a LDB de (11.114/05), os idosos usam a nomenclatura específica de suas épocas de estudo.

¹² Aos 55 anos retornou à escola, fazendo um curso técnico profissionalizante, concluído após 3 anos em um Projeto Educacional editado pela PMSFC e a Empresa que o Sr. Florêncio trabalhava.

O valor da minha observação participante define-se pelo fato de que o observador está mais apto a entender o contexto no qual as pessoas vivem por estar em uma observação direta. Além disso, as “experiências de primeira mão” tornam o pesquisador apto a deduzir o que é significativo, podendo aprender coisas às quais os outros não têm acesso. É estar disposto e atento ao desenrolar das histórias e narrativas que vão aos poucos se constituindo em memórias.

Dei destaque à observação participante como sendo um processo construído duplamente, por nós, pesquisador e pelos atores sociais, idosos (as) envolvidos (as). Isso exigiu o máximo de interação e envolvimento do pesquisador com aqueles que estavam sendo observados, ou seja, requereu uma participação ativa do pesquisador no trabalho da pesquisa. Na verdade, implicou em um reconhecimento do caráter dialético envolvido do ato de pesquisar, que é a intrínseca ação direta do pesquisador na pesquisa.

Na verdade, implicou em um reconhecimento do caráter dialético envolvido do ato de pesquisar, que é a intrínseca ação direta do pesquisador na pesquisa.

Ainda como método de pesquisa fiz uso da História Vida (HV) e os depoimentos pessoais se inseriram no quadro mais amplo da História Oral (HO). Como explica Queiroz (1988), esse tipo de documento inclui também autobiografias e biografias. Pois, “Tratam-se de tipos de documentos próximos uns dos outros, mas que é necessário distinguir, pois cada um tem sua peculiaridade de coleta e de finalidade [...]” (QUEIROZ, 1988, p. 19). A HO tem como princípio revelar lembranças da memória de acontecimentos que marcaram (e ainda marcam) o contexto social de um grupo e que, neste caso, contribuem para reivindicação de uma identidade étnica diferenciada. A HV concentra-se na história pessoal de um indivíduo contada por ele próprio. É, portanto, um relato pessoal, diferindo da HO Temática, em geral, que é feita com um grupo de indivíduos sobre um determinado evento ou movimento vivido por todos.

Portanto, a importância de minha pesquisa, desenvolvida com a metodologia da HO, compreendeu todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores à gravação dos depoimentos. Exigindo, antes, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas, construídas para fornecer um acervo de depoimentos narrativos aberto ao público, sendo necessário cuidar da duplicação das gravações, da conservação e do tratamento do material gravado e fotografado. É o que eu fiz em meus registros anteriormente citados e comprovados ao final desta tese.

Muitos episódios de letamentos serviram como laboratório para minhas observações e registros, reuniões da comunidade que definiam as festas populares e religiosas; as atividades manuais e artesanais das senhoras, que enquanto teciam ou cozinhavam, relatavam

suas histórias ou narrativas ancestrais de seus antepassados, revelando saberes e sabores letrados que chamavam minha atenção. Suas formas de conduzir a canção, o passo, às lembranças da receita de Maria de Benzé¹³ eram ricas de observações etnográficas. Entretanto, minha presença ali conduzia para objetivos que desejavam conhecer e posteriormente divulgar as memórias desses idosos em seus *modus vivendi*. Logo as perguntas foram surgindo e as respostas prontamente, de maneira simples e cheias de saudades, apareceriam em narrativas.

Elaborei um roteiro de perguntas semiestruturadas a partir dos nossos encontros e perspectivas etnográficas, definindo quais materiais seriam utilizados e, conseqüentemente, quais seriam identificados e transcritos para nosso processo de construção e ressignificação das memórias de letramentos, assim como identificaríamos quais idosos (as) participariam da pesquisa, buscando a melhor forma de chegar até eles (as), agendando dia, horário e melhor ambiente para as gravações de suas narrativas, as quais gerariam os dados da pesquisa.

Quanto à formulação das questões tive o cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. As perguntas foram feitas levando em conta a sequência do pensamento do pesquisado, ou seja, procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com certo sentido lógico para o entrevistado. Porque, como instrui Bourdieu (1999), “Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta direta, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado [...]”.

Sendo assim, as entrevistas semiestruturadas aqui apresentadas, combinaram perguntas abertas e fechadas, onde o informante teve a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Como pesquisador, segui um conjunto de questões previamente definidas, em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. Estive atento para dirigir, no momento que achei oportuno, a discussão para o assunto que nos interessava, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou que nos ajudaria a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tivesse “fugido” ao tema ou tivesse dificuldades com ele.

Esse tipo de entrevista é muito utilizado quando se deseja delimitar o volume das informações, obtendo assim um direcionamento maior para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. A principal vantagem da entrevista semiestruturada é que essa técnica quase sempre produz uma melhor amostra da população de interesse. Também tem como vantagem a sua elasticidade quanto à duração, permitindo uma cobertura mais profunda

¹³ Personagem emblemática da sociedade franciscana, que deixou um legado de conhecimento e reconhecimento ancestral, marcando sua identidade cultural, através de seu saber culinário.

sobre determinados assuntos. Além disso, a interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistador e entrevistado, o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes.

Desse modo, este tipo de entrevista colaborou muito na investigação dos aspectos afetivos e valorativos dos informantes que determinaram significados pessoais de suas atitudes e comportamentos. As respostas espontâneas dos entrevistados e a maior liberdade que estes tiveram, potencializaram questões inesperadas ao entrevistador que foi de grande utilidade em minha pesquisa.

Nas entrevistas semiestruturadas, tive a possibilidade da utilização de recursos visuais, como cartões, postais, fotografias, o que pode deixar o entrevistado mais à vontade e fazê-lo lembrar de fatos, o que não seria possível em um questionário, por exemplo (SELLTIZ *et al.*, 1987).

Durante as entrevistas estive sempre pronto a enviar sinais de entendimento e de estímulo, com gestos, acenos de cabeça, olhares e sinais verbais como de agradecimento, de incentivo. Isto facilitou muito nossas trocas, nossas relações. Essas atitudes fizeram o pesquisado saber que o pesquisador estava atento, escutando a sua narrativa, procurando intervir o mínimo possível para não quebrar a sequência de pensamento do entrevistado. As entrevistas proporcionaram ao pesquisado bem-estar com a finalidade de poder falar sem constrangimentos de sua vida e de seus problemas.

Enquanto as entrevistas aconteciam, estive alerta para que nossos entrevistados não pudessem tentar impor sua definição de situação de forma consciente ou inconsciente, visto que é possível que também eles tentassem passar uma imagem diferente deles mesmos. A presença do gravador, como instrumento de pesquisa, em alguns poderia ter causado inibição, constrangimento, mas isso não ocorreu.

Os cuidados acima mencionados são referentes a postura do idoso entrevistado, que involuntariamente poderia me informar suas narrativas de maneira fantasiosa, melhorando seu aspecto para simplesmente me responder satisfatoriamente. Alguns idosos se apresentavam tímidos, intranquilos e muitas vezes com algum tipo de incômodo, fazendo-me buscar por interpretações sobre estes fenômenos.

Além das preocupações e cuidados com as possíveis perguntas a serem feitas, houve a elaboração do roteiro de entrevista, o qual será apresentado de forma detalhada, a seguir. É importante relembrar que o objetivo era compreender como se deram os processos e eventos de

letramentos, leitura e escrita para cada um dos idosos, através de suas memórias e narrativas. Por isso, construí um roteiro de entrevista que envolvesse as inquietações, além de responderem as perguntas de pesquisa. Tendo isso em vista, ele foi organizado em cinco blocos.

Nesse primeiro bloco, os idosos foram convidados a conhecer quem era o pesquisador/entrevistador, apresentando-me; relatando de onde eu vinha, o que já havia feito naquela cidade, qual minha profissão, meu interesse em entrevistá-los e quais seriam as propostas de pesquisa caso eles aceitassem – tudo em comunicação oral, diante deles, além de responderem a algumas perguntas que os caracterizavam como sujeitos da pesquisa.

Esclareci que faria 29 perguntas, sendo algumas sobre a caracterização dos sujeitos e indagações acerca dos sentidos que a escrita, a leitura e o letramento assumem para eles e as demais perguntas, distribuídas sobre suas experiências de vida pessoal, profissional e papel na comunidade, deixando claro que, aquele roteiro de perguntas não era fixo, podendo variar, de acordo com o “bate-papo” que íamos tendo. Tudo de maneira bem livre e descontraído, podendo ser interrompido a qualquer momento, sob qualquer dúvida ou pergunta que ele (ela) tivesse durante esse percurso. Seguem, nos quadros abaixo, as perguntas por blocos:

Quadro 2 - Bloco 1 – Caracterização dos sujeitos

- A/o Sra. (Sr.) nasceu aqui, em São Francisco do Conde; quantos anos; casada (o), solteira(o), viúva(o); tem filhos; netos; bisnetos; profissão; sua religião; estudou, até qual série; participa(ou) de grupos de samba, terno de reis, grupos culturais; quais as atividades diárias que a/o Sra. (Sr.) mais gosta?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

Buscamos no segundo bloco, descobrir as memórias de como eles (as) aprenderam a ler e escrever, questionando sobre a importância desse processo, as dificuldades e se voltaram ou ainda vão à escola, solicitando que nos dissesse sobre essas experiências e quais benefícios ou prejuízos esses processos eram agora traduzidos em suas narrativas. Antes, porém, refletimos que as memórias são elementos fundamentais no processo de construção identitário, tanto as chamadas “memórias-hábitos”, exigência dos processos de socialização, quanto as “memórias-lembrança”, aquelas que trazem “[...] à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida [...]” (BOSI, 2004, p. 49). Para Bosi (2004), as “memórias-lembrança” são, para as pessoas idosas, as mais significativas. Para esta autora, as lembranças, para os sujeitos velhos, representam as substâncias de suas próprias vidas, no presente.

Diferentemente, para os adultos jovens, as lembranças representam um momento de fuga, arte, lazer, contemplação, certo distanciamento proposital – e até necessário, enquanto válvula de escape – da atividade cotidiana do presente (BOSI, 2004, p. 60).

Elenco, a seguir, no Quadro 2, as perguntas referentes ao bloco 2:

Quadro 3 - Bloco 2 – Aprender a ler e a escrever

- E na escola, como o/a Sr./Sra. aprendeu a ler e a escrever?
- Qual foi a importância de aprender?
- E as dificuldades em aprender, como foram?
- Ainda vai à escola? Como é lá na escola?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

O terceiro bloco do roteiro de entrevista visava acessar as lembranças referentes aos prazeres de aprender a ler e/ou escrever, perguntando qual era o mais importante para eles, além de lançarmos a proposta de voltar à escola hoje, caso tivesse a oportunidade, o que fariam? Entre nossas perguntas estava uma sobre gênero e geracional, onde perguntávamos sobre o que eles achavam da mulher idosa aprender a ler e a escrever. Provocamos seu posicionamento diante de uma frase comum e popular, a fim de saber se estavam ou não de acordo com a frase. Queríamos também saber se eles tinham um projeto de vida, caso voltassem a estudar. Ademais, foi um momento no qual os entrevistados expuseram seu posicionamento “político-ideológico” diante das provocações de aprendizagem. Abaixo, no Quadro 4, listo as perguntas do bloco 3:

Quadro 4 - Bloco 3 – Importância e prazeres em ler e escrever

- Hoje o/a Sr./Sra. voltaria à escola para estudar, caso tivesse oportunidade?
- Soube que em algumas escolas daqui de São Francisco estão oferecendo vagas para idosos voltar a estudar. O que a/o Sra./Sr. pensa sobre isso?
- Por favor, me diga aí, por que é importante aprender a ler e a escrever?
- É melhor ler ou escrever, por quê?
- Hoje o/a Sr./Sra. lê o que?
- Ainda escreve? Por quê?
- O que o/a Sr. (a) pensa sobre: “já viu papagaio velho aprender novas palavras?”.
- Para o/a Sr./Sra. é importante que as mulheres idosas e os homens idosos aprendam a ler e a escrever? Por quê?
- Quais seriam seus projetos de vida, caso voltasse a estudar?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

O quarto bloco do roteiro de entrevista tratava das lembranças referentes ao “tempo passado” da história da escravidão, as práticas culinárias, culturais e religiosas vividas, contadas ou sabidas em família e na comunidade de São Francisco do Conde, bem como perguntamos sobre o interesse da juventude por esse passado histórico e sobre o interesse pela leitura e escrita deles; como viam o futuro dos jovens e da cultura nesta cidade. Assim, queríamos saber em que medida essas memórias agora narradas, lembrava aspectos importantes para a valorização e ressignificação de seu legado cultural, educacional, histórico e religioso. Abaixo, no Quadro 5, elenco os questionamentos do bloco 4:

Quadro 5 - Bloco 4 – Lembranças da cultura, história e religiosidade

- A/o Sra. (Sr.) lembra da época dos escravos (escravizados); da população de São Francisco do Conde; das histórias do Capabode; Negro fujão; Meninos de lama; Lindroamor, Samba das pitangueiras?
- Se te chamarem para contar essas histórias, a/o Sra./Sr. iria? Como começaria a contar?
- E como são os festejos da Igreja Católica? Sabe alguma coisa sobre a Reza cantada?
- E o Candomblé, como é visto pela (o) senhora (Sr.)?
- E as Igrejas Evangélicas, têm muitas? O Sr./Sra. frequenta alguma delas?
- E sobre os mais jovens da cidade, como a/o Sra./Sr. vê o interesse deles pela leitura, escrita, religião e eventos culturais?
- O que mudou aqui na cidade de sua época para cá?
- O “Aponã”, a “moquequinha” são iguarias culinárias características daqui?! Pode me explicar um pouco?
- E as marisqueiras, como desenvolvem seus trabalhos? A Sra. o Sr. mariscou?
- Quais as histórias mais antigas que a Sra./ o Sr. lembra, contadas aqui, pelos seus pais, parentes ou vizinhos que ficaram em sua memória?
- O que falta para que São Francisco do Conde seja um bom lugar para viver? Como o Sr./a Sra. vê o futuro aqui na cidade?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

Por fim, no quinto e último bloco do roteiro de entrevista, pretendíamos saber como os idosos se sentiam, ao participar de alguma cerimônia religiosa, onde há evento de letramento, perguntando a eles, como era seu sentimento ao escutar alguém ler ou mesmo se fosse convidado a fazer uma leitura, já que mensagens Bíblicas são lidas e compartilhadas pela comunidade. Ademais, nós queríamos instigar os idosos a expor suas opiniões, os momentos que eles mais leem e quais seriam as contribuições que eles poderiam deixar para que sua cidade valorizasse mais a leitura, a escrita e as manifestações culturais. Listo, no Quadro 6, a seguir, as perguntas do bloco 5:

Quadro 6 - Bloco 5 – Leitura nos espaços institucionais

- Nesses locais certamente tem algum tipo de leitura da Bíblia; cânticos; reza; avisos sobre novos encontros/reuniões. A/o Sra./Sr. participa lendo ou só escutando? Quando escuta, compreende bem o que foi lido? E quando lê se sente seguro (a), confiante?
- Quais são os momentos em que o/a Sr./Sra. mais lê?
- A/o Sra./Sr. se sente parte desse lugar, dessa cultura de São Francisco do Conde? De que maneira?
- Quais seriam suas contribuições para que a cidade de São Francisco do Conde valorize mais a leitura, a escrita e as manifestações culturais?

Fonte: Elaborada pelo autor (2022)

A partir do que foi apresentado, percebe-se que este roteiro de entrevista, cuja divisão foi feita em 5 blocos, foi pensado a partir das perguntas de pesquisa, com o intuito de respondê-las. Nesse sentido, através das narrativas dos idosos, foi possível realizar inferências e asserções acerca das memórias e letramentos, da leitura e da escrita, em especial, no que diz respeito à formação identitária dos idosos e seus desdobramentos na sociedade Franciscana.

A formação identitária pode estar associada a dimensões individuais, a partir das quais surgem os conceitos e as imagens que construímos de nós próprios (JACQUES, 1998), e a dimensões sociais, que dizem respeito à pertença a determinadas coletividades sociais (BAUMAN, 2005). Ambas, entretanto, são relacionais, construídas em processos permanentes de experiências e trocas com os outros (BRANDÃO, 1990), sendo constituídas a partir da dialética “diferenças igualdades” (JACQUES, 1998). Bauman (2005, p. 35) chama a atenção para a multiplicidade de identidades que comportamos, relacionando-se de forma ora harmoniosa, ora conflituosa, bem como para a fluidez das identidades em “nossa época líquido-

moderna”. Viegas e Gomes (2007, p. 11-12) comparam a dimensão relacional do processo de construção de identidades a um “[...] jogo de espelhos [...] onde a imagem de si próprio está constantemente a remeter-se para os outros e a integrar os outros no contexto relacional onde se efetiva o processo de identificação [...]”.

A construção da identidade do idoso muitas vezes passa a ser um fator extremamente importante quando procuramos compreender a complexidade e variabilidade do processo de envelhecimento. É a procura incessante do sujeito se encontrar a si mesmo na esfera das relações pessoal sendo, ainda, a identidade que protege o sujeito nas suas interações com a realidade quotidiana. É o aspecto referencial, que ajuda o indivíduo a reconhecer-se enquanto tal, ao longo do tempo e do ciclo de vida. Na identidade, encontram-se posicionados os predicados do sujeito, quer sejam corporais ou psicológicos. Não obstante, o que está em causa na identidade de uma pessoa não é tanto a permanência e a monotonia de atributos, mas antes a referência a si ao longo do tempo. É o poder de autor referência, que implica da parte do indivíduo um conhecimento claro não só de si mesmo, mas do mundo que o rodeia.

Nesse sentido, na formação da identidade de nossos idosos se destacam em especial importância os aspetos sociais, uma vez que as características dos indivíduos são formadas pelas relações sociais, pela pertença aos grupos.

3 DADOS ETNOGRÁFICOS, CULTURA LOCAL E O MUNICÍPIO

O presente capítulo reflete os dados etnográficos de São Francisco do Conde, demonstrando a trajetória cultural local e ressignificações de memórias narradas por participantes da pesquisa e propostas de grupos de líderes idosos da comunidade em diálogo e Poder Público, que buscam encontrar estratégias para modificar os cenários de promessas e perspectivas do passado por novas possibilidades de vida, apoiando-se na diversidade histórica, patrimonial e cultural que o município oferece.

Revisitar o passado histórico de São Francisco do Conde possibilita a retomada de como o povo franciscano vivia e quais relações política, social e cultural foram negligenciadas ou subalternizadas, deixando para as novas gerações o resgate dos valores inerentes a cada um destes aspectos ou mesmo a resistência de idosos que insistem - reexistindo em resgatar suas raízes e narrar suas dificuldades a acessar seus direitos.

Os dados etnográficos da pesquisa estarão dispostos e apresentados com os entrecruzamentos dos dados, de alguns sujeitos da pesquisa, com os quais pude fotografar, participar de encontros e reuniões, descobrindo os significados dos letramentos construídos, a partir de suas propostas culturais e valorização de suas raízes, dando-me a oportunidade em descrever e interpretar os hábitos, costumes, valores e práticas de sua comunidade.

Portanto, muitas heranças culturais e visibilidades à vista serão aqui apresentadas como práticas sociais de letramentos e memórias que fazem parte dos dados etnográficos de quem viveu, diante das dificuldades do acesso à leitura e à escrita para formar sua identidade, mas que ainda persiste na luta de um dia poder ver concretizado e preservado os aspectos de uma formação humana e intelectual sem desigualdades ou invisibilidades. Sobre o lugar, também, as experiências da vida dos colaboradores da pesquisa, a seguir, alguns referenciais desse passado histórico.

3.1 Passado Histórico

São Francisco do Conde como parte do Recôncavo baiano, muitas vezes cantado e celebrado em versos e prosas, além de muitas publicações, acompanhou o crescimento e desenvolvimento da nação Brasileira a partir de sua colonização efetiva, desde meados do século XVI.

A população aqui apresentada, por meio de suas narrativas, memórias e letramentos, rememoram histórias que emergem do seu passado histórico e da vida cotidiana,

de cenários institucionais em sua dimensão performativa. Os idosos recriam ou sustentam, naturalizando ou desafiando crenças, valores, identidades, rótulos, categorias sociais e as expectativas a elas atreladas, demonstrando, em suas falas, o quão importante é valorizar a cultura, os costumes e tradições locais. D. Altamira é uma entre outros atores sociais da pesquisa, que faz questão de relembrar a importância de um passado histórico:

Vi a necessidade de resgatar uma tradição antiga, chamada Lindro-amor, que é um peditório para as festas religiosas, que visita casas da cidade antes da realização das festas, com as imagens dos santos em uma bandeja enfeitada com flores, tendo à frente um estandarte. Os acompanhantes usam chapéus floridos e tocam pandeiros e tambores, acompanhados por 45 músicos, mais um grupo de participantes, baianas e do afoxé.

Estes dados revelam os valores etnográfico-culturais que são verbalizados por pessoas como D. Almira, sensíveis às tradições que marcaram a vida de São Francisco do Conde e sua população, conforme Figura 3. Seu esforço é não deixar morrer marcas de sua formação identitária.

Figura 3 - População festejando o Lindro-amor



Fonte: Captada do Site da PMSC (2022)

O Recôncavo antigo tinha a sua principal economia, nos engenhos e nas usinas de açúcar, produção que circundava toda a Baía de Todos-os-Santos até o Baixo Paraguaçu. Contava, assim, com os municípios de Salvador e atual Região Metropolitana, além de Santo Amaro, Jacuípe, Maragogipe, Cachoeira, São Félix, São Roque, Nazaré, Pojuca, Catu, Mata de São João e Alagoinhas. Segundo Brandão (1998, p. 32), “[...] havia o Recôncavo da cana, do fumo, da subsistência e dos materiais de construção, da lenha, e da pecuária, que subia até Pojuca, Catu, Mata de São João e até mesmo Alagoinhas [...]”.

Ressalta-se que existe uma dificuldade histórica em definir e delimitar precisamente o Recôncavo, quanto ao número de municípios que persiste até os dias atuais. Historicamente, o Recôncavo é a soma das regiões da cana de açúcar, fumo, mandioca, pequena pecuária leiteira e de produção de lenha, em torno da Baía de Todos os Santos e muito dependente de Salvador.

O Recôncavo, segundo o IBGE (2010), atualmente é composto por 33 municípios e Salvador: Amargosa, Cruz das Almas, Aratuípe, Brejões, Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Dom Macedo Costa, Elísio Medrado, Governador Mangabeira, Itatim, Jaguararipe, Jiquiriçá, Lages, Maragogipe, Milagres, Muniz Ferreira, Muritiba, Mutuípe, Nazaré, Nova Itarana, Salina das Margaridas, Santa Teresinha, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Miguel das Matas, Sapeaçu, Saubara, Ubaíra e Varzedo (SILVA; SILVA, 2004).

O Município de São Francisco do Conde está dividido hoje, segundo a Secretaria de Planejamento de São Francisco do Conde, em: **Sede** - São Bento das Lajes, Porto de Brotas, Santa Elisa, Ilha de Cajaíba, Dom João, Macaco / Marapé, Campinas. **Monte Recôncavo** – Almas, Madrugá, Vencimento, São José/Engenho do Meio, Paramirim, Coroado. **Mataripe** - Muribeca, Socorro, Jabequara da Areia, Jabequara das Flores, Ilha do Paty, Ilha de Bimbarra, Ilha das Fontes, Porto do Coqueiro, Santo Estêvão, Caípe, Ponta do Ferrolho, Engenho de Baixo.

Nestes espaços de memórias, nossos idosos celebram e organizam suas celebrações, conferindo sequência e coerência a suas experiências de vida junto a população local, onde grupos tradicionais e as histórias ouvidas e participadas revelam suas memórias:

Tinha o Capabode, que saía pelas ruas no carnaval com cabaças e vestidos com a pele e a cabeça do bode, assustando as pessoas, metendo medo! Mas também tem o Mandú; Amigo Folhagem; Bumba meu Boi; Samba das Pitangueiras – elas cantam e dançam e eles só tocam – é uma espécie de cerimônia, reverência, ritual... a cada tocador. Tem hora para tudo (D. Zefa).

Com o mesmo intuito de interagir diversos conhecimentos oriundos das experiências, assim como o Capabode, estão como experiências dos colaboradores da pesquisa, o samba das pitangueiras.

Figura 4 - Idosa em apresentação – Samba das Pitangueiras



Fonte: retirada do site da PMSF (2022)

A desenvoltura e marcação dos passos que anunciam a cerimônia dão a idosa dançante, a medida certa para reverenciar e agradecer aos músicos pelo complemento à roda o samba, que é costume antigo e, sobretudo, é a alegria. Geração de mulheres que se misturam para demonstrar e aprender como esses momentos são importantes em suas trajetórias. Indicam o quanto fazia sentido participar dela após a longa jornada de trabalho nas fazendas, nas feiras livres e nas “cozinhas dos brancos”.

Para complementar informações do lugar, cenário da pesquisa, insiro a divisão histórico-geográfica de São Francisco do Conde, na perspectiva de apresentar a sua complexidade em crescimento sócio-econômico-cultural.

Os três distritos compõem o município que cresce em direção noroeste. Os povoados de Paramirim, Coroado e o distrito do Monte Recôncavo, ambos localizados às margens da BA-522, contam com população empregada nas lavouras ou em empreiteiras associadas à Petrobrás. Ambas apresentam núcleos habitacionais com ruas pavimentadas, iluminação pública e alguns equipamentos urbanos.

Ao sul do município localizam-se os povoados de Santo Estevão, Caípe e o distrito de Mataripe. Em Santo Estevão, com população empregada nas empresas associadas à Petrobrás e na atividade pesqueira. Os meios de transporte são precários. Caípe se estende ao longo da estrada Madre de Deus e a maioria das habitações é boa, mas algumas precárias, localizadas sobre o mangue, com características de invasão (PDDU, 2006).

O Território do Recôncavo é marcado por contradições. Estas contradições são encontradas em São Francisco do Conde, onde, segundo Costa Pinto (1953 *apud* BRANDÃO, 1998, p. 24), se “[...] dramatiza a situação opondo o petróleo, riqueza de uma nação - o Brasil – ao açúcar, riqueza de um Estado - a Bahia. Torres e refinarias não operavam ao lado da cana ou do fumo, mas em detrimento destes [...]”. O mesmo autor continua afirmando que os impactos que este contexto trouxe à população local não podiam emergir neste “desenvolvimento” visto que o Recôncavo, segundo Azevedo (1959), não era mais todo virgem, “[...] toda alteração é percebida como desordem e desorganiza as atividades tradicionais [...]” (AZEVEDO, 1959, p. 23). O impacto da transição de uma economia simbolizada pelo açúcar para outra simbolizada pelo petróleo causaria um impacto economicamente grande à população residente naquela região.

Muitos idosos entrevistados sobre as oportunidades de emprego no município e as dificuldades enfrentadas, rememoraram tempos difíceis, pois o acesso era para poucos privilegiados e o conseqüente abandono da escola era a certeza de poder dobrar o turno de trabalho e conquistar sua independência financeira. Um sacrifício contado pelo Sr. Florêncio, participante da pesquisa: *“Eu trabalhava até às cinco e meia da tarde; todos os meus colegas iam correndo para casa; eu banhava, me arrumava e seguia para a escola, mesmo com alguns colegas perguntando por que eu ainda iria estudar, depois de um dia cheio de trabalho pesado...”*.

Sr. Florêncio, como trabalhador daquele lugar, também, indicou querer se instrumentalizar para lê-lo de outra forma e dizia sentir prazer em ter acesso à escola, ao universo das letras e das possibilidades que talvez os estudos pudessem lhe oferecer. Apesar do cansaço, a rotina do Sr. Florêncio seguiu, sendo um dos poucos idosos a concluir o ensino profissionalizante.

Entre as pessoas e o lugar, encontra-se a cidade, São Francisco do Conde, que, apesar de se localizar na região mais importante da Bahia, durante os últimos 50 e 60 anos, ela era, conforme Pedrão (1984), majoritariamente um bolsão de estagnação econômica, com profunda desigualdade e pobreza, necessitando ser questionada e discutida a quais fatores se devem esse fenômeno e quais as perspectivas de mudança.

Conforme Brandão (1998), a combinação de vários elementos, como a terra, o capital e o trabalho, que estiveram diretas ou indiretamente envolvidas na produção açucareira, a servidão periférica de índios, negros e mestiços, a produção primitiva envolvendo diversos agentes permanentes e temporários constituíram a unidade territorial do Recôncavo.

Segundo Pedreira (1960, p. 9) eram terras habitadas por ‘aborígenes’ na época da colonização: tupinambás, carijós negros, caetés e pitiguaras (ou potiguaras); que foram exterminados por desbravadores e/ou colonizadores como D. Álvaro da Costa, filho de Duarte da Costa, segundo Governador Geral do Brasil e, depois pelo terceiro Governador Geral, Mem de Sá.

Nestas terras, muitos engenhos foram construídos e conhecidos como usinas na região e representavam, no final do século XIX, um avanço tecnológico que provocou alterações no quadro econômico e social da Bahia e em especial em São Francisco do Conde. Nestas povoações havia pouca população, sendo a maior parte pobre, mas ainda restavam famílias de gente pertencente à antiga nobreza local, e rica pelos produtos de seus engenhos. Peixes, camarões, xangó e caranguejo constituíam o sustento básico da população (PEDREIRA, 1998, p. 18).

O comércio se desenvolvia em torno das produções agroindustriais dos engenhos e pelos frutos do mar vendidos nas feiras livres pelas negras em Salvador. A agricultura com os engenhos e usinas contribuía como fator de povoamento nos lugares onde se inseria. Fazendo uma análise do conjunto destes fatores observa-se a agroindústria do Recôncavo em situação de declínio. As plantações se concentraram basicamente em terras do massapé onde se situam os municípios de Santo Amaro da Purificação e São Francisco do Conde, conforme Figura 5.

Figura 5 - Marisqueira em atividade em São Francisco do Conde



Fonte: Arquivo próprio (2019)

Em momentos narrativos com D. Zefa, suas memórias viajaram até seu pai, enquanto vivo, lembrando a época de marisqueira. “*Quando papai morreu, para me manter, botava uma isca no cordão para pegar siri; amarrava uma pedra com uma isca qualquer ou até com outro sirizinho [...]*”

Era a forma de melhorar a subsistência dela e da família. Não ficou somente responsável pela criação dos outros irmãos, além de “lavar roupa de ganho”, também aproveitava a fartura dos peixes e mariscos que as marés de São Francisco davam para todos eles.

Narrou que “*carregava muita água de ganho, nas fontes (cisternas)*”; que fazia as tradicionais moquequinhas na folha: “*eu pegava os peixes – xangó, sardinha... temperava, no sal e limão, enrolava na folha de bananeira e assava na brasa; não gosto de pimenta*”.

Essa última fala de D. Zefa reflete a ideia de que esse alimento de matriz africana, por parte de seus ancestrais, sempre foi elaborado com tais condimentos, incluindo a pimenta, mas que, por ela não gostar, não a colocava.

São princípios que cultivam relações com a cultura, o trabalho e negociam suas formações identitárias, construindo sentidos sobre si mesmas.

Estes dados etnográficos e de formação produtiva do Recôncavo Baiano, revelam que São Francisco do Conde e seus moradores, precisaram adaptar-se várias vezes ao *modus vivendi* ali presente. Era um constante aprendizado de cultivos da terra, manuseio da pesca, a vida na lavoura e a subsistência familiar que adivinham destes espaços e da indústria petrolífera que prometia mudanças radicais na comunidade local.

Alguns dos participantes da pesquisa narram que o trabalho na lavoura de banana ou cana de açúcar era por demais sacrificantes, pois além da colheita, teriam que se desdobrar em sua venda, nas feiras livres locais ou comercializar nos grandes mercados de Salvador, trazendo grandes transtornos à vida por causa do transporte dos produtos e do desgaste físico empreendido entre colher, arrumar os produtos, dormindo tarde e acordando cedo. Sr João – participante da pesquisa diz: “[...] *era muito trabalho; sentia-me cansado e sem ânimo para nada! Depois de tudo isso, tinha que cuidar de minha mãe doente e ainda ir à escola, como?!*”.

Esses dados me ajudaram a interpretar e discutir as narrativas e suas construções ao longo da história. Histórias orais de pessoas idosas que vão alinhando seus caminhos por onde se concretizam experiências e as evidências da história de cada percurso específico, que são compreendidas como parte da vida como um todo e não fragmentos isolados e descontextualizados dela. São posicionamentos avaliativamente em relação a atores sociais, objetos, ações narrados que rememoram seu passado histórico.

3.2 Muitas heranças culturais

Um dos exemplos que segue até hoje é a comercialização nas feiras livres e manutenção da tradição cultural de reminiscência africana da moqueca de peixe, envolvida em folha de bananeira e assada na brasa. Peixes trazidos pelos homens pescadores e recolhidos por suas mulheres, que ressignificavam o que seria descartado por serem pequenos ou de baixa qualidade. Era mais um recurso financeiro que as mulheres levavam para suas casas.

A Sra. Angélica, participante da pesquisa e viúva de um pescador, relembra com os olhos marejados e a voz embargada os momentos que foi à maré esperar seu esposo com os frutos da pescaria. Enquanto ele separava os pescados mais importantes e de maior valor, ela recolhia os peixes miúdos, que seriam descartados. Nascia aí a recuperação de uma memória ancestral afrodescendente de fabricação de moqueca envolvida na palha de bananeira, temperada e assada na brasa. Serviria como alimento para a família e para a comercialização, nas feiras livres e comércio local, ou “*quantas vezes essas moquequinhas mataram a fome de meus filhos!*”, declara Sra. Angélica. Na Figura 6, pode-se observar algumas das moquecas de peixe.

Figura 6 - Moqueca de peixe assado na brasa



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

A São Francisco do século XIX nunca negou seu interesse pela agricultura em geral, especialmente a relativa à cana-de-açúcar, refletido, nos inúmeros engenhos ali existentes,

buscando instalar o Imperial Instituto Baiano de Agricultura (IIBA), em São Bento das Lajes, onde um dos meus atores sociais, – D. Zefa, relembra com saudades e admiração, em suas narrativas, que seus irmãos estudaram neste Instituto, saindo de lá formados e bem empregados. Inclusive, relembra o número de janelas que o imóvel tinha - 365. Era seu desejo ter podido estudar lá, mas a ela lhe coube a obrigação de cuidar dos pequenos irmãos, fazendo-a abandonar os estudos na 5ª série.

Muitos projetos foram encaminhados ao longo das décadas seguintes, mas nenhum deles saiu do papel, deixando o imóvel cair em ruína. Era mais uma esperança do povo franciscano que se esvaía para dar lugar a frustrações e segmento aos trabalhos braçais e duros que a vida lhes reservaria.

Figura 7 - Escola Agrícola de São Bento das Lajes – Bahia



Fonte: Imagem capturada do site da Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde¹⁴ (2019)

As famílias dos senhores de engenho e dos usineiros residiam em Salvador e suas atividades produtivas estavam no Recôncavo, mas isso não garantia a fixação das famílias na zona produtiva. A residência na cidade, onde permanecia a maior parte do tempo era, assim, a residência mais importante.

O Senhor do engenho e depois o usineiro passavam a frequentar suas propriedades em apenas dois momentos: no corte e na moenda da cana. Este é um elemento que justificaria

¹⁴ Disponível em: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>. Acesso em: 05 jan. 2019.

o pouco dinamismo dos núcleos urbanos no Recôncavo refletindo na pequena variedade de ofertas de bens e serviços nestes núcleos. Quem podia, consumia os produtos em Salvador, tudo era adquirido na capital. D. Sabrina, participante desta pesquisa, narra sua infância na moenda da cana de açúcar e das dificuldades que passava, na fazenda produtora, distanciando-a dos estudos por não ter tempo para aprender a ler e a escrever. O trabalho era duro para uma criança e o distanciamento da leitura e da escrita resume-se agora em: “leio e escrevo muito pouco; muito pouco mesmo”.

D. Sabrina, além de exercer um “trabalho escravo infantil”, aos 8 anos de idade, após seus serviços domésticos, quando só poderia almoçar, quando todos tivessem terminado, ainda tinha que rapidamente se dirigir à moenda da cana. Um trabalho “colaborativo” para que o patrão e sua produção tivesse sucesso. Não que desse sucesso pudesse gerar a esperança de melhor ganho financeiro para ela e os demais trabalhadores, pois o dinheiro era o mesmo: “uma ninharia”.

A consciência de D. Sabrina pode nos revelar as marcas de sua infância e as memórias que a levaram até as dificuldades em criada por pessoas diferentes à sua família. Eram pessoas estranhas ao seu convívio familiar, com grandes posses e patrões. A ela cabia seguir as regras ali estabelecidas desde a hora que acordava até a hora de dormir. Não importava ser ela uma criança, pois tarefas estavam sempre à espera dela, adequando-as a sua altura e dimensão corporal. O desejo de brincar, ir à escola e escolher como viver sua vida, não era uma opção.

3.3 Promessas e visibilidades à vista

Em São Francisco do Conde alterou-se todo modo de vida da população que anterior a esta mudança passou a pensar, em novas alternativas de laborar, principalmente, os agricultores, pescadores e marisqueiras locais viram na Petrobrás a possibilidade de ascenderem na empresa. Segundo entrevistados locais e residentes mais antigos, era o desenvolvimento chegando até a cidade. Vislumbrava-se que as condições oferecidas pela empresa eram únicas para quem vivia do que produzia, conforme relatos de atores sociais, moradores antigos: muitos jovens foram absorvidos pelo progresso, mas muitos outros ficaram de fora e acabaram na pobreza.

Mesmo com as tensões sociais que o tema inclui não se pode deixar de assinalar que as transformações foram muitas e que continuam ainda hoje no território franciscano, mas a localização geográfica de São Francisco do Conde, bem próxima à Capital, acaba sendo

desfavorável ao seu desenvolvimento. Porém, há de se ressaltar que novas empresas se instalaram na região (com as devidas ressalvas para as explorações das riquezas da terra e das apropriações gananciosas pessoais), atraídas por incentivos fiscais e aliadas à vontade dos empresários e políticos locais, interessados em diversificar as atividades, por julgar que a região possui uma localização geográfica favorável.

Pode-se assinalar, por exemplo, a construção da fábrica de calçados Belpasso, em 2004. Esta empresa deveria produzir tênis das marcas e empregar inicialmente 150 pessoas até chegar a um mil quando estivessem funcionando com capacidade plena, segundo dados divulgados pela empresa (BAHIA, 2001). Seria parte de uma política de diversificação da economia local e geração de empregos implementada pelo município e apoiada pelo governo do Estado da Bahia, visando criar alternativas para os jovens que estariam entrando no mercado de trabalho e não eram admitidos pela Refinaria RLAM, por não terem especialização para trabalhar na indústria do petróleo. No entanto, a Belpasso retirou-se do território franciscano, em 2008 demitindo os 300 empregados da época e levando todos os equipamentos que trouxe ao se instalar, junto com a saída do prefeito que a trouxe para o município não alterando muito as perspectivas de desenvolvimento para o município (BAHIA, 2008).

A população franciscana vislumbrou novas e potenciais possibilidades de mudar sua condição de vida diante de tantos incentivos e implantações de novas frentes de trabalho, mas rapidamente tiveram seus sonhos afundados pelas desistências das indústrias instaladas na cidade ou suas redefinições de interesses. Cabia agora buscar novos caminhos e possíveis ocupações para ter como subsistir naquele lugar. Talvez tivesse chegado a hora de investir no fomento da cultura e estratégias turísticas para criar novas oportunidades de emprego e renda, pois a cidade apresenta grande potencial para tais fins.

Para isso, um aspecto importante do município está nos patrimônios culturais e históricos de uma gama de bens naturais como rios, ilhas e riachos; monumentos históricos, igrejas, engenhos, construções civis e arquitetônicas; e culturais: grupos e manifestações culturais que podem ser uma via de acesso a novas atividades econômicas como o turismo, por exemplo. Segundo o Diagnóstico Municipal (2008, p. 7): “A diversidade cultural se faz presente no município, todavia a escassez de eventos culturais e equipamentos destinados à produção e investimentos públicos contribuíram para que as manifestações de saberes dos munícipes estejam passíveis de desaparecimento.” As entidades existentes encontram-se em declínio sem recursos financeiros para se manter, enquanto os investimentos são aplicados em outras entidades supostamente culturais e modernas, no entanto, dispendiosas e distantes da realidade

local, mas que atendem aos modismos apresentados pela mídia nacional, a exemplo do “Forró do Chico”.

A Sr. Altamira, ator social nesta pesquisa, narra as dificuldades para conseguir ganhar um Edital de concorrência pública junto à Prefeitura para promover projetos sociais e culturais, como o Lindroamor; Esmola cantada; Samba Chula etc. *“Eles só querem promover os megaeventos, acreditando atrair recursos financeiros de outras pessoas, invisibilizando e valorizando nossa cultura ancestral-local”*.

Com isto destacam-se no município alguns elementos que, constituídos culturalmente pela maioria da população negra da região, tornaram-se referência e foram passando de uma geração para outra. São costumes, aprendizados, canções e manifestações culturais e religiosas que se auto representam em atividades desenvolvidas em parceria no município.

Na esfera da cultura local, o município é detentor de belíssimas manifestações da cultura popular que incluem o Samba Chula - tombado pelo Patrimônio Histórico Imaterial da Humanidade pela UNESCO (2008), Capabode - manifestação ancestral histórica surgida por meio dos antigos escravizados africanos que vieram para o Brasil, Mandú - Manifestação cultural de um grupo de foliões que saem às ruas durante o carnaval, Caretas ou Carrancas - blocos de mascarados que se organizavam para sair às ruas da cidade no período do carnaval e em outras festas populares, os Terreiros de Candomblés, a Capoeira, os Afoxés, as Festas populares como o São João, maior evento cultural do município, dentre outras manifestações.

Figura 8 - Capa Bode – Representação cultural – Carnaval em SFC - BA



Fonte: Site da PMSC (ano)

Os idosos relembram das manifestações culturais de seus ancestrais e rememoram a alegria e tradição que não pode se perder ou mesmo substituída por outras “modas”. Em suas memórias, recordam que O Capa Bode é uma manifestação histórica ancestral, referenciando povos escravizados, quando os mesmos aproveitavam para se disfarçar com as partes do bode, empreendendo fuga do capaz ou patrões da fazenda onde eram escravizados. Uma fuga “assombrosa” para ganhar a liberdade.

Entre eles, está o Sr. Florêncio, que nos revela sua participação nestes festejos:

Eu também deixei de sair porque a turma que a gente trabalhava, a gente gostava de sair, foi morrendo muitos, outros foram trabalhar fora, aí o grupo foi ficando pouco. Aí foi chegando essa jovem guardadinha, esses novatozinhos, aí fui me saindo, não dá pra mim não, porque às vezes a gente tinha o grupo da gente, brincava tranquilo, mas hoje em dia essa jovem-guarda; esses jovens só querem saber de bagunça, não querem brincar, só querem saber de confusão, isso e aquilo outro, e você no meio direito, para tá no meio de delegacia essas coisas... não dá pra mim mais. Eles fazem as brincadeiras deles aqui, sai de micareta, sai todo mundo, mas eu não piso o pé, não vou não! Meu grupo, a gente participava, muitos morreram, muitos foram embora; muitos tá trabalhando fora e ficou aqueles 2, 3, aí fica chato. Vamos evitar!

Os relatos do Sr. Florêncio reivindicam pertencimento e evidenciam a importância das celebrações e festejos culturais, no entanto, teme pela violência e bagunça que a juventude tem seguido nos últimos anos. É um desrespeito aos costumes e tradições.

Com toda essa reserva artística, cultural e patrimonial, a São Francisco do Conde ainda carece de elementos importantes para valorizar e desenvolver novas formas de aprender a ser e a ter em seus lugares de fala. Inúmeras são as tentativas de poder resgatar costumes ancestrais, através de oficinas geridas pela própria população, interessada em manter vivas as tradições, mesmo que esbarrem nas dificuldades financeiras e promotoras, elas caminham se reinventando para assistir, sobretudo aos idosos desta comunidade.

Quando se fala, em reserva artística, cultural e patrimonial e em idosos, D. Altamira fica mais que entusiasmada, porque vê neles a potencialidade e possibilidade de poder colocar em prática ideias amadurecidas em comunidade. Ela nos conta com alegria, um último projeto que ela e demais idosos estão participando a partir da colaboração com a PRODETUR – Órgão Municipal, onde o projeto consiste em reaproveitamento da matéria prima da bananeira, levando os idosos a participarem de oficinas de capacitação e qualificação cultural, aproveitando desde as fibras da bananeira – mais resistentes que as da palha da costa para confeccionar artesanatos e comercializar, gerando renda para os idosos, em uma perspectiva de cooperativa financeira para eles a elaboração dos tradicionais doces envolvidos nas folhas da bananeira. Inclusive, esses materiais são fornecidos para que os idosos levem para suas casas e

deem continuidade a sua fabricação, livrando-os do “peso” de estar em casa sendo assistidos pelos familiares e motivando-os como distração e lazer.

São mulheres e homens idosos que contribuem com suas memórias e sugerem o resgate de culturas e costumes ali vividos por eles, testemunhando o grande aprendizado retirado de cada manifestação cultural ou mesmo social, pois o engajamento e o chamamento para as ações em prol dessas memórias são constantes e animam a novas esperanças a serem celebradas pelo povo franciscano em práticas sociais de letramentos.

4 LETRAMENTOS E OS DADOS DAS ENTREVISTAS

Letramento não é um gancho
 Em que se pendura cada som enunciado,
 Não é treinamento repetitivo
 De uma habilidade, nem um martelo
 Quebrando blocos de gramática.
 Letramento é diversão
 É leitura à luz de vela
 Ou lá fora, à luz do sol.
 São notícias sobre o presente,
 O tempo, os artistas da TV
 E mesmo Mônica e Cebolinha nos jornais de domingo.
 É uma receita de biscoito,
 Uma lista de compras, recados colados na geladeira,
 Um bilhete de amor,
 Telegrama de parabéns e cartas
 De velhos amigos.
 É viajar para países desconhecidos,
 Sem deixar sua cama,
 É rir e chorar
 Com personagens, heróis e grandes amigos.
 É um Atlas do mundo,
 Sinais de trânsito, caça ao tesouro,
 Manuais, instruções, guias,
 E orientações em bulas de remédio,
 Para que você não fique perdido.
 Letramento é, sobretudo,
 Um mapa do coração do homem,
 Um mapa de quem você é
 E de tudo o que você pode ser.

Kate M. Chong¹⁵

O poema que inicia esta seção representa meu percurso para encontrar uma perspectiva do conceito de letramento que me satisfaça. A poesia tem a condição de possibilitar que cada um de nós, a partir da sensibilidade maior, na prática da leitura, busque significados que vão além do que está explícito. É uma relação que se estabelece em um movimento de ir e vir, entre palavras, emoções e práticas sociais que acontecem na rotina diária de quem faz uso dos mais variados eventos culturais e de letramentos. É provar do cotidiano e das surpresas que a vida nos dá, revelando alegrias, dores, conquistas, vitórias e semeando sempre esperanças, principalmente diante das adversidades da vida.

Para as nossas discussões, vou tratar do modelo autônomo¹⁶ que será abordado em uma relação individual, concentrando-se no indivíduo e não em um contexto social mais amplo

¹⁵ Disponível em: <http://professoragenainareder.blogspot.com/2012/05/o-que-e-letramento-poesia-de-kale-m.html>
 Acessado em: 29 set. 2020.

¹⁶ O “modelo autônomo” define-se, principalmente, por pressupor uma maneira única e universal de desenvolvimento do letramento (filo e ontogeneticamente), quase sempre associada a resultados e efeitos civilizatórios, de caráter individual (cognitivos) ou social (tecnológicos, de progresso e de mobilidade social).

no qual o indivíduo opera. Desta perspectiva o letramento é percebido como uma habilidade, que adquirida por um indivíduo, geralmente, dentro de um contexto educacional, tendo como base o uso da linguagem oral, afetando, como resultado, o desenvolvimento cognitivo. Esse modelo funciona a partir do pressuposto do letramento por si, automaticamente, tendo efeitos em outras práticas sociais e cognitivas. Entretanto, esse modelo, levando a crer que tais práticas são neutras e universais, na verdade, mascara e silencia as questões culturais e ideológicas que a elas são subjacentes.

São práticas e modos de letramentos de idosos excluídos, em suas práticas de saberes constituídos, a partir de preconceitos vividos, por práticas de letramentos não prestigiadas socialmente e conseqüentemente não valorizadas. Letramentos aprendidos, em rodas de conversas, nas reuniões comunitárias para as definições das festas tradicionais e religiosas; das idas ao posto de saúde para saber como suas constituições físicas e mentais estavam indo, enquanto seus olhos transitavam pelos cartazes pregados nas paredes com algumas inscrições que eles tentam decifrar com o pouco letramento que tiveram; da celebração da esmola cantada, que suscitam neles as alegrias de poder pedir dinheiro para as festividades em um “peditório”, estabelecendo as múltiplas habilidades de saber pedir por meio da cantoria, exercitando suas heranças culturais; das poucas leituras “formatadas” aos poucos acessos à escola e dos inúmeros desafios para estar no mundo, na condição de mulheres e homens idosos, que não se cansam de lutar para terem seu lugar de fala reconhecido e conquistado.

4.1 Letramentos e suas marcas nas Memórias Idosas

Inúmeras foram, e ainda são, as tentativas para encontrar um único conceito que defina letramento, visto que há de ser considerado o *modus vivendi* de cada sujeito e suas práticas de letramentos em comunidades específicas. A princípio seria possível pressupor que o conjunto de práticas sociais que envolvem o texto escrito representaria o que entendemos por letramentos, mas estaria desconsiderando inúmeras possibilidades de outras práticas, em contextos diversificados e poucos valorizados como não reconhecidamente letramentos.

Letramento vai dizer respeito aos usos sociais da leitura e da escrita (KLEIMAN, 1996)¹⁷. Do ponto de vista da visão cognitiva, ele é co aprendido como uma habilidade, fazendo sobressair a dimensão individual nos processos de aprendizagem da língua escrita. Do ponto de vista interacional, ele é compreendido como uma prática social. Enquanto prática trata-se de

¹⁷ cf. Kleiman, 1996, “Os significados dos letramentos”.

um fenômeno social, coletivo. Não se confunde com a dimensão do ensino da língua, que figura como uma das práticas possíveis, mas não a única. Ainda considerando o ensino, na perspectiva social, o letramento também é entendido em sua dimensão sociocultural não individual, porque todas essas práticas, inclusive escolares, são socialmente concebidas e desenhadas.

Sendo assim, as reflexões aqui apresentadas sequenciam a importância das memórias narradas e de referenciais que discutem o conceito de letramento como uma prática social, na qual, entre as abordagens, aparece como um conjunto de práticas socialmente organizadas que vão fazer uso de sistemas simbólicos a serem produzidos e difundidos, bem como os desdobramentos que o letramento toma no rumo da história. Dessa forma, provavelmente compreenderemos que o conceito de letramento é muito mais amplo que a capacidade individual de ler e escrever um tipo particular de escrita, mas talvez a aplicação desse conhecimento, para propósitos específicos, em contextos específicos de uso, como é apresentado neste estudo sobre memórias e letramentos de idosos.

Os Novos Estudos do Letramento (NEL)¹⁸ trazem consigo a reflexão sobre as relações entre oralidade e escrita, desmobilizando a visão tradicional, que atribuiu à escrita valores predominantes sobre a oralidade, desprestigiando a constituição histórica e real do significado da oralidade para a formação e reconhecimento do sujeito em sociedade. Estes estudos representam uma nova visão da natureza do letramento que escolhe deslocar o foco dado à aquisição de habilidades para se concentrar no sentido de pensar o letramento como uma prática social. Isso implica o reconhecimento de múltiplos letramentos, variando no tempo e no espaço, e as relações de poder que configuram tais práticas.

Nessa linha de pensamento, a proposta é reconhecer que muitas lacunas foram registradas durante o período de acesso à leitura, à escrita, à escola, quando os ensinamentos não consideraram os aprendizados usados fora da escola. Quer dizer, a noção de letramento como decodificação e codificação, sem levar em conta os seus contextos de usos, inibiu a compreensão da complexa natureza da leitura e da escrita.

A oralidade e a escrita são vistas a partir de uma perspectiva dicotômica, em que se estabelece uma série de mitos sobre a escrita e a oralidade, não apenas quanto às suas características como também do ponto de vista de seus efeitos sociais e culturais. Marcuschi

¹⁸ O termo “Novos Estudos do Letramento (NEL)”, reporta-se a todos os usos sociais da escrita; dito de outra forma, ao conjunto de práticas sociais mediadas pela escrita, direta ou indiretamente. Sobre sua relação com o conceito de alfabetização, relembramos que, por um lado, tradicionalmente, no Brasil, a alfabetização concerne a um primeiro movimento rumo ao reconhecimento dos princípios do sistema alfabético do Português Brasileiro o que é alcançado mediante ensino sistemático. Cabe acentuar, neste contexto, que a escolha por ‘letramento’ ao invés de ‘alfabetização’ não é arbitrária e não ocorre sem efeitos.

(2001, p. 27-28), Koch (2000, p. 68) e Rojo (2006, p. 20-26) esquematizam as diferenças e mitos decorrentes dessa visão. As diferenças entre fala e escrita apontadas por autores partidários da perspectiva da dicotomia são na fala: contextualizada; dependente do contexto; implícita; redundante; não planejada; imprecisa; não normatizada; fragmentária; pouco elaborada; predominância de frases curtas, simples ou coordenadas; pouco uso de passivas, entre outras. Já na escrita são: descontextualizada; autônoma em relação ao contexto; explícita; condensada; planejada; precisa; normatizada; completa; predominância de frases complexas, com subordinação abundante; emprego frequente de passivas, entre outras.

As diferenças socioculturais entre letramento e oralidade apontadas por autores Marcuschi (2001, p. 27-28), Koch (2000, p. 68), Rojo (2006, p. 20-26), que assumem a perspectiva da dicotomia são em cultura oral ou formas orais de funcionamento social: pensamento concreto; raciocínio prático; atividade artesanal; cultivo da tradição; ritualização; esquemas práticos; saber fazer; competências culturais difusas e impossibilidades de parcela da população ter acesso aos mecanismos de êxito social. Elementos presentes, nas práticas culturais identitárias das idosas de São Francisco do Conde, que utilizam de seus conhecimentos ancestrais para desenvolver, através de um projeto suas habilidades, em construir artesanalmente doces de banana enrolados na palha de bananeira, além de acessórios para o corpo com as folhagens e filhas da bananeira. São letramentos revividos por meio da oralidade e celebrados em cantorias à medida que desenvolvem suas atividades manuais.

A cultura letrada ou formas letradas de funcionamento social se caracterizam pelo: pensamento abstrato; raciocínio lógico; atividade tecnológica; inovação constante; analiticidade; conjunto de saberes objetivados – coerentes e sistematizados; poder de mando e de dizer. Elementos distantes da realidade de nossos atores sociais, que até lidam com essas tecnologias e inovações, mas que seguem fluxos inerentes a sua formação identitária, pautada na oralidade e nos saberes e eventos de letramentos por eles constituídos.

A superação da dicotomia entre a oralidade e a escrita buscará superar os pressupostos assumidos na perspectiva da dicotomia, através de vários estudos que, correntemente, se preocupam em examinar as relações oralidade versus escrita, como nos mostram os trabalhos de Rojo (2006, 1995, 2001a, 2001b, 2000,1991), Rojo e Schneuwly (2006), Fávero, Andrade e Aquino (2000), Marcuschi (2000, 2001), Koch (1997, 1993, 2000), dentre outros, não sendo necessário ir muito longe para perceber que, na sociedade contemporânea, ambas as modalidades da linguagem são imprescindíveis, em sentido amplo, como enfatiza Signorini (1994).

Neste sentido, a leitura será uma prática social que envolve os indivíduos, nos movimentos da oralidade e da escrita, em suas atividades cotidianas, através de diversas finalidades, ou como nos explica Silva (2015, p. 10): “Saímos da compreensão da leitura como um processo de oralização da escrita, nos primórdios, quando o homem inventou a escrita alfabética, e passamos a compreendê-la a partir de toda a subjetividade e historicidade que o envolve [...]”.

As modalidades oral e escrita de uso da língua são vistas como de função complementar nas práticas letradas de comunicação. A hipótese geral de uma função complementar do oral e do escrito, nas práticas de letramento, não se traduz apenas pela complementaridade de distribuição de formas de comunicação e tipos de atividade linguística, nos termos propostos por Kato (1993, p. 32-34), mas também pela sobreposição e imbricamento dessas duas modalidades em uma mesma atividade de comunicação social, o que invalida a apreensão dicotômica tradicional entre oralidade e escrita.

Vê-se, desse modo, que as vertentes atuais defendem o abandono das diferenças entre textos orais e escritos apontadas pelos estudiosos partidários da dicotomia estrita. A partir de estudos interculturais, cujos resultados são analisados à luz da perspectiva sócio-histórica, as diferenças socioculturais entre letramento e oralidade, como tradicionalmente assumidas na teoria da grande divisão, são igualmente questionadas.

No entanto, ainda percorri por um modelo ideológico e perspectiva sociocultural de letramento que, conforme Street (2003, 2001, 1995, 1984), oferece uma visão culturalmente sensível das práticas de letramento, uma vez que considera que essas práticas sociais variam de um contexto para outro e se transformam ao longo de momentos históricos determinados. Essencialmente, o *modelo ideológico*, partindo de diferentes premissas que norteiam o *modelo autônomo* de letramento, defende que o letramento é uma prática social e não simplesmente uma habilidade técnica e neutra; os modos como os indivíduos abordam a escrita têm raízes em suas próprias concepções de aprendizagem, identidade e existência pessoal; todas as práticas de letramento(s) são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder em uma sociedade.

A mudança de visão operada pelo *modelo ideológico*, na verdade, perspectiva sociocultural de letramento, tem norteado vários estudos, como é o caso, por exemplo, dos trabalhos de Scribner e Cole (1981); Street (1984) e Heath (1986). Ainda que partindo de diferentes tradições de pesquisa, tais estudos englobam vários aspectos em comum, posto que todos eles investigam detalhadamente grupos específicos dentro de sociedades particulares, examinando o *como* a leitura e a escrita são usadas nessas práticas situadas de letramento. Ou

seja, geralmente, os pesquisadores partem da observação da vida diária das pessoas de determinadas comunidades, focalizando as práticas de leitura e escrita privilegiadas pelos moradores locais, como é o caso de nossa Tese *Memórias e letramentos de idosos: a leitura e a escrita como processo formador identitário*.

Em resumo, esses modos de pesquisas realizadas no campo dos Novos Estudos do Letramento impõem a necessidade de pensar o letramento como uma *prática sociocultural* (BARTON, 1994; BLOOME, 1987; CASTANHEIRA, 2002; HEATH, 1986; KLEIMAN, 1995, 2001; MACEDO, 2005; MARCUSCHI, 2001; ROJO, 2006, 2001b, 2000, dentre outros). Embutida nessa ideia está não apenas o reconhecimento da natureza social do letramento, mas, além disso, o caráter múltiplo de suas práticas. Para descrever a especificidade de letramentos em contextos e tempos específicos, os conceitos de *eventos de letramento* e de *práticas de letramento* são de extrema funcionalidade, pois permitem fundamentar, sobretudo, a distinção entre um *modelo autônomo de letramento* em contraposição a um *modelo ideológico de letramento*.

Heath (1986, p. 93) postula que: "[...] um evento de letramento é qualquer situação em que um portador qualquer de escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação [...]". A noção de evento de letramento torna-se importante, pois mostra que o letramento tem um papel significativo, em várias atividades dentro da sociedade, seja em uma interação face-a-face, em que as pessoas interagem oralmente com a mediação da leitura ou da escrita, como idosos desta pesquisa que, reunidos em um terreiro de candomblé, discutiam determinações de como seriam as festas do Lindroamor e Reisado, ou quando se buscava outra mulher idosa, que não estando ali, seria capaz de informar como essas manifestações culturais eram organizadas. Isso implica, em síntese, que, para compreender o letramento, é importante examinar eventos particulares em que a leitura e a escrita são usadas.

Em outras palavras, o letramento está presente nas atividades diárias das pessoas, tratando-se de um fenômeno que não se restringe à escola, mas que é exercitado em diferentes locais e de diferentes maneiras pela sociedade. Nessa linha de pensamento, é possível perceber que o *como* as pessoas usam os escritos está estreitamente relacionado a detalhes específicos da situação em que são usados e que os eventos de letramento são particulares de uma comunidade específica, em um ponto singular da história. O que esse estudo indica, portanto, é que comunidades específicas perpetuam modos particulares de abordar e valorizar os textos, desenvolvendo, portanto, suas próprias e peculiares práticas de letramentos.

Ao analisar os eventos e práticas de letramentos a partir das situações apresentadas, nas histórias narradas, examinei as diversas formas de participação dos idosos nos contextos apresentados nas histórias de vida. A partir das cenas em evidências sobre usos de leitura e de escrita, percebi os significados construídos, as provocações e impactos percebidos por eles.

O ato de mariscar, representação identitária da Sra. Angélica, enquanto seu esposo saía para pescar, rememora um evento de letramento que traduzia a leitura sobre esse processo, onde ela falava da “pouca leitura e da pouca escrita” para buscar um futuro melhor, restando apenas aquele serviço que ajudaria no sustento da casa.

Os esforços da Sra. Cremilda, que após os serviços pesados nas “cozinhas dos brancos”, seguia para a escola com seu caderninho, lápis e borracha dentro de um saquinho plástico. Era uma distância longa, mas recriada por ela, porque aproveitava para viver um pouco de sua infância, brincando com as folhas, plantas e frutos, encontrados pelo meio do caminho. Seu caminho até o espaço de aprendizagem a levava a construir memórias que hoje são lembradas. Ela não desistiu do seu acesso à leitura e à escrita, porque acreditava ser esse um caminho para se livrar das condições de “humilhação e exploração”. Cresceu, formou família e, na primeira oportunidade, voltou a um dos espaços de letramento. Queria ser técnica em enfermagem. Perseguiu esse sonho até a 2ª série, mas com o nascimento de sua neta, abandonada pela mãe, viu-se obrigada a deixar os estudos e se dedicar aos cuidados da neta.

As experiências da Sra. Cremilda são parte de uma concepção ainda escolarizada de letramento, leitura e escrita. De quem estava atrelada a um único modelo de letramento, mesmo tendo consciência de outros saberes e aprendizados.

As práticas de letramentos da Sra. Euzébia foram seguidas, após suas atividades domésticas, quando suas obrigações terminavam. Não diferente das demais idosas, mas singular em sua particularidade, ela persistiu durante muito tempo nos estudos do antigo MOBREAL. Com pouca leitura e escrita, a Sra. Euzébia diz que não estudou muito, mas o pouco que aprendeu, passou e passaria para todos os seus filhos, orgulhando-se dos encaminhamentos que deu a todos os seus filhos, hoje formados e profissionais dignos em suas áreas. Uma realização pessoal e felicidades que se viam em seu sorriso farto, ao falar do assunto.

São muitas vozes presentes, nas narrativas, que perpassam o letramento social, cultural e ideológico, pois nas histórias relatadas, os colaboradores atribuem valores e significados à escrita e à leitura como práticas sócias discursivas. Assim, os discursos produzidos estão correlacionados às categorias sociais, econômicas, políticas e culturais.

A linguagem não é um simples veículo de informação, mas um meio de resgate do homem como um ser social, histórico e cultural. De acordo com uma perspectiva que a toma

como atividade social e histórica, o sujeito é o autor das transformações sociais. Como atividade intersubjetiva e intrassubjetiva, ela promove a (re)organização contínua da história de cada sujeito, tornando-o autor da vida singular, que está em constituição permanente, a partir da constante relação que estabelece com a palavra do outro.

As práticas de letramento e os modos culturais devem ser destacados e compreendidos aqui por meio de várias abordagens, pois necessito identificar a quais modos culturais e práticas de letramentos estou me referindo nesta pesquisa, visto que é grande a extensão territorial de São Francisco do Conde, sua história e elementos socioculturais que se particularizam por suas manifestações culturais e tradicionais até hoje lembradas e particularmente singulares.

O conhecimento da cultura que se pratica neste município, não somente facilitou minha pesquisa, como me aproximou de realidades e trajetórias sobre histórias de vida, que ofereceram a experiência de reviver elementos culturais que demarcam o *modus vivendi* da comunidade. São práticas culturais que acontecem até hoje, passados séculos, mas vivas na compreensão e agrado de quem as recorda em suas narrativas como dos mais jovens que se dispõem a seguir dando vida e ressignificando essas heranças culturais.

A princípio, entendo cultura pelo conjunto de tradições, de estilo de vida, de formas de pensar, sentir e atuar de um povo. No entanto, estou de acordo com Geertz (1989), quando explica que o conceito de cultura é semiótico, como tal, não é um poder, alguma coisa que pode ser atribuída casualmente aos fatos sociais, aos comportamentos, às instituições ou aos processos, cultura é contexto, onde esses fatos, comportamentos, instituições, etc., podem ser descritos de forma inteligível, com densidade (GEERTZ, 1989, p. 20).

Considerar cultura como contexto, implica em ampliar nosso entendimento sobre contexto, não, simplesmente um local, mas sendo um conjunto das condições, características, circunstâncias de uma cena, aquilo que é parte integrante do fato, do evento, significa estudar também o que entendemos por cultura, visto que cultura é a forma como o homem significa o seu mundo, a partir da teia de signos e símbolos, que ele criou e teceu ao longo de sua história (WEBER, 1921; GEERTZ, 1989; ERICKSON, 1987).

Na abordagem dialética da análise, de um contexto deve-se evitar o estudo de um fragmento da fala isolado, destacado do que esta significa para a pessoa que falou e para as outras pessoas dentro do contexto. Devemos observar em detalhe a ação verbal e não verbal na cena em que ocorre a interação e o evento de fala. A preocupação é com a totalidade. Como a totalidade influencia as partes desta totalidade em si mesma e em cada outra parte do todo.

Interação é movimento, porque existe uma nova atividade acontecendo a cada momento, existe um novo momento da história ocorrendo a cada movimento social cotidiano. O contexto existe e isso é importante de ser determinado, mas é importante ainda saber a recorrência deste contexto em relação ao objeto de estudo. Saber quando um contexto aparecerá novamente, seu padrão de recorrência, é parte fundamental da aprendizagem da análise sociocultural.

A questão que envolve a identificação de um contexto já foi explorada, em alguns estudos interpretativos, e envolve um tipo característico de problema apresentado em pesquisas etnográficas - como uma pessoa pode usar apropriadamente uma forma de interação social que se torna imprópria em outro contexto. Esta impossibilidade de contextualizar um dado de pesquisa dificulta para o pesquisador entender o significado da interação para o seu estudo.

Estou me reportando ao entendimento das práticas de letramento, leitura e escrita de uma cena interativa, como a interação muda de momento para momento, de contexto para contexto, sendo vista como um sistema flutuante; não fixo, portanto, difícil de ressignificar. No entanto, os conceitos anteriormente aqui discutidos, ainda esbarram na localização dos conceitos de cultura, modos culturais e nas práticas de letramentos. Para melhor esclarecer, busco apresentar outros autores, a exemplo de Stuart Hall (1997), que ao questionar-se sobre a cultura, além de destacar o seu grau de importância na interpretação da realidade e dos comportamentos, reconhece a enorme expansão de tudo que a ela está associada, desde a segunda metade do século XX, assim como o seu papel constitutivo em todos os aspectos da vida social, na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social.

Conforme Hall (1997, p. 16),

[...] a ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros [...].

A cultura, ressaltada por Stuart Hall têm uma dimensão epistemológica, que vem sendo denominada “virada cultural”, no sentido substantivo, empírico e material da palavra (HALL, 1997, p. 17), referindo-se a esse poder instituidor de que são dotados os discursos circulantes, no circuito da cultura, que transformam nossa compreensão, explicação e modelos teóricos acerca do mundo no qual vivemos. Desde o entendimento de que os discursos se constituem como redes de significações, Hall considera que os mesmos são tomados pelos sujeitos para se auto interpretar e acabam por produzi-los. A interpelação acontece quando o

sujeito se reconhece a partir dos discursos. Ele os toma como algo que lhe diz respeito, identifica-se e produz-se como um sujeito daquele modo, compreende e explica a si e ao mundo a partir daquele regime de verdade.

Para Hall (1997) é justamente na esfera cultural que se dá a luta pela significação, portanto, os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado e fixado e, as lutas pelo poder passam cada vez mais a serem extremamente simbólicas. A cultura, portanto, na perspectiva de Hall, é um dos elementos mais dinâmicos e mais imprevisíveis da mudança histórica do novo milênio. Em suas palavras “[...] não devemos nos surpreender, então, que as lutas pelo poder deixem de ter uma forma simplesmente física e compulsiva para serem cada vez mais simbólicas e discursivas, e que o poder em si assuma, progressivamente, a forma de uma política cultural [...]” (HALL, 1997, p. 20).

Na avaliação do autor, não será algo novo a luta pelo poder em detrimento da cultura, assumindo assim uma política cultural progressista que tem se apresentado com uma importância sem precedentes no que diz respeito à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, sendo constitutiva em toda análise social.

A origem das reflexões de Hall sobre o funcionamento da linguagem como processo de significação encontra-se em sua concepção de cultura como um conjunto de significados partilhados. Se a linguagem atribui sentido, os significados só podem ser partilhados pelo acesso comum à linguagem, que funciona como sistema de representação. Desse modo, a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado. É através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Em parte, damos significados aos objetos, pessoas e eventos, através da estrutura de interpretação que trazemos. Em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas cotidianas.

Para Trujillo Sáez (2005, p. 35), cultura: “[...] es algo que se puede aprehender, que se hereda, que se puede observar y que marca la diferencia entre individuos y grupos, pues mediante esa “aprehensión” se entra a formar parte de una comunidad, aparentemente de forma excluyente y exclusiva.”¹⁹

Sendo assim, todas as pessoas possuem uma cultura, a qual faz parte de sua identidade individual, mesmo que representada e partilhada em grupo em sua singularidade.

¹⁹ “[...] é algo que se pode apreender, que se herda, que se pode observar e que marca a diferença entre indivíduos e grupos, pois mediante essa apreensão passa a fazer parte de uma comunidade, aparentemente de forma excludente e exclusiva [...]” (SÁEZ, 2005, p. 35, tradução nossa).

Constatamos que a partir dela podemos identificar o grupo ou grupos que integramos, marcante de nossos costumes, pois são heranças da sociedade, a qual fazemos parte, ao mesmo tempo que nos caracteriza como ser particular. O que ressaltamos na composição da sociedade por pessoas com a mesma cultura ou diferente, e que mesmo nas distintas pode haver relação de semelhança. Ela perpassa a economia, a política e a religião, envolvendo, sobretudo as relações. “Portanto, as diferenças culturais que nos distinguem de outros povos não é nada de extraordinário.” (PARAQUETT, 2010, p. 143). Uma vez que isso é natural dos seres.

E para ratificar esse compromisso de aprendizagem com grupos sociais tão diferentes e tão próximos, Paraquett, (2010, p. 4), salienta:

Aprender culturas significa aprender normas, valores, costumbres, lo que se realiza, únicamente, en el contacto con el otro, porque, aislado, nadie puede aprender lo que se construye socialmente. De ahí que solamente formemos (o construyamos) nuestras identidades en el diálogo con otras personas y otras culturas.²⁰

Este é um convite que a cada instante pude experimentar em nossa pesquisa, ao lado de idosas(os), misturados a outras gerações que formam a sociedade de São Francisco do Conde, revelando as múltiplas formações de identidade, através de costumes, valores e regras particulares que eram desafiadas a cada instante, visto que os processos de formação identitária se davam não somente na aprendizagem individual, mas na coletividade, porque aprendemos e construímos uns com os outros, através de aspectos que marcam e demarcam nossa cultura e identidade.

Em um determinado momento dos escritos sobre o “Resgate de uma cultura”, em São Francisco do Conde – Bahia, o escritor franciscano, José Jorge do Espírito Santo, descreve sobre a memória cultural, revelando suas belezas e saudades:

A beleza dos Ternos de Reis, do Lindro – Amor, Queima da palhinha, do Bumba meu boi e da Mazorra, o deslizar no mar de uma canoa à vela, a cadência do samba da Pitangueira, a vibração da chegada dos Mouros, o swing da Marujada e o gingado do mestre Juvêncio com seu traquejo na roda de capoeira, difundindo em seu trabalho as modalidades angola, regional e São Bento Grande. Saudades das antigas cabeçorras que outrora saíam nas ruas nos carnavais de nossa cidade. (ESPÍRITO SANTO, 1998, p. 33).

Estas manifestações de sentimentos revelam práticas de letramentos em contexto social de proximidade entre gerações e esboça o valor da cultura vivida pelos cidadãos franciscanos, que sinalizam compreender cultura como integração, colaboração, alegria de viver e celebrar a cultura e o letramento em contexto, a partir de eventos de letramento como

²⁰ Aprender culturas significa aprender normas, valores e costumes, aquilo que se realiza, unicamente, no contato como outro, porque, isolado, ninguém pode aprender aquilo que se constrói socialmente. Daí que somente formemos ou construamos nossas identidades no diálogo com outras pessoas e outras culturas. - Tradução nossa.

modos culturais gerais e percebidos nas manifestações culturais descritas e pelos sentimentos que o povo franciscano tem ao desenvolverem suas atividades particulares e coletivas, quando a proposta é sentir-se parte dos eventos de letramento propostos pelo *Samba da Pitangueira*, da *Moeda Cantada*, dos *Meninos de Lama* e das inúmeras apresentações históricas culturais que rememoram suas tradições, fazendo-os refletir, interpretar e dar sentido aos usos da leitura circunscrita naqueles momentos especiais.

Como define Barton (1993, p. 35, grifo nosso), “[...] *práticas de letramento* são os modos culturais gerais de usar a leitura e a escrita que as pessoas produzem em um *evento de letramento* [...]”. Desse modo, enquanto os eventos de letramento designam as atividades particulares em que a leitura e a escrita têm um papel integral, as práticas de letramento designam tanto os comportamentos exercidos pelos participantes em um *evento de letramento* quanto as concepções sociais e culturais que o configuram, determinam sua interpretação e dão sentido aos usos da leitura e/ou da escrita naquela situação particular (BARTON, 1994, 1993; STREET, 2001).

Um evento de letramento é facilmente identificável em sala de aula ou mesmo em espaços de apresentações e manifestações populares na cidade de São Francisco do Conde. Quando os estudantes ou idosos escrevem, leem ou sambam ao som de pandeiros e palmas, eles estão engajados em um conjunto de *eventos de letramento*. Esses eventos são geralmente regulares e relacionados a *práticas sociais de leitura e escrita*. Um idoso ou um jovem observará as instruções de como participar daquela determinada manifestação cultural – evento de letramento como parte integrante da prática que se seguirá da aplicação desta manifestação que se executa naquele espaço – prática de letramento.

Vale destacar que a distinção entre *eventos* e *práticas* de letramento é exclusivamente metodológica, já que são conceitos interligados - duas faces de uma só realidade. Segundo Street (2001, p. 11) “[...] o conceito de evento de letramento dissociado do conceito de prática de letramento não ultrapassa o nível da descrição [...]”. Isso quer dizer que o conceito de evento de letramento, considerado de forma isolada, embora tenha a vantagem de orientar o pesquisador ou estudioso para a observação de situações que envolvem a língua escrita e para a identificação das características dessas situações, não permite revelar como são construídos, em determinado evento de letramento, os sentidos e os significados, produtos não só da situação e de suas características específicas, mas também das convenções e concepções de natureza cultural e social que as ultrapassam. Em uma palavra, é o uso do conceito de práticas de letramento como instrumento de análise que permite a interpretação do evento de letramento, para além de sua simples descrição.

Pelas razões expostas, os conceitos de eventos e práticas de letramentos sustentam distinções importantes, entre um letramento escolar em oposição a um letramento não escolar, dicotomias que me interessou nesta pesquisa. Todavia, a constatação de diferenças entre ambas as práticas mencionadas tem suscitado o interesse de estudiosos no sentido de encontrar respostas que possam melhor explicitar a correlação, quase sempre, positiva entre níveis de escolarização, ou graus de instrução, e níveis de letramentos - avaliados com base nas práticas sociais de uso da escrita.

Portanto, as práticas de letramentos e os modos culturais que envolveram os idosos desta pesquisa, transitaram entre a descontinuidade da leitura e escrita escolar pela continuidade de suas práticas sociais de letramento, experienciadas a cada momento que suas reuniões aconteciam na Associação de Moradores, nos salões da Igreja e no Terreiro de Candomblé, onde as articulações entre o saber aprender e saber fazer, foram ajustados para que seu evento de letramento estivesse garantido e assim cumprir sua missão de representar culturalmente sua aprendizagem letrada.

Outro importante aspecto será abordado a partir do pensamento que trata o letramento como um *conjunto de práticas sociais* formalmente ligadas, ao uso da escrita, inegavelmente, que significa entender também que esse fenômeno detém uma história rica e multifacetada, não linear e cheia de contradições, que, nos termos de Graff (1986, 1991), envolvem importantes aspectos ainda a serem reconhecidos e esclarecidos para a sua melhor compreensão.

Dentre tais aspectos, as relações entre *escolarização* e *letramento* merecem destaque. Isso porque, o vínculo entre escolarização - estando aí embutida a noção de alfabetização, ou seja, a aquisição e domínio da tecnologia da escrita e letramento parecem óbvios para o senso comum, já que se entende que é na escola que se ensina e se aprende a ler e a escrever. Entretanto, para além do senso comum, crescentes evidências têm apontado que *letramento* e *escolarização* representam dois fenômenos distintos, cujas relações se ocultam sob considerável imprecisão, complexidade e obscuridade.

Os atributos referidos a ambos os fenômenos resultam, por certo, na dificuldade de estabelecer confronto ou comparação entre as medidas de letramento versus escolarização. Ao mesmo tempo, entretanto, essas relações entre tais fenômenos parecem conduzir a um paradoxo.

A descrição dos NEL fornece uma via fértil para abordar esse paradoxo, a partir do reconhecimento de aspectos tais como: a) o caráter múltiplo das práticas e eventos de letramentos (STREET, 2001, 1995), ou seja, pensar em letramentos escolares e letramentos não

escolares, no plural; b) a visão de letramentos como situados (BARTON; HAMILTON; IVANIC, 1993), logo específicos, embora sempre imersos em processos sociais mais amplos; c) o repertório individual necessário à participação em eventos e práticas de letramento é resultado, sobretudo, das experiências socioculturais que envolvem a escrita que é própria do desenvolvimento formal dessas capacidades.

Portanto, claro parece estar que podemos conceber o letramento *como um conjunto de práticas de comunicação social relacionadas ao uso da escrita* (SIGNORINI, 2001), bastando reconhecer que existem diferentes tecnologias de escrita para concluirmos que existem múltiplos letramentos, derivando daí, a incontestável noção do letramento como um fenômeno intrincado, com vias de abordagem tão plurais. Assumir que quando lemos e escrevemos, estamos fazendo isso, em um contexto específico, visando a atingir propósitos determinados implica entender, do mesmo modo, que o letramento é um fenômeno situado e irremediavelmente inseparável das práticas sociais que lhe dão origem, cujos modos de funcionamento moldam as formas pelas quais os sujeitos que nelas se engajam, constroem relações de identidade e de poder (KLEIMAN, 1985).

Defendendo uma visão sociocultural dos usos da escrita, instiga uma reflexão sobre os significados do letramento, bem como de suas consequências para indivíduos e comunidades. As pesquisas desenvolvidas nesse âmbito de estudos, focalizando as práticas e os eventos de letramentos, têm conseguido iluminar aspectos sobre o que as pessoas fazem com o letramento. Sob esse ponto de vista, a constituição de diferentes tipos de letramentos está intrinsecamente ligada à inserção do indivíduo em determinadas esferas da atividade humana, ou seja, família, escola, trabalho, igreja etc., nas quais circulam uma infinidade de textos/gêneros escritos. Em decorrência, o que constitui um repertório individual, capacidades letradas já apropriadas, dentro das comunidades, dependendo das oportunidades a que o sujeito tem acesso, assim como do proveito que delas ele consegue tirar, para participar ativamente em experiências sociais e culturais de uso da escrita, tão presentes no mundo contemporâneo.

4.2 Histórias das gerações e mulheres em narrativas

O recorte etário privilegiado neste estudo se fez a partir do entendimento de que a trajetória do idoso varia grandemente, tanto na história, quanto no espaço, nas diversas sociedades e grupos de que participam, a depender de uma diversidade de fatores e configurações sociais, tendo como pressuposto que nas comunidades, inclusive quilombola (Monte Recôncavo), as memórias dos idosos têm sua importância para a conservação das

tradições e para as tomadas de decisões do grupo. Sendo assim, qualquer reflexão sobre a vida social dos idosos será sempre a das relações históricas entre as gerações, situadas em contextos sociais (MOTTA, 1998, p. 1).

É neste aspecto que, por meio dos relatos das pessoas idosas, podemos perceber que as ações que as gerações passadas realizaram sobre o espaço permitem que haja uma continuação através das gerações que seguem. Geração entendida em termos de idade (grupos e categorias de idade), jovem e idosa (MOTTA, 2010).

As memórias compartilhadas permitem que haja uma articulação com outras dimensões da vida social, especialmente, entre geração e gênero, classe e raça. Como afirma Motta (1999, p. 201):

A perspectiva das relações de gênero também lembra/demonstra outras dimensões analíticas fundamentais na sociedade. Além de não ser necessariamente alternativa, mas coextensiva à de relações de classe, também exemplifica ou enseja enfoques em outras categorias ou determinações sociais, como idade e raça, que têm diferentes dinamismos.

O termo idoso²¹ foi aqui trabalhado como uma das categorias sociais criadas para caracterizar indivíduos com 60 anos de idade ou mais. Por ainda não haver um consenso entre as diversas teorias sobre a definição de quando o indivíduo pode ser considerado idoso, convencionou-se a utilizar o critério cronológico que é demarcado pela Previdência Social para a aposentadoria, “[...] a primeira forma de política pública ou de direitos socialmente abrangentes, destinada à população idosa ao longo da história do capitalismo [...]” (ARIÉS, 1983 *apud* PERES, 2007, p. 10).

Pensar na pessoa idosa é redescobrir um universo de possibilidades que vão desde sua construção identitária ao resgate de suas memórias, através de suas narrativas. Neste processo há um mapeamento de saberes e práticas cotidianas recorrendo principalmente à memória dos idosos. Ao contar sua trajetória de vida o idoso socializa o conhecimento daquilo que fora outrora vivido. As memórias guardadas por eles vão refletir suas vivências no lugar. As lembranças do trabalho ocupam um espaço de destaque nos diversos relatos, adquirem dimensões da própria sobrevivência e relacionam-se de forma direta com os espaços do trabalho e da habitação, refletindo suas identidades. Para Brito da Motta (2007, p. 211):

É no mundo do vivido que as identidades se constroem e se afirmam e é do passado que os velhos se nutrem. É de sua trajetória que se origina a própria ideia de um ‘eu’

²¹ A Organização Mundial da Saúde define e classifica como idosas pessoas com idade igual ou superior a 60 anos de idade (em países em desenvolvimento) ou 65 ou mais (em países desenvolvidos). Este mesmo critério é seguido pela Política Nacional do Idoso com a lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994 e o Estatuto do Idoso com a lei 10.741 de 1º de outubro de 2001.

individualizado, formulado através do desempenho de vários papéis sociais, sendo exatamente esses papéis que irão dimensionar essa identidade.

Bem fazem os idosos desta pesquisa, que juntos, em eventos de letramentos, constroem sua identidade, rememorando os dias em que suas histórias sobre seu lugar de nascimento, sua educação formal e informal, suas trajetórias até a chegada ao mundo do trabalho são contadas e vistas com nexos pertinentes a quem não somente formou sua identidade, mas que as partilharam, em diversos contextos sociais, socializando conhecimentos e aprendizados que comprovam sua identidade.

Como argumentam também Brandão e Mercadante (2009, p. 75):

Somos memória porque a identidade – Quem sou? – está vinculada às lembranças que cada um tem de si – seu nome, os dos seus ancestrais, do lugar de nascimento e outros espaços – territoriais e sociais - que ocupamos ao longo da vida – dimensão pessoal, que envolve fatos objetivos e subjetivos.

É importante lembrar que em cada período da vida há um papel social, definido por normas de comportamento, o qual é influenciado por diferentes implicações de valor.

Pensando a partir da história das gerações e seu desenvolvimento em sociedade, é recorrente observarmos o fenômeno etário, bem como o sexo/gênero como critérios considerados fundamentais para a organização e integração social, sobretudo na participação e divisão do trabalho. Esses espaços são propostos para o bem comum, que também descriminalizam, marginalizam e excluem baseados nos fatores idade e/ou sexo.

Desta forma a vida social apresenta-se marcada pelo etarismo e pela divisão de gênero masculino e feminino. Apenas o preconceito/discriminação contra a idade se apresenta de forma menos perceptível, mais sutil que o gênero feminino, porque é mais naturalizado pela evidência dos registros da passagem dos tempos nos corpos. E os corpos são de várias idades, em diferentes transformações e possibilidades, individuais e sociais.

São destas percepções que derivam as chamadas “idades da vida”, traduzidas hoje em infância, juventude, maturidade e velhice, atravessando o imaginário das populações nos últimos séculos, observadas em publicações que, depois, surgem nomeadas como “gerações”.

As gerações de mulheres mais idosas foram frequentemente silenciadas ou “abafadas” pela sociedade ou mesmo pela própria família, quando estas são desrespeitadas e invisibilizadas somente por serem mulheres idosas, que demandariam proteção e tranquilidade, por estarem mais suscetíveis aos maus-tratos, à negligência e a exploração financeira como vários casos passíveis de julgamentos.

Alguns estudos sobre as questões de gênero, suas relações e desigualdades existentes entre homens e mulheres na sociedade são muitos recentes, porém, tanto no Brasil,

como em outras partes do mundo, a mulher tem sido alvo de julgamentos cristalizados em papéis, que se estampam em estereótipos, as colocando em posição de desvantagem diante dos homens em sociedade. Esses aspectos serão referendados e descritos nos próximos parágrafos.

Em minha pesquisa, percebi que alguns estudiosos e pesquisadores tiveram interesse sobre a temática, destacando o trabalho feminino, a sexualidade, a violência, e já no final do século, enfatizaram a participação política da mulher. No Brasil isso veio ocorrer, sobretudo, com a Constituição de 1988, e posteriormente, com as leis eleitorais, que estabeleceram o regime de cotas, de 20% de vagas nos partidos para candidaturas de mulheres aos parlamentos, porém, os temas Geração e Terceira Idade, não obtiveram ainda, toda a atenção que merece, sendo pequena a produção científica que enfoca o binômio terceira idade e gênero.

Portanto, neste contexto, as mulheres idosas pesquisadas, ao contrário do que pude verificar, nas narrativas dos homens, demonstraram algumas condições impostas pela sociedade que ocorreram durante a vida, chegando à velhice. As mulheres que hoje estão na terceira idade tiveram a infância, a adolescência e a vida adulta baseada no modelo patriarcal, no qual, o trabalho fora do lar, o poder e a dominação masculina foram as principais representações que as colocaram na situação de subordinação ao poder masculino, restringindo-lhes sua atuação ao espaço doméstico. São mulheres idosas que, de um lado, percorreram os itinerários de vida, construindo processos de acesso aos letramentos, a sua formação identitária e realizações pessoais e profissionais, mas que ainda sonham, elaboram e planejam um futuro diferente.

Para além da autonomia financeira, a liberdade parece ser a chave de sua sobrevivência, pois a mulher idosa deseja ter um tempo maior e disponível para si própria, já que a redução de suas obrigações no cuidar dos filhos, que, por sua vez, cresceram e vão viver em suas casas de forma independente são favoráveis a ela. Essa independência daria às mulheres idosas mais segurança e flexibilidade para participarem de atividades de letramentos dentro de suas comunidades, onde aprendem e constroem conhecimentos sobre direitos e cidadania, evidenciadas em suas narrativas, conforme mostraremos mais adiante.

Debert (2004, p. 25) salienta que, em nossa sociedade, a velhice, mesmo quando não se associa à pobreza ou à invalidez, tende a ser vista como um período dramático, uma vez que implica a passagem (indesejada) de um “[...] mundo amplo e público para um mundo restrito e privado [...]”, constatando que se invertem os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de preocupações com a saúde e o “desprezo” de outras gerações por terem que cuidar e assistir.

O uso de termos, anteriormente citados e atribuídos ao mundo do idoso, corrobora para as mais variadas formas de como o velho ou a velha é concebido por determinada sociedade. Tratam-se, na verdade, de construções sociais, utilizadas para situar esta população dentro do contexto social. Normalmente, o surgimento de novos termos procura camuflar a estigmatização e o preconceito que a palavra “velho” traz em seu cerne, sendo muito comum o uso do eufemismo, para tentar “vender” o lado positivo do envelhecer.

Verifica-se, desta forma, que o velho ao ingressar no “mundo dos aposentados”, ao deixar de trabalhar, deixa de exercer atividades e funções que antes exercia e isso impacta negativamente tanto na forma como os outros lhe veem, bem como na forma que ele próprio se vê. Entretanto, Britto da Motta (2006, p. 76) afirma que:

A velhice é um fenômeno biossocial que não existe singularmente e nem de modo tão evidente quanto se costuma enunciar. Isto é, não existe a velhice, existem “velhices” o que também significa que não existe velho; existem velhos; “velhas e velhos, em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um determinado tempo do ciclo de vida”.

Ainda assim, os velhos marcam seus espaços e se apresentam com a propriedade de seus saberes adquiridos ao longo de sua jornada, reconhecendo que problemas de saúde e os sinais da velhice os impede de fazer muitas coisas, porém sua mente, disposição e inquietações, revelam desejos de poder contribuir com algo para a sociedade, porque seu pensar é forte e sua vitalidade renasce à medida que se ocupa de fazeres que não somente os beneficia, mas proporciona aos outros, prazer e bem-estar. São ocupações diárias que vão desde narrar histórias de antepassados a participações em projetos de resgate identitário culinário em sua cidade.

As velhas e velhos, aqui representados, chamados de “idosos” neste estudo, aparecerão nas memórias e letramentos de idosos, em contextos que vão “conceber o indivíduo ancorado na percepção de si mesmo como ser singular, dando visibilidade às ideias de trajetórias de vidas, ciclos de vidas, projeto de vida e percepção de uma memória individual importante para não homogeneizar um grupo tão heterogêneo” (BARROS 2004 *apud* NASCIMENTO; RABÊLO, 2008, p. 3). De acordo com Suzana Almeida Araújo *et al.* (2013, p. 67):

O processo de envelhecimento ganha contornos específicos conforme o tempo e o espaço em que se manifesta, ou seja, trata-se de um processo sócio histórico, datado e localizado. Assim, o envelhecer ganha uma significância própria na atualidade, vivenciado de forma singular por sujeitos e grupos sociais.

Assim, as narrativas das pessoas idosas de São Francisco do Conde refletem os diferentes vínculos em que estão inseridas, e trazem memórias de suas trajetórias referentes à

escola, sua frequência descontínua e de seus antepassados relacionados ao trabalho na maré, em roças, em fábricas e principalmente relacionada à ancestralidade negra. Nesta fase da vida em que muitos já estão aposentados, experienciam seu processo de envelhecimento de formas diversas, porém marcados por suas memórias sobre os processos de letramentos, pelos quais passaram e aqui se apresentam em narrativas.

Nestas narrativas, as mulheres idosas negras remontam um passado de muitas invisibilidades e descontentamentos com as palavras escutadas e vividas que agora ecoam em suas memórias. Mulheres negras, lavadeiras, benzedeadas, empregadas domésticas que desde a infância lutam para conquistar seus espaços de fala por meio de saberes populares, em espaços de letramentos e de seus aprendizados de herança ancestral. É a marcação de um feminismo negro que se impõe ao longo de suas histórias.

Muitas destas idosas reúnem até hoje, ao redor de si, boa parte da população de São Francisco do Conte, pois elas representam a “cura” para seus problemas pessoais e espirituais. São mulheres que transmitem fé, esperança e compaixão à medida que com o uso de algumas folhas colhidas, ali na mata próxima de casa, pronunciam poucas palavras, enquanto as passa pelo corpo, da cabeça aos pés, de quem ali esteve em busca de algo que a benzedeadora poderia lhe oferecer. Uma visão encantadora dentro de um fenômeno todo especial para quem observa e a certeza de cura para quem está no processo. São verdadeiros exemplos de eventos de letramentos.

Djamila Ribeiro, em *Quem tem medo do feminismo negro* (2018), resgata uma de suas memórias na relação com sua avó, D. Antônia, escrevendo:

No dia em que atendia, uma fila se formava quarteirão afora e a gente precisava brincar na rua para não atrapalhar. Eu costumava ficar ouvindo embaixo da janela e saía correndo quando ela percebia. Até hoje guardo a memória olfativa da casa dela, um misto de boldo, incenso de arruda, o feijão que só ela sabia fazer e o doce de abóbora com coco. Quando eu sentia dor de barriga, ela pegava uma erva do quintal e fazia um chá. Ela me benzina e depois entregava a bebida. Se demorasse a passar, ficava apertando minha barriga enquanto murmurava algo inaudível. (RIBEIRO, 2018, p. 7).

Relações semelhantes foram possíveis perceber entre as mulheres idosas desta pesquisa, pois algumas delas não somente apresentavam a sabedoria do universo da cura, através das folhas, mas sempre tinham um carinho, conselho ou pensamento a ser dado para diminuir nossos sofrimentos ou lamentações. Trançar os cabelos de suas netas e limpar as feridas, após as travessuras de criança, eram formas de amor e cuidados oferecidos por essas senhoras. Toda confiança depositada, em senhoras negras, que detêm o saber e o

empoderamento negro diante de uma sociedade que sempre insistiu em ignorá-las e colocá-las em um não lugar.

Mulheres negras, pobres e desacreditadas diante de uma sociedade branca e patriarcal são reflexões e narrativas que se juntam aos escritos de Lélia Gonzalez, citada por Djamila Ribeiro (2018, p. 16), criticando a ciência moderna classificatória, hierarquizadora de saberes pertencentes apenas aos brancos, descartando a possibilidade de mulheres negras estarem em igualdade de condições diante desta teoria de supremacia eurocêntrica. Sua denúncia vai além destas considerações iniciais. Elas refletem estereótipos que identificavam as mulheres negras, no espaço público em geral e no entretenimento e lazer, em particular no âmbito carnavalesco como mulatas e “quentes” do ponto de vista de sua sexualidade. No entanto, Gonzalez (2018, p. 16) conta que “[...] percebia que havia outra leitura do corpo negro feminino, combinada a essa: a imagem da doméstica, assentada na mucama, a escravizada que trabalha no serviço da casa [...]”.

Com base nestas perspectivas feministas negras, Lélia nos oferece a compreensão de imagens de mulheres negras idosas, empregadas domésticas, que estiveram boa parte de sua infância dentro das cozinhas dos brancos, escravizadas muitas vezes por um prato de comida ou algumas poucas moedas, não vivendo sua infância e distante de construir e reconhecer seu lugar de fala.

Neste sentido, Djamila (2018, p. 16) cita, entre muitas memórias, a de sua mãe, empregada doméstica, obrigada a aceitar um lugar de não escolha, pois “[...] afinal, que escolha tinha uma mulher do interior de São Paulo que fora forçada àquele trabalho desde os nove anos?”.

As narrativas de nossas idosas são semelhantes às vivenciadas pela mãe de Djamila, visto que diante dos desprestígios impostos pela sociedade de sua época, foram obrigadas a trabalhar nas cozinhas dos brancos. Assim, uma das participantes da pesquisa relata:

Eu tinha uma madrinha que era uma coisa que eu sempre dizia, quando era menina, se algum tempo eu me casasse, eu não dava um filho meu a ninguém que tivesse mais um poder para ser madrinha, porque minha madrinha me explorava. Eu com sete anos me lembro! Ela fazia manteiga, fazia requeijão, colocava aquelas vasilhas que colocava tudo de molho, aquelas panelas, então ela me botava para lavar aquelas panelas e naquela época não tinha Bombril, tinha mesmo o sabão de massa e ela me coloca para lavar aquelas panelas. Aí, naquelas panelas, era uma folha que se chamava caiçara que a gente lavava, passava bem para tirar o carvão para depois, então, passar areia com a bucha para a panela ficar limpinha. Então, na época, era muito menina ainda, tinha sete anos, minha vó me botava para lá porque eu era criada com minha vó e minha madrinha era muito... ela dizia que seu trabalho hoje vai ser o dia todo. Você vai lavar as panelas. Eu ficava e botava aquelas panelas no chão com aquele baldinho, vasilha com água e ariava e quando eu terminava, estava suja de carvão da cabeça aos pés. Aí ela ia corrigir. Se tivesse um pouquinho assim

(demonstra com os dedos) de nada na panela do carvão, ela me botava para lavar tudo de novo, mas me ensinou muita coisa, ótimo. (Sabrina)

Estas denúncias trazem consigo muitas memórias de um passado roubado, cheio de posicionamentos escravizantes por pessoas que se diziam “parentes”. Mas a experiência relatada apresenta uma criança sendo forçada a cumprir tarefas domésticas, como forma disfarçada de aprendizagem e punição velada ao não cumprir corretamente com suas obrigações. O medo de ser punida; o desejo de logo acabar para se ocupar do que verdadeiramente sua idade desejava (brincar); a tensão que se instalava entre o adulto e a criança, entre muitos outros receios que foram vividos nestas relações. No entanto, ainda assim, ela diz ter aprendido muito com toda essa situação, e que sua madrinha lhe ensinou muita coisa boa, que ela mesma achou ótimo! Talvez uma aceitação carregada pelo silenciamento e invisibilidade vivida por tanto tempo.

Para sair do anonimato, ganhar visibilidade e não repetir a mesma história delas, as mulheres negras idosas tiveram como princípio a luta diária para que seus irmãos, filhos e netos estudassem, pois assim poderiam se afastar das condições de subalternidades impostas, sem estar dependendo de outras pessoas. Esse princípio faz parte da narrativa e das memórias de nossa querida Euzébia, que tendo sido criada por uma madrinha e trabalhado como empregada doméstica, casou-se e teve seis filhos, sendo:

Uma professora; duas enfermeiras, o outro estudou até o terceiro ano e não quiseram mais estudar e nem fazer nada; duas até o ginásio, e o mais novo desempregado. Estou aqui lutando mais ele! Coloquei ele na escola; coloquei até minha altura, quando formaram para continuar e entrar na faculdade essas coisas todas, mas também não tinha condições e aqui é mais difícil! Agora tem carro para levar e trazer, mas na minha época não tinha. Como Chica e Meire que pagava carro para ir estudar fora porque nesse tempo não tinha carro e hoje já tem.

Nossa participante entendeu que o caminho para sair de um não lugar e fazer parte do próprio lugar de fala seria, através dos letramentos, dos estudos e da formação acadêmica, que soava para ela como elemento único da quebra de ciclos de imposições ao longo da história. Desejava que os seus tivessem um “futuro melhor” e mais promissor. Não queria ver repetida sua história em nenhum deles. Uma luta que demanda uma consciência social política vivida por uma mulher negra.

Segundo relatos do feminismo negro, essas mulheres negras exerciam funções com pagamentos ruins, ambientes hostis e sem segurança. Isso porque, com o fim da escravidão, essas pessoas precisaram buscar empregos que pudessem ajudar a manter a família e seus lares. Esse cenário se manteve intacto por décadas, já que o feminismo negro não tinha voz entre as pautas brancas.

Do ponto de vista histórico, o feminismo negro como as considerações sobre mulheres negras, suas lutas diárias e avanços na contemporaneidade, alguns destaques precisam ser estabelecidos, como falar em mulheres, porque não dá para dizer que elas formam um só bloco. Segundo Sueli Carneiro (2019), elas possuem pontos de partida diferentes; não universalizar essa categoria, sob o risco de manter na invisibilidade aquelas que combinam ou entrecruzam opressões. Ela fala da importância de se dar nome e trazer à visibilidade para se restituir a humanidade, em *Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina*.

De maneira geral, o feminismo tem como objetivo principal uma sociedade sem hierarquia de gênero, onde geralmente é utilizado para conceder privilégios ou legitimar opressão. Ou, como disse Amelinha Teles na introdução de Breve história do feminismo no Brasil:

Falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos [...]. (TELES, 1999, p. 9).

A fala de Amelinha reproduz sentimentos que percorrem o mundo a fora e rompe barreiras, esperando momentos vividos na exclusão, mas também oferecendo possibilidades de luta contra sistemas e formas de subserviência e ausência de fala diante das vicissitudes da vida, criando espaços de transformações que revolucionam e modificam seu cotidiano com acesso a direitos anteriormente negados. É poder declarar e denunciar a falta de privilégios como conta nossa amável Cremilda:

Me sinto uma mulher feliz, milionária! Hoje eu tenho televisão, cama box; tenho ventilador, graças à Deus! Tenho tudo. Antigamente, eu não tinha nada, dormia no colchão. No colchão não, na folha de bananeira. Percevejo, que nunca vi tanto percevejo na minha vida! O lençol era de saco. Tomar banho de sabonete, meu Deus, nunca na minha vida, a minha infância toda. Escovava os dentes com uma folha que se chama folha de papagaio, que espuma. Eu pegava a folha; eu sempre fui vaidosa! Eu passava nos dentes. Pegava folha de manjericão, machucava, colocava dentro de um frasco e guardava e quando ia tomar banho passava que era meu perfume. É brincadeira?

Essas narrativas reforçam o difícil acesso aos bens de consumo, bem como questionamentos de uma mulher que cresceu aprendendo a trabalhar desde os 9 anos de idade como empregada doméstica, mas com os mesmos desejos de pessoas brancas sobre o cuidado de si e de tudo que a sociedade dispunha. Ela criou estratégias de enfrentamento para se aproximar de direitos anteriormente negados e se inspirou, em suas próprias lutas diárias e nas

experiências vividas ao lado de adultos, que sequer notavam sua presença como mulher com as mesmas necessidades de toda e qualquer pessoa do seu gênero.

Na perspectiva de narrar as histórias de mulheres negras idosas e refletir suas jornadas à luz do feminismo negro, me deparo com a história relevante do início desse feminismo no Brasil, que lutou para que as mulheres negras fossem sujeitos políticos. No entanto, na década de 1990, alavancada por Judith Butler, começou-se a discutir os paradigmas estabelecidos pelos poderes anteriores, colocando-se em discussão a micropolítica. As críticas de algumas dessas feministas vêm no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levando em conta as especificidades de cada uma.

A universalização da categoria “mulheres” tendo em vista a representação política foi feita tendo como base a mulher branca de classe média - trabalhar fora sem a autorização do marido, por exemplo, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras ou pobres. Além disso, essa onda propõe a desconstrução das teorias feministas e das representações que pensam a categoria de gênero de modo binário, ou seja, masculino/feminino.

Em 1949, Simone de Beauvoir havia desnaturalizado o ser mulher, em sua obra “O segundo sexo”, ao dizer que “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Ela distingue a construção do “gênero” e o “sexo dado”, mostrando que não é possível atribuir às mulheres certos valores e comportamentos sociais como biologicamente determinados. A divisão sexo/gênero funcionaria como uma espécie de base que funda a política feminista, partindo da ideia de que sexo é natural e o gênero é socialmente construído e imposto, assumindo assim um aspecto de opressão. Essa base fundacional dual foi o ponto de partida para que Butler questionasse o conceito de mulheres como sujeito do feminismo, realizando assim uma crítica radical ao modelo binário e empreendendo uma tentativa de desnaturalizar o gênero.

Cabe aqui ressaltar que não existe apenas um enfoque feminista. Há diversidade quanto aos posicionamentos ideológicos, abordagens e perspectivas adotadas, assim como há grupos diversos, com posturas e ações diferentes. A própria Ribeiro (2018, p. 30) diz que não procura fazer uma distinção entre o que seria uma teoria feminista, dentro dos estudos acadêmicos voltados às questões da mulher e o movimento feminista na prática. Ela se posiciona e corrobora com a visão de Patrícia Hill Collins de que a teoria é a prática pessoal. Uma deve existir para interagir dialeticamente com a outra, ao invés de serem dicotomias estéreis. A teoria ajuda na prática e vice-versa.

É importante garantir direitos para as mulheres, através da política e da representação, revendo e questionando quem são esses sujeitos que o feminismo estaria

representando. Se a universalização da categoria “mulheres” não for combatida, o feminismo continuará deixando muitas delas de fora e alimentando assim as estruturas de poder.

Em muitas outras obras sobre o feminismo no Brasil não é muito comum encontrarmos muita coisa abordando o feminismo negro. Essas mulheres negras existem e precisam ser visibilizadas ao contrário da exclusão que sofrem a cada dia. Elas rompem com a universalidade e instituem suas pautas e necessidades, demarcando seus lugares de fala. São muitas as estudiosas e pensadoras brasileiras e estrangeiras que refletem como é possível “escutar a voz” das mulheres negras, que são constantemente silenciadas segundo reflexões de Sueli Carneiro (2019), Jurema Werneck (2000), Núbia Moreira (2019), Lélia Gonzalez (1989), Beatriz Nascimento (2015), Luiza Bairros (1995), Cristiano Rodrigues (2006), Audre Lorde (1996), Patrícia Hill Collins (2017) e Bell Hooks (2000).

Sendo assim, o feminismo negro é uma vertente do movimento feminista que vem buscando centralizar e explorar as experiências de mulheres negras, tendo como base entender e trabalhar com a posição do racismo, sexismo e classicismo na vida de mulheres negras ou não brancas, levando em conta que essas mulheres acabam sofrendo mais de uma discriminação e explorações ao longo da vida.

Nesta vertente encontramos as idosas negras de São Francisco do Conde, que representam a resistência de um povo que sempre lutou por seus espaços de fala e respeito a seus direitos e tradições ancestrais afrodescendentes. Idosas que demonstram, acessando suas memórias, suas narrativas e emoções que rememoram suas histórias e demarcam suas reexistências aos desafios impostos pela sociedade e pelos poderes públicos.

A Sra. Sabrina, após ter contado sua linda história de vida, oferece a preciosidade de alguns detalhes sobre a época em que teve que ser criada pela avó, depois da morte do pai, iniciando sua vida, ainda na infância como empregada doméstica ou cuidadora de outras crianças. Um desses episódios reforça o estereótipo da mulher negra, que desde cedo teve como obrigação, ajudar a família no sustento da casa. Nossa participante recebeu a missão de sair de um pequeno povoado onde morava para a cidade grande e seus desafios, como pegar bonde, sendo quase acometida por uma tragédia diante de seus medos e constituição física. No entanto, essa mesma “garota” criou coragem e enfrentou um adulto, rompendo com a estrutura de poder naquele momento:

[...] aí eu disse: — Olhe, minha vó - eu chamo minha vó de mãe. Olhe mãe, não vou ficar aqui não; não vou nesse trabalho mais não. É muito sacrifício para vim embora, tenho medo! Aí, minha vó disse: não, não quer ficar, vou arranjar a casa de uma criatura que tem uma criança para você tomar conta, você vai. Eu, aí fui. Não sabia nem quanto de dinheiro iria receber. Aí tomei para mim e foi ótimo! Eu me adaptei

mais, eu gostava muito de criança, fiquei com a criança e lá fui me desarrando e fui levando minha vida, passando os tempos.

Percebam que a criança não pode ter vez diante das decisões do mundo adulto, mas teve voz (empoderamento) ao expressar seus receios e dificuldades que a impediam de executar as funções a ela atribuídas. Não houve silenciamento diante de sua solicitação, mas uma resposta mais compreensiva que a colocou, em outro entre lugar, onde talvez pudesse alcançar, quem sabe, seus verdadeiros desejos e sentimentos. A dimensão afetiva talvez tenha trazido maior conforto para ela, podendo de alguma forma, fazer daquela situação de exploração do trabalho infantil uma cena mais palpável. Portanto, enfrentamentos e empoderamentos que começavam a ser construídos mesmo sem ter consciência de este grande poder.

Como diz Bell Hooks (2000), o empoderamento vai dizer respeito às mudanças sociais antirracistas, antielitistas e antissexistas, ocorridas por meio de mudanças das instituições sociais e das consciências individuais. Para ela, é necessário criar estratégias de empoderamento no cotidiano e em suas experiências habituais no sentido de reivindicar seu direito à humanidade. Uma luta pela equidade, não sendo a causa de um único indivíduo de forma isolada, mas de um fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres, onde a conquista individual possa estar aliada às análises políticas.

Luiza Bairos (1995), em uma de suas falas, apresenta as inúmeras contradições praticadas pela sociedade contra a mulher negra. Ela irá relembrar um programa culinário de TV, onde duas personagens mulheres, uma branca e outra negra, transmitiam ensinamentos de como cozinhar aquela iguaria. No entanto, o que chamava a atenção, era o fato de a mulher branca estar conduzindo o programa e a receita como se fosse ela a única a exercer esses dois papéis, tendo ao seu lado uma mulher negra totalmente muda e executora de funções subalternizadas.

Naquele programa, o estereótipo que associava à mulher negra a boa cozinheira, foi redefinido pela redução da mulher negra ao papel de coadjuvante, mesmo no limitado espaço imposto pelo racismo. No entanto, tão poderosa quanto o silêncio, era outra fala, transmitida pela pele negra e realçada pelo penteado de tranças da ajudante. Uma imagem posta em nossos próprios termos desligada das representações de submissão atribuídas a mulheres e homens negros. Se por um lado os produtores de TV acham que mulheres negras não a autoridade e segurança necessárias para ensinar, até mesmo o que supostamente fazem de melhor, por outro, é evidente que o racismo já não pode mais ser praticado sem contestação, sem que, de algum modo, emerjam os contra discursos que (re) criamos nas últimas décadas.

A ficção se faz realidade na vida e na pele de quem narra o que viu e sentiu a partir de suas próprias trajetórias e memórias aqui apresentadas. Além da autora, D. Sabrina, participante de nossa tese, rememora:

Cozinhar, gosto muito de cozinhar! E eu tinha uma madrinha que era uma coisa, que eu sempre dizia, quando era menina, se algum tempo eu me casasse, eu não dava um filho meu a ninguém que tivesse poder para ser madrinha, porque minha madrinha me explorava... Ela dizia que: seu trabalho hoje vai ser o dia todo. Você vai lavar as panelas. Eu ficava e botava aquelas panelas no chão, com aquele baldinho, vasilha com água e ariava aquelas panelas, e quando eu terminava, estava de carvão da cabeça aos pés. Ai ela ia corrigir. Se tivesse um pouquinho assim, de nada, na panela do carvão, ela me botava para lavar tudo de novo... (D. Sabrina).

O registro de uma narrativa que denuncia e expõe a exploração da infância/mulher negra subalternizada, obrigada a exercer atividades pouco valorizadas, mas com a condição de estar educando e formando para um “futuro melhor”.

Ainda sobre as questões do feminismo negro e as narrativas idosas, Luiza Bairros segue considerando como contribuição intelectual ao feminismo não apenas o conhecimento externado por mulheres reconhecidas no mundo acadêmico, mas principalmente aqueles produzidos por mulheres que pensaram suas experiências diárias como mães, professoras, líderes comunitárias, escritoras, empregadas domésticas militantes pela abolição da escravidão e pelos direitos civis, cantoras e compositoras de música popular. Todas em seus lugares de fala, reconhecidamente, por defender seus direitos e reexistir diante das imposições sexistas, racistas, políticas e sociais.

Patrícia Hill Collins (2017), através de depoimentos, documentos, letras de música autobiografias, novelas e textos acadêmicos de mulheres negras, traça um perfil de uma tradição intelectual subjugada também em função de critérios epistemológicos que negam a experiência como base legítima para a construção do conhecimento. O pensamento feminista negro será então, um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro americanas, que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade, que envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras por aquelas que a vivem.

A contribuição de Collins é particularmente útil para entendermos que a forma como a mulher negra foi mostrada naquele programa sobre culinária e paradigmática da contradição que enfrentamos nas várias esferas de relações sociais. A supressão ou aceitação condicional do nosso conhecimento e sempre uma possibilidade mesmo nos contextos que dependem de nossa atuação. Mais especificamente ao posicionamento da mulher negra pode ser mais bem compreendido, através do lugar ocupado pelas empregadas domésticas. Um

trabalho que permitiu a mulher negra ver a elite branca a partir de uma perspectiva a que os homens negros e nem mesmo os próprios brancos tiveram acesso.

Conforme Bairros (1995, p. 463), “O que se espera das domésticas é que cuidem do bem estar dos outros, que até desenvolvam laços afetivos com os que dela precisam, sem, no entanto, deixarem de ser trabalhadoras economicamente exploradas e como tal estranhas ao ambiente do qual participam [...]”. Contudo, isto não deve ser interpretado como subordinação. No limite, essa marginalidade peculiar e, que estimula um ponto de vista especial da mulher negra (permitindo) uma visão distinta das contradições, nas ações e ideologias do grupo dominante. A grande tarefa é potencializá-la afirmativamente, através da reflexão e da ação política.

Memórias, narrativas e histórias que se entrecruzam com sentimentos individuais, mas que estão implicados em causas coletivas, pois essas mulheres têm algo em comum. Elas participam de espaços privilegiados não a elas, mas a outras mulheres brancas, onde o feminismo negro solicita que mulheres negras tomem consciência social sobre seus direitos, ultrapassando e superando a realidade a qual pertence, produzindo resultados mais democráticos e coletivos.

Desta forma, produzem-se mudanças em sociedade e fornece outras inúmeras possibilidades de reexistências em comunidade. É poder enfrentar e contra-argumentar sobre a naturalização das relações de poder desiguais entre gêneros e lutar por um olhar que vise a igualdade e o confronto com os privilégios que essas relações destinam a poucos, visto que a vida das mulheres negras sempre foi marcada por injustiças, desumanização e explorações, por essas razões, elas estão centralizando e reivindicando uma nova alternativa de sociedade que são conjuntos de práticas políticas chamado *Bem Viver*. Fundamentado nas concepções milenares dos povos indígenas, o *Bem Viver* é uma construção sociopolítica que engloba novas ideias de gestão coletiva e individual, natureza (política ambiental) e cultural, valorizando a (re) existência.

4.3 Um olhar sobre as memórias e narrativas pela perspectiva do conceito de Bem Viver

Em meu exame de qualificação, quando o Prof. Dr. Humberto de Oliveira expunha suas preciosas observações sobre a leitura de minha tese, chamou-me a atenção para a forma tradicional de educar, pertencente a uma época, a qual as idosas desta pesquisa compunham esse cenário formal em que eram punidas com castigos morais ou físicos das sociedades patriarcais, através de manifestações culturais vistas como à margem ou periféricas à sociedade.

Assim, provocou-me um novo olhar, onde essas idosas, tendo se desincumbido do pesado fardo da criação dos filhos e filhas, vencendo toda sorte de dificuldades materiais, achando-se agora livres e leves para olhar o mundo de outra forma, seguindo a voz do coração e educando de outra maneira traziam consigo um Bem Viver.

Estas observações me remeteram ao conhecimento que emerge de memórias antigas, aprendizados em práticas comunitárias. Um “Bem Viver” como sendo um novo modo em conceitualizar a cosmovisão de comunidades tradicionais que se organizam a partir do coletivo, por meio de um modo de vida que abarca a relação entre pessoas, a natureza e o modelo econômico em sociedades que não tinham no capitalismo o modo possível de se organizar.

Em São Francisco do Conde, conforme Brandão (1998), a combinação de vários elementos, como a terra, o capital e o trabalho, que estiveram diretas ou indiretamente envolvidas na produção açucareira, a servidão periférica de índios, negros e mestiços, a produção primitiva envolvendo diversos agentes permanentes e temporários constituíram a unidade territorial do Recôncavo e refletem a vida de algumas populações.

O passado colonial deste município, onde o povoamento das terras que teve início, no contexto da ocupação do Recôncavo da Bahia, região circundada pela Baía de Todos os Santos, habitadas por ‘aborígenes’ na época da colonização: tupinambás, carijós negros, caetés e pitiguaras (ou potiguaras); que foram exterminados por desbravadores e/ou colonizadores como D. Álvaro da Costa, filho de Duarte da Costa, segundo Governador Geral do Brasil e, depois pelo terceiro Governador Geral, Mem de Sá, Segundo Pedreira (1960, p. 9).

Enquanto conceito, Bem Viver, nasce em berço andino, mas há correspondências do Bem Viver em muitas comunidades tradicionais e seus modos de organização antes da colonização sofrida na América Latina e no continente africano. Bem Viver é *sumak kawsay* em quéchua – idioma falado por muitos grupos indígenas da América do Sul –, é *Suma Qamaña* em aymara - língua de povo tradicional do mesmo nome existente na Colômbia, Equador, Bolívia, entre outros países. É também o *teko porã*, guarani ou ainda o *nhanderekó*, do guarani mbya.

Boaventura de Sousa Santos (2010) destaca que, mesmo sendo um conceito nativo, o Bem Viver não é entendido pelas organizações indígenas como uma propriedade exclusiva dos indígenas, mas entendem como uma contribuição dos povos indígenas para todo conjunto das etnias presentes na América Latina. Alberto Acosta, um dos teóricos do conceito e autor de *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*”, afirma também que há

correspondência do conceito no continente africano, como por exemplo, na filosofia do *ubuntu* da África do Sul.

Acosta (2016, p. 240) aponta que “[...] não são ideias que foram construídas na academia, nas universidades ou partidos políticos, são ideias e valores, experiências e muitas práticas existentes em muitas comunidades [...]”.

Por viver uma boa vida ou a vida boa, seguindo uma orientação de Alberto Acosta, que desenvolve esta filosofia de vida dos povos andinos, significa que:

[...] a Boa Vida ou o Bem Viver, aceita e apoia maneiras distintas de viver, valorizando a diversidade cultural, a interculturalidade, a plurinacionalidade e o pluralismo político. Diversidade que não justifica nem tolera a destruição da Natureza, tampouco a exploração dos seres humanos, nem a existência de grupos privilegiados às custas do trabalho e do sacrifício dos outros [...]. (ACOSTA, 2016, p. 240).

Um convite à resistência a um modo de ser e viver que esmaga individualidades ao tempo em que diz e propõe “igualar” a todos e todas, que faz com que os habitantes nativos de Muribeca ou de Cajaíba sejam levados a seguir a mesma moda dos habitantes de Miami, Paris, São Paulo ou Nova York, que homogeneízem hábitos alimentares e comportamentos de sociedades pós-industriais, pois são pressionados a seguirem a moda, a se tornarem “iguais”.

Para povos que viveram o massacre físico e epistêmico da colonização e escravidão, o Bem Viver é uma inspiração que nos permite sonhar outros mundos. O combate ao capitalismo ganha destaque dentro da teoria do Bem Viver, como coloca a socióloga feminista colombiana, Magdalena León (2012), pois “marca uma ruptura com a centralidade do indivíduo, a superioridade do humano e com as noções de progresso, desenvolvimento e bem-estar em chave capitalista”. Desta maneira, o Bem Viver propõe também abandonar a busca pelo “desenvolvimento”, porque considera que esse conceito vem carregado de violência e opressão em todas as esferas.

O capitalismo exige relações calcadas nas desigualdades para se desenvolver. Essas desigualdades são construídas, a partir da hierarquização dos corpos proposta pelas ideias colonizadoras e escravocratas, que carregam consigo a perda da humanidade dos povos colonizados. Sendo assim, a construção de um novo marco civilizatório passa, necessariamente, pela criação de outro modelo econômico.

Ainda segundo Acosta (2016), o Bem Viver não é apenas uma alternativa, mas a única via que de fato pode se contrapor ao capitalismo. O autor embasa sua opinião ao criticar as experiências de socialismo real e de experiências progressistas e populares, principalmente na América Latina e a maneira distinta que os regimes político-econômicos lidam com a questão da diversidade, dos povos e com a natureza. Diferentemente do socialismo, que apresenta a

diversidade enquanto recorte dentro da luta contra o capitalismo, o Bem Viver traz a diversidade como fundamento. E diversificar o processo de Bem Viver das idosas de São Francisco do Conde é o que me atraiu, em sua forma de organização, em oficinas de artesanato e culinária identitária, onde suas produções eram aprendidas, a partir de ancestralidades contadas e vivas em cada objeto trançado ou comida apresentada, sem que a renda financeira desses produtos pertencesse a uma única pessoa, mas colaborativamente ajudava a cada idosa em seus propósitos.

Acosta fez parte do governo do Equador, em 2007, onde os Direitos da Natureza foram incluídos, na Constituição do país, algo inédito no mundo. O Bem Viver enquanto conceito está presente também nas Constituições Federais tanto do Equador, quanto da Bolívia. No entanto, não faltam críticas que apontem que esses governos usam o Bem Viver muito mais como um slogan do que pelo seu conteúdo revolucionário.

A feminista boliviana e socióloga, Silvia Rivera Cusicanqui, acusa os governos de Evo Morales (Bolívia) e Rafael Correa (Equador), de se valerem do termo sem uma implementação de fato. Falar do Bem Viver sem romper a lógica desenvolvimentista fez com que, segundo ela, ambos os presidentes apliquem a fórmula extrativista colonial que expulsa comunidades de seus territórios, destroem florestas para a exploração de petróleo e construção de rodovias, entre outras violências em nome do progresso.

Além de ser debatido nesses dois países, lugares como Espanha, Alemanha e Brasil vem angariando seguidores do conceito. No Brasil, desde a grande Marcha das Mulheres Negras que ocorreu em 2015, por intermédio de uma lutadora do Pará, Nilma Bentes, as mulheres negras constroem o conceito do Bem Viver como elemento que se contrapõe ao modelo capitalista neoliberal.

Na Carta das Mulheres Negras de 2015, documento divulgado pela organização da Marcha, dias antes das mulheres tomarem às ruas de Brasília em 18 de novembro, traz a reivindicação da teoria do Bem Viver alinhada com o que é destacado pelos autores citados anteriormente.

A sabedoria milenar que herdamos de nossas ancestrais se traduz na concepção do Bem Viver, que funda e constitui as novas concepções de gestão do coletivo e do individual; da natureza, política e da cultura, que estabelecem sentido e valor à nossa existência, calcados na utópica de viver e construir o mundo de todas (os) e para todas (os). Na condição de protagonistas oferecemos ao Estado e a Sociedade brasileiros nossas experiências como forma de construirmos coletivamente outra dinâmica de vida e ação política, que só é possível por meio da superação do racismo, do sexismo

e de todas as formas de discriminação, responsáveis pela negação da humanidade de mulheres e homens negros [...]. (CARTA DAS MULHERES NEGRAS, 2015, p. 1).²²

O documento aponta para a mudança estrutural proposta pela teoria do Bem Viver já que, como apresenta a intelectual feminista, Bell Hooks (2013), uma sociedade balizada pela ideologia da “supremacia branca, imperialista, capitalista e patriarcal” nunca pode ser justa.

Sendo assim, as sociedades eurocêntricas, alicerçadas nas ideais de branquitude, têm como base do seu desenvolvimento a concentração de poder, o acúmulo de riqueza, a exploração como sustento da sociedade, o domínio de outros povos e o massacre epistêmico de tudo que não é branco. Elementos que vão na contramão do Bem Viver. Portanto, as idosas desta pesquisa transitaram, por muito tempo nestes espaços, sendo exploradas e escravizadas, sem serem reconhecidas socialmente e financeiramente. Lutaram para conquistar seu lugar de fala e declarar sua liberdade de escolha.

Propostas que também se descrevem, em minha tese, sendo relevante por ser muito importante, na medida em que podem ser ouvidas as vozes femininas, não auto vitimizadas, sem autocomplacência, colocando-se, como capazes de gerar outros padrões de comportamento, outra sociabilidade, notadamente, quando as mulheres negras seguem uma orientação de vários povos indígenas e africanos, propondo outra pedagogia de ensino-aprendizado.

A lógica desenvolvimentista do capitalismo trouxe consigo a ocidentalização do mundo e a construção de estados desiguais que, ao desconhecer as alteridades, transforma toda e qualquer diferença em desigualdade.

É importante recordar que, como um dos pontos em comum, a experiência indígena na América Latina e a de negros e negras que carregam profundas cicatrizes, advindas do colonialismo europeu. Segundo a intelectual feminista Lélia Gonzáles (1988), o colonialismo europeu se valeu do racismo científico para estruturar um modelo de superioridade branco europeu. Este modelo estrutural foi internalizado pelas culturas exploradas.

Essas experiências em comum foram ressignificadas por Gonzáles, por meio da categoria “amerifricanidade”, a combinação em território Latino Americano das diferentes identidades indígenas, africanas que modificam a cultura hegemônica por meio de suas vivências em comum.

Para Stuart Hall (2003) esse processo descrito por Gonzáles está atrelado a ideia do pós-colonialismo que não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época, mas

²² Carta das Mulheres Negras de 2015, disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-das-mulheres-negras-2015/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

reler a colonização como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural.

As marcas deste processo violento são sentidas e reproduzidas naturalmente por toda a sociedade capitalista. Assim, a descolonização destas práticas sociais e um retorno às bases comunitárias são fundamentos do Bem Viver. O objetivo é construir um sistema econômico sobre bases comunitárias. Essa nova sociedade se dá longe dos valores das sociedades eurocêntricas e mais próximas aos valores civilizatórios ameríndios e africanos, como o cooperativismo, a ancestralidade, a memória, corporeidade e a oralidade.

E não menos importante, as idosas e os idosos, deste estudo se deparam com outros modos de enfrentar as subalternidades, discriminações e prejuízos causados pela colonialidade imposta em sua trajetória de vida. É o aprendizado do Bem Viver, que vai ensinando perspectivas de uma relação harmônica e integral entre seres humanos e natureza, que juntos descobrem, por meio das experiências coletivas, saber comer, beber, dançar, dormir, trabalhar, pensar, amar e ser amado, saber escutar, falar, sonhar, caminhar e saber dar e receber em uma relação harmônica.

Os valores civilizatórios africanos e indígenas, contidos no conceito de Bem Viver²³, estão na contramão de um modelo de desenvolvimento que considera a terra e a natureza apenas como insumos para a produção de mercadorias de rápido consumo e, mais rápido ainda, descarte. O Bem Viver assim como ressalta as cosmovisões africanas e indígenas, não entende que enquanto humanos estamos apartados da natureza, pelo contrário, somos parte dela.

A professora e escritora Suzane Lima Costa, no trecho de apresentação do seu livro *Cartas para o Bem Viver*, apresenta-nos uma coletânea de cartas-urgentes para falar, estar ou inventar um porvir do Bem Viver entre nós, pondo em movimento um território de/para muitos, um encontro de coletivos. O Bem Viver é uma convocação especial para dizer das emergências do tempo presente, para um entendimento do que é estar pessoa singular na vida coletiva, do que é fazer da beleza conflituosa das conversações um lugar ativo de experimentos de si e de partilhas com os outros. Essas conversações perguntam pela força de nosso corpo diante das micros/macros barbáries cotidiana, perguntam como se vive uma boa vida, criativa e criadora - cosmovisões indígenas que nos aproximam de uma definição do que pode ser imaginar uma vida bonita. “As cartas desta coletânea ativam esses afetos em projeções e críticas dos sentidos

²³ Assumo como conceito de Bem Viver a permissão de poder sonhar outros mundos para uma prática política e social que visa a desconstrução das opressões estruturais a partir do rompimento de práticas colonizadoras ao deixar falar estas vozes e mostrar os prazeres dos dias nem sempre tristes.

e dos rumos do Bem Viver na vida capital que levamos.” (COSTA; XUCURU-KARIRI, 2021, p. 11-12).

Ao permitir sonhar outros mundos, o Bem Viver dá base para uma prática política que visa a desconstrução das opressões estruturais a partir do rompimento de práticas colonizadoras. E assim desvelo em minha tese a grandeza do que parecia pequeno, ao deixar falar estas vozes e mostrar os prazeres dos dias nem sempre tristes: são fartas ninharias, pequenas compensações, sim, porque nem tudo foram sofrimento e dor, foi também prazer, houve compensações, sanções positivas na e da comunidade, são seres que souberam fazer a resiliência, que seguiram, sem saber, a máxima filosófica de Nietzsche: o que não me mata me fortalece.

Desse modo, o termo nada tem a ver com o “viver bem”, ou o “viver melhor” que trazem em si o consumismo, o acúmulo de riqueza ou acesso às abundâncias que o dinheiro pode comprar com base em relações exploratórias. Pelo contrário, não há Bem Viver na opressão. O conceito surge com a missão de descolonizar a democracia a partir do rompimento de práticas colonizadoras que são alicerces do capitalismo.

O Bem Viver nos lembra de que mudar esse sistema econômico e político não é utopia, mas sim uma necessidade que restitui a cada idoso sua autoestima, fazendo com que se sintam sujeitos de suas próprias histórias. Conhecer, pois, experiências e legados de idosos pode ser sim uma forma de aproximação de novas modalidades de vida em confronto com o que se apresenta como desenvolvimento social.

5 NARRATIVAS E LEGADO DOS IDOSOS

As memórias, letramentos e narrativas idosas apresentadas neste capítulo, giram em torno de um grupo geracional, perseguidores de sonhos e acessos a processos de aprendizagens que os colocam, na dimensão do reexistir diante de uma sociedade criada como ideal para todos, porém contraditória para nossos narradores, que rememorando e narrando elementos descontínuos de acesso à escola, dos inúmeros trabalhos na infância e de suas lutas diárias para constituírem-se letrados e visibilizados, denunciam e reexistem. As narrativas se passam na memória dos narradores, que fazem reflexões existenciais a partir dos encontros e desencontros perpassados por cada um deles. A beleza, a dor e a tristeza caminham de mãos dadas nessas narrativas não lineares, descrevendo relações interpessoais e tentativas de superação.

No campo de minha pesquisa qualitativa, que tratará da validação de dados referentes ao *corpus*, será proposta uma triangulação de dados referentes aos participantes da pesquisa, delimitando espaços e formas de analisar aquilo que foi coletado, quando eu, enquanto pesquisador tive a oportunidade de categorizar e confrontar alguns grupos que se diferenciam entre si referente ao acesso aos letramentos, analisando os que tiveram algum contato com a escola; os que não tiveram; os que deixaram a escola por opção; os que se viram obrigados a deixá-la e suas participações em outros eventos de letramentos. Cada um desses grupos me deu caminhos diferentes para entender aquele contexto. São narrativas, memórias, histórias e lembranças carregadas de significados e lutas sociais, culturais e históricas. Escolhas que não se traduzem como espontâneas e livres de seu Bem Viver. São momentos e experiências de reexistências diante das imposições feitas aos idosos, ditadas por uma sociedade que prima por outros valores.

Um legado constituído, ao longo de um passado histórico que grupos de idosos, pouco valorizados socialmente, trazem com estes estudos, que revelam um conhecimento que está à margem da Academia, de espaços de letramentos formais, da sociedade que os invisibiliza.

Cada uma das narrativas apresentadas traz consigo suas próprias histórias singulares de lutas e conquistas diante das vicissitudes da vida. Uma se diferenciam das outras, mesmo fazendo parte de um coletivo, pois são histórias pessoais com particularidades, diferenças e caminhos traçados por cada um em suas próprias encruzilhadas e atravessamentos que se produziram ao caminhar.

As descrições aqui apresentadas darão conta dos dados da pesquisa, por meio de exemplos narrativos que foram analisados a partir do exposto acima e dos contextos das

memórias das festas culturais da cidade, do trabalho, da vivência histórica e remanescente do município, dos processos de aprendizagem da leitura, escrita e formação identitária e sobre os eventos e práticas de letramentos rememorados e compartilhados.

Os sujeitos da pesquisa escolhidos apresentam o perfil de letramento: as mulheres e homens idosos têm contato diário com eventos de letramentos, mas declaram não saber como fazer uso da linguagem escrita, exceto D. Altamira, D. Cremilda e Sr. Florêncio que sabem codificar e decodificar palavras, frases e textos. Eles demonstram um forte desejo de aprender a ler cartas, revistas, livros, jornais e textos do seu cotidiano. Em suas narrativas, observei que a maioria deles tiveram seus estudos interrompidos em consequência do trabalho na lavoura, em casa de famílias, em atividades informais, nas fazendas e na lida com a lavagem de roupa de ganho, mas D. Altamira, D. Cremilda e Sr. Florêncio tiveram acesso ao letramento com determinada continuidade, apesar de terem experimentado algumas dessas atividades, quando crianças.

Em suas narrativas, constatei que eles tiveram seus estudos interrompidos em consequência das várias frentes de trabalho, sendo eles na lavoura, em casa “de brancos”, em atividades informais, nas fazendas e na lida da “lavagem com roupa de ganho”. Como relata o Sr. João:

Estudei até o primeiro ano. Gostava, mas minha mãe adoeceu, não passava a dor; sofreu muito e então não ficava boa; eu e meu pai só, e ele viajava. Depois viemos para São Francisco do Conde; não era nossa residência, mas vim morar aqui. Daí para cá fui logo trabalhar e não estudei mais. Assino o nome. Tenho problema nas vistas, só enxergo de um. Estou fazendo um tratamento, mas enxergo muito pouco para escrever e eu não posso encarar muito para ler.

As narrativas acima apresentadas destacam as memórias de infância e estas estão marcadas pela pouca experiência escolar e o acesso ao letramento de maneira irregular; sinalizam, também, para vestígios de realidades sociais vividas na zona rural, incluindo a ausência de escola, a distância entre a escola e a comunidade, o descompasso entre o trabalho e a escola, além das opções feitas como forma de subsistência, problemas de saúde e garantia do sustento. Também revelam que a escola não se constituía como prioridade para a família, pois o trabalho era valorizado como futuro seguro, apesar do ator social declarar que “gostava”.

Os letramentos sem a escola ficam reservados aos cuidados daquelas pessoas que se dispuseram a ministrar saberes a partir das fazendas de cana de açúcar e café, mesmo sem a formação adequada; nos terreiros de candomblé em um projeto de alfabetização; nos inúmeros encontros na associação de moradores, quando pautas são discutidas entre eles; nas reuniões para definir os eventos religiosos e culturais e nos ensaios dos eventos culturais celebrados,

além das atividades de artesanato e resgate da identidade ancestral em um dos muitos projetos desenvolvidos como forma de letramento para o idoso.

O abandono da escola é dado em consequência do adoecimento da mãe, das dores que o participante sentia pela situação vivida, da mudança de residência e das necessidades de trabalhar ainda na infância para auxiliar no sustento da casa.

O distanciamento da escola retrata a necessidade de uma família, em que as crianças começam a trabalhar muito cedo para colaborar com a rotina diária, obrigando os mais jovens a se tornarem adultos mais cedo, afastando-os de sua infância. Por muito tempo essa era a tônica em torno da história. Mas, houve uma época em que as crianças não podiam trabalhar, apenas os adultos, excluindo-se os idosos, que, contraditoriamente, hoje, necessitam trabalhar para ajudar no sustento da família, ou porque sua aposentadoria não é suficiente para suas necessidades pessoais com higiene e medicamentos, bem como no sustento dos que com eles convivem.

Dessa forma, o livro *Educação e velhice*, de Peres (2013, p. 95) esclarece que:

O trabalho da criança, por exemplo, considerado normal por milênios, torna-se proibido com o advento da sociedade industrial e do conjunto de estatutos e direitos que a acompanha. O trabalho do adulto, por sua vez, passa a ser regra, sendo esta fase considerada como o “auge” da vida produtiva. O trabalho do idoso, por fim, torna-se uma exceção, um “acidente de percurso”, digamos, pois, a aposentadoria seria o ritual de saída do mercado de trabalho, o momento de “retirar-se” da vida produtiva para uma vida de descanso.

A escola constitui-se, assim, uma lacuna na memória de infância desses idosos, fato que represente, talvez, distanciamento de um lugar para outro, bem diferente do esperado nos tempos de infância. Esses idosos tiveram uma infância deslocada da escola para o trabalho rural; crianças tornadas adultas, em um desacerto entre o tempo psicobiológico e o social. Realidade ainda presente na infância moderna, tanto no espaço rural, quanto no urbano.

As repercussões dessa ‘violência’, talvez, sejam mais graves para as crianças de agora do que para os idosos de São Francisco do Conde, porque estes conseguiram chegar à velhice, construindo uma vida digna e respeitável graças aos papéis sociais assumidos na comunidade e o fortalecimento dos laços afetivos e consanguíneos. A violência a qual nos referimos para as crianças de hoje, que pouco provavelmente alcancem a velhice, estão baseadas nas soluções que a contemporaneidade oferece como recurso de sobrevivência, impedindo que os mesmos vivessem sua infância e possam deixar suas marcas de dignidade e sabedoria para as próximas gerações.

Como afirma Vóvio (2009, p. 67): “Para além da pobreza e da insuficiência de renda, a exclusão social também se manifesta de outras formas. O analfabetismo ou a

impossibilidade de educar-se ou manter-se em processos educativos são também manifestações da exclusão social [...]”. De acordo com pesquisas, supõe-se que “[...] mundialmente exista 1,6 bilhão de pessoas pobres, sendo mais da metade analfabetas.” (POCHMANN *et al.*, 2004, p. 48).

A exclusão, o fracasso e o abandono escolar têm sido fatores de extrema gravidade para a criança, para o adolescente e para o jovem. “O fato de o indivíduo não ter acesso à escola significa um impedimento de apropriação do saber sistematizado, de instrumentos de atuação no meio social e de condições para a construção de novos conhecimentos.” (REGO, 2003, p. 16). No entanto, ainda assim, persiste o desejo dos idosos em aprender a ler e a escrever, a fim de se integrarem às diversas práticas de letramentos sociais. Eles entendem que o tempo que ficaram na escola não foi suficiente para aprender “muita coisa” ou “quase nada” como ele conta em sua narrativa. Sua potência está na restrição em pensar que somente o acesso à leitura e à escrita, através da escola formal poderia lhe dar a devida formação, ignorando seus próprios saberes construídos em outros espaços de letramentos.

Plantava banana, mandioca... Era um trabalho pesado. Trabalho em roça é pesado, sempre foi. Estudei até o primeiro ano. Não aprendi muita coisa, não; quase nada. O meu negócio era mesmo lidar com a roça; trabalhar na usina, na casa de cana de açúcar [...]

Lamentações que se apresentam em não ter tido oportunidade de aprender mais coisas, talvez para poder compreender melhor o mundo do letramento, onde a necessidade de começar a trabalhar cedo, e de maneira pesada, o fez estar distante desses conhecimentos, restando-lhe o trabalho duro e pesado. Talvez pudesse ter um futuro diferente, caso tivesse concluído seus estudos.

O participante não compreende que é possível aprender a partir de outros espaços e por diferentes meios de aprendizagens. Acredita ser a escola a única responsável por formar o cidadão e dar-lhe o acesso à leitura e à escrita. Ignora, talvez, os inúmeros encontros com os letramentos e as construções de saberes e aprendizados fora da escola e tão comuns ao seu cotidiano.

Em outra medida, mas não distante do Sr. João, D. Zefa revela suas memórias, fazendo-nos recordar de um Brasil, onde a realidade sociocultural entre a mulher e o homem idoso rural ou urbano, ainda é de trabalho. Nessas comunidades, mulheres e homens sempre trabalharam. A infância foi fortemente marcada pelo trabalho infantil. Desde a infância, mesmo antes de se descobrirem mulheres, já exerciam atividades domésticas e labutavam na lavoura, ajudando os pais ou em casa, auxiliando nos afazeres da família e/ou sendo babá dos irmãos

mais novos. E os garotos, antes mesmo de se descobrirem homens, lidavam com a roça; com a pesca; com os trabalhos braçais para ajudar no sustento da casa.

As memórias dessa participante vão nos ajudando a entender como foi sua relação com a infância, com a escola e com o trabalho:

Nunca tive filhos. Mas criei muitos filhos dos outros. Estudei até a 5ª. série; tive sete irmãos, sendo dois rapazes, eu e mais quatro irmãs de mulheres. Todos já falecidos, apenas eu “para contar história”. Fui mulher trabalhadeira, que ganhava a vida como doméstica, mas também “lavava de ganho”, cozinhava como ninguém; “as crianças de hoje não querem mais estudar; a juventude não quer aprender, não dão valor; tudo é esculhambado... eu carregava lenha para cozinhar; hoje eles não querem nada. Hoje, quando o gás acaba, eles dizem — o gás acabou, chama o gás aí; por que não volta o passado?! Lembro de meus irmãos, estudando na Escola Agrícola. — “meus irmãos estudaram nessa escola. Foram para Maceió; entraram para a Marinha, Petrobrás; faziam farinha, plantavam arroz, laranjal e ficavam em regime de internato; aprendiam de tudo; cada um tinha que cumprir com suas obrigações; lá tinha as enfermarias — eles curavam de tudo; era um lugar grande, 365 janelas, eu acho!

Essas falas marcam suas memórias de infância, ao refletir sobre seus percursos de sobrevivência; da luta diária para aprender as coisas da vida; dos modelos de vida, nos modos de ser das famílias. Ela assumiu grandes responsabilidades desde cedo, tendo que cuidar dos afazeres domésticos e da criação dos irmãos. Esses serviços de “babá e doméstica” a retiraram da oportunidade de frequentar a escola regularmente e tornar-se independente, como relata com empolgação o sucesso de seus irmãos por terem tido acesso à escola regularmente.

Os cuidados reservados à criança, à mulher e ao idoso sempre foram relegados pela família, pela sociedade e pelo poder público, deixando-os à margem. A educação escolar teria papel central na formação/qualificação dos indivíduos para o trabalho. Por esse motivo é que o processo educativo formal tem seu início na infância e sua conclusão na idade adulta, porque segundo Peres (2013, p. 95), “[...] a função da escola é a de preparar para o trabalho [...]”. É por isso que ainda não se criou nenhum sistema educativo formal que incluísse a velhice como destinatária de políticas educacionais, visto que educar idosos não interessa a uma sociedade, cujo pilar é o sistema produtivo, onde não há lugar para aqueles que envelhecem.

Para as meninas e meninos, crianças de ontem e mulheres e homens idosos de hoje, não foi concebida uma infância com oportunidade de vivenciar experiências educacionais propícias para essa etapa da vida, elaborando conhecimentos e aprendizagens capazes de nortear um futuro melhor. Na contramão, esses idosos, como muitos outros provenientes das nossas classes populares, viveram a infância como pequenos adultos, assumindo responsabilidades totalmente inadequadas à faixa etária. São existentes e resistentes ao sistema capitalista que os projeta a cada dia para uma luta desigual de sobrevivência.

As aprendizagens reportadas nas narrativas demonstram os ensinamentos apreendidos em sua trajetória de vida. Cada idoso apresenta saberes assimilados, os quais dão sentido à existência. As memórias revividas nos espaços de fala trazem à tona os sentidos das aprendizagens e as reflexões destes, como possibilidades remotas de ressignificar seus processos de aprendizagens anteriormente negados pela “infância roubada”.

Ao narrarmos nossa vida, nos reinventamos em nosso fazer, em nossas memórias, reflexões e aprendizagens. Tudo isso está impregnado em nosso corpo. Ele é “[...] o lugar primeiro, o lugar-fundamento do habitar [...]” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 71). Ele é parte integrante e constitutiva da narrativa vivida por cada um. Assim, cada um de nós habita no corpo, que é o nosso lugar no espaço onde vivemos; nele, aprendemos a desenvolver maneiras de serem demonstrados por gostos, gestos, hábitos, estilos, apreciações etc.

As atividades desempenhadas pela mulher idosa que nos brindou com suas memórias trazem, no seu repertório, densos significados sociais, culturais, de força e poder. Desse modo, as práticas sociais e culturais de mulheres como elas podem fazer delas independentes, empoderadas e líderes. Seus poderes são invisíveis para os homens, porém, quando se faz necessário, elas exercem a liderança na família, atribuindo responsabilidades a quem é de direito, em associações comunitárias, festas e reuniões da igreja. Responsabilidades atribuídas que transparecem em seu discurso: *Eu criava, mas não ia à reunião do Colégio, porque para mim a mãe tinha que ir; não batizei nenhum deles, porque já sou tia!*

A consciência de nossa participante em atribuir lugar de fala a quem deve ter como responsabilidade o acompanhamento dos estudos de seus filhos na escola, visto que a educação doméstica e familiar, ela, enquanto mulher já o fazia. O fato de não ir ao colégio, significava cobrar do “outro” seu envolvimento na formação e educação de quem pôs no mundo alguém que necessitava de cuidados não somente afetivos, mas educacionais para formarem-se sujeitos integrais em sociedade.

Com mansidão e carinhosamente, D. Zefa segue suas memórias, dizendo:

Everaldo foi um dos que não queria colégio, queria vaquejada; Jorge, cresceu, construiu família e teve mais dois filhos, que estudaram e trabalham no setor público; um desses meninos pegou uma frieira em um dos pés. Eu lavava ele; limpava o pé dele, era um pé só. Ele disse: eu queria morar com a senhora! Ela disse: — então venha!

A preocupação de nossa participante segue demonstrando os cuidados e a importância que estudar, ir à escola e ter uma formação fazia sentido em sua vida, bem como via nos estudos as possibilidades de ser “alguém na vida”, já que ela teve que abandonar os estudos para cuidar de seus irmãos. Sua busca em compreender por que um de seus irmãos não

queria colégio, o que a fazia lamentar, como se mais adiante o mesmo fora sentir falta dessa oportunidade jogada fora, a partir de sua própria experiência e conselhos.

O fato de “Everaldo” *não querer colégio*, mas sim vaquejada, talvez revele que a cultura da vaqueja, assim como tantas outras culturas populares, trazem junto com sua historicidade, suas tradições, crenças, religiosidade e saberes extremamente valiosos que foram transmitidos, de geração para geração, valores esses que devem ser aproveitados no ambiente escolar de forma que venha contribuir não apenas para o enriquecimento do saber local, mas também nacional.

Segundo Edgard Morin (2006, p. 89):

[...] a sociedade está caminhando para ser uma sociedade que aprende de novas maneiras, por novos caminhos, com novos participantes (atores), de forma contínua e acrescenta que [...] a educação escolar precisa, cada vez mais, ajudar a todos a aprender de forma mais integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual e o social, os diversos ritmos, métodos, tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões.

Assim, talvez nossa participante e a escola devessem buscar desenvolver com “Everaldo”, enquanto aluno, um sujeito capaz de lidar com inúmeras formas de saber e através destas novas formas fazer com que ele se encontrasse, enquanto ser humano consciente e capaz de lidar com qualquer tipo de situação, sabendo aprender e compreender a partir de cada prática de letramento proposto.

As narrativas de nossa participante nos chamam atenção, evidenciando sua busca em saber por que os jovens não querem mais ir à escola; não querem estudar ou mesmo fazer as tarefas mais comuns possíveis do dia a dia, rememorando o passado com saudades:

[...] as crianças de hoje não querem mais; a juventude não quer aprender, não dão valor; tudo é esculhambado... eu carregava lenha para cozinhar, hoje eles não querem nada. Hoje, quando o gás acaba, eles dizem — o gás acabou, chama o gás aí; por que não volta o passado?!

Segundo nossa análise, o valor atribuído à educação por esses jovens depende do que se pode anteciper em termos de *riscos e benefícios*, tendo em vista a trajetória escolar e profissional dos que os educaram. A questão que se coloca então é:

[...] o que esses jovens têm de comum entre eles, além da pobreza, que os leva a atribuir tão frágil valor à escolaridade? O que há de comum entre eles, além da pobreza, que funciona como aspecto distintivo de seus grupos informais quando comparados a grupos informais de jovens urbanos pertencentes a outros níveis de classe? (GOMES, 1997, p. 56).

Um caminho para melhor compreendermos, talvez seja a de que esses jovens tenham vindo de uma história familiar de escolarização descontínua ou bastante precária como

nos disse nossa participante da pesquisa. A resistência à escola e o baixo valor atribuído à educação pelos jovens é uma questão de não familiaridade com a cultura escolar em decorrência da história familiar de escolarização ser ainda recente e incompleta. Essa explicação, no entanto, parece ainda parcial.

Os jovens e suas famílias não parecem desvalorizar a escola. Seja porque o mercado de trabalho tem exigido maiores credenciais ou porque a educação é um valor em si. De maneira geral, os responsáveis querem que os filhos estudem. Alguns jovens conseguem concluir a educação básica e até sonham com a possibilidade de fazer um curso superior. Outros almejavam fazer cursos profissionalizantes. De outro lado, alguns manifestam distanciamento e o sentimento de que investir na escola não vale a pena (o sofrimento, o esforço, a abnegação). Isso não parece ser apenas "falta de familiaridade com o universo da cultura escolar", mas uma postura realista diante das interdições à mobilidade social produzida por uma sociedade que vê crescer os níveis de desemprego e da pobreza, até mesmo para os mais escolarizados.

Narrar as memórias que trazem consigo saudades e revelam seus questionamentos que não compreendem por qual razão a juventude ainda se comporta de maneira passiva e despreocupada, intriga nossa participante, quem revela:

[...] tenho saudades de muitas coisas! A educação – os mais velhos eram mais respeitados – bastava passar os olhos e já entendia; hoje – está doida, cafona, velha...”. Ela conclui essas lembranças dizendo: “eu não alisei o banco da ciência, mas tenho sabedoria.

Suas observações são em torno dos valores educacionais, familiares e sociais que para ela todo e qualquer cidadão deveria trazer consigo, sendo eles jovens ou velhos; não consegue entender por que desrespeitam os mais idosos, além de ignorarem suas posturas, mesmo quando sua presença, enquanto mulher, negra e idosa por si só servem como ensinamento, para que eles mudem suas atitudes. Ela reconhece que seu saber não é escolar, “por não ter alisado o banco da ciência”, mas que seu processo de letramento durante a vida lhe confere a sabedoria necessária para ensinar que a educação vale a pena.

D. Zefa não deixou a escola por vontade própria, pois já havia estudado até a 5ª. Série. Ela teve a obrigação de cuidar dos irmãos ainda em sua infância. Reconhece que o grande valor que a educação, os estudos têm na vida de qualquer um, argumentando o que havia feito por seus irmãos em relação aos estudos. Feliz pelos resultados e sucessos de cada um deles; questionadora por um deles não ter querido estudar e talvez saudosa com as antigas possibilidades de ter podido estudar, aproveitando mais sua época e juventude. Aceita de maneira não passiva, mas reflexiva de que valeu a pena ter feito o sacrifício por seus irmãos.

A exemplo do valor de “não ter alisado o banco da ciência”, dito por nossa participante, Sr. Florêncio é representante dessa fala que sente saudades ou mesmo rememora a ida ao espaço escolar e seus aprendizados como positivos, em sua trajetória de vida, onde seu uso ainda é exercitado nos vários eventos de letramentos que ele participa. Sua fala rememorada de ir à escola, aprender a ler e a escrever, resultam nas seguintes narrativas:

Fui à escola. Estudei até a terceira série. Parei de estudar por causa de motivo de trabalho. Comecei a trabalhar, aí tinha meu pai, deu problema de derrame; ele ficou um tempo sem poder trabalhar; eu já vinha chegando dezessete anos e seis meses; pá, aí eu tive que parar o estudo; aí parei para poder continuar; a continuação da alimentação dele, que botava a alimentação em casa, aí eu tive que fazer isso. Tive que meter a cara lá.

O Sr. Florêncio descreve uma realidade que parece ser comum em sua região e com a maioria dos jovens de sua faixa etária. Cuidar do pai idoso, acometido por um problema de saúde que o impedia de seguir trabalhando e provendo o sustento da família.

Deixar de estudar para trabalhar está relacionado a inúmeras situações, dentre elas a causa econômica, somada à existência de fatores culturais, como causador do abandono escolar e da existência do trabalho na adolescência, apresentada por Custódio (2007, p. 5):

As principais causas do trabalho precoce envolvem as condições econômicas das famílias, mas também fatores de ordem cultural que legitimam a exploração pelo suposto caráter moralizador do trabalho. A ausência de políticas públicas de atendimento também consiste em um forte componente de reforço na integração de crianças e adolescentes no mundo do trabalho.

Deste modo, é necessário entender que a ocorrência do trabalho, não é etapa imprescindível, na vida da criança e do adolescente, se ocorre é derivada de erros cometidos pelos pais, responsáveis, sociedade e entidades públicas, que foram ineficazes em suas ações. Assim, seria possível termos a prudência de ressignificar conceitos, bem como estabelecer políticas públicas mais eficientes para atender o cenário atual, fortalecendo a educação para que as gerações futuras não sejam dependentes do trabalho infantil.

E nosso participante segue com suas memórias, demonstrando o passo a passo de sua caminhada e as referências de bem-estar no mundo do aprender a ler e a escrever, animando-o a acreditar nas possibilidades de destaque na sociedade. Ele compreende que para aprender é necessário respeito, dedicação, compromisso, ditos em sua fala:

Eu gostava; gostava muito! Era o melhor aluno do colégio, nunca fui rebelde em colégio; eu fui o nota 10. Então, a professora; até hoje não morreu nenhuma; me tratava muito bem. Eu também tratava ela muito bem, entendeu?! Mas ela é o seguinte; ela diz assim:— eu quero que você faça isso, eu fazia. Eu nunca dizia a ela que não; tudo eu fazia, tudinho eu fazia pra ela. Então ela pedia alguma coisa pra ir ali à rua fazer uma coisa pra ela. Era nota 10; nunca dei trabalho a elas, nenhuma. Chegava fim de ano, eu passava tranquilo, nota 8, nota 9, 10. Era bom aluno.

Estar na escola e seguir os ensinamentos dos professores que se esforçam em preparar aulas atrativas e mais voltadas para seu público singular é poder despertar em alunos como nosso participante, o reconhecimento e orgulho por seu esforço, dedicação e sede de aprender sempre. Uma valorização e reconhecimento que ele atribui a sua relação com a escola e com a professora. O ensino contínuo regular e as estratégias metodológicas da escola pública deram ao nosso participante não somente conhecimento, mas o reconhecimento de ser aquele um espaço de oportunidades, mesmo com as dificuldades por ele narradas.

Muitos de nossos idosos, quando questionados, “se pretendiam continuar os estudos ou mesmo tiveram esse desejo”, inúmeras narrativas vão surgindo, apresentando o difícil acesso à escola, aos estudos formais como algo importante, porém distante. Talvez pela experiência vivida por muitos deles, a exemplo do Sr. Florêncio:

Estudar é um prazer. Eu achei proposta para ir para o colégio também, e estudei também na ACSE, aqui na entrada do portal estudamos um bocão ali, uns quatro a cinco meses, ficou ali 8 pessoas só. Começou com um grupo grande e foi diminuindo, porque a turma achava a dificuldade, trabalhava até as cinco, cinco e meia; todo mundo ia embora e eu ficava pro colégio, mas rapaz tu vai pro colégio, dizia uns colegas; trabalhava o dia todo, e ainda vai pro colégio até sete horas, mas rapaz com muito prazer, a gente tem que se reforçar; quer dizer eu ficava; muitos ficavam e os outros ficou, a gente foi e se formou nela.

Nesse depoimento, é possível notar a satisfação de poder ir à escola após o trabalho cansativo, revelando algum tipo de perspectiva que talvez o entrevistado ainda não soubesse que rumo tomaria ou em que lhe serviria estudar mais. O fato de estar participando de um programa de ensino profissionalizante para pessoas que não tiveram essa oportunidade enquanto adultos despertasse nele, agora já idoso, a esperança de um “futuro melhor”, estimulando-o a uma sensação de superação ou melhoria de sua condição de “alfabetizado”, trabalhador rural, construtor e pintor, que ainda tem que trabalhar dentro dos seus limites físicos para garantir sua sobrevivência e de sua família. Entretanto, este percurso vivido pelo Sr. Florêncio, se deva, por um lado, ao histórico de exclusão vivido por ele em sua infância, onde tendo que trabalhar, não foi possível acessar a escola regularmente.

Segundo Peres (2013, p. 102), “[...] a ideia hegemônica sobre educação que vigora na sociedade capitalista, que associa formação escolar a mercado de trabalho, excluindo aqueles que, ao envelhecerem, passam a ser considerados obsoletos e inadequados à vida produtiva.”

No entanto, para nosso entrevistado, parecia que as dificuldades vividas na infância, através do trabalho, não o distanciaram de seus sonhos, visto que, agarrou-se à primeira oportunidade para retomar aquilo que ele considerava como importante em sua narrativa sobre estudar.

Rapaz! Era bom. Era o seguinte. Era e não era, porque a gente trabalhava, mas eu tinha aquele amor de estudar, entendeu? Que tinha aquele amor pra estudar; pra mim largar 6 horas, 7 horas, 8 horas, eu ia continuar trabalhando, e ia continuar estudando; ia em casa tomava banho ligeiro e o carro vinha me buscar. Pegava o carro dos meninos aqui e ia pro colégio, e saía de lá 10 horas. Ai dizia: vocês vão? Você vai se formar aqui, na formatura todos os oitos se formou na formatura.

Sr. Florêncio persistiu na lida do dia a dia e, mesmo com todas as dificuldades do cansaço do trabalho pesado, não desistiu daquilo que ele considerava “eu tinha aquele amor de estudar”. Seu esforço, empenho e determinação, demonstram que mesmo sendo idoso, seus sonhos ainda continuavam vivos, mesmo que para muitos isso representasse um sacrifício desnecessário. “Formar” para ele seria poder resgatar uma oportunidade perdida no passado e, na memória de sua infância, que teve que interromper os estudos para ajudar os pais no sustento da casa, trabalhando e enterrando seus primeiros sonhos de menino. Mas, graças ao incentivo permanente de sua querida professora que lhe disse: — “ *você não pode deixar de estudar!*”. O próprio Sr. Florêncio traz em sua fala as marcas do diálogo com a professora:

Eu sempre encontro ela por aí; como é que tá? Eu digo beleza. Sempre maravilhosa. Eu gosto de você pra “dedeu”, velho, e por quê? Porque você é um aluno que nunca me deu trabalho, sempre chegou cedo, apesar de tudo você trabalhava, mas cinco e meia a firma liberava, você ia em casa, tomava banho e vinha de carona mais eu.

Esses encontros e recordações demarcam a relação do aluno com a professora e o ensino-aprendizado tão marcante em sua formação identitária, que sempre viu como valor especial o estar “formado” para alcançar novas oportunidades no mundo do trabalho e conseqüentemente na melhoria de renda junto à família. Não lhe importava se tudo aquilo melhoraria seu futuro, mas queria mesmo era usufruir do prazer de estar estudando e se tornando um cidadão melhor.

Uma experiência afetiva muito significativa para uma sociedade tão machista e preconceituosa, quando um homem expõe suas memórias e recorda com saudades do carinho, afeição e importância que sua professora teve e continua tendo em sua vida. Uma dívida de gratidão e reconhecimento por ser quem ele é. Sua formação contínua e persistente tem como protagonista uma mulher, que como muitas outras anônimas, acreditaram no poder revolucionário da educação. A vida do Sr. Florêncio é parte de um sistema educativo, de uma escola e de políticas públicas que, em certa medida, contribuíram para sua permanência na escola, contrariando a maioria das histórias de abandono escolar precoce.

A preocupação do Sr. Florêncio vai revelando seus sonhos e necessidades em aprender mais, mesmo sem grandes perspectivas para revolucionar seu ambiente sociocultural e financeiro. Talvez tivesse uma vaga esperança de que ir à escola, aprender e praticar esse

aprendizado daria para ele uma “sabedoria” melhor para seguir tocando a vida com maior qualidade e dignidade.

Segundo Leão (2008, p. 47), os adultos maduros e idosos que atualmente retomam o caminho da educação o fazem não apenas pela perspectiva da atualização cultural, da busca por novos vínculos sociais, necessidades de regulação emocional ou como atividades para ocupar o tempo livre. Procuram atividades para desenvolvimento de habilidades específicas, para uso prático dos conhecimentos. Procuram espaços educativos mais críticos e contextualizados.

As narrativas do participante da pesquisa demonstram sua caminhada de insistência e persistência, rumo ao aprendizado como algo real e importante, porém não tão ideal para sua condição de homem idoso, trabalhador e com as respostas de seu corpo e mente, dando sinais de que era um sacrifício realizado por ele, que sua personalidade não o deixava abandonar.

É ... a gente trabalha das 07h00min às 17h00min, mas hoje às vezes é das 08:00 às 16:00. Mas muitas firmas trabalham das 07h00min às 18h00min. Ai você tem que dobrar e ficar até às 22 horas. Ai, ficando até às 22 horas, ficava sem poder ir pro colégio, se matriculava sem poder estudar. Chegava aqui, era doze e meia, doze horas, chegando agora, chegava em casa tomava meu banho, pegava minha farinha e ia descansar, quando dava 5 horas já estava no ponto de novo, trabalho cansativo! Mas, é isso.

Esta capacidade de poder oferecer ao idoso, condições necessárias, através de uma educação de qualidade, acessível e orientada para sua autonomia é uma razão pela qual o Sr. Florêncio estivesse talvez, buscando para poder manter suas capacidades físicas, sociais e familiares intactas, como está reafirmado em Alencar (2002, p. 76):

Trata-se de oferecer-lhes as condições para a defesa de sua autonomia pessoal e social, de modo que ele possa conservar e manter suas capacidades físicas e de decisão sobre a própria vida, bem como a capacidade de relação, dignidade e respeito no seio familiar e social. Uma educação para a autonomia não significa modelar pessoas, porque não se tem o direito de modelar pessoas a partir de seu exterior, tampouco transmitir conhecimentos, o que significaria imposição de coisas mortas.

As condições não eram tão favoráveis para nosso participante, mas ele soube ressignificar cada esforço em prol de uma educação que para ele fazia sentido, sem se importar com o que diziam seus colegas de trabalho ou mesmo os sinais de cansaço que seu corpo insistia em anunciar. Para ele, ir à escola era questão de honra, prazer e aprender sem imposição de ninguém. Agarrou-se às condições do momento para quem sabe, ter mais dignidade, autonomia e respeito no seio familiar e social.

Outro aspecto interessante na realidade brasileira é que, no século XXI, ela ainda negue a velhice, valorizando aquele que consegue manter sua aparência e aspectos psicológicos

jovens por mais tempo (BARRETO, 1992). É possível percebermos hoje, o quanto é comum a imagem de velhos doentes, pobres, decrepitos, solitários e a espera da morte. Por outro lado, coexiste um modelo de velhice que contraria esses padrões, presentes nas narrativas do Sr. Florêncio, Sra. Cremilda e Sra. Euzébia, quem demonstra estar na contramão desses determinismos. Não é a busca por corpos saudáveis, através de uma boa alimentação, de disposição para satisfazer seus desejos, mas viver segundo estratégias que os levem a compreender a velhice saudável diante das adversidades que a vida lhes impôs.

A velhice, a caminhada psicobiológica da pessoa idosa, documentos legais e a Legislação Brasileira, anteriormente citadas, não garantem acesso à educação para esse grupo, mas sugere “uma atenção especial” aos mesmos, sem determinar sua responsabilidade na oferta e continuidade educacional. Transfere para os poderes privados o atendimento aos idosos, através de programas de inclusão em um currículo extracurricular, onde o idoso tenha umas ocupações capazes de mantê-los envolvidos em atividades que os capacite para uma vida mais saudável, sem a preocupação de pensar em um currículo específico para sua condição de idoso em práticas sociais de letramentos.

Sendo assim, não existe um pensamento linear em torno da velhice, que tende a modificar-se de acordo com as necessidades econômicas e políticas do contexto social e histórico. A concepção de velhice está diretamente relacionada a este contexto, em detrimento aos aspectos biológicos. A velhice, portanto, é uma construção social (BAZO, 1996).

Em entrevistas, junto aos idosos, tem se revelado que a grande preocupação destes sujeitos que voltam a estudar, é aprender a ler e a escrever, exercendo a prática social do letramento. Alguns apresentam um processo de leitura e escrita de anos atrás e têm que retomá-lo quase que integralmente porque foram marcados pela ausência da escolarização formal, fato que os coloca na condição de analfabetos funcionais; há outros que nunca frequentaram os bancos escolares. Deste modo, muitos deles retomam os estudos ou sentem desejo de voltar a aprender como forma de compensação do passado ou mesmo para preencher seu tempo livre, sempre recorrente entre nossos participantes da pesquisa.

O acesso e continuidade à escola justifica a trajetória de vida do Sr. Florência, que em sua infância teve que interromper os estudos para começar a trabalhar, após adoecimento e posteriormente morte de seu pai. No entanto, na primeira oportunidade que teve, retomou os estudos, a convite de uma professora, a quem ele muito se afeioou e dessa relação de confiança e motivações diárias feitas pela professora, conseguiu concluir seu curso técnico profissionalizante. A escola e o poder público foram significativos e fizeram a diferença em sua vida, independente das condições adversas que a vida e as estruturas da educação lhes

ofereceram à época. Ele acreditou na escola, na educação e no poder transformador que o ensino-aprendizado tem na vida de cada pessoa.

É possível comprovar que, outro participante, anteriormente citado, Sr. João, vivenciou situações semelhantes às do Sr. Florêncio, no entanto, as estratégias, oportunidades e necessidades pessoais falaram mais alto e foram vividas em suas particularidades.

Essas e outras memórias dão sequência a um universo de letramentos que se inscrevem e sobrevivem em momentos de situações de dificuldades, desânimos e acima de tudo, buscam estratégias de acessar a leitura e a escrita através da escola, mesmo distante de sua realidade como nos narra D. Sabrina:

Olha, nunca fui em escola. Eu estudei em casa, assim, em casa de administrador porque no lugar em que eu me criei era Fazenda com plantação de cana de açúcar e tinha usina. Tinha o administrador e tinha o feitor; então eu estudei com a filha do administrador dali da terra, daquele lugar. Mas nunca fui em colégio. Eu assino meu nome e leio alguma coisa, mas não leio muito, não tenho muito conhecimento de leitura, não.

A narrativa de D. Sabrina traz consigo memórias de tempos difíceis, aos quais sua infância e aprendizagem tiveram que ser moldadas a contextos de letramentos disponíveis, aprendendo a ler e a escrever através da disponibilidade da filha do administrador da fazenda, quem mesmo sem a formação acadêmica adequada, se dispunha a ensinar. Sua gratidão e recordações dão conta de sua memória:

Era importante para mim. Ela ensinava a gente muito bem; por sinal eu aprendi até o segundo ano, eu acho! Eu nem lembro mais como era que dizia, que foi no tempo da cartilha que foi do povo; que tinha tabuada; fazia sabatina. O estudo era assim, né? Tinha ditado, tinha cópia, mas nunca fui em um colégio. Aprendia através desses ensinamentos, nessa casa; desse administrador.

Sendo assim, D. Sabrina destaca, em sua narrativa, as práticas de letramentos de sua época, ressuscitando saudades sobre a professora e os “ensinamentos” ali marcados como pontos fortes de seu aprendizado. Valoriza a cópia – instrumento de escrita; a tabuada – referências ao aprendizado de números e diz que aquele foi um tempo da cartilha, ou seja, que havia um método de aprendizagem aonde quem ia à escola tinha que seguir, mesmo que no caso dela, esse percurso tivesse tido um viés diferente.

Quando perguntamos para D. Sabrina sobre a possibilidade de voltar a estudar, caso tivesse oportunidade e do valor que seria aprender “novas coisas”, ela nos responde: “Agora eu não quero mais não. Têm uns idosos de lá – referindo-se a sua vizinhança, que quer estudar. Eu tenho vontade de conseguir uma coisa [...]”

Sua falta de desejo em retomar os estudos justificava-se pelo fato de não acreditar ter “mente” para isso, ou mesmo, porque para ela o mais importante em sua idade era conseguir essa tal “coisa”, que descobrimos depois conversando - ver os filhos formados e trabalhando:

Cada uma estudou um pouquinho, não é? Tenho uma mesmo agora que é advogada e paro ano, ela vai fazer a prova da OAB para poder começar. Ver o que Deus quer fazer, né? Porque tudo temos que confiar em Deus. Não é dizer, eu quero! Tem que ver o que Deus vê se ela vai ser uma advogada e vai dar o direito dela passar na prova e trabalhar, né?

Um coração de mãe que fica feliz em ter seus filhos bem encaminhados, ignorando a possibilidade de serem elas próprias as protagonistas dessa história. A idade não deveria ser o empecilho para o retorno à escola, mesmo ela declarando: “[...] *tudo com o tempo tem tempo; acho que para estudar não tem idade [...]*”. Contradição que se explica pelo uso de uma palavra “mente”, que segundo nossa participante, julga não ter mais.

D. Sabrina acredita que estar em sala de aula, mesmo sendo idosa e não se acreditando disposta, é mais importante que ficar em casa:

Em uma sala de aula é mais interessante porque nas novelas não têm nada de bom para oferecer. Acabou o tempo; época que tinha uma novela boa que a gente se empolgava! Mas hoje só tem tragédia e mais tragédia. A gente já vê aí pelo mundo afora; essa droga está acabando com os jovens. É filho querendo acabar com a mãe. Ter uma mãe e um pai era muito respeitado; era tanto que o povo dizia que quando um filho suspendia uma mão para dar na mãe, o braço ficava duro e hoje fica mole.

Suas narrativas reconhecem o valor da escola, da sala de aula e daquilo que aprendemos nesses espaços, divergindo das opções que muitos fazem ao estar diante da TV para assistir a novelas ou programas televisivos que só se traduzem em tragédias. As novelas de sua época são lembradas como motivadoras e empolgantes. Para ela, não há aprendizado de respeito; são filhos desrespeitando seus pais, ignorando a educação e o amor recebido. Metáfora que castiga, segundo ela, deixando o braço do filho agressor duro, como “praga” por ter levantado para bater na mãe, mas ironizando que hoje em dia fica mole, revelando o agressor.

As lembranças vão e retornam à infância, declarando que gostava mesmo era de brincar com bonecas. Não gostava de trabalhar enquanto criança. Teve vantagens sobre suas irmãs, que tiveram que trabalhar cedo, enquanto ela só começou a trabalhar aos 10 anos de idade. Um privilégio que mais a frente irá questionar, após sentir na pele uma experiência dura para alguém tão nova.

Da minha infância o que mais gostava era de brincar de boneca porque nunca gostei de trabalhar, não. Eu fui trabalhar mesmo de dez anos em diante. Agora, minhas irmãs com minha mãe sempre já aprontaram cana; trabalhava assim; mas eu nunca fui muito de trabalhar; gostava de ficar em casa cuidando das coisas.

Essas narrativas de D. Sabrina parecem ressoar a consciência de quem talvez tivesse algum entendimento sobre seus direitos, que mais tarde viriam expressos nos documentos legais Universais e do Brasil, como na Declaração Universal dos Direitos Humanos

- Artigo 24º - Toda pessoa tem direito ao repouso e aos lazeres, especialmente a uma limitação razoável da duração do trabalho e as férias periódicas pagas – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei no. 8.069/1999) - Art. 16. O direito à liberdade (previsto no artigo 15) compreende os seguintes aspectos: [...]IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; Declaração dos Direitos da Criança - 7º Princípio - A criança tem direito à educação, para desenvolver as suas aptidões, sua capacidade para emitir juízo, seus sentimentos e seu senso de responsabilidade moral e social. Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais. A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando aos propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948, p. 3).

Além de ter podido experimentar sua infância de maneira feliz, pode também aprender com uma madrinha alguns ofícios de adulto. Trabalhos que quase impediram suas brincadeiras e momentos de lazer, mas não o suficiente para encontrar esses momentos. Ela guarda consigo um “rancor” da madrinha, quem a criou, apesar de ser grata pela criação e pelo aprendizado.

[...] gosto muito de cozinhar e eu tinha uma madrinha que era uma coisa que eu sempre dizia, quando era menina. Se algum tempo eu me casasse, eu não dava um filho meu a ninguém que tivesse mais um poder para ser madrinha, porque minha madrinha me explorava. Eu com sete anos me lembro! Ela fazia manteiga, fazia requieijão, colocava aquelas vasilhas que colocava tudo de molho, aquelas panelas, então ela me botava para lavar aquelas panelas e naquela época não tinha Bombril, só tinha mesmo o sabão de massa e ela me colocava para lavar aquelas panelas. Ai, naquelas panelas, era uma folha que se chamava caiçara que a gente lavava; passava bem para tirar o carvão para depois, então, passar areia com a bucha para a panela ficar limpinha. Então, na época era muito menina ainda! Tinha sete anos. Minha vó me botava para lá porque eu era criada com minha vó e minha madrinha era muito mandona. Ela dizia que seu trabalho hoje vai ser o dia todo. Você vai lavar as panelas. Eu ficava e botava aquelas panelas no chão com aquele baldinho, vasilha com água e ariava aquelas panelas, e quando eu terminava, estava de carvão da cabeça aos pés. Ai ela ia corrigir, se tivesse um pouquinho assim de nada na panela do carvão, ela me botava para lavar tudo de novo, mas me ensinou muita coisa, ótimo.

As marcas da infância, suas lembranças, trazem um discurso de quem sofreu para compreender que ainda pequena, teria o trabalho como forma de manutenção, sustento e disciplina em sua formação cidadã. O trabalho mais parecia um castigo, porque ela ainda não compreendia o porquê de uma criança tão nova, trabalhar. Fazia o trabalho, mas seguia pensando e elaborando o que queria ser ou mesmo como seria ela ao se tornar adulta; quais ações tomaria para fazer o contrário de sua experiência. Diz que não daria um filho seu para ninguém que tivesse *poder* para batizar, marcando aqui a fala do patrão sobre o subalternizado.

Reconhecia sua subalternidade e seu silêncio necessário para subsistir. No entanto, ainda assim, ela consegue enxergar que aprendeu muita coisa “ótima”.

O trabalho infantil doméstico é naturalizado e se torna porta para outras violências. Dados mostram que a maioria das crianças e adolescentes que trabalham com serviços domésticos são meninas negras²⁴. Além disso, a dupla jornada é comum, acumulando o serviço doméstico com o trabalho em outros setores. Ainda mantém uma relação com a escravidão e também com questões patriarcais. Muitos patrões e seus filhos acham que a menina ou a adolescente está à disposição, caracterizando-se como exploração sexual ou estupro de vulnerável. Isso guarda muita semelhança com o tempo dos escravizados. Elas vivem em uma situação de vulnerabilidade, ficam expostas a todo tipo de abusos e exploração e ficam com medo de perder o pouco que ganham em poucos trocados, comida e moradia.

Esse tipo de trabalho viola os direitos humanos de crianças e adolescentes à vida, à saúde, à educação, ao lazer e ainda acarreta prejuízos que comprometem o seu pleno desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e moral. Por ser realizado, no âmbito residencial, onde não é possível uma fiscalização sistemática, expõe a criança e ao adolescente a uma série de violações de outros direitos, desde a baixa remuneração a longas jornadas de trabalho até atos de violência e abusos sexuais.

E era neste contexto, mesmo estando historicamente distante, que D. Sabrina viveu sua infância e adolescência, ainda rememorando os detalhes de seu cotidiano. Não faltou detalhe para ilustrar o quanto ganhava; o que comia e como deveria se comportar.

O dinheiro? Um nada! Um trabalho pesado para poder receber por quinzena. No meu tempo era muito assim, para crianças era muito escravizada. A gente se alimentava assim, de produtos que tinham na cooperativa da usina. O bacalhau era assim oh, os litros porque ficava tudo assim batidinho (faz o gesto com os dedos e as mãos). E a gente tinha que comer ali, regradinho para chegar naqueles quinze dias para tornar a fazer outra compra.

Lutas diárias que apressavam o abandono da infância para entrar na idade adulta. Rotinas frequentes que pareciam não terminar mais. O trabalho remunerado gerava a oportunidade de comprar o alimento, porém regrado, porque seu ganho era pouco, distanciando ainda mais dos sonhos possíveis de construir um patrimônio e se livrar daquele tipo de trabalho.

²⁴ Os dados destacam a questão racial e de gênero do trabalho infantil doméstico: 94% das crianças e adolescente são meninas e 73,5% são negras, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) de 2014. Além disso, a questão econômica também pesa, já que a incidência do trabalho infantil é maior nos grupos socioeconômicos mais vulneráveis: 66,4% estão inseridos em domicílios cuja renda por pessoa (per capita) é de até um salário mínimo, segundo a Pnad 2014. Disponível em: <https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/especiais/trabalho-infantil-sp/reportagens/trabalho-infantil-domestico-naturalizado-e-porta-para-outras-violencias/#:~:text=Trabalho%20infantil%>. Acesso em: 27 ago. 2020.

Todo trabalho sugerido a nossa participante era aceito e avaliado em sua pouca idade como positivo. Era referência para algo que ela ainda não sabia fazer, tendo a oportunidade de aprender e quem sabe tirar proveito desse aprendizado:

Não me arrependo desse aprendizado, não. Ela me colocou para auxiliar nas meias; pegava um ovo de galinha, colocava um ovo de galinha dentro da meia e ali tinha que fazer aqueles pontinhos na meia para ninguém vê que foi costurado. Aprendi fazer bainha aberta nas toalhas, que tinha aquelas toalhas de saco, a gente tirava o fio para a gente mesmo fazer aqueles bordadinhos na ponta [...].

Mesmo diante das adversidades, D. Sabrina agradece por ter sobrevivido a tudo isso, reconhecendo que aprendeu muito e que talvez a tenha ajudado a encontrar uma fonte de renda para auxiliar no sustento da família.

No percurso dessas memórias, nossa participante relembra que aos 10 anos estava morando com sua avó, a quem chamava de mãe, mas que naquele momento ela se tornara viúva, necessitando alimentar e cuidar dos filhos e netos que ainda estavam crescendo. Foi quando sua avó, recordando ter um parente em Salvador, a levou para conhecer a cidade e lá determinar que ela trabalhasse com esse parente.

Quem me criava era minha vó, aí quando fiz dez anos meu avô morreu e naquela época não tinha pensão, ninguém tinha direito a nada, não é? Enterrou aquele defunto ali, pronto, quem ficasse que fosse se cuidar; nem herança não tinha porque a gente morava na casa de usina e até hoje a casa que a gente morava, pertence a usina. Aí nessa época minha vó tinha um parente em Salvador, aí me levou. Minha vó foi para trabalhar e ter um dinheirinho para sobreviver, que ela me criou e mais duas irmãs minha, aí ela me levou e deixou as duas irmãs minha com minha mãe e lá, eu com dez anos a parenta da minha vó, que minha vó foi, acho que não deveria dar comida a mim e a minha vó, porque eu tinha que trabalhar. Elas me botaram em uma casa que fazia sapato na época, era no Taboão, ainda existe esse Taboão, e na época era bonde que se usava, eu não sabia ler direito e ela só foi me levar, assim, dois dias e eu morava no interior para ir para cidade grande que mesmo assim na época, Salvador já era uma cidade grande para quem não conhecia. Eu fiquei com tanto medo que te um dia que eu vim e cai do bonde, quando eu caí disse que não ia mais por causa da distância que ela me botou nesse trabalho para eu ir para casa dela era muito distante, bem verdade, eu saía do trabalho e pegava assim o bonde, mas não conhecia nada porque para mim foi um desastre.

Observamos que as condições concretas dessas experiências de vida determinaram e colocaram D. Sabrina, ainda criança, na realidade do trabalho. O trabalho precoce doméstico que é socialmente aceito como formador e os responsáveis acham “natural” esse trabalho e inserem a criança nas atividades domésticas. Percebe-se que a questão econômica das condições sociais de vida se junta à questão cultural. Alberto e Santos (2011, p. 210) corroboram com esse pensamento quando afirmam que a forma de relacionamento com os outros é um elemento importante para se compreender a questão do trabalho infantil.

Segundo Arruda (2008, p. 285), “A ideia de acostumar meninas de classes menos favorecidas às atividades de trabalho doméstico é comum e muito forte no Brasil, e parte da concepção de que o trabalho nos lares faz parte de sua formação, gerando aprendizado e até uma profissão, caso nenhuma outra dê certo.”

O trabalho infantil doméstico é instrumento de um jogo que tem um duplo papel: ao mesmo tempo em que é usado como modelador, pode causar sofrimento. Crianças como D. Sabrina experimentaram esses sofrimentos. Foi o que aconteceu com ela. Teve que aprender a sair de sua cidade, localizada na zona rural para vir trabalhar na zona urbana, onde, nos primeiros dias de trabalho, enfrentou os medos e as mazelas da cidade grande. O medo de se perder; de não saber fazer os serviços corretamente; o temor de cair do bonde – experiência que viveu logo no primeiro dia. Toda uma realidade pautada e disfarçada com requintes de pessoa escravizada.

Mesmo assim, em sua infância, D. Sabrina criou coragem e conversou com sua Avó:

Olhe, minha vó! Eu chamo minha vó de mãe. Olhe mãe! Não vou ficar aqui não, não vou ficar nesse trabalho mais não. É muito sacrifício para vim embora, tenho medo. Aí, minha vó ‘não, não quer ficar, vou arranjar a casa de uma criatura que tem uma criança para tomar conta, você vai’. Eu aí fui. Não sabia nem quanto de dinheiro iria receber. Aí tomei para mim e foi ótimo. Eu me adaptei mais, eu gostava muito de criança, fiquei com a criança e lá fui me desarrando e fui levando minha vida, passando os tempos.

Esse desabafo de D. Sabrina feito a sua vó rendeu compreensão e aceitação, mas não a tirou da obrigação de ter que trabalhar para ajudar no sustento da casa. Era mais uma criança que trabalharia tomando conta de outras crianças. A resignação era o único remédio para compreender e seguir vivendo. Ela criou estratégias para sobreviver a esses momentos, “tomando para si” o compromisso de fazer daquela experiência um aprendizado ou algo “ótimo”.

Crianças um dia e mulheres idosas hoje, suas experiências e afazeres mencionados se constituem como características inerentes às mulheres do lar. São saberes que demarcam identidades femininas e as coloca em um espaço de fala e vitórias conquistadas por elas mesmas. Elas precisam se munir de aprendizagens domésticas como cozinhar bem, arrumar a casa, cuidar das roupas do esposo, como se não houvesse outras possibilidades de vislumbrar um novo horizonte, subvertendo essa lógica.

D. Sabrina não teve acesso à escola formal, mas aprendeu “muito pouco” a leitura e a escrita em outro espaço de letramento, na fazenda. Ali, a filha do administrador lhe ensinava aquilo que era possível. Ela aproveitou o máximo que pode, mas registrou em suas memórias o

duro trabalho na infância e o distanciamento do brincar obrigatoriamente. Guardou para si os ensinamentos e os valores que os estudos têm, lutando e remando contra a corrente para dar a seus filhos uma educação contínua e de qualidade como forma de não passar pelos mesmos sofrimentos que ela passou. Suas lutas e resistências foram decisivas para suas vitórias, pois reconhece seus direitos e deveres com a clareza de quem parece ter frequentado uma escola formal.

As atividades desempenhadas pelas mulheres trazem no seu repertório, densos significados sociais, culturais, de força e poder. Desse modo, as práticas sociais e culturais dessas mulheres podem fazer delas independentes, empoderadas e líderes. Seus poderes são invisíveis para os homens, porém quando se faz necessário elas exercem a liderança na família, associações comunitárias, festas e reuniões da igreja, como nos narra nossa (Participante 5 – Sra. Cremilda):

[...] eu sou costureira também. É meu ganha pão; trabalho mais à noite, porque a casa é pequena e não tenho minha área de costura; e tem muita gente, muito movimento, passando para lá e para cá e não consigo me concentrar. Ai costumo costurar de cinco horas da tarde até uma a duas horas da manhã todos os dias.

As aprendizagens, os saberes e estilos de letramentos são demarcados e firmados em suas narrativas e se constituem em um conjunto de condutas de práticas sociais e culturais apresentado, através de suas experiências que anunciam o que são; o que sabem fazer, o que acreditam e como se tornaram mulheres.

D. Cremilda rememorarão seu acesso à escola, inicialmente de maneira contínuo, demonstrando todas as dificuldades referentes ao acesso e detalhes dos trajetos até chegar a este espaço de letramento. Como trabalhava desde a infância, após os serviços na casa dos outros, seguia o que lhe pareceria ser o único caminho para se livrar das humilhações e amarguras da condição de vida imposta em seu contexto. Lamenta ter interrompido os estudos, já, no 2º. Ano do curso Técnico em Enfermagem, por ter que cuidar de sua neta que acabara de nascer, rejeitada por sua filha, mãe solteira. Lembranças saudosas de uma época que estudar; ir à escola e estar aprendendo eram sinônimos de mudança de vida; da liberdade diante de tantos sacrifícios e covardias para uma criança que cresceu rápido demais para se tornar adulta antes do tempo. Ainda assim, ela diz que se tivesse oportunidade, voltaria a estudar. Claro, enfermagem, não!

A participante acredita no poder de transformação da educação e nas possibilidades que uma pessoa pode ter, mesmo com todas as dificuldades que a escola e a sociedade impõem a quem pretende retomar os estudos. Ela incentiva seus filhos e netos, apontando sempre que

eles têm a oportunidade de virar o jogo. Orgulha-se de ter aprendido em outros espaços de letamentos, a profissão de costureira, com a qual se sustenta, tornando-se independente.

Nas histórias narradas, as idosas seguem recordando seu passado, construindo suas memórias e registrando suas identidades, demarcando lugares, espaços, sentimento de pertencimento e territorialidade. Também se silenciam, choram, fazem pausas e retomam ao fio condutor da narrativa para se conectar com o passado e torná-lo presente. Tudo isso forma um patrimônio entre a experiência do passado, a experiência do presente e os significados e reflexões entre passado e presente que vão sendo construídos no contar, narrar e ouvir. É o que nos explica Souza (2006, p. 103), ao refletir sobre a conexão entre tempo e memória: “A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.”

Assim, as narrativas aqui expostas representam um conjunto de vozes que retratam as histórias das mulheres idosas de São Francisco do Conde. Suas trajetórias individuais estão imbricadas, nas práticas culturais, crenças e formas de vida que, historicamente, se fundem e se reconstroem no dia a dia, entre lembranças e memórias que são revividas a cada provocação de nossa entrevista. São experiências tão ricas em saberes, que muitas vezes não conseguimos localizá-las, em um determinado tempo da história; emoções e gestos que expressam estar gostando de visitar o “passado”.

A Sra. Euzébia (Participante 3) reconhece o ensinar e a escola como lugares de oportunidade para aprender e o ato de estudar como bem de valor: “*Não estudei porque não tive oportunidade, mas meus filhos o que eu tivesse eu ensinaria, então eu colocava para ir à escola e aprender que é a melhor coisa.*” “Um bem a ser adquirido que, no entanto, não constitui garantia de inserção e prestígio social” (MOLLICA, 2007, p. 19). Ainda assim, nossa participante demonstra acreditar em um único caminho, o da educação como forma de transformar sua realidade.

A relevância social que a Sra. Euzébia confere ao conhecimento escolar atesta o afirmado por Signorini (1995, p. 162, grifo nosso):

A sobrevivência na escola é comumente vista como sinônimo de aquisição dos bens culturais de prestígio – ser “estudado” é ser “educado”, mais elevado – e ao mesmo tempo, como sinônimo de aquisição dos recursos necessários ao sucesso na ação social de base discursiva, independentemente dos contextos situacionais em jogo – *ir à escola é a melhor coisa.*

A partir de muitas narrativas até aqui apresentadas, foi possível perceber que idosos socialmente subalternizados, transparecem o sentimento de que o fato de não ter tido acesso

regular à escola ou de não saber ler, escrever ou saber muito pouco, pode ser considerado como um sujeito inferior ou mesmo como alguém de “menor valor” socialmente.

Para os idosos dessa pesquisa, a escola é vista como o espaço de renovação, de expectativas e de aprendizagens, distantes, mas memoráveis. Na escola, eles esperariam adquirir o letramento capaz de lhes permitir ler, conhecer e adentrar, em outros espaços, em outros mundos, projetando outros sonhos, simples para alguns, mas, para eles, aprender a ler e escrever significaria ganhar autonomia. Ser um idoso independente, na opinião deles, seria envelhecer aprendendo, envelhecer conquistando direitos e cidadania, envelhecer lendo e escrevendo. Seria o sonho de ir ao mercado e poder realizar compras, colocar no papel as anotações cotidianas. Enfim, atender às mais diversas necessidades da escrita nas suas funções sociais e se sentirem integrados na sociedade. Afinal, oficialmente, o espaço social mais privilegiado que dá acesso ao letramento é a escola. Entretanto, a escola nem sempre promove aos frequentadores as aprendizagens de modo a lhes garantir o poder pretendido. Por conta disso, no caso de estudantes de classes populares, as experiências de fracasso e de expectativas frustradas predominam.

Na sequência de narrativas tão particulares e singulares, surge D. Altamira (Participante 8), mulher “letrada”, responsável por um Terreiro de Candomblé, na posição de “Mãe Pequena” – cargo importante para quem assume o compromisso de fazer às vezes da Ialorixá maior – a “Mãe de Santo” do terreiro, que com grande entusiasmo nos fala empolgadamente dos projetos que o terreiro tem com as idosas e a relação desses projetos vinculados à Prefeitura Municipal, através de concorrências ganhas por Editais e sua forte influência na comunidade local. Esses projetos, diz ela:

[...] servem como terapias, retiradas da depressão e capacita esse idoso para ter não somente uma ocupação, mas o prazer de ser útil e também gerar um pouco de renda, através de suas produções artístico-culturais.

D. Altamira sente a necessidade de escolarizar essas idosas, podendo oportunizar uma melhor qualidade de vida, além da formação cultural e religiosa ali vivida por elas, mas também afirma ver nesses projetos a oportunidade de resgatar algumas dessas idosas da depressão, valorizando sua autoestima e aproveitando para capacitá-las e gerar renda que auxiliará na manutenção da família.

Segundo Ribeiro *et al.* (2004, p. 796), “Em geral, a mudança de “status” social do idoso, que implica na diminuição de recursos, no crescimento da dependência familiar e, a obrigação de deixar o lugar habitual de vida tornam-se fatores contribuintes para aparição de uma depressão.”

A partir de tais afirmações, é possível prevê que a cada dia aumenta o número de idosos que vivem sozinhos, devido à carência de emprego em sua localidade. Os filhos tiveram que deixá-los para sair em busca de novas expectativas, gerando uma situação de desconforto para seu ente idoso, que buscará engajamento em atividades expressivas que os acolha, desenvolvendo neles os prazeres religioso-espiritual, cultural, ou talvez, a educação escolar, como propõe D. Altamira.

Perguntei sobre a relação desses idosos com a escola, como era, e D. Altamira nos explica:

Tentamos implementar a EJA – Educação de Jovens e Adultos aqui no Terreiro, mas não deu certo, porque vieram as novelas. Eles achavam mais interessantes. Mudamos os horários das aulas para não atrapalhar as novelas, mas assim mesmo, não deu certo.

A identificação de que a pessoa idosa apresenta algum tipo de dificuldade ou resistência na aquisição de novos conhecimentos, sejam elas motoras, cognitivas ou mesmo por posturas pessoais, não deve ser tratada de forma menos importante, como se essas não tivessem seus valores presentes no sentimento de prazer. O idoso deve ser respeitado naquilo em que tem de melhor, ou seja, suas experiências e saberes adquiridos ao longo de suas vidas e naquilo que agora desperta seu interesse. Deve ser estimulado a continuar exercendo seu papel social, uma vez que já chegam à sala de aula ou a outros espaços de escolarização com uma bagagem de conhecimentos e de vivências que não podem ser descartados pelo educador.

Portanto, a importância da educação para o idoso, segundo Salgado (2007, p. 76), “A disponibilidade para aprender nem sempre é uma característica dos idosos, cabendo aos profissionais à responsabilidade de estimular essa atitude, buscando métodos pedagógicos adequados e diminuindo o estigma preconceituoso que na velhice é muito difícil aprender.”

Nessa perspectiva, talvez tenha faltado a D. Altamira ou a outro educador, encarregado pelo terreiro, enfatizar a importância da educação em suas vidas, estimulá-los sempre que possível, a fazer uma autorreflexão sobre o que representaria estar em casa assistindo às novelas e estar naquele espaço de formação escolar, a fim de que atingissem as metas que eles mesmos se impuseram quando adentraram as salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), para que não desistissem de seus sonhos.

Quando se fala em idosos, D. Altamira fica mais que entusiasmada, porque vê neles e se vê na potencialidade e possibilidade de reverter depressão em qualidade de vida, contando com alegria sobre um último projeto que ela e demais idosos estão participando a partir da colaboração com a PRODETUR – Órgão Municipal, onde o projeto consiste em

reaproveitamento da matéria prima da bananeira, levando os idosos a participarem de oficinas de capacitação e qualificação cultural, aproveitando desde as fibras da bananeira – mais resistentes que as da palha da costa para confeccionar artesanatos e comercializar, gerando renda para os idosos, em uma perspectiva de cooperativa financeira para eles a elaboração dos tradicionais doces envolvidos nas folhas da bananeira. Inclusive, esses materiais são fornecidos, para que os idosos levem para suas casas e deem continuidade a sua fabricação, livrando-os da depressão e motivando-os como distração e lazer.

No entanto, aos idosos lhes soou bem a proposta de participar de um projeto social desenvolvido pelo terreiro, em parceria com a Prefeitura Municipal, onde cada idoso confeccionaria artesanatos com produtos locais, além de uma gastronomia local que rememorar a sua ancestralidade, fortalecendo sua formação identitária, trazendo de volta a cultura de plantar bananeiras e com seus frutos fazer os doces, enrolados nas palhas de bananeira, repetindo um ritual secular por Maria de Benzer ²⁵

Os idosos ficaram mais felizes com a parte econômico-financeira, gerada por sua produção do artesanato, porque na confecção de brincos, por exemplo, ele terá o retorno financeiro, melhorando sua vida (Participante 8).

Esses projetos preveem, não somente a promoção da saúde do idoso, mas também o resgate de nossa cultura, nossa identidade, como diz D. Altamira: “[...] *os idosos também ensinam a cantar as músicas antigas tradicionais vinculadas ao fazer doméstico de produção de doces e artesanatos [...]*”.

Para D. Altamira, é importante resgatar as raízes ancestrais, culturais e tradicionais de São Francisco do Conde, onde a valorização dos produtos anteriormente ali comercializados seja reativada e a qualidade de vida dos idosos possa florescer. Para isso, junto com a Prefeitura, o projeto aprovado prevê o trabalho de temas relativos à Gastronomia do idoso, que são realizados através de Câmaras Temáticas – Oficinas, onde o objetivo é, segundo ela: “[...] *desenvolver uma gastronomia identitária de São Francisco do Conde para o idoso [...]*”.

Sendo assim, o Terreiro de Candomblé vem promovendo qualificações e promoção da saúde do idoso, bem como ações de ensino-aprendizagem, sem que as pessoas que participam, sejam necessariamente do “Axé” (participantes e iniciadas na religião de Matriz Africana, o Candomblé). Ações como essas, diz D. Altamira: “[...] *resgatam não somente a*

²⁵ Personagem Franciscana, conhecida por seus tradicionais quitutes de matriz africana e afro brasileira. Filha de escravos trabalhou desde os nove anos de idade na roça e tomando conta dos irmãos menores. Aos 15 anos já era dona de casa.

cultura dos nossos antepassados, provando nossa gratidão, através dos alimentos, mas resgata nossas tradições [...]”.

Um excelente exemplo são as oficinas de ensino-aprendizagem desenvolvidas, a partir do projeto, apresentado por nossa colaboradora: “*Maria de Benzer – o tabuleiro, sua história, música, samba de roda...*”. É uma tentativa de não somente resgatar a memória de uma grande figura da tradição cultural ancestral, que aprendeu com os familiares a fazer a sua famosa cocada, servindo de tradição, levando-a a ganhar vários troféus por ser a baiana que tinha seu grito “*Olha quem vai me benzer*”, chamando a todos para comprar sua cocada e outros doces, com a força do seu grito que era ouvido a muitos metros de distância, ajudando a formar a tradição cultural da sociedade Franciscana com seus quitutes e sabedorias. Essas manifestações serviram e ainda servem, por meio desse projeto, para não deixar morrer, esquecer ou mesmo se apagar as tradições.

Esses registros estão assim descritos por Espírito Santo (1998, p. 154):

Aos 94 anos Benzer sofreu uma fratura no fêmur, operando-se e levando dois meses no hospital Roberto Santos. Depois voltou para sua residência, levando mais 1 ano e 8 meses sem andar, necessitando de tudo em suas mãos. Até que chegou o dia 27 de outubro de 1990, quando teve um derrame, ficando esquecido um lado do seu corpo, permanecendo até o dia 29 de outubro, às 17h47min, quando faleceu, deixando na memória dos Franciscanos a força do seu grito e reafirmando a resistência da Raça Negra.

Essas memórias traduzem a realidade de muitas mulheres idosas da cidade de São Francisco do Conde, onde muitas delas se espelharam nesses exemplos para ajudar no sustento da casa e não deixar morrer a tradição. Muito bem lembrado por D. Altamira, que exalta o projeto aprovado e desenvolvido com as idosas, em parceria com a Prefeitura.

As idosas são motivadas a preparar o doce de banana sem açúcar, envolvido na folha seca da bananeira, relembrando essa mesma atividade de seus ancestrais, enquanto cozinham, escutam as histórias sobre essa iguaria. Essa atividade, segundo D. Altamira, serve para desenvolver o interesse por algum tipo de aprendizagem das idosas, além de sua comercialização, que gera um pouco de renda para ajudar no custeio de seus gastos pessoais.

Mesmo sendo a idade, definidora de quem pode realizar o quê e como, as idosas se submetem a normas sociais que não as beneficiam, mas, ao contrário, as estigmatizam, negando sua individualidade e necessidades pessoais enquanto participantes daquela sociedade. Sobre isso, Beauvoir (1976, p. 13-14), declara:

O indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade a seu respeito. De modo que, uma descrição analítica dos diversos aspectos da velhice não pode ser suficiente: cada um deles reage sobre todos os outros e é por eles afetado. É o movimento indefinido desta circularidade que temos de aprendê-la.

Nesta perspectiva, faz-se necessário rememorarmos que o idoso nem sempre foi visto da maneira como é vista hoje, com algumas oportunidades e acessos a escola e a bens de consumo. Portanto, compreendê-lo como ator social produtivo é possibilitar a compreensão do homem no tempo por meio da ambiência educativa de um povo. O mesmo podemos dizer dessas idosas em seu processo de envelhecimento.

A sociedade determina, segundo interesses convencionados, o lugar e o papel do idoso. O critério de idade não é o único usado por ela, mas, reúne em si, justificativas para a não valoração e não emancipação desse ator social. Tais justificativas atrelam-se aos arranjos sociais elaborados pela lógica do capital e seu centro de interesses, pautado pela produtividade e retorno econômico, que descartam aqueles que estão à margem desse quadro, entre eles, os idosos.

Portanto, a importância de os idosos estarem engajados nesse projeto, revela grandes perspectivas de produtividade que não somente os anima, mas que também os fazem se sentirem ativos, vivos e convencidos de que ainda podem colaborar junto à sociedade.

Essas mesmas idosas estabelecem outras relações, que vão além dessas atividades produtivas financeiras. São participações, na vida cultural da cidade, bem como seu engajamento através da religião, onde elas se sentem animadas e dispostas a contribuir com seus talentos e energia desde a programação à execução das manifestações culturais e religiosas. Uma dedicação que transcende o estigma de sua “velhice”. São corpos que se movimentam como jovens ávidos e cheios de energia. Suas habilidades são ali expostas e sua alegria contagiante. Razões têm de sobra para estarem ali e reivindicam seu “lugar de fala”, porque somente elas podem recuperar as memórias desses festejos.

Quando perguntamos a D. Altamira sobre a religião que praticam – com tanta diversidade na cidade e sobre os festejos populares e os idosos, ela sentencia: *“Religião é cultura popular, assim trabalho aqui no terreiro com samba de raízes de Angola, de Nação Angola; Chula de Caboclo e Ciranda de Roda; a importância dos caboclos criou ações para dar melhor qualidade de vida aos idosos [...]”*.

D. Altamira é uma idosa ativa e pensa sempre para além das barreiras que poderiam impedir as memórias e a qualidade de vida dos seus. Em 1993, viu a necessidade de resgatar uma tradição antiga, conhecida por Lindro-Amor, que é um peditório para as festas religiosas, que visita casas da cidade antes da realização das festas, com as imagens dos santos católicos, numa bandeja enfeitada com flores, tendo a frente um estandarte. Os acompanhantes usam chapéus floridos e tocam pandeiros e tambores (ESPÍRITO SANTO, 1998, p. 107). Foi aí que

a comunidade do Axé (povo do Candomblé), acompanhado de 45 músicos e mais um grupo de participantes, baianas e do afoxé, revitalizaram o Lindro-Amor, trazendo alegria para várias gerações de São Francisco do Conde.

Segundo a participante, “*O Lindro-Amor cura depressão; é uma terapia para muitos idosos; é um lazer dentro do calendário do nosso terreiro que é mais importante para o idoso; é nossa verdadeira cultura popular.*” Preparar essa festa é conferir responsabilidade aos idosos e solicitar deles dedicação, compreensão e rememorar espaços de letramentos tão marcantes em suas vidas.

Falar de cultura, manifestação cultural e religião para D. Altamira, é falar de bem-estar e qualidade de vida para o idoso. Ela sempre está nos surpreendendo com suas memórias que resgatam histórias do passado e que ainda hoje são celebradas para o bem da comunidade. A esmola cantada, ou peditório que era uma forma de sair de porta em porta, pedindo qualquer contribuição para o caruru, aceitando-se tudo, desde poucas moedas a bocapiu – cesto de palha de Ouricuri usado para carregar compras nas feiras. O importante era reunir o máximo possível de dinheiro ou objetos que se transformassem em valor para alegrar essas tradições.

Perguntamos sobre a alegria dos idosos em ter por perto outra manifestação cultural reconhecida por Samba das Pitangueiras. Ela, então nos diz: “[...] *temos outros sambas aqui também, o Samba Chula, que hoje está sendo homenageado em um espaço inaugurado - ‘Essa Viola dá Samba’, no Gurugé (Distrito do Município) para fazer nascer a viola que está em extinção, por causa da viola de Machete (espécie de viola pequena com quatro cordas;).*” Milton Primo é quem faz esse trabalho de resgate, assim nos contou.

Recuperando algumas narrativas sobre o Lindro-Amor, D. Altamira nos conta que as novas gerações têm dificuldade de participar dessa festa, porque os pais as proíbem. Então ela relata: “*eles não gostam e não participam por causa da família; a cidade é muito dividida; os pais pensam que o Lindro-Amor é Candomblé*”. Diante dessa situação, ela disse que chama os pais e explica que não é uma festa do Candomblé, mas de todos; independente de religião. Segundo ela, “*a religião é a base de tudo; a fé é a nossa base. Temos que nos apegar*”.

Lançamos mais uma pergunta em nossa entrevista com D. Altamira, sobre a participação da mulher negra no terreiro, questionando se a maioria era negra e assumia seu papel na sociedade Franciscana. Quem logo apresenta seu ponto de vista: “*Sim. Ser negra pela constituição da pele, de sua identidade, melanina; é condição de sua raça*”. As mulheres às quais D. Altamira se referia, são participantes integrantes do Candomblé, conscientes de sua cor e de sua ancestralidade, convivendo bem em uma cidade onde majoritariamente a população é constituída de mulheres e homens negros.

Essas histórias de lutas, de (re)existências e espaços sociais onde as mais variadas formas de letramentos surgem, solicitando que cada ator social “puxe” pela memória para recordar tradições, culturas e modos de aprender a ser e fazer despertam sempre olhos que brilham e mãos que acenam quando alguém lhes propõe recordar o passado ou desenvolver alguma atividade que traga de volta suas lembranças sobre o aprender a ler, a escrever ou mesmo ajudar na elaboração e confecção das festas religiosas e populares. O limite de idade aqui não é avaliado para baixo, mas valorizado por trazer consigo inúmeras possibilidades de precisão atemporal para que os resultados sejam os mais fiéis possíveis.

Que maravilhoso era poder compartilhar dessas memórias e poder ver que as tarefas manuais eram frequentes na organização dos festejos e as cantorias corriam soltas enquanto fabricavam algum objeto ou adorno. No entanto, eu estava ali em uma ação participante, desejando não somente observar, mas aprender com elas e ressignificar suas memórias, através de cada pergunta que fazíamos sobre seu acesso à escola, a leitura e a escrita, onde cada uma delas apresentava suas justificativas.

Para D. Altamira, mulher letrada e reconhecidamente uma liderança na comunidade, o acesso à escola foi contínuo e pôde desfrutar de alguns privilégios que talvez as demais participantes desta pesquisa não puderam experimentar, mas nem por isso deixou de ser sensível e multiplicadora de aprendizados e saberes que formam e determinam a vida de cada indivíduo. Não pelo simples fato de se tornar professora de formação, mas por ser sensível a causas maiores que a investia de poder e garra na elaboração de métodos e estratégias para aproximar os idosos aos letramentos que faltaram à vida de cada um deles.

As buscas foram incansáveis por parte de nossa participante, que com muita criatividade e determinação, sempre buscou desenvolver projetos que levassem os idosos ao universo dos letramentos, resgatando seus princípios, culturas e identidades por eles talvez esquecidos. Um constante itinerário de formações e contribuições para uma vida saudável e a realização pessoal de cada um dos sujeitos envolvidos que seguem até hoje.

Entre outras idosas, aparece D. Angélica, que iniciou sua narrativa, dizendo-me:

Só estudei até a terceira série. Não tive condições de estudar porque com a idade de dez anos já fui trabalhar na cozinha dos outros. Minha mãe morava com um rapaz e teve um bocado de filhos, o rapaz morreu e naquela época não tinha benefício nenhum e eu tive que trabalhar para poder ajudar minha mãe, não tive tempo de estudar. A sala de aula; a escola era ótima; eu gostava. Meu desejo era que eu estudasse, mas não tive condições, não achei quem me ajudasse. Então, eu não estudei. Leio e escrevo pouquíssimo. Pouquíssimo mesmo.

Os limites impostos por ter que trabalhar tão cedo; o tipo de trabalho “na cozinha dos outros”; o não ter outra fonte de renda para a manutenção e subsistência da família, entre

outros fatores, representa o distanciamento de nossa participante de sua infância e de uma atividade que para ela era “ótima; gostava”. Há também um momento de queixa sobre sua falta de lamento por não ter encontrado alguém que pudesse ajudá-la a estudar.

Neste cenário e atualizando nossos dados, a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2013, p. 5) aponta:

O envolvimento no trabalho infantil é, em termos globais, muito mais elevado entre os meninos do que entre as meninas no grupo etário dos 5 a 17 anos (99,8 milhões de meninos e 68,2 milhões de meninas). A magnitude da redução do trabalho infantil nas meninas foi superior à dos meninos e a diferença de gênero em termos de envolvimento em atividades econômicas decresceu no período 2000-2012. Enquanto as meninas representavam 46,2 por cento da totalidade das crianças trabalhadoras em 2000, este número diminuiu para apenas 40,6 por cento em 2012.

No entanto, a OIT (2013) chama atenção para a questão de que o número de meninas em situação de trabalho infantil pode ser maior por duas razões: “[...] as meninas podem estar mais presentes em formas menos visíveis de trabalho infantil (e, por isso, menos registradas pelas estatísticas), como o trabalho doméstico em residências privadas [...]” (OIT, 2013, p. 5) e “[...] esta dimensão do trabalho infantil não está incluída nas estimativas mundiais. Tais conclusões são devido à falta de dados e à falta de consenso sobre o que constituem as tarefas domésticas perigosas para efeitos de mensuração do trabalho infantil [...]” (OIT, 2013, p. 5).

Assim, D. Angélica, inserida neste contexto, prenuncia um elevado número de crianças e adolescentes que, apesar de terem seus direitos assegurados constitucionalmente, vivenciam uma realidade de exploração de sua força de trabalho em diferentes modalidades de trabalho infantil, os quais se desenvolvem em espaços distintos. É o caso do trabalho realizado por crianças e adolescentes, no âmbito privado das residências, uma forma de trabalho ainda visto com naturalidade e socialmente aceito, envolto em um discurso de “ajuda”.

Meu desejo e pergunta neste momento é saber se haveria possibilidade de nossa participante voltar à sala de aula, recuperando “esse tempo perdido” e retomando algo que ela disse ter gostado tanto:

Acho importante se eu pudesse voltar para sala de aula, mas no momento a minha mente tá esquecendo muito. Eu faço alguma coisa e daqui a pouco me foge da mente. Então, para estudar não vai ser muito legal.

Em suas palavras, D. Angélica declara ser importante, mas alega algumas dificuldades que não a permite retornar à sala de aula, determinando que não existe para ela essa oportunidade. No entanto, esclarece o quão importante são os estudos em sua vida e como criou seus filhos nesta visão:

Eu tenho meus filhos. Os mais velhos todos estudaram. Inclusive eu tenho uma caçula, você falou que trabalhou no pré vestibular, ela trabalhou lá. Ela fez Ciências biológicas. É bióloga. Tem o outro também que está fazendo Direito e já teve dois que não quis estudar, mas um não quis estudar, mas trabalha normalmente, uma pessoa decente, mas tenho um que é meu caçula dos homens que só a mão de Deus! Não estudou; não fez nada. Não quis nada! Nada da vida. Não foi por falta de orientação e educação; muito pelo contrário... se os mais velhos são diferentes porque só eles dois!? É porque tem aquela história dos dedos das mãos, são irmãos, mas não são iguais. Tem uma outra minha menina que é a quarta filha. É professora também. Eu criei dois netos, coloquei para estudar, estudou direitinho e concluiu o segundo grau, mas agora não querem mais nada! Só quer viver de andar em festas.

As memórias de nossa participante revelam seu aprendizado a respeito do valor que deve ser depositado sobre os estudos, elevando a condição de cada filho, neto para o saber letrado. Para ela, não somente é importante estudar, como não compreende como alguns deles não quiseram ou abandonaram os estudos. Um caminho que para ela é incompreensível, visto que os educou da mesma forma, ensinando e alimentando o sonho de ser “alguém na vida”. Condição essa que para ela, só seria possível através daquilo que dela foi tirado, o acesso aos estudos. Inicialmente ela não consegue entender o porquê de um dos seus filhos não ter querido estudar. No entanto, justifica que não quis estudar, mas sempre foi bom para trabalhar, diferente de um segundo filho que não quis estudar, seguido pelos netos que concluíram o ensino médio e pararam.

Esses relatos traduzem o valor que o letramento tem na vida de D. Angélica, projetando sua dignidade, seus sonhos em filhos e netos, onde orgulhosamente ela destaca a formação e profissão de cada um deles. Ela aproveita para justificar, talvez, que seus netos não quiseram estudar mais, porque vieram as festas que são mais interessantes que a sala de aula.

Paulo Freire (2001) ressalta a importância da dignidade ligada à existência humana, essa conscientização permite a possibilidade de escolher e decidir por si mesmo, assim como lutar pelos sonhos para que se tornem realidade. Aquele que antes era excluído, marginalizado, pode converter-se em sujeito de direitos, podendo sentir-se gente e não coisas como geralmente eram tratadas no trabalho infantil.

A existência humana é que permite, portanto, denúncia e anúncio, indignação e amor, conflito e consenso, diálogo ou sua negação com a verticalidade de poder. Grandeza ética se antagonizando com as mazelas antiéticas. É exatamente a partir dessas contradições que nascem os sonhos coletivamente sonhados, que temos as possibilidades de superação das condições de vida a que estamos submetidos como simples objetos para tornar-nos todos e todas seres mais. (FREIRE, 2001, p. 14).

As narrativas, assim como as palavras de Freire não se propõem a um método, mas a um caminho que se constrói de forma espontânea, em bases de justiça, de desapego, sem hierarquias ou verdades absolutas, buscando criar condições, para que o processo de

aprendizagem seja livre e organizado pelo próprio educando, possibilitando-o experimentar os sabores do desafio da leitura e da escrita direcionados a sua realidade, quando diz que: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

Sendo assim, é possível verificar entre nossas narrativas, a educação na infância que não foi possível, poderia ser agora a prática social de letramento perseguida por nossos idosos como nas palavras de Freire: “... a justiça social, o trabalho, a conscientização de um papel social”, que chamaremos de letramento, onde todos têm um papel social e a leitura tem organização e sentido, motivando o sujeito letrado, político e questionador de direitos e deveres.

Le Goff (1994), em *História e Memória*, nos faz refletir sobre qual a relação entre o passado e a memória para a escrita das narrativas. O que ele pretende com essa provocação é demonstrar que em relação à memória o que sobrevive do passado chega até nós por meio das escolhas feitas “[...] pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, e por aqueles que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa [...]” (LE GOFF, 1994, p. 123). Portanto, essas escolhas são realizadas pelo pesquisador e por nossos atores sociais, os quais selecionam voluntariamente quais memórias serão lembradas, seguindo uma ordem que seus sentimentos e mobilidades pessoais vão demarcando.

D. Angélica nos situa neste contexto, dando continuidade a suas narrativas e memórias de letramentos, que foram interrompidas na 3ª. Série, pontuando que seu acesso à escola fora interrompido por ter que trabalhar desde os 10 anos como empregada doméstica. Memórias muito semelhantes às de D. Sabrina, Euzébia, Cremilda, entre outras, porém cada uma com suas amarguras e sofrimentos enfrentados ao longo do tempo. No entanto, D. Angélica marca um discurso pedagógico bem pertinente a quem ensina e quem deve aprender – “não achei quem me incentivasse”. Essa “denúncia” recai sobre o estatuto dos direitos legais da educação e da escola, formadora de sujeitos pensantes, que precisam estar atentos a realidades adversas.

D. Angélica passou por muitos sofrimentos, sobretudo com a perda do marido de forma trágica e precocemente e o cuidar da família sem a ajuda de ninguém foi o mais difícil. Ela teve que se reinventar e reexistir para dar conta de suas mais novas responsabilidades. Acionou seus poucos conhecimentos e organizou sua família a partir da importância da colaboração mútua em casa e da importância de todos frequentarem a escola.

O valor dado ao acesso à educação, através da escola de maneira contínua era o que D. Angélica sempre sonhou, instruindo a cada um dos seus filhos trilhar esse caminho. Seu orgulho se via estampado em seus olhos, enquanto rememorava o passo a passo da educação e formação de cada um dos seus filhos. Parecia uma realização pessoal projetada em seus filhos. E

talvez o fosse mesmo, pois ela não teve as devidas oportunidades para trilhar os mesmos caminhos. Estava feliz com os resultados, até ali alcançados, mas ainda assim seguia em sua luta de fazer com que os netos compreendessem a real necessidade e valor de estar na escola, aprendendo e conquistando uma profissão.

Nossa participante 3, D. Euzébia, escolhe alguns episódios de sua vida, narrando sua própria história de infância, lembrando detalhes importantes que a faz lamentar diante de alguns fatos, mas a lembrança de agradecer por outros:

Eu não fui criada pelos meus pais, eles morreram cedo. Quem me criou foi minha madrinha e eu estudei muito pouco; só até o terceiro ano, porque morávamos em roça, em fazenda e não tinha condições de estudar, mas gostava e queria estudar. Não tinha como na roça! Mas, graça a Deus, depois que minha mãe morreu, meu pai foi trabalhar fora, em usina e minha madrinha me tomou para me criar com sete anos e me criou até quando eu me casei. Foi em Conceição de Feira, não aqui em São Francisco.

A perda dos pais logo cedo, revela a D. Euzébia, uma das realidades que terá que enfrentar ao longo de sua sobrevivência, modificando sua vida na infância para tornar-se uma adulta antes do tempo. Mas, como ela mesma diz, “[...] graças a Deus minha madrinha me tomou para criar [...]”. Esse agradecimento soou como uma esperança que lhe era favorável por muitas condições, já que estaria sendo cuidada por alguém que ela admirava e respeitava. Era um gesto de carinho e amor acolher a afilhada tão novinha – *sete anos e meio!* Ingenuidade característica de sua idade e das condições de vida as quais se encontrava.

Lamenta ter estudado menos do que gostaria: “[...] eu estudei muito pouco; só até o terceiro ano, porque morávamos em roça; em fazenda e não tinha condições de estudar, mas gostava e queria estudar [...]”, revelando assim algumas das dificuldades com as quais iria conviver por bom tempo. O aprendizado dos afazeres domésticos era uma realidade a ser seguida, pois, a partir de sua madrinha, aprenderia a lavar, passar, cozinhar, entre outras tarefas do lar, transformando-a aos poucos em uma “moça prendada”.

As primeiras recordações da infância se localizam e se fortalecem nas relações familiares. Hoje, fazendo o exercício de releitura, essa idosa, D. Euzébia, recorda do trabalho na fazenda (roça) como elemento central na constituição de sua identidade. Uma das fases mais significativas de sua vida é demarcada em poucas palavras: “[...] morávamos em roça, em fazenda e não tinha condições de estudar [...]”.

Observa-se que os aspectos da formação social em que foi criada, mediante a menção à infância, são revelados nas narrativas dessa idosa. Nota-se que esse período de sua vida foi marcado pelas atividades rurais, ou seja, uma infância atrelada ao trabalho e a vida

escolar posta em segundo plano. Isso ocorreu porque ela devia, primeiramente, ajudar a família, na atividade rural, nos afazeres domésticos e no cuidado com suas próprias necessidades.

Assim, alguns valores sociais que atravessaram a construção identitária de nossa participante e que permitem não só entender algumas relações sociais do passado, mas também ajudam a compreender como os elementos do passado são ressignificados no presente. Entre as relações sociais, observou-se a desvalorização e a dificuldade de acesso das mulheres à escola e uma educação familiar, intrinsecamente, voltada para a formação de boas esposas, mães e donas de casa. As narrativas dessa idosa demonstram que a tradição era educar as meninas para ajudar nos serviços domésticos, prepará-las para o casamento, com poucas preocupações em ensinar a leitura, sendo que uma das principais preocupações quanto à educação das mulheres, tanto de famílias mais abastadas como de classes populares, era ensinar-lhes a cozinhar, a bordar e a realizar outros afazeres domésticos.

Aprendizados realizados e memórias lembradas, D. Euzébia continua a narrar que morou com sua madrinha, na fazenda, até seus 24 anos, quando conheceu um rapaz, se casou, vindo a morar em São Francisco do Conde. Teve seis filhos, demonstrando para eles a importância de estudar, formar e ter um futuro melhor do que o dela.

Declarou:

Não estudei porque não tive oportunidade. Mas meus filhos, o que eu tivesse eu ensinaria. Então, eu colocava para aprender que é a melhor coisa! Eu estudava de noite. Era o supletivo. O supletivo é hoje chamado de EJA (Educação de Jovens e Adultos) o antigo MOBREAL. Eu ainda estudei uns três a quatro anos. A experiência foi muito boa em sala de aula. Nunca briguei com ninguém, sempre tive bons amigos. A professora era uma pessoa maravilhosa e eu gostava muito dela. Escrevia um pouquinho, lia um pouquinho, mas não muito porque era pouco que eu sabia.

Esses exemplos de força e garra de quem desejava estudar, mas não teve as oportunidades necessárias, fazem de D. Euzébia uma mulher que sabe o valor dos estudos e da formação humana, que envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais às práticas sociais e competências funcionais, bem como, valores ideológicos e metas políticas. Não se trata de alguma coisa que uma pessoa tem ou não tem, dependem principalmente das condições culturais, sociais e econômicas descritas por nossa participante em suas narrativas.

Ao justificar o porquê de ter estudado à noite, ela recorda de sua rotina antes mesmo de casar, junto com sua madrinha:

Estudava à noite. Durante o dia eu ficava com minha madrinha ajudando ela costurar e fazendo as coisas dentro de casa e lá morávamos em um povoado pequeno e só tinha açougue e a padaria e tinha um armazém e além de fazer os serviços de casa

ainda ia pegava as coisas para vender e não tinha como estudar de dia, tinha que estudar de noite.

Mais uma vez, as narrativas surgem rememoradas e carregadas de sentimentos de infância, onde as brincadeiras e o acesso à escola deram lugar ao trabalho, ao aprendizado de atividades domésticas e financeiras, através das “coisas” que tinha para vender. A escola ficou relegada ao segundo plano. Os estudos tinham que ser realizados, à noite, depois de ter cumprido toda sua jornada diária.

Apesar de toda essa história, D. Euzébia segue com um brilho no olhar, demonstrando felicidade por ter tido seus filhos e ter ensinado a cada um deles que o melhor caminho seria a dos estudos; a escola: “[...] eu colocava para aprender que é a melhor coisa!”. Ela não queria ver seus filhos passando por aquilo que ela passou. Por isso, o orgulho, a satisfação, o reconhecimento lhe transbordam a emoção, narrando como estão seus filhos, após ter lutado com a educação:

Uma é professora; duas são enfermeiras; o outro estudou até o terceiro ano e não quis mais estudar e nem fazer nada; duas até o ginásio, e o mais novo desempregado. Estou aqui lutando mais ele! Coloquei ele na escola; coloquei até minha altura, quando formaram para continuar e entrar na faculdade... essas coisas todas. Mas também não tinha condições e aqui é mais difícil! Agora não, que tem carro para levar e trazer, mas na minha época não tinha. Como Chica e Meire que pagava carro para ir estudar fora porque nesse tempo não tinha carro e hoje já tem.

D. Euzébia reconhece o valor da formação do ser humano, demonstrando conhecer as práticas de letramento que devem mobilizar toda e qualquer pessoa a conhecer as letras, os códigos escritos, mas, sobretudo de fazer uso desses códigos nas práticas sociais. Seus filhos estudaram, mesmo tendo aparecido muitas dificuldades. Ela ainda luta com um deles que não quis estudar. Sua declaração é digna de quem vê na aprendizagem; no acesso à escola, a leitura e a escrita, formas de superação e mudança de vida: “coloquei até minha altura”.

Para D. Euzébia a escola é o lugar de oportunidade para aprender e o ato de estudar é como o bem de valor: “Não estudei porque não tive oportunidade, mas meus filhos o que eu tivesse eu ensinaria, então eu colocava para ir à escola e aprender que é a melhor coisa.”

O acesso à escola não foi fácil para D. Euzébia. Ela tinha que terminar primeiro os trabalhos de casa, como empregada doméstica, ajudar na lavoura e depois ir à feira para vender os produtos colhidos para somente depois frequentar a escola. Toda uma rotina dura e carregada de sacrifícios, que não distantes de muitos trabalhos infantis ela enfrentou. Ainda assim, mesmo exausta de suas obrigações, reunia forças para acessar os letramentos que lhe pareciam contínuos no espaço escolar. Não demorou muito para ter que abandonar os estudos por conta dessas triplas jornadas. A possibilidade de retorno às aulas surgiu, muitos anos depois de casada

e com filhos. Era a EJA (Mobral) que lhe batia à porta. Abraçou esse compromisso, mas outras dificuldades por conta da idade, do cuidado com a família e das responsabilidades assumidas, fizeram-na desistir.

O sonho de uma formação pautada a partir da escola ficou na memória de D. Euzébia, mas foi projetada em seus filhos e filhas, que seguiram a seus modos os caminhos dos letramentos, formando ou desistindo segundo suas razões próprias. Seu orgulho se estampa em sorrisos quando apresenta a história de vida de cada um de seus filhos e a satisfação de tê-los criado com muitos sacrifícios, mas ensinando o valor que tem a educação contínua.

Entre lutas diárias e memórias que vão sendo narradas, o trabalho infantil é recorrente; a morte do mantenedor da casa é descrita; o acesso à escola é destacado; os relacionamentos amorosos são pontuados, entre outras formas de lembrar como sua memória e letramentos foram sendo construídos. Nesse processo, surge nossa participante 5, D. Cremilda, 65 anos, mãe de cinco filhos, mulher forte e cheia de luta para contar.

Suas primeiras memórias de sua infância:

Eu com nove anos de idade era empregada doméstica. Eu era tão gente pequena, que não dava na altura da pia e a dona da casa, antigamente o engradado era de madeira, agora é de plástico, e ela colocava dois engradados para eu poder dar na altura da pia e eu era linda os cabelos batia aqui. Ai lavava os pratos e só almoçava depois que todo mundo almoçava. Não tive pai, não. Só conheci mãe, mas sempre fui assim, via as necessidades, precisava das coisas e mãe não podia dar aí a solução era ir trabalhar.

Mais uma narrativa que nos faz relembrar a história de tantas e tantas crianças que deixaram de viver sua infância para ajudar no sustento da família, sendo deslocado de fases que compunham o brincar, o estudar e o viver de maneira feliz, junto a uma família que lhe nutrisse de amor, alimentação, acesso à escola, a saúde e ao lazer. Inúmeras denúncias de alguém que sequer teria credibilidade para ser escutada diante de sua pequenez, mas que estavam ali sendo rememoradas, após ter guardado por tanto tempo.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “[...] o trabalho infantil doméstico viola os direitos humanos de crianças e adolescentes à vida, à saúde, à educação, ao lazer [...]” (BRASIL, 1991), e ainda acarreta prejuízos que comprometem o seu pleno desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e moral. Por ser realizado no âmbito residencial, onde não é possível uma fiscalização sistemática, expõe a criança e o adolescente a uma série de violações de outros direitos, desde a baixa remuneração e longas jornadas de trabalho até atos de violência e abusos sexuais.

O trabalho doméstico é tão fortemente enraizado nas práticas sociais brasileiras que chegou a ser contemplado no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990), instituído

em 1990: o ECA determinava regularização da guarda do adolescente empregado na prestação de serviços domésticos.

Claro, à época de D. Cremilda, leis como as prescritas acima, não faziam parte de seu repertório social. Ela teve que se contentar com as “oportunidades” de sobrevivência que a vida estava lhe dando. Uma vida que lhe impunha preconceitos, discriminações desde cedo. Comer, só após os padrões terminarem e quem sabe, com as sobras. No entanto, nada disso a desanimou. Seguia fazendo suas obrigações para depois ir à escola, porque como ela nos conta:

A escola eu gostava, gostava. Eu ia. Era uma distância, sabe onde era São Bento? Como daqui a São Bento, eu ia andando para estudar. Longe, distante mesmo. Eu colocava um caderninho dentro do saco plástico e não tinha merenda e dinheiro nenhum. Descendo essas ladeiras e subindo outras. De barro, né. Ia estudar. Quando ia para a escola, o lanche era um pedacinho de coco porque o vizinho tinha coco e sempre estávamos com o coco lá em casa. Eu gritava: "Tem coco? Tome aqui". E eu pegava um pedacinho de coco, botava no saco plástico ou então uma banana que não faltava porque tinha muitas. Era roça, não faltava banana. Era em Campinas e morava na Boa Vista e depois cresci, virei mulher, tive filho, me envolvi com um sujeito e tive filhos e daí para cá... Esse sujeito não foi homem não de ficar ali? Só foi homem para fazer mesmo.

O acesso à escola, a distância percorrida, a merenda precária são recordações que ativam os sentidos de D. Cremilda, impulsionando a dizer que mesmo com tantas dificuldades, ainda era um prazer chegar à escola e estudar. Ela gostava muito! Estava aprendendo e se imaginando fora daquela realidade experimentada como empregada doméstica infantil.

Nossa participante cresceu, casou e seguiu aprendendo novas formas de “ganhar o pão”. Tornou-se costureira, mas antes até “lavar roupa de ganho” ela lavou, fazendo de “tudo nessa vida; menos se prostituir”; até unhas das mulheres do brega²⁶ ela já fez:

[...] comecei a trabalhar, lavei roupa de ganho, comecei a fazer de tudo nessa vida; acho que já fiz. Só não fiz me prostituir, graças a Deus! Oxê.... Já lavei roupa de ganho de mulher de brega. Sabe o que é brega? Eu lavava roupa das mulheres do brega de Maizinha lá. Quando ia levar a roupa, a dona do brega fazia assim, deixava uma pessoa na frente da porta para não deixar homem nenhum entrar porque eu ia entrar, eu era mocinha ainda. Eu ia entrar para levar a roupa. Ela deixava compadre Dilson ficar na porta olhando para homem nenhum entrar, porque eu estava levando as roupas das meninas. Fazia unha das mulheres do brega; lavava roupa, tudo isso eu fazia. Eu sou costureira também. É meu ganha pão e trabalho mais a noite porque a casa é pequena e não tenho minha área de costura e tem muita gente [...].

Memórias que contribuem para compreendermos como eram estabelecidas as relações familiares, de trabalho, formação escolar e elementos que iam determinando a transição entre as fases da infância à vida adulta. Teria sido necessário assegurar que D. Cremilda, nesta fase, não fosse posta em trabalhos que oferecessem riscos ao desenvolvimento

²⁶ Local de prostituição.

de suas capacidades físicas, psicológicas, cognitivas e sociais, pois algo poderia ser determinante para o futuro laboral dela, incluindo as dificuldades enfrentadas no que se referiu à permanência na escola.

D. Cremilda, após passar por esses inúmeros momentos de memórias que lhe trazem até hoje boas e más lembranças, nos recordou que mesmo com tantas dificuldades, ela ainda perseguiu o sonho de estudar e tornar-se uma profissional de sucesso. Buscou fazer um curso técnico em enfermagem, onde teve que interrompê-lo no 2º. Ano, porque nasceu sua netinha:

Estudei até o segundo ano de Técnico de Enfermagem e no primeiro semestre, minha neta que hoje tem 27 anos, nasceu. Eu abri mão para tomar conta dela e a mãe dela a abandonou, aí eu saí do colégio. Não consegui terminar. Mas fui até o segundo ano de curso técnico em enfermagem.

As mulheres costumam ter participação ativa na vida familiar ao longo do ciclo vital e segundo Kipper e Lopes (2006), essa participação é renovada quando se tornam avós. De acordo com os autores, esse é um marco evolutivo e fator importante no processo de individuação e na identidade feminina, por ser considerada uma fonte de renovação e renascimento, possibilitando a chance de repensar antigos conflitos. Além disso, o futuro genético representado pela chegada de um neto, em meio às tarefas de aposentadoria, doenças e perda do cônjuge, traz à mulher uma nova importância e utilidade e os netos têm o poder de reavivar desejos, sonhos e ideais adormecidos.

Para Rabinovich, Moreira e Franco (2012) as avós sucedem aos pais na importância nos papéis familiares e há mais uma interdependência emocional do que econômica/funcional com relação à criança. As avós costumam fazerem-se presentes na vida dos netos pela transmissão de histórias de vida e informações (RABINOVICH; MOREIRA, 2008), na tarefa de cuidar de netos cujas mães os deixaram a seu cargo.

D. Cremilda abandonou os estudos, repetindo aquilo que muitas mulheres fazem por seus filhos, acreditando que os sonhos deles são mais importantes que os seus. É uma força materna, maior que qualquer outra, capaz de mobilizar os sentimentos mais profundos nesta relação de mãe, filha e avó. Interromper os estudos em enfermagem, provavelmente, o que lhe dariam mais chances no mercado de trabalho, sendo recompensa por não ter tido essa oportunidade anteriormente. Mas, cuidar da neta mexia com seus afetos; com poder cuidar de alguém que já se apresentava ao mundo sendo “rejeitada”. Então, o sonho de poder concluir os estudos é mais uma vez adiado.

Quando pergunto para ela sobre a possibilidade de voltar a estudar, agora que sua neta já estava criada, ela nos diz:

Não, Enfermagem. Porque na hora de ver sangue, ver ferida; não quero, não! Bem que eu gostaria! Eu tenho vontade de ir, mas o problema de saúde e outra, eu sou costureira... é meu ganha pão! Trabalho mais à noite, porque a casa é pequena e não tenho minha área de costura e tem muita gente, muito movimento, passando para lá e para cá e não consigo me concentrar. Ai costumo costurar de cinco horas da tarde até uma a duas horas da manhã todos os dias. Ai não dá para estudar. É um trabalho pesado esse.

As mudanças enfrentadas por D. Cremilda, enquanto avó, em decorrência da criação dos netos, os relatos indicaram que assumir a criação de uma criança numa época da vida mais tardia, onde o trabalho já ocupava um espaço da rotina desta mulher, levou-a a ter que rever sua vida profissional e seus sonhos de retomar os estudos. Para ela, o trabalho e a possibilidade de retornar aos estudos tomou um novo significado, pois as necessidades da neta passaram a ser de sua responsabilidade.

As memórias de D. Cremilda se encerram nesta pesquisa, fazendo muitas revelações de gratidão e contentamento por ser a mulher que é e pelas conquistas que alcançou, após ter sofrido pela longa estrada da vida:

Me sinto uma mulher feliz, milionária! Hoje eu tenho televisão, cama box, tenho ventilador, graças a Deus, tenho tudo! Antigamente, eu não tinha nada, dormia no colchão, no colchão não, na folha de bananeira. Percevejo, que nunca vi tanto percevejo na minha vida. O lençol era de saco. Tomar banho de sabonete, meu Deus! Nunca na minha vida; a minha infância toda! Escovava o dente com uma folha que se chama folha de papagaio, que espuma... eu pegava a folha; eu sempre fui vaidosa; eu passava nos dentes. Pegava folha de manjerição, machucava, colocava dentro de um frasco e guardava e quando ia tomar banho passava que era meu perfume. É brincadeira?

Suas narrativas descrevem muito bem a infância sofrida por muitas mulheres de sua região, que para ganhar o pão, tiveram que se submeter a muito trabalho; sacrifícios e ao silêncio, diante das vicissitudes que a própria vida lhes reservou. No entanto, nada foi mais forte que suas conquistas, semeadas como grãos plantados no solo que aos poucos foram regados e colhidos agora com autoridade e lugar de fala. Sua crença está no poder ser uma mulher forte e extraordinária, que reconhece como riqueza os bens culturais acumulados, mas que não deixa de valorizar os bens de consumo como frutos de seu suor.

D. Cremilda não encerra suas narrativas ou mesmo coloca um ponto final em suas memórias, segue revivendo-as e encaminhando novos aprendizados e valores que a faz se reconhecer como a mulher “mais rica do mundo”, porque suas conquistas ultrapassaram os limites dos muros da escola e a vida lhe ensinou que lutas diárias seriam desafios a serem rompidos diante de obstáculos. Suas conquistas são refletidas até hoje com a certeza de que é

por meio do trabalho que conseguimos ser gente, mas que estudar, respeitar e ressignificar será sempre preciso.

Portanto, observei que os idosos aqui representados se apropriaram de estratégias particulares para construir e usar suas práticas de letramentos no cotidiano, mesmo quando foram convocados e ao mesmo tempo excluídos pela escola, pela educação formal contínua ou por outros espaços de letramentos. Eles negam a condição de letrados por acreditar que esses seriam os que detêm os domínios da leitura e da escrita, podendo transitar por todos os espaços de fala. No entanto, desenvolveram formas para imprimir os *habitus*²⁷ cotidianos e interagem com práticas sociais de letramentos em suas rotinas diárias. Imprimem o respeito e reconhecimento do papel social que cada um deles exerce, em suas comunidades, mas que a partir de agora, também representam para a academia, ampliação de novas discussões sobre memórias, idosos, questões sociais e letramentos.

²⁷ Bourdieu (2003) define *habitus* como disposições, estilos de vida, maneiras e gostos incorporados e campo como um espaço social que possui estrutura própria e, relativamente, autônoma em relação a outros espaços sociais, que tem uma lógica própria de funcionamento, estratificação e princípios que regulam as relações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias e letramentos de idosos nasceram das inquietações do pesquisador, que vinculado ao universo das subalternidades, percebeu que algo poderia ser feito para visibilizar aqueles que se encontravam assim taxados. As considerações feitas indicam as condições do idoso em demonstração de ausência de letramento formal, questão que me incomodava, pois até mesmo os envolvidos nesta pesquisa acreditavam ser iletrados, colaborando para uma conclusão falsa e sem prestígio diante de outras abordagens fenomenológicas linguísticas. Desconheciam as inúmeras práticas sociais de letramentos que eles próprios já as desenvolviam, precisando apenas reuni-las e sistematizá-las.

Tomei para mim como desafio a ser encarado, apresentando a proposta de uma pesquisa que os identificasse como mulheres e homens idosos que a cada dia estariam envolvidos em memórias, narrativas e eventos de letramentos, contando suas experiências diárias com seus familiares, comunidades locais e sociedade civil. Cada um desses atores sociais trazia consigo suas narrativas ressignificadas em participações contínuas ou descontínuas no acesso à escola, bem como seus desdobramentos e participações efetivas na vida pessoal da comunidade.

A leitura e a escrita eram palavras carregadas de significados e traduziam nos idosos sentimentos diversos de aproximação e distanciamento, pois suas memórias e narrativas irão rememorar como foram essas experiências, permitindo verificar assim, as cenas de leitura e escrita que guardam consigo que nos deram pistas para abordar discussões acerca da leitura e da escrita, bem como dos bens simbólicos que influenciam e determinam espaços que incluem e excluem tais sujeitos.

São registros de narrativas desses personagens, representativos da tradição cultural e identitária local, procurando dar visibilidade aos aspectos que demarcam a ambiência de São Francisco do Conde (BA), que se comunica pela convivência tradicional de oralidade e letramento desses sujeitos e suas memórias.

Por conseguinte, entre as práticas e eventos de letramentos identificados através das memórias e narrativas, encontrei relatos sobre suas experiências de escrita e leitura ao acessar a escola ou a outros espaços de letramentos e pude verificar em seus registros memoráveis, o valor que a escola, a educação e o saber têm para cada um deles. Na mobilização da comunidade em relação ao ler e escrever, identifiquei o empenho e compromisso de muitos idosos nos ofícios destas habilidades para coordenar e organizar as demandas de suas comunidades referentes às práticas religiosas e culturais, onde a leitura de textos e as cantorias de canções

pertencentes a seus ancestrais demarcaram bem suas competências comunicativas ao acessar a leitura, mesmo que pela memória gravada com frases de determinadas canções.

Fiz destaques para a importância da oralidade que identifica as práticas de letramentos locais, visto que, além de me basear na coleta de depoimentos dos mais idosos – guardiões da memória comunitária, para a formação do *corpus* da pesquisa, por sua vez, aprofundou a análise sobre as memórias de letramentos, leitura e escrita e o processo de formação identitária em suas narrativas.

Neste sentido, a tese aqui apresentada, além de promover espaço para uma discussão acerca dessas questões próprias da contemporaneidade, pretendeu apresentar resultados de uma pesquisa que traz registros sobre como foram construídas as memórias, os letramentos, a leitura e a escrita dos idosos como processo formador identitário, valorizando e fazendo-se conhecer perante a comunidade acadêmica e científica, assim como os registros e análises das narrativas de participantes da pesquisa, representativos da cultura local.

Portanto, evidenciar, nas trajetórias de vida de mulheres e homens idosos, o acesso contínuo ou descontínuo à escola e a eventos e espaços de letramentos foram meus objetivos que se alargaram sobre os percursos formativos e as práticas sociais de letramentos vivenciados no contexto sociocultural da comunidade em diálogo com as práticas pedagógicas do letramento escolar. Assim, pude conhecer as histórias de vida de cada idoso; descrever as comunidades como universo sociocultural de cada um deles; registrar as interações entre os atores sociais com os eventos e práticas de letramentos nos espaços por onde transitam, descrevendo suas memórias e ressignificando suas narrativas.

O modelo que me propus como relevante para esta pesquisa baseou-se nas concepções teóricas do letramento ideológico, conforme as considerações teóricas apresentadas por Street (1984), Kleiman (1995), Tfouni (2001) entre outros. Os autores que defendem esse modelo de letramento, argumentam que as práticas e os eventos de letramentos não são apenas escolares e não são determinados apenas pela escola. Os processos de construção, aquisição e usos da leitura e da escrita são de natureza social, cultural, plural e política.

Identifico a fala de Kleiman (1995) como sendo a escola, “agência de letramento”, onde ela continua exercendo a função de garantir aos sujeitos a ilusão, em alguns momentos, de que quem sabe ler e escrever torna-se diferente. E, de fato, saber ler e escrever capacita o sujeito e amplia sua visão de mundo. A questão é que, às vezes, a escola apenas ensina a leitura e a escrita como uma prática mecânica da codificação e decodificação; concede aos sujeitos fórmulas para codificar e decodificar.

Para melhor apresentar esta tese e cumprir com meus objetivos de pesquisa, utilizei-me da pesquisa de natureza qualitativo-etnográfica conjugada com a técnica da história oral e de vida, onde selecionei 8 idosos que conheci nessas minhas andanças por meio de contatos em eventos culturais e de letramentos, sendo 6 mulheres e 2 homens idosos, com os quais apliquei um roteiro de 29 perguntas semiestruturadas, sendo seis sobre a caracterização dos sujeitos e indagações acerca dos sentidos que a escrita, a leitura e os eventos culturais e de letramentos assumem para eles e as demais perguntas, distribuídas sobre suas experiências de vida pessoal, profissional e papel na comunidade.

Gravei suas narrativas em horas e minutos, fotografando e filmando momentos de interação e solitários, além de fazer uso de minhas observações e anotações em campo para registrar e transcrever esta tese.

Os dados etnográficos subsidiaram minha pesquisa, oferecendo-me uma descrição densa e mais completa possível sobre os idosos, suas memórias, eventos culturais e de letramentos e os múltiplos significados das perspectivas que eles têm do que fazem. Foram experiências e registros vivos que notei ao participar dos eventos culturais locais, podendo verificar que suas práticas dialogavam com sua formação cultural identitária, traduzindo aprendizados e memórias em histórias de vidas a serem visibilizadas e compreendidas.

Em posse das memórias e narrativas gravadas, transcritas e revistas, cheguei ao momento de tratar da validação dos dados referentes ao *corpus*, propondo uma triangulação de dados, fazendo a delimitação de espaços e maneiras de analisar o coletado. Antes, porém, quis categorizar e confrontar as informações recolhidas que diferenciavam grupos de idosos e acessos aos letramentos, a formação escolar contínua ou descontínua, analisando aqueles que tiveram mais oportunidades de frequentar a escola e os que menos frequentaram; aos que deixaram a escola e por quais motivos deixaram, além de suas participações voluntárias em outros eventos de letramentos.

As interpretações das narrativas representaram um desafio para mim, porque exigiu que eu tivesse atento e fiel aos métodos e técnicas anteriormente descritas para as análises, mesmo sabendo que necessariamente não precisaria dominar as técnicas, mas tornar-me sensível e deixar fluir meu olhar investigativo, sem perder os atravessamentos e entrecruzamentos das riquezas narradas. Assim, delineei a forma de análise da entrevista semiestruturada, narrativa de maneira bem didática. Após a transcrição, separei o material de conteúdo racional, científico, concreto de quem fez, falou o que, quando, em qual circunstância e o porquê do não, observando o material que vai além dos acontecimentos e expressa valores, juízos, referindo-se à sabedoria de vida e, portanto, material de campo subjetivo. Na etapa

seguinte, ordenei os conteúdos e os acontecimentos, denominando-os por trajetórias de vidas narradas. O próximo passo consistiu em investigar as dimensões de suas narrativas e os acessos às memórias. Em seguida, agrupei e comparei as trajetórias individuais. Por último, comparei e estabeleci semelhanças e diferenças existentes entre os casos individuais, permitindo assim a identificação de trajetórias coletivas.

No campo de minha pesquisa qualitativa, que tratou da validação de dados referentes ao *corpus*, indicou uma triangulação de dados, delimitando espaços e formas de analisar aquilo que foi coletado, quando eu, enquanto pesquisador tive a oportunidade de categorizar e confrontar alguns grupos que se diferenciam entre si referente ao acesso aos letramentos, analisando os que tiveram algum contato com a escola, os que não tiveram, os que deixaram a escola por opção, os que se viram obrigados a deixá-la e suas participações em outros eventos de letramentos. Cada um desses grupos me deu caminhos diferentes para entender aquele contexto. Essas narrativas, memórias, histórias e lembranças carregadas de significados e lutas sociais, culturais e históricas indicaram ser escolhas que não se traduzem como espontâneas e livres de seu Bem Viver. São momentos e experiências de resistências diante das imposições feitas a eles e a elas, ditadas por uma sociedade que prima por outros valores.

Cada uma das narrativas apresentadas traz consigo suas próprias histórias singulares de lutas e conquistas diante das vicissitudes da vida. Cada uma se diferencia uma das outras, mesmo fazendo parte de um coletivo, pois são histórias pessoais com particularidades, diferenças e caminhos traçados por cada um (a), em suas próprias encruzilhadas e atravessamentos, que se produziram ao caminhar.

Narrativas lembradas, que tão brilhantemente nos emocionaram e fizeram despertar em mim a certeza de que o resultado desta pesquisa se constitui em celebrações constantes de empoderamentos, resistências e lutas que se perpetuam na rotina diária de quem acredita nas inúmeras possibilidades do saber letrado como conjunto de atribuições que os torna seres sociáveis em situações adversas, mas como parte integrante da natureza das interações, entre participantes em diferentes locais, e, em comunhão com as práticas sociais de letramentos, tão próximas e tão comuns entre si.

O resultado final desta pesquisa reflete os processos de encontros, descobertas e vivências múltiplas em espaços e eventos de letramentos entre narradores e pesquisador, que a partir de suas experiências pessoais e coletivas, narram suas memórias, lembrando como foram difíceis os dias da infância, quando deveriam estar na escola, aprendendo a ler e a escrever, estavam na lida do trabalho subalternizado das cozinhas, da lavoura, na mariscaria,

entre outras funções que os distanciaram dos letramentos contínuos. Alguns desses idosos conseguiram ressignificar essas trajetórias, buscando, ao longo de sua jornada, retomar o “tempo perdido”, outros seguiram acalentando o desejo de retomar os estudos que os tornaria “letrados”.

Os desejos de fazer uso da leitura e da escrita nos espaços sociais eram solicitações presentes em suas memórias, impulsionando-os a viver sob as possibilidades e chances de retornar à escola, mesmo que para alguns dos idosos, essas fossem possibilidades distantes, visto que seus problemas de saúde ou a falta de “mente”, não os permitiriam realizar tais desejos. Coube a muitos deles, projetar seus sonhos e apostar na formação e profissionalização dos filhos e netos. Esses movimentos não os compensavam, mas trazia alegria de ter em família o alcance dos sonhos realizados.

São vozes presentes em narrativas que perpassam pelos letramentos social, cultural e ideológico, pois, nas memórias e histórias relatadas, os colaboradores atribuem valores e significados à escrita e à leitura como práticas sociais discursivas. Narrativas produzidas e relacionadas às categorias sociais, econômicas, políticas e culturais.

Assim, as memórias e letramentos que narram a vida dos idosos representam um conjunto de vozes que ecoam em nosso presente como reflexo de um passado que não se cansa em ser representado como histórias de vida e batalhas incansáveis construídas ao longo de caminhos e letramentos diversos para ser um idoso letrado. Os produtores das narrativas são sujeitos que desejam tão somente sentir-se parte de uma comunidade que lê, escreve e vê a vida a partir de uma lógica letrada, mas que não ignoram os múltiplos saberes construídos e consolidados que demarcam nossa sociedade, revelando vozes, antes silenciadas, e que agora se apresentam como participantes legítimos desses mesmos espaços e lugares de fala.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

ALENCAR, R. S. Ensinar a viver, ensinar a envelhecer: desafios para a educação de idosos. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, p. 61-83, 2002.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues *et al.* Letramentos e memórias: histórias de vida de idosos de São Francisco do Conde (BA). In: FIGUEIREDO, Cristina *et al.* (org.). **Língua em movimento: estudos em linguagem e interação**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 71-86.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

ARRUDA, K. M. O trabalho infantil doméstico: rompendo com o conto da Cinderela. **Revista de Informação Legislativa**, n. 178, p. 285-291, 2008. Disponível em: http://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_75/Katia_Arruda.pdf. Acesso em: 27 ago. 2020.

AZEVEDO, A. Regiões e paisagens do Brasil: São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1952, Série Brasileira. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998. p. 31-33.

AZEVEDO, T. de. **O advento da Petrobrás no Recôncavo**. Salvador: Imprensa Oficial, 1959.

BAHIA. Prefeitura Municipal de São Francisco do Conde. Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Econômico. **Diagnóstico Municipal, 2008**. São Francisco do Conde, BA: SEI, 2008. Disponível em: http://www.saofranciscodoconde.ba.gov.br/upload/pdf/20091009044735_Caracterizaa-a-o-de-Sa-o-Francisco-do-Conde-out-2009.pdf. Acesso em: 15 dez. 2020.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Pobreza e desigualdades sociais**. Salvador: SEI, 2003.

BAHIA. Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **PDDU: Diagnóstico socioeconômico e ambiental de São Francisco do Conde**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BAHIA. **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**. Salvador: SEI. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1692:novos-limites-dos-20-municipios-do-reconcavo-sao-fechados-com. Acessado em: 08 dez. 2020.

- BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revisitados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 3, n. 2, p.458-463, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- BARRETO, M. L. F. **Admirável Mundo Velho: Velhice, Fantasia e Realidade Social**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1992.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. Práticas de letramento. *In*: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (org.). **Situated literacies**. Trad. Glícia Azevedo Tinoco. London: Routledge, 1993.
- BARTON, David. **Literacy: An introduction to the ecology of written language**. Oxford, UK; Cambridge, USA: Blackwell, 1994.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAZO, M. T. Aportaciones de las personas mayores a la sociedad: análisis sociológico. **Revista de Investigación Sociológica**, n. 73, p. 209-222, 1996.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- BLOOME, D. Studying Literacy in the real world. *In*: BLOOME, D. **Literacy and Schooling**. 3. ed. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation, 1987.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. *In*: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BRANDÃO, C. R. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Recôncavo da Bahia: sociedade e economia em transição**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2009. v. 1. 260 p.
- BRANDÃO, V. M. A. T.; MERCADANTE, E. F. **Envelhecimento ou Longevidade?** São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Questões Fundamentais do Ser Humano; 8).
- BRASIL. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 out. 2003. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005. Altera os arts. 6º, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 de maio de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111114.htm. Acesso em: 20 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: MS, 1991.

CAMPEDELLI, Mônica Anechini. **A identidade do velho no mundo contemporâneo**. 2009. 237 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

CARTA DAS MULHERES NEGRAS. São Paulo: Portal Geledés, 2015. 5 p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carta-das-mulheres-negras-2015/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CASTANHEIRA, M. L. **Aprendizagem contextualizada: discurso e inclusão na sala de aula**. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2002.

CASTELUCCI JUNIOR, Wellington. **Pescadores e Roceiros: Escravos e Forros em Itaparica na segunda metade do século XIX**. São Paulo: Anna Blume Editora, 2013.

CHONG, Kate M. **O que é letramento?** [S.l.]: Rede Escola Digital, 2008. Disponível em: <https://escolainterativa.diaadia.pr.gov.br/odas/o-que-e-letramento>. Acesso em: 22 dez. 2021.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história de Severina**. 9. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: CODO, W.; LANE, S. T. M (org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2011. p. 58-75.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. Tradução: Ângela Figueiredo e Jesse Ferrell. **Cadernos pagu**, v. 51, p. e175118, 2017. (Publicado originalmente em 1996 no Black Scholar Journal).

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. (Publicação original em 1990).

COLLINS, Patricia Hill. What's in a name? womanism, black feminism, and beyond. Source: **The Black Scholar**, Stable, v. 26, n. 1, p. 9-17, 1996. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41068619>. Acesso em: 10 maio 2021.

COSTA, Suzane Lima; XUCURU-KARIRI, Rafael (org.). **Cartas para o Bem Viver**. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café Livraria boto cor de rosa, 2020. Disponível em: <http://www.livrariabotocorderosa.com/index.php/2021/04/20/cartas-para-o-bem-viver/>. Acesso em: 12 maio 2021.

CUSTÓDIO, Andre Viana; SOUZA, Ismael Francisco de. Conselhos Tutelares como Agentes de Erradicação do Trabalho Precoce. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2007. Disponível em:

<https://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/view/65/64>. Acesso em: 26 ago. 2021.

DEBERT, Guita Grim. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. *In*: BARROS, Myriam Lins de (org.). **Velhice ou Terceira Idade?** estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

DEBERT, Guita Grim. Gênero e Envelhecimento. **Revista de Estudos Feministas**, v. 1, n. 94, p. 32-51, 2008.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003. (Prefácio à 4ª edição italiana de A sociedade do espetáculo; Comentários sobre A sociedade do espetáculo [1967, 1979, 1988, 1997]).

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Trad. Carlos Galvão Braga, Maria da Conceição Passeggi, Nelson Patriota. Natal, RN: EDUFRRN, 2012.

ERICKSON, F. Transformation and School Success. **Anthropology and Education Quarterly**, v. 8, n. 4, p. 335-56, 1987.

ERICKSON, F.; MOHATT, G. Cultural organization of participation structures in two classrooms of indian students. *In*: SPINDLER, G. (org.). **Doing the ethnography of schooling**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1987.

ESPÍRITO SANTO, José Jorge do. **São Francisco do Conde: resgate de uma riqueza cultural**. [S.l.]: R. Graf, 1998.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O; AQUINO, Z. G. O. (org.). **Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23 n. 1-2, jan./dec. 1997.

GEE, J. P. **Social Linguistics and literacies: ideology in discourses**. 2. ed. Baskerville, UK: Taylor & Francis, 2000. (Publicado anteriormente entre 1990/1996).

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In*: GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

- GOMES, J. V. Jovens urbanos pobres: anotações sobre escolaridade e emprego. **Juventude e contemporaneidade: Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 53-63, maio/ago.; set./dez. 1997.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92-3, p. 69-82, jan./jun. 1988.
- GRAFF, H. J. The legacies of literacy: Continuities and contradictions in western society and culture. *In*: CASTEL, S. de; LUKE, A.; EGAN, K. (ed.). **Literacy, Society, and Schooling: a reader**. USA: Cambridge University Press, 1986.
- GRAFF, H. J. **The literacy myth: Cultural integration and social structure in the 19th century**. USA: Transaction Publishers, 1991.
- GREEN, P. Critical literacy revisited. *In*: FEHRING, H.; GREEN, P. (ed.). **Critical Literacy: a collection of articles from the Australian Literacy Educators' Association**. Canada: International Reading Association & Australian Literacy Educators' Association, 2001.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, p. 15-46, jul./dez. 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- HAMILTON, M.; BARTON, D; ROZ, I. (ed.). **Worlds of literacy**. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 1996.
- HEATH, S. B. The functions and uses of literacy. *In*: CASTEL, S. de; LUKE, A.; HOOKS, bell. **Feminism Is For Everybody: Passionate Politics**. Londres: Pluto Express, 2000.
- HEATH, S. B.; STREET, B. V. **On ethnography: approaches to languages and literacy research**. National Conference on Research in language and literacy. New York: Teachers College Columbia, 1986.
- JACQUES, M. G. C. Identidade. *In*: JACQUES M. G. C. *et al.* (org.). **Psicologia Social Contemporânea: livro-texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 159-167.
- JORNAL CORREIO DO SUL. Salvador, p. 10, 02 de outubro de 2018. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/correiosul/jornal-digital-02-102018>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1993.
- KIPPER, C. D. R.; LOPES, R. S. O tornar-se avó no processo de individuação. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 1, p. 29-34, 2006.

KLEIMAN, Ângela B. Abordagens de leitura. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, 1º sem. 2004.

KLEIMAN, Ângela B. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. *In*: ROJO, R. H. R. (org.). **Alfabetização e Letramento: Perspectives linguísticas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 22-30.

KLEIMAN, Ângela B. Avaliando a compreensão: letramento e discursividade nos testes de leitura. *In*: RIBEIRO, V. M. (org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, p. 10-20, 2004.

KLEIMAN, Ângela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. *In*: RÖSING, T. M. K.; BECKER, P. (org.). **Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 49-68.

KLEIMAN, Ângela B. Histórico da proposta de (auto) formação: confrontos e ajustes de perspectivas. *In*: KLEIMAN, Ângela B.; SIGNORINI, Inês (org.). **O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 20-28.

KLEIMAN, Ângela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva social da escrita**. 2. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas, SP: Mercado da Letras, CEFIEL/UNICAMP, MEC, 2005.

KLEIMAN, Ângela B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. *In*: CORRÊA, Manuel Luiz Gonçalves; BOCH, Françoise. (org.). **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006. p. 10-18.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **A interação pela linguagem**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2000b. (Publicado originalmente em 1993).

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **O texto e a construção dos sentidos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000a. (Publicado originalmente em 1997).

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* [...]. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. 535 p.

LEÃO, M. A. B. G. Educação permanente de adultos maduros, idosos e de profissionais da área do envelhecimento: fundamentos para um projeto pedagógico de extensão universitária. **Revista de Extensão Universitária de Taubaté**, Taubaté, SP, n. 1, 2008.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. **La Ventana**, n. 13, p. 94-106, 2001.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento en la teoría y práctica del feminismo. *In*: LEÓN, Magdalena (org.). **Em Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá: Tercer Mundo Editores, Universidad Nacional de Colombia, 1997. p. 25-45.

LORDE, Audre. Man Child: A Black Lesbian Feminist's Response. *In*: LORDE, Audre. **The Audre Lorde Compendium: Essays, Speeches and Journals**. London: Pandora, 1996. p. 124-131.

LUKE, A. Genres of power? Literacy education and the production of capital. *In*: HASAN, R.; WILLIAMS, G. (ed.). **Literacy in society**. New York: Longman, 1996.

MACEDO, M. do S. A. N. **Interações nas práticas de letramento: o uso do livro didático e da metodologia de projetos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. *In*: SIGNORINI, Inês (org.). **Investigando o oral e o escrito e as teorias de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MCKAY, S. L. **Agendas for second language literacy**. New York: Cambridge University Press, 1993.

MCKAY, S. L. Literacy and Literacies. *In*: MCKAY, S. L.; HORNBERGER, N. H. (ed.). **Sociolinguistics and language teaching**. Cambridge University Press, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **História oral e educação: experiência, tempo e narrativa**. São Paulo: Letra e voz, 1994.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B. Os novos rumos da História Oral: o caso brasileiro. **Revista de História**. São Paulo, n. 155, 2 sem. 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOLLICA, Maria C. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. A Invenção do Olhar. *In*: VON SIMSON, Olga R. M. (org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas, SP: CMU – Unicamp, 1997. p. 35-40.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura Popular revisitada**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 13, n. 25-26, set. 1993.

MOREIRA, N. R.; EVANGELISTA, N. J.; SANTOS, J. P. L. dos. A experiência feminina negra e suas interrogações à política e prática curriculares. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 15, n. 32, p. 115-131, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5046>. Acesso em: 28 out. 2022.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MOTTA, Alda Brito da. A maturidade e a velhice. In: NERI, A. L. (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**. São Paulo: Papirus, 2001.

MOTTA, Alda Brito da. Gênero, Idoso e Geração. **Cadernos CRH, Salvador**, v. 17, n. 42, p. 349-355, set./dez. 2004.

NASCIMENTO, Ana Júlia Rodrigues do; RABÊLO, Francisco Chagas Evangelista. Memória e envelhecimento: narrativas sobre questões de gênero e do mundo do trabalho. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5291/4330>. Acesso em: 12 dez. 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. A categoria da (des) ordem e a pós-modernidade da antropologia. **Anuário Antropológico**, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 86, p. 57-73, 1998.

ONU. **Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento – Madrid, 2002**. Organização das Nações Unidas; tradução de Arlene Santos, revisão de português de Alkmin Cunha; revisão técnica de Jurilza M. B. de Mendonça e Vitória Gois. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Medir o progresso na luta contra o trabalho infantil: estimativas e tendências mundiais 2000-2012**. Brasília: OIT, 2013. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_norm/---ipecc/documents/publication/nwcms_221799.pdf. Acesso em: 01 set. 2020.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **O fim do trabalho infantil: um objetivo ao nosso alcance**. Brasília: OIT, 2006. Disponível em: http://www.oitbrasil.org.br/info/download/relatorio_global2006.pdf. Acesso em: 01 set. 2020.

PARAQUETT, Marcia. **Destru(r)ir: riso e vozes múltiplas em Jaguar en llamas, Arturo Arias**. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PARAQUETT, Marcia. El abordaje multicultural y la formación de lectores en el aprendizaje de español lengua extranjera. In: ZIMMERMAN, R. I.; KELLER, T. M. G. **Cuestiones de**

literatura, cultura y lingüística aplicada: prácticas en lengua española. Passo Fundo, RS: EDUPF, 2007. p. 52-70.

PARAQUETT, Marcia. **La interculturalidad en el aprendizaje de español en Brasil.** Santiago de Compostela: [s.n.], 2011.

PARAQUETT, Marcia. **Multiculturalismo, interculturalismo e ensino/aprendizagem de espanhol para brasileiros.**, Brasília, DF: [s.n.], 2010. (Coleção Explorando o Ensino; 16).

PEDRÃO, Fernando C. **As raízes da Pobreza na Bahia.** Salvador: Centro de Estudos Baianos/UFBA, 1984.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Memória Histórico-Geográfica de São Francisco do Conde.** Salvador, BA: Press Color, 1998.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Notícias históricas de São Francisco do Conde.** Salvador: Estudos Baianos, 1976.

PERES, Marcos Augusto de Castro. **Analfabetismo entre idosos no semiárido nordestino.** Salvador: EDUNEB, 2013.

PINN, Maria Lídia de Godoy. Beatriz Nascimento e a invisibilidade negra na historiografia brasileira: mecanismos de anulação e silenciamentos das práticas acadêmica e intelectual. **Aedos**, v. 11, n. 25, p. 140-156, dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aeodos/article/view/96888>. Acesso em: 12 dez. 2020.

PINTO, M. A infância como construção social. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças: contextos e identidades.** Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997. p. 31-73.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (org.). **As crianças: contextos e identidades.** Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

POCHMANN, M. *et al.* **Atlas da exclusão: a exclusão do mundo.** v. 4. São Paulo: Cortez, 2004.

QUEIROZ, M. I. P. **Histórias de Imigrantes.** São Paulo: Edições Loyola, 1988.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.; FRANCO, A. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 1, p. 139-149, 2012.

REGO, Teresa Cristina. **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019a.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia da Letras, 2019b.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, João. *et al.* Associação entre aspectos depressivos e déficit visual causado por catarata em pacientes idosos. **Arq. Bras. Oftalmol.**, Uberaba, MG, v. 67, p. 795-799, maio 2004.

RODRIGUES, C. S.; PRADO, M. A. M. Movimento de mulheres negras: trajetória política, práticas mobilizatórias e articulações com o Estado brasileiro. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 445-456, 2010.

ROJO, Roxane H. R. **Alfabetização e letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

ROJO, Roxane H. R. **As relações entre fala e escrita: mitos e perspectivas**. Belo Horizonte, MG: CEALE, Rede Nacional de Centros de Formação Continuada, MEC, 2006. v. 1.

ROJO, Roxane H. R. Concepções não valorizadas de escrita: A escrita como "um outro modo de falar". In: KLEIMAN, A. B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 65-89.

ROJO, Roxane H. R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004.

ROJO, Roxane H. R. Letramento escolar, oralidade e escrita em sala de aula: diferentes modalidades ou gêneros do discurso? In: SIGNORINI, I. (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, p. 51-74, 2001.

ROJO, Roxane H. R. Letramento escolar: Construção de saberes ou de maneiras de impor o saber? In: CONFERENCE FOR SOCIOCULTURAL RESEARCH; SIMPÓSIO CULTURA DA ESCRITA E PRÁTICAS ESCOLARES DE LETRAMENTO, 3., 2000. **Caderno de Resumos** [...] Campinas, SP: ISSCS/UNICAMP, 2000. p. 16.

ROJO, Roxane H. R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane H. R. Linguagem oral *versus* linguagem escrita: "O que se perde na escrita é o corpo". In: ROJO, R. H. R.; CUNHA, M. C.; GARCIA, A. L. M. (org.). **Fonoaudiologia e linguística**. São Paulo: EDUC/PUC-SP, 1991. p. 35-49.

ROJO, Roxane H. R. O letramento na ontogênese: uma perspectiva socioconstrutivista. In: ROJO, Roxane H. R. (org.). **Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 121-171.

ROJO, Roxane H. R. Turning points: Emergent literacy in socio-historical approaches. In: WERTSCH, J. V.; RAMÍREZ, J. D. (ed.). **Literacy and other forms of mediated action**. Madri: Fundación Infancia y Aprendizaje, 1994. p. 197-202.

ROJO, Roxane H. R.; SCHNEUWLY, B. As relações oral/escrita nos gêneros orais formais públicos: o caso da conferência acadêmica. **Linguagem em (Dis)curso**, Florianópolis, v. 5, p. 603-606, 2006.

ROSALDO, R.Z. **Ilongot Headhunting 1883-1974: a study in society and history.** California, Stanford: Stanford University Press, p. 20-29, 1989.

SALGADO, J. Self dialógico: um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal. **Interações**, Lisboa, n. 6, p. 8-31, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora. Da pandemia à utopia.** São Paulo: Boitempo, 2021.

SCHONS, Carme Regina; PALMA, Lucia Terezinha Saccomori. **Conversando com Nara Costa Rodrigues sobre gerontologia social.** 2. ed. Passo Fundo, RS: UPF, 2000.

SCRIBNER, S.; COLE, M. **The Psychology of Literacy.** London: Harvard University Press, 1981.

SELLTIZ, Claire *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.

SIGNORINI, I. A Interação Universitário/alfabetizador em Programas de Formação em Serviço: Ação Dispare ou Comunicação entre Pares? *In*: KLEIMAN, Ângela; SIGNORINI, Inês (org.). **Alfabetização de jovens e adultos e formação de professor.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SIGNORINI, I. Construindo com a escrita "outras cenas de fala". *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 97-134.

SIGNORINI, I. Do residual ao Múltiplo e ao Complexo: o Objeto da Pesquisa em Linguística Aplicada. *In*: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda. (org.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SIGNORINI, I. Figuras e Modelos Contemporâneos da Subjetividade. *In*: SIGNORINI, Inês. **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado.** Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SIGNORINI, I. Letramento e (in) flexibilidade comunicativa. *In*: KLEIMAN, Ângela B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social.** São Paulo, SP: Mercado de Letras, 1995.

SILVA, Simone Bueno Borges da *et al.* **Leitura, Multimodalidade e Formação de Leitores.** Salvador: UFBA, 2015.

SILVA, Sylvio B. de M.; SILVA, Barbara-Christine N. **Estudos sobre Globalização, Território e Bahia.** 2. ed. Salvador: Mestrado em Geografia/UFBA, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memória educativa: narrativas de formação-recortes de um eu em crescimento e partilha. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

STREET, Vincent Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Vincent Brian. Literacy and development: ethnographic perspectives on schooling and adult education. *In: STREET, Vincent Brian (ed.). **Literacy and Development: Ethnographic perspectives.*** London and New York: Routledge, 2001. p. 42-49.

STREET, Vincent Brian. **Literacy in theory and practice.** New York: Cambridge University Press, 1984.

STREET, Vincent Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 465-488, 2006.

STREET, Vincent Brian. **Social Literacies: Critical approaches to literacy in development, ethnography and education.** New York: Longman, 1995.

STREET, Vincent Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current Issues in Comparative Education**, Londres, v. 5, n. 2, p. 22-28, may 2003.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

TFOUNI, Leda Verdiani. A dispersão e deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. *In: SIGNORINI, Inês (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento.*** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 13-26.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados em uma sociedade letrada.** São Paulo: Cortez, 2006.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2002.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

THOMPSON, Paul Richard. **A Voz do Passado: história oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TRUJILLO SÁEZ, Fernando. En torno a la interculturalidad: reflexiones sobre cultura y comunicación para la didáctica de la lengua. **Porta Linguarum**, n. 4, p. 23-40, 2005.

UNESCO no Brasil. Brasília, DF: UNESCO, 2020. Disponível em: <http://www.brasilia.UNESCO.org/UNESCO/organizacaoBrasil>. Acesso em: 10 set. 2020.

UNESCO. **Situação Mundial da Infância 2003.** Trad. B & C Revisão de Textos. Brasília, DF: Unicef, 2002.

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Brasília, DF: UNICEF, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 20 dez. 2023.

VIEGAS, S. M.; GOMES, C. A. **A identidade na velhice**. Lisboa: Ambar, 2007. (Coleção Idade do Saber; 7).

VÓVIO, Cláudia Lemos. Práticas de leitura na EJA: do que estamos falando e o que estamos aprendendo. **REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 1, p. 85-96, ago. 2007.

WEBER, M. **Economy and Society**. New York: Bedminster Press, 1921.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Máisa; WHITE, Evelyn C. (org.). **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE ADESÃO

Eu, _____, estado civil _____, RG _____, CPF _____, declaro para os devidos fins que aderi voluntariamente, como colaborador (a) participante à pesquisa **Memórias de letramento de idosos: leitura e escrita como processo formador identitário no Município de São Francisco do Conde** – realizada pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura – PPGLINC/UFBA, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Língua e Cultura, de autoria do professor Jeferson Mundim de Souza, da qual participarei de acordo com o processo de investigação desenvolvido pelo autor.

Salvador, _____ de _____ de 2019.

Colaboradora da pesquisa

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr. (a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Memórias de letramento de idosos: leitura e escrita como processo formador identitário no Município de São Francisco do Conde - Bahia”. Nesta pesquisa pretendemos apresentar a caminhada de vida dos idosos, suas formações na leitura e na escrita; sua presença na comunidade e as narrativas sobre suas memórias. O motivo desta pesquisa é apresentar elementos e momentos de aprendizagens nas histórias de vida de homens e mulheres idosos, que tenham de 60 a 100 anos.

Para esta pesquisa vamos usar os seguintes procedimentos: uma entrevista que será feita a partir de algumas perguntas que vão desde quem é o (a) Sr (a), a como suas memórias de leitura e escrita contribuem para a sociedade; necessitaremos gravar em áudio suas respostas e transcrever em um Diário de Campo, retornando ao (a) Sr. (a) participante, através de nossa leitura para serem confirmadas ou melhoradas, depois da realização da entrevista. Se o (a) Sr. (a) permitir, gostaríamos de fotografar o ambiente de nossa entrevista e a foto pessoal do (a) Sr. (a).

Os riscos e desconfortos prováveis desta pesquisa podem ser a de causar constrangimento ao (a) Sr. (a) por alguma pergunta que lhe traga ressentimento sobre suas narrativas do passado; por eu realizar alguma pergunta que entre em sua intimidade pessoal; por eu desrespeitar o sigilo de nossa entrevista ou mesmo descumprir nosso horário de início e fim da entrevista, local e dia.

Haverá benefícios, contribuições atuais da pesquisa para o (a) Sr. (a) nesta comunidade, onde acontecerá a possibilidade de reconhecimento, promoções sociais, culturais e religiosas a partir de suas narrativas, além de promover a valorização de seus saberes e experiências, dando visibilidade aos aspectos culturais e identitários que demarcam a ambiência de São Francisco do Conde.

Para participar deste estudo o (a) Sr. (a), não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar, em qualquer fase da pesquisa. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão. O (a) Sr. (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar em penalidade ou causar algum tipo de prejuízo ao seu cuidado.

Este termo de consentimento encontra-se gravado em áudio, disponível para a consulta do participante da pesquisa ou seu representante legal e pelo pesquisador.

O (A) Sr. (a) entendeu tudo o que eu li, ou tem alguma dúvida?

Concorda em participar de nossa pesquisa: “Memórias de letramento de idosos: leitura e escrita como processo formador identitários em São Francisco do Conde – Bahia”?

Este termo de consentimento encontra-se em áudio e transcrito, disponível para a consulta do participante da pesquisa ou seu representante legal e pelo pesquisador, de acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Farmácia, localizado na Rua Barão de Jeremoabo, 147, Campus de Ondina, CEP 40.170-115, Salvador, Bahia; Tel. (71) 3283.6917 – 6902 Fax: (71)3283-6919 E-mail: cepfar@ufba.br

Pesquisador responsável – JEFERSON MUNDIM DE SOUZA – Rua dos Protestantes, 22. Apto. 06. Edf. Humberto – Garcia CEP 40.100-100 Salvador – Bahia – (71) 991355762 – 981307569 – 3336.3109 E-MAIL: jefersonmundim@gmail.com

São Francisco do Conde, _____ de _____ de 2020.

Participante

UFBA - FACULDADE DE FARMÁCIA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

Endereço: BARAO DE JEREMOABO 147

Bairro: ONDINA

CEP: 40.170-115

Telefone: (71)3283-6902 **E-mail:** cepfar@ufba.br

Fax: (71)3283-6919

UF: BA **Município:** SALVADOR

APÊNDICE C - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Pesquisador: Jeferson Mundim

Título da Pesquisa: Memórias de letramento de idosos: Leitura e escrita como processo formador identitário no Município de São Francisco do Conde - Bahia

Instituição Proponente: Instituto de Letras

Versão: 4

CAAE: 26133119.9.0000.8035

Área Temática:

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Número do Parecer: 4.077.626

Patrocinador Principal: Universidade Federal da Bahia - UFBA

DADOS DO PARECER

O protocolo em análise, versão 4, trata de pesquisa de doutorado de natureza qualitativa e adota como diretriz a abordagem metodológica etnográfica que permitirá a compreensão, interpretação, tradução e reconstituição de memórias do modus vivendi e das experiências de letramento dos 10 idosos de São Francisco do Conde selecionados, a saber: (figurantes) Mãe Carlita – do Terreiro Zaze Mavulequê de Unzambe; “Seu” Alcides Alcântara – Monte Recôncavo; “Seu” Nêgo da Baixa Fria – memórias de infância; D. Maria da Conceição; D. Zelina Pereira da Silva – rezadeira da cidade; “Seu” Adalberto Ramos – responsável pela manutenção da tradição do carnaval e outras festas populares na cidade; “Seu” Manuel Jorge – festa do Lindro-Amor; Mestre Mário – capoeirista; Osvaldo Lourenço de Santana – poeta e escritor Franciscano e “Seu” Roque do Caranguejo, residentes dos distritos e lugarejos que compõem o Município de São Francisco do Conde - Bahia. Estima realizar, ainda, entrevistas semiestruturadas, contendo 29 questões, sobre a caracterização dos sujeitos e dos sentidos que a escrita, a leitura e o letramento assumem para eles. As respostas serão gravadas, transcritas e revisadas pelos participantes.

Apresentação do Projeto:

Apresenta os mesmos objetivos nos diferentes documentos integrantes do protocolo de pesquisa. Sendo o objetivo geral: Pretendemos evidenciar nas trajetórias de vida das idosas e dos idosos de São Francisco do Conde, participantes deste Anteprojeto, seus percursos formativos e as práticas sociais de letramento vivenciadas no contexto sociocultural da comunidade em diálogo com as práticas pedagógicas do letramento escolar. Já os objetivos específicos são: i) conhecer as histórias de vida dos citados idosos; ii) descrever as comunidades como universo sociocultural de cada sujeito da pesquisa; iii) registrar as interações entre os atores sociais com os eventos e práticas de letramento nos espaços sociais por onde transitam, descrevendo os processos de interação dos idosos com as práticas pedagógicas de letramento, leitura e escrita; iv) analisar como acontece no processo de construção dessas memórias. Os riscos e benefícios envolvidos foram apresentados. Avalia-se que os riscos existentes neste tipo de pesquisa são muito reduzidos, pois será feita entrevista semiestruturada. Mesmo assim, é garantido que ao mínimo desconforto que uma das perguntas possa causar, a entrevista será interrompida. O benefício é que esta pesquisa traga contribuições para o (a) Sr. (a) nesta comunidade, onde acontecerá a possibilidade de reconhecimento, promoções sociais, culturais e religiosas a partir de suas narrativas, além de promover a valorização de seus saberes e experiências, dando visibilidade aos aspectos culturais e identitários que demarcam a ambiência

de São Francisco do Conde. Entende-se que os benefícios possíveis com a realização da pesquisa em termos sociais e científicos superam os riscos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Pesquisa relevante para a área, uma vez que toma como base a memória de idosos pertencentes a comunidade que requerem reconstrução histórica. O critério de inclusão é informado, a saber, idosos de 60 a 100 anos, considerados iletrados, da cidade de São Francisco do Conde - Bahia, envolvidos em atividades culturais e ensino formal EJA. Foram apresentados no arquivo Recurso_Re.pdf o roteiro de perguntas, cronograma de execução e orçamento de maneira adequada.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O TCLE está redigido sob a forma de convite, apresentando linguagem clara. Atende aos princípios da autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade, sigilo e anonimato. Todavia faltou ser inserido os meios de contato do participante da pesquisa com o CEP. Tais informações são relevantes porque o participante de pesquisa (ou seu responsável legal) pode querer entrar em contato com o CEP (ou com a Conep, quando for o caso) para esclarecimento de dúvidas, reclamar ou fazer denúncia. A Resolução CNS N° 466 de 2012, no item IV.5.d, orienta que no TCLE deve “constar o endereço e contato telefônico ou outro, dos responsáveis pela pesquisa e do CEP local e da Conep, quando pertinente”.

O Termo de autorização do Instituto de Letras da UFBA é apresentado. Os termos de compromisso, de confidencialidade e de concordância, que são obrigatórios para o tipo de pesquisa e população participante foram apresentados, além da folha de rosto e da declaração que não iniciará a coleta até a aprovação pelo comitê.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Inserir no TCLE os meios de contato (endereço, endereço eletrônico e telefone) com o CEP FAR.

Recomendações:

A nova versão cumpriu a contento as recomendações constantes no parecer anterior.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendendo a Res. 466/2012 e Norma Complementar vigente, torna-se necessário:

- 1) Inserir os contatos (endereço/e-mail e telefone) do CEP-FAR no TCLE. Tais informações são relevantes porque o participante de pesquisa (ou seu responsável legal) pode querer entrar em contato com o CEP (ou com a Conep, quando for o caso) para esclarecimento de dúvidas, reclamar ou fazer denúncia. A Resolução CNS N° 466 de 2012, no item IV.5.d, orienta que no TCLE deve “constar o endereço e contato telefônico ou outro, dos responsáveis pela pesquisa e do CEP local e da Conep, quando pertinente”.
- 2) o envio de relatórios semestrais a partir desta data. O relatório final deverá ser encaminhado no prazo de 30 dias a contar do término da vigência do projeto, respeitado o cronograma aprovado neste CEP;
- 3) desenvolver o projeto conforme aprovado pelo CEP-FAR;
- 4) apresentar informações sobre o desenvolvimento da pesquisa a qualquer momento, quando solicitadas por este Comitê;

- 5) comunicar e justificar todas as alterações realizadas no projeto, bem como sua interrupção;
 6) manter em arquivo, sob sua guarda, por 05 anos, todos os dados coletados para a pesquisa, bem como outros documentos utilizados.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento Arquivo Postagem Autor Situação

Recurso do Parecer recurso.pdf 21/04/2020

08:52:43

Aceito

Recurso Anexado pelo Pesquisador

Recurso_re.pdf 21/04/2020

08:52:36

Jeferson Mundim

Aceito

Informações Básicas do Projeto

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P

ROJETO_1242877.pdf

06/03/2020

19:39:57

Aceito

Outros Perguntas_2.pdf 06/03/2020

19:24:45

Jeferson Mundim

Aceito

TCLE / Termos de

Assentimento /

Justificativa de

Ausência

TCLE_Re.pdf 06/03/2020

19:23:25

Jeferson Mundim

Aceito

Brochura Pesquisa Brochura_P.pdf 06/03/2020

19:11:15

Jeferson Mundim

Aceito

Folha de Rosto Folha_Dr.pdf 10/12/2019

15:26:46

Jeferson Mundim

Aceito

TCLE / Termos de

Assentimento /

Justificativa de

Ausência

TCLE.pdf 18/10/2019

17:24:09

Jeferson Mundim

Aceito

Outros Decl_de_aut.pdf 18/10/2019
17:23:34
Jeferson Mundim
Aceito

Outros Term_de_res.pdf 18/10/2019
17:22:52
Jeferson Mundim
Aceito

Outros Ter_de_conf.pdf 18/10/2019
17:21:55
Jeferson Mundim
Aceito

Cronograma Cronograma_F.pdf 18/10/2019
17:20:56
Jeferson Mundim
Aceito

Parecer Anterior Parecer_Anterior.PDF 28/09/2019
12:19:21
Jeferson Mundim
Aceito

Projeto Detalhado /
Brochura
Investigador
Projeto_Detalhado.pdf 28/09/2019
12:14:50
Jeferson Mundim
Aceito

Outros Orca_mento.PDF 28/09/2019 J
eferson Mundim
Aceito

Outros Orca_mento.PDF 12:05:39
Jeferson Mundim
Aceito

Outros Equipe_Detalhada.PDF 28/09/2019
12:03:43
Jeferson Mundim
Aceito

Outros Decla_de_nao_inicio.PDF 28/09/2019
12:02:16
Jeferson Mundim
Aceito

Outros Carta_de_encaminhamento.PDF 28/09/2019
12:00:23
Jeferson Mundim
Aceito

Declaração de Pesquisadores
Decl_concordancia.PDF 28/09/2019
11:57:56
Jeferson Mundim
Aceito

Considerações Finais a critério do CEP:**Situação do Parecer:**

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 09 de Junho de 2020.

MARCELO TAVARES PEREIRA**(Coordenador (a))****Assinado por:**

40.170-115

(71)3283-6902 E-mail: cepfar@ufba.br**Endereço:****Bairro: CEP:****Telefone:**

BARAO DE JEREMOABO 147

ONDINA

UF: BA Município: SALVADOR**Fax: (71)3283-6919**

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**ENTREVISTA 1 - José das Neves (João)**

Entrevistador: Qual o seu nome?

Participante 1: José das Neves

Entrevistador: Casado ou solteiro?

Participante 1: Casado

Entrevistador: Há quantos anos?

Participante 1: 81 anos

Entrevistador: Tem filhos?

Participante 1: Sim, seis filhos.

Entrevistador: Seus filhos são do sexo feminino e/ou masculino?

Participante 1: Três mulheres e três homens

Entrevistador: Muitos netos?

Participante 1: Uns cinco

Entrevistador: Nasceu onde?

Participante 1: Em Bugalinha, São Francisco do Conde.

Entrevistador: Você foi a Salvador ou em outros Estados?

Participante 1: Não.

Entrevistador: Você sempre trabalhou com o quê?

Participante 1: Na refinaria e depois fui viver da roça; trabalho com banana. Me aposentei pagando como autônomo. Hoje tenho 81 anos, não trabalhava na refinaria, negociava banana para Salvador.

Entrevistador: Como era seu trabalho na roça?

Participante 1: Plantava banana, mandioca.

Entrevistador: Era um trabalho pesado?

Participante 1: Trabalho em roça é pesado, sempre foi.

Entrevistador: Você teve oportunidade de ir para escola?

Participante 1: Estudei até o primeiro ano.

Entrevistador: Como era sua relação com a escola? Gostava?

Participante 1: Gostava, mas minha mãe adoeceu, não passava a dor, sofreu muito e então ficava eu e meu pai só e ele viajava. Depois viemos para São Francisco do conde, era residência daqui, mas vim morar aqui. Daí para cá fui logo trabalhar e não estudei mais.

Entrevistador: O senhor lê ou escreve?

Participante 1: Assino o nome. Tenho problema nas vistas, só enxergo de um. Estou fazendo um tratamento, mas enxergo muito pouco para escrever e eu não posso encarar muito para ler.

Entrevistador: Aqui em São Francisco, a gente leu ou escutou muitas histórias sobre escravos ou negros fugidos ou capa bode, movimentos folclóricos, meninos de lama, reza cantada. Você se lembra de alguma coisa da sua infância?

Participante 1: Não tenho lembrança.

Entrevistador: Como você vê a pessoa negra aqui em São Francisco do conde? Você acha que é maioria, minoria?

Participante 1: Tem bastante.

Entrevistador: Aqui em São Francisco do Conde é um quilombo, o Monte Recôncavo, por exemplo, é um monte reconhecido pela Fundação Palmares como quilombo, mas acreditamos que toda São Francisco seja um quilombo. O senhor não acha?

Participante 1: Sim.

Entrevistador: Não somente, a Baixa fria é quilombo, o Gurujé, né isso?

Participante 1: É o Macaco, Bugalinha. Eu nasci em Bugalinha, você não conhece não?

Entrevistador: Não conheço.

Participante 1: É Indo para Santo Amaro.

Entrevistador: Então esses lugares todos. Eu estou fazendo essas perguntas por que nesses lugares todos requerem o direito de ser quilombo também e não foi reconhecido. Por que só um lugar? Só o Monte é considerado um quilombo, quando os negros escravizados transitavam por esses espaços todos aqui.

Participante 1: É.

Entrevistador: Como você vê a juventude hoje, em relação ao respeito ao idoso, a cultura, as tradições?

Participante 1: O idoso para esses meninos novo, eles não respeitam, o negócio mudou muito. No meu tempo, naquela época nós respeitava os idosos, mas hoje não.

Entrevistador: O senhor lembra alguma história do seu passado? Em relação ao dia do trabalhador ou da escola, que chamou a atenção do senhor em relação a outras pessoas?

Participante 1: Eu não tenho assim uma boa lembrança não.

Entrevistador: Você gosta das festas populares daqui de São Francisco?

Participante 1: Gosto sim.

Entrevistador: Tem alguma que gosta mais?

Participante 1: Hoje eu não vou mais porque minha idade não dá, mas no tempo atrás eu gostava da festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia, eu gostava, primeiro do ano. Agora não que eu não estou saindo mais.

Entrevistador: E o senhor já mariscou alguma vez? Porque aqui é uma área de mariscaria? Só as mulheres mariscam ou os homens mariscam também?

Participante 1: Os homens também mariscam. Os homens, as mulheres, mas nunca marisquei porque o meu trabalho era na roça mesmo.

Entrevistador: E a pescaria? O senhor nunca gostou? Os homens também pescam.

Participante 1: Pescam, mas eu nunca fui. O meu negocio era mesmo lidar com a roça, trabalhar no usina casa locando cana de açúcar.

Entrevistador: Então o senhor trabalhou quarenta anos?

Participante 1: Mais ou menos isso. Trabalhei mais negociando com banana.

Entrevistador: A banana sempre foi um produto muito rentável aqui. Sempre bem vendido.

Participante 1: Exatamente

Entrevistador: Com a banana vocês não só vendiam e as pessoas transformavam em doces e em outras mercearias era assim?

Participante 1: Eu vendia em Salvador, carregava o carro e vendia lá nas feiras de São Joaquim, na Boa Viagem, no Dois de Julho, Boca do Rio, esses lugares tudo, eu vendia.

Entrevistador: Eu nasci na Boa Viagem, em Monte Serrat e a feira livre que sempre existiu ali nas sextas-feiras, inclusive. Sempre as bananas chegavam lá e chegam até hoje.

Participante 1: Mas eu nunca mais fui. Quase morro.

Entrevistador: Com o carregamento de banana e tudo?

Participante 1: Eu vindo para casa umas dez horas do dia, saindo da feira a Kombi capotou e quase que eu morro.

Entrevistador: Graças a Deus que o senhor teve esse livramento!

Outra pergunta, aqui tem um reisado, tem um carnaval que é diferente, tem a nega maluca, tem o homem folhagem, mas nunca mais o senhor viu, tem lembranças dessas coisas?

Participante 1: Lembro, mas já acabou. Essas coisas foi mudando tudo.

Entrevistador: Como era mesmo, eles escolhiam ou alguém determinava se vestir de tal coisa para poder representante, como é que era?

Participante 1: Tem um representante disso. Tem até um lá embaixo que gostava disso, mas eles não deixaram não. Eu que não vou na rua em festa assim, mas eu vejo falando, né?

Entrevistador: Então muito obrigado

Participante 1: Vai desculpando qualquer coisa.

Entrevistador: Não, está tudo perfeito.

ENTREVISTA 2 - Albertina dos Santos Reis (Angélica)

Entrevistador: Seu nome; é casada, quantos filhos, tem netos, nasceu aqui em São Francisco mesmo?

Participante 2: Meu nome é Albertina dos Santos Reis, sou viúva, tem dezenove anos que meu marido morreu. Eu tenho sete filhos e 28 a 29 netos, só contando para saber.

Entrevistador: Quantos anos?

Participante 2: Tenho 69 ,sou de 50.

Entrevistador: A senhora é de São Francisco mesmo?

Participante 2: Sou de Candeal, mas praticamente fui criada aqui em São Francisco, tenho muitos anos aqui. Vim para São Francisco com oito anos.

Entrevistador: Seus filhos todos nasceram aqui?

Participante 2: Todos são daqui.

Entrevistador: Muitos netos também né?

Participante 2: Para mais de trinta e tenho cinco bisneto.

Entrevistador: A senhora foi à escola?

Participante 2: Só estudei até a terceira série. Não tive condições de estudar porque com a idade de dez anos já fui trabalhar na cozinha dos outros. Minha mãe morava com um rapaz e teve um bocado de filhos, o rapaz morreu e naquela época não tinha benefício nenhum e eu tive que trabalhar para poder ajudar minha mãe, não tive tempo de estudar.

Entrevistador: A senhora lembra o que da sala de aula, da escola?

Participante 2: Ótima, eu gostava. Meu desejo era que eu estudasse, mas não tive condições, não achei quem me ajudasse. Então, eu não estudei.

Entrevistador: A senhora aprendeu a ler, a escrever?

Participante 2: Pouquíssimo. Pouquíssimo mesmo.

Entrevistador: Hoje se a senhora pudesse voltar para sala de aula, voltaria? Acha importante? Como a senhora vê isso?

Participante 2: Acho importante se eu pudesse voltar para sala de aula, mas no momento a minha mente tá esquecendo muito. Eu faço alguma coisa e daqui a pouco me foge da mente. Então, para estudar não vai ser muito legal.

Entrevistador: E as festas populares ou da igreja, a senhora participa de alguma coisa?

Participante 2: Eu antigamente ainda participava de festa dos dias das mães, rezava, alguma coisa assim, mas não era muito de festa não. Nunca tive aquela alegria para festa e nada não. Nunca tive e hoje tem vinte anos que eu frequento a Igreja Universal.

Entrevistador: E frequentar a igreja universal faz com que a senhora fique feliz?

Participante 2: Sim muito, me sinto bem. Lá tenho com quem conversar, participar. Eu tenho muito vizinho, graças a Deus, eles são bons, não tenho o que dizer, mas não sou de ir para casa de ninguém, de sentar em porta para ficar conversando, eu não sou disso. Aí na igreja, que tem àquelas horas das reuniões de conversar um com outro e aí está tudo bom, né?

Entrevistador: E eu soube que aqui tem muitas marisqueiras, mulher marisqueiras tradicionais, antigas e tudo. A senhora chegou a mariscar?

Participante 2: Não

Entrevistador: A pescar também?

Participante 2: Não.

Entrevistador: Seu esposo pescava?

Participante 2: Pescava, morreu afogado. Ele praticamente só trabalhava na maré. Era para tirar madeira, pegar caranguejo, essas coisas. Ele morreu afogado dentro da maré.

Entrevistador: Que pena. Morreu jovem ele?

Participante 2: Ele estava com 49 anos. Ele hoje estaria com 70 e tem 19 anos que ele morreu. Morreu com 50 e poucos anos.

Entrevistador: Morreu jovem. E a senhora lembra assim, eu já li em alguns livros que aqui a história de negros, de pessoas que vieram da África, escravizados e que habitou nessas regiões e inclusive o Monte que é chamado um quilombo. Foi assim que te contaram seus avós?

Participante 2: Não, minha família não é daqui. É de Candeal. Nessa parte, eu não sei contar nada porque quando eu vim morar aqui já não existia. Tinha Cajaíba, como até hoje tem, mas não existia mais esse negócio de negro não.

Entrevistador: Como a senhora vê a juventude de São Francisco do Conde?

Participante 2: Ohhhh, meu filho. Cada dia pior, porque antigamente para colocar um filho na escola era um sacrifício porque não tinha condições e hoje até fazer uma faculdade tem bolsa, tem isso tem aquilo e o jovem não querem nada. Eles só querem está no mundo da perdição.

Entrevistador: Uma situação difícil né? A gente olha para trás e vê a nossa educação e hoje a dos jovens, o interesse deles é totalmente diferente.

Participante 2: Difícil. Eu tenho meus filhos, os mais velhos, todos estudaram. Inclusive eu tenho uma caçula, você falou que trabalhou no vestibular, ela trabalhou lá.

Entrevistador: Ela foi minha diretora.

Participante 2: Ohhh que maravilha! Ela é a minha caçula.

Entrevistador: Ela fez Ciências biológicas. É bióloga.

Participante 2: É a minha caçula. Tem o outro também que está fazendo Direito e já teve dois que não quis estudar, mas um não quis estudar, mas trabalha normalmente, uma pessoa decente, mas tenho um que meu caçula dos homens que só a mão de Deus, não estudou, não fez nada. Não quis nada, nada da vida.

Entrevistador: Não foi por falta de orientação e educação; muito pelo contrário.

Participante 2: Não, se os mais velhos são diferentes porque só eles dois!?

Entrevistador: É porque tem aquela história dos dedos das mãos, não é?

Participante 2: É. São irmãos, mas não são iguais.

Entrevistador: Isso é uma razão mesmo que a gente sabe, mas sempre oramos e pedimos.

Participante 2: Tem uma outra, minha menina que é a quarta filha. É professora também. Os jovens hoje é difícil. Eu criei dois netos, coloquei para estudar, estudou direitinho e concluiu o segundo grau, mas agora não quer mais nada. Só quer viver de andar em festas.

Entrevistador: É o que atrai esses jovens. É o que a sociedade oferece de prazer e facilidade, infelizmente.

Participante 2: Infelizmente

Entrevistador: A gente explica um pouco da nossa história de vida para eles, esperando que eles aprendam, mas são ensinamos os caminhos, mas aprende e pega quem quer. Não é assim que a senhora pensa?

Participante 2: É. Com certeza. Não pega o que a gente mais velho quer não, só pega o que aquele jovem joga para cima deles.

Entrevistador: Muito obrigado por me conceder esses momentos e de poder escrever as suas memórias.

Participante 2: Quando quiser outro dia, estou eu aqui.

ENTREVISTA 3 - Eucleres Demétrio (Euzébia)

Entrevistador: Qual o seu nome?

Participante 3: Eucleres Demétrio

Entrevistador: Tem filhos?

Participante 3: Tenho seis filhos, três homens e três moças.

Entrevistador: Tem netos?

Participante 3: Tenho cinco.

Entrevistador: Todos meninos ou meninas?

Participante 3: Três meninos e três meninas.

Entrevistador: A senhora sempre trabalhou ou sempre estudou; fez o quê?

Participante 3: Eu não fui criada pelos meus pais, eles morreram cedo. Quem me criou foi minha madrinha e eu estudei muito pouco só até o terceiro ano porque morávamos em roça, em fazenda e não tinha condições de estudar, mas gostava e queria estudar. Não tinha como na roça, mas graça a Deus depois que minha mãe morreu meu pai foi trabalhar fora em usina e minha madrinha me tomou para me criar com sete anos e me criou até quando eu me casei. Foi em Conceição de Feira, não aqui em São Francisco. Depois de meus 24 anos, que me casei vim morar aqui em São Francisco e até hoje estou aqui, vou fazer 80 anos já, estou com 79 e graças a Deus tudo vai andando, agora eu sou assim, gosto de alegria, de festa. Participante de uma porção de programas o Reisado, samba chula.

Entrevistador: Tem o samba chula aqui, né? Muito tradicional. E também tem o samba das Pitangueiras né isso? Disse que é diferente.

Participante 3: Aqui deve ter uns quatro ou cinco samba cada um com um nome diferente. E eu graças a Deus lutando muito. Quando eu me casei meu marido era comerciante e ganhava pouquinho e eu sempre trabalhei para ajudar ele. A gente ia para feira vender banana, eu levava camarão fresco para vender. Minha madrinha era costureira e eu cedo comecei a costurar com ela e depois que me casei e vim para cá, continuei a costura.

Entrevistador: E a senhora costura para crianças, adolescentes ou o quê?

Participante 3: Costuro para tudo.

Entrevistador: Que tipo de costura a senhora faz? Na máquina mesmo ou bordado?

Participante 3: Costuro na máquina mesmo. Faço calça, camisa, vestido.

Entrevistador: Esse ofício a senhora aprendeu com quem?

Participante 3: Com minha madrinha, quando tinha quinze anos. Ela era costureira e eu costurava com ela.

Entrevistador: Você passou esses ensinamentos para seus filhos?

Participante 3: Nenhum quis costura não. Um é professora, duas são enfermeiras, o outro estudou até o terceiro ano e não quiseram mais estudar e nem fazer nada, duas até o ginásio, e o mais novo desempregado.

Entrevistador: É a situação econômica do Município, né?

Participante 3: É. Estou aqui lutando mais ele coloquei ele na escola, coloquei até minha altura, quando formaram para continuar e entrar na faculdade essas coisas toda, mas também não tinha condições e aqui é mais difícil, agora não que tem carro para levar e trazer, mas na minha época não tinha. Como Chica e Meire que pagava carro para ir estudar fora porque nesse tempo não tinha carro e hoje já tem.

Entrevistador: Quer dizer que para senhora os estudos sempre foi algo especial, algo importante.

Participante 3: Com certeza. Não estudei porque não tive oportunidade, mas meus filhos o que eu tivesse eu ensinaria, então eu colocava para aprender que é a melhor coisa.

Entrevistador: E a senhora lembra das suas últimas aulas que a senhora estudou?

Participante 3: Eu estudava de noite. Era o supletivo

Entrevistador: O supletivo é hoje chamado de EJA (Educação de Jovens e Adultos) o antigo MOBREAL

Participante 3: Exatamente, eu ainda estudei uns três a quatro anos.

Entrevistador: A experiência foi boa em sala de aula?

Participante 3: Muito. Nunca briguei com ninguém, sempre tive bons amigos. A professora era uma pessoa maravilhosa e eu gostava muito dela.

Entrevistador: Você praticava leitura e escrita?

Participante 3: Escrevia um pouquinho, lia um pouquinho, mas não muito porque era pouco que eu sabia.

Entrevistador: E estudava qual turno, manhã, tarde ou a noite?

Participante 3: De noite. Durante o dia eu ficava com minha madrinha ajudando ela costurar e fazendo as coisas dentro de casa e lá morávamos em um povoado pequeno e só tinha açougue e a padaria e tinha um armazém e além de fazer os serviços de casa ainda ia pegava as coisas para vender e não tinha como estudar de dia, tinha que estudar de noite.

Entrevistador: E aqui na comunidade de São Francisco do Conde, a senhora participa de algum grupo cultural, por exemplo, de grupo de Samba de roda?

Participante 3: Eu já fui do samba chula, Reisado que até hoje participo.

Entrevistador: Que é maravilhoso, né?

Participante 3: Quando tem passeio em qualquer lugar, eu vou.

Entrevistador: O Reisado acontece em Janeiro naquele período da primeira semana. Dia 6?

Participante 3: Sim. Dia de Reis. A gente faz o Reisado e sai. Todo mundo tem roupa, vai para rua, samba, brinca e se tiver algum lugar que tenha convite, nós estamos lá também.

Entrevistador: Fazendo essa apresentação cultural, não é isso?

Participante 3: É isso aí

Entrevistador: E tem umas esmoladas cantadas; já ouviu falar? Que os grupos saem nas portas solicitando dinheiro para festa?

Participante 3: Eu nunca participei, mas já ouvir falar. O pai de Zeca que gostava dessas coisas. Ela saía com pandeiro e o violão nas portas para pedir dinheiro.

Entrevistador: É a preparação para festa se eu não me engano, para uma festa que acontece logo depois, então é a favor de arrecadar dinheiro. Eu li isso em algum lugar.

E como a senhora vê hoje a juventude de São Francisco do Conde? O que a senhora pensa dessa juventude, se é interessada pela cultura popular do Município, se respeitam os idosos, se tem interesse em manter a tradição de ser pessoas negras que nasceram aqui, moram aqui ou viveram aqui, o que a senhora pensa?

Participante 3: Bem poucos pensam assim. A maioria não. Muitos meninos jovens ainda com quinze a dezoito anos só pensa em fazer besteira e brigar, ir para festa para fazer e acontecer,

mas ter responsabilidade, tomar conta de um grupo, fazer uma coisa boa que sirva para ele e outros amigos deles, é muito pouca mesmo.

Entrevistador: A senhora já ouviu falar em uma iguaria daqui da região chamada Aponã? Que é um bolinho de massa envolvido na palha de bananeira, né?

Participante 3: Ahhh, já. Quem fazia muito isso era uma pessoa que já faleceu. Preta fazia e a outra que morava ali perto do coisa...

Entrevistador: Dona Duzinha que eu entrevistei.

Participante 3: Dona Duzinha que fazia muito essas coisas. A minha comadre.

Entrevistador: Dona Duzinha foi a primeira que entrevistei, tenho registrado foto com ela e tudo. Maravilhosa. E a Moquequinha, a senhora ouviu falar também?

Participante 3: Sim. Dona Preta fazia muito e vendia muito. Ela está doente não está fazendo mais.

Entrevistador: Que pena! Eu sempre comprei na mão dela ali na orla

Participante 3: Era

Entrevistador: A bacia dela bem ariada aí com aquela pimentinha na Moquequinha, uma delícia! Assa em cima do fogaréu, né?

Participante 3: É. Ela fazia muito.

Entrevistador: As bolachinhas de gomas também?

Participante 3: É. A minha comadre Duzinha fazia muito.

Entrevistador: Quer dizer que Dona Preta está doente né?

Participante 3: Está.

Entrevistador: Oh que pena! Ela é diabética, né?

Participante 3: Ela teve o filho dela e mataram. Colocaram um veneno na comida, algo assim. Eu sei que ele comeu uma comida aí e foi para o hospital e terminou morrendo e ela com isso ela ficou ruim, ruim mesmo. Daí para cá ela nunca mais foi a mesma.

Entrevistador: Imagino

Participante 3: Ela tem dia que está melhor. Tem dia que vamos lá vê e ela fica assim...

Entrevistador: Ela era uma mulher tão ativa, fazia essas viagens toda porque eu conversava com ela e qualquer passeio ela estava dentro e sempre no finalzinho da tarde colocava o banquinho ali e a ficava com a bandeja dela vendendo as coisas ali. Eu comprava e levava para Salvador todas as vezes que eu trabalhava aqui e eu ia sempre ia até ela, gostava muito.

Participante 3: Agora só têm os filhos, mas nunca é igual a ela.

Entrevistador: Eu lembro uma das viagens que ela estava fazendo para Fortaleza, tinha um grupo aí que organizava e tudo. Ela dizia que ia se divertir.

Participante 3: Qualquer passeio que marmasse por aqui a gente tava.

Entrevistador: Que bom! Deixa eu perguntar outra coisa para senhora, e os seus netos por exemplo, vão a escola, gosta da escola, o que a senhora acha?

Participante 3: Gosta. Eles vão. Meus netos gostam do colégio. Têm dois que estão fazendo faculdade em Salvador. A menina de Meire e o filho de Pedrinho.

Entrevistador: Que bom. Outra geração.

Participante 3: É. Meus netos já. E os filhos só as meninas quiseram estudar, já os meninos....

Entrevistador: É sempre assim. Na minha casa também somos seis rapazes e duas mulheres, então os rapazes sempre demos mais trabalho para poder estudar, a exceção de mim e os meus cinco irmãos trabalham e duas irmãs e eu estudamos um pouco mais, nos interessamos. Tá bom. Agradeço muitíssimo a senhora. Muito obrigado!

Participante 3: Obrigada, de nada.

ENTREVISTA 04 - Domingos dos Santos Reis (Florêncio)

Entrevistador: Vou gravar perguntando, você me diz o seu nome, sua idade, casado, solteiro ou viúvo? Se tem, quantos filhos? Se tem netos? Qual é sua profissão? O que você for lembrando de memória.

Participante 4: Na memória eu vou dizer a você o seguinte, meu nome é Domingos dos Santos Reis, tenho 60 anos. Sou de 1957. Minha geração foi boa, não sei hoje, porque está mudado, mas minha geração foi boa, todos os colegas que participamos, foi tudo de bom. Todo mundo, ninguém deu pra ladrão, ninguém deu pra nada, foi tudo de boa. Que dizer graças a Deus todo mundo fez suas casas, cada qual tem seu barraco, seus carros, mas todo mundo de boa, quer dizer nenhum deu para ruim, a minha geração foi nota 10, a minha geração. Hoje eu não vou dizer o mesmo, que hoje está avançado, mas graças a Deus. O que alguém praticou ou pratica hoje em dia eu não posso falar nada, leve sua vida que eu levo a minha.

Entrevistador: O senhor é solteiro, viúvo ou casado?

Participante 4: Sou casado.

Entrevistador: Quantos filhos?

Participante 4: Eu tenho 3 filhos.

Entrevistador: Todos nasceram aqui em São Francisco?

Participante 4: Em Santo Amaro.

Entrevistador: E o senhor?

Participante 4: Eu nasci aqui.

Entrevistador: Você trabalho com quê?

Participante 4: Sempre trabalhei como pedreiro.

Entrevistador: Até hoje trabalha como pedreiro?

Participante 4: Sim, mas eu tive várias profissões.

Entrevistador: Me conte um pouco sobre elas.

Participante 4: Eu tive de pedreiro, artista, pintor e a outra profissão, é, lixador. Essas quatro, trabalhei.

Entrevistador: Já trabalhou como mariscador, já pescou?

Participante 4: Já marisquei muito, marisquei e tô mariscando ainda.

Entrevistador: E como é essa experiência, como foi essa experiência de mariscar?

Participante 4: A experiência de mariscar, foi quando eu era menino e não tinha prática, não era prático ainda, meu tio me ensinou. Mas graças a Deus foi me ensinando como era a pescaria, entendeu, aí fui pegando o jeito e foi até hoje sei pegar um camarão, um siri, um peixe, sei pescar de rede, sei tirar um caranguejo, um guaiamu, só que isso nunca mais eu fiz, o guaiamu e o caranguejo, acaba muito os braços da pessoa, aí fugi. Aí fugi, saí fora, ficar assim parecendo um gato todo arranhado aqui.

Entrevistador: E a juventude hoje, não quer aprender esse ofício?

Participante 4: Não quer aprender.

Entrevistador: Se chamar o jovem hoje para mariscar, ele vai? Aqui em São Francisco?

Participante 4: Não vai não, vai pra gente ensinar, pra poder fazer. Ensinar pegar para poder ver, não quer meter braço não, não quer meter braço não. A namoradina hoje né, ver a namorado com o braço todo ferido, não quer. Naquele tempo a gente metia o gunga e tirava mesmo. Tirava caranguejo a braço, tirava tapado, com cavador, depois tirava no braço. Aí sujava muito o braço, a mão ficava preta, muito preta da tinta do mangue, aí tinha que passar limão, passar vinagre, para poder limpar, mas a unha ficava preta esses negócios, aí falei pra mim isso não dá não, daí parti pro camarão que não tinha esse problema, partir pro aratu, aratu na técnica. É matava um aratu com uma varinha só, era jogar o aratu ia morrer na dentro da lata, só em pé ali, mordendo e jogando na lata, aí pegando o saco e despejando dentro, ali era a técnica que a gente tinha e até hoje, porque amanhã, um colega me chamou pra ir amanhã, aí

eu disse amanhã não posso ir, porque amanhã, eu vou em Candeias resolver o problema da energia, então o que é que aconteceu, então eu não posso, mas quinta feira nós vai,

Entrevistador: Perfeito.

Participante 4: Ai esse meu colega falou quinta feira talvez nós vai lá pro mangue, eu vou tirar uns sururu, você vai tirar uns siris de mão e o outro o aratu.

Entrevistador: Perfeito.

Participante 4: Aí o que a gente traz, é da gente mesmo.

Entrevistador: Seu Domingos e a escola, o senhor foi à escola?

Participante 4: Fui a escola.

Entrevistador: Estudou até que série?

Participante 4: Estudei até a terceira série.

Entrevistador: E parou de estudar, por quê? Aconteceu alguma coisa?

Participante 4: Parei de estudar por causa de motivo de trabalho. Comecei a trabalhar, aí tinha meu pai, deu problema de derrame, ele ficou um tempo sem poder trabalhar, eu já vinha chegando dezessete e seis meses pá, aí eu tive parar o estudo, aí parei para poder continuar, a continuação da alimentação dele, que botava a alimentação, aí eu tive que fazer isso, tive que meter a cara lá.

Entrevistador: Era boa a escola? Ou seja, o senhor gostava de ir à escola?

Participante 4: Era boa a escola

Entrevistador: Aprender a ler e a escrever?

Participante 4: Eu gostava, gostava muito, era o melhor aluno do colégio, nunca fui rebelde em colégio, eu fui o nota 10 no colégio, então a professora hoje não morreu nenhuma, me tratava muito bem, eu também tratava ela muito bem entendeu, mas ela é o seguinte, ela diz assim: eu quero que você faça isso, eu fazia. Eu nunca dizia a ela que não, tudo eu fazia, tudinho eu fazia pra ela, então ela pedia alguma coisa pra ir ali na rua fazer uma coisa pra ela, era nota 10, nunca dei trabalho a elas nenhuma. Chegava fim de ano, eu passava tranquilo, nota 8, nota 9, 10. Era bom aluno.

Entrevistador: Pena que você teve que parar, por causa do trabalho.

Participante 4: É, tive que parar por causa do trabalho e também meu pai adoeceu e eu fiquei com a mão na cabeça, o que eu faço, aí me joguei pra Camaçari para trabalhar. Aí sustentava ele, a minha mãe, entendeu? Meus irmãos, a maioria tinha ganhado o mundo, trabalhando fora, aí só ficou eu em casa. Aí dentro de casa eu tinha que manter tudo e ajudar a minha mãe, arrumava a casa, mobiliar a casa, tudo era comigo, porque os outros irmãos era bom, mas não era igualmente a eu, eu era, minha mãe tinha o prazer em dizer todo filho é filho eu gosto, mas

aqui está separado, porque é aquele que faz por mim, eu não tenho nada haver, eu quero que todo mundo faça pra senhora, todo mundo faça, é um prazer pra mim, mas fazer o que, então se a senhora falou isso, problema da senhora né comigo não, então quer dizer ela falava isso eles ficavam insatisfeito porque ela falava isso, mas final do mês eu não era uma pessoa de recuar, metia a mão no bolso e falava, aqui mãe, aqui é da senhora, aqui é da sua despesa, não tem nada haver. Ela era aposentada, eu não pegava no dinheiro dela, não o dinheiro é seu, eu tenho o meu eu sou obrigado a lhe dar, se os outros não lhe dar, problema da senhora, é problema deles e não eu, não eu questionar a eles vocês vão dar, porque eles dão a critério deles, não eu dizer, igualmente a ela porque ela era uma pessoa muito bondosa comigo e eu também era muito bondoso com ela, eu não respondia nada a ela, tudo que precisava tudo eu tinha pra fazer por ela entendeu, e por ele também, sempre que faltava um remédio eu ia pegar o remédio, pra comprar o remédio, se faltasse o chinelo, ia comprar o chinelo, se faltasse um short, eu ia e comprava um short pra ele, tudo pra ele. Fim de ano, como ela me ajudou eu ajudei ela, quando eu era garoto ela me ajudou muito, mas hoje como eu fui ficando rapaz quem tinha que ajudar e fazer por ela era eu, e morrer não vou poder.

Entrevistador: Se o senhor tivesse que voltar pra escola hoje, você voltaria pra escola? O que é que o senhor acha?

Participante 4: É um prazer, eu achei proposta para ir para o colégio também, e estudei também na ACSE, aqui na entrada do portal estudamos um bocado ali, uns quatro a cinco meses, ficou ali 8 pessoas só.

Entrevistador: Foi diminuindo, começou com um grupo grande?

Participante 4: Foi, começou com um grupo grande e foi diminuindo, porque a turma achava a dificuldade, trabalhava até as cinco, cinco e meia todo mundo ia embora e eu ficava pro colégio, mas rapaz tu vai pro colégio, dizia uns colegas; trabalhava o dia todo, e ainda vai pro colégio até sete horas, mas rapaz com muito prazer, a gente tem reforçar, quer dizer eu ficava, muitos ficavam e os outros ficou, a gente foi e se formou nela,

Entrevistador: Que ótimo; tá vendo!

Participante 4: A gente se formou nela, na ACSE.

Entrevistador: Na ACSE, essa associação que foi organizada para vocês estudarem, como funcionava?

Participante 4: A professora era aquela, uma menina magrinha que é filha de Guel, e a outra mora lá perto da biblioteca, que era duas professoras.

Entrevistador: Vocês terminaram em 8.

Participante 4: Foi, terminamos em 8.

Entrevistador: E começou em um grupo de 30, vamos supor?

Participante 4: Um grupo de 30 e todo mundo foi se saindo, porque dizia que não dava não, que nada muito pau não sei o que, e ainda estudar de noite.

Entrevistador: E era prazeroso, pra você seu Domingos, estudar lá e tal na hora das atividades?

Participante 4: Rapaz era bom, era o seguinte, era e não era, porque a gente trabalhava, mas eu tinha aquele amor de estudar, entendeu. Que tinha aquele amor pra estudar, pra mim largar 6 horas, 7 horas, 6 horas, eu ia continuar trabalhando, e ia continuar estudando, ia em casa tomava banho ligeiro e o carro vinha me buscar. Pegava o carro dos meninos aqui e ia pro colégio, e saía de lá 10 horas aí dizia vocês vão, você vai se formar aqui, na formatura todos os oitos se formou na formatura,

Entrevistador: A celebração foi boa?

Participante 4: Foi, foi boa até o prefeito foi.

Entrevistador: Era Evandro antes ou era o Pascoal?

Participante 4: Não, era Rilza.

Entrevistador: Rilza Valentim?

Participante 4: Rilza Valentim foi, as irmãs.

Entrevistador: Que bom, então. Foi rapazes somente ou mulheres estavam juntos com vocês?

Participante 4: Homem e mulher, aí porque, porque quem deu continuação foi esses juntos com os outros, pensava de todo mundo desistir, mas...

Entrevistador: Parabéns!

Participante 4: Mas eles não desistiram, aí continuou, me deram a lembrança, me deram aqueles volumisinho, com as provas tudo feitas muito bem, quer dizer que fui passado de ano, fui formado, quer dizer tô por aí numa boa. Me deram de presente caneta, me deram tudo de presente.

Entrevistador: Só alegria, só felicidade, né?

Participante 4: Só alegria e felicidade!

Entrevistador: Quer dizer a professora disse para você não deixar de estudar!?

Participante 4: Eu sempre encontro ela por aí, como é que tá? Eu digo beleza.

Entrevistador: Sempre maravilhosa; né?

Participante 4: Eu gosto de você pra “dedeu”, velho, e por quê? Porque você é um aluno que nunca me deu trabalho, sempre chegou cedo, apesar de tudo você trabalhava, mas cinco e meia a firma liberava, você ia em casa tomava banho e vinha de carona mais eu.

Entrevistador: Isso é importante; é!?

Participante 4: Essa semana passada eu encontrei ela, ela como é que tá? Eu, tá tudo bem. Aí o, eu trabalho, mas você sabe disso, às vezes a gente tá trabalhando e chega de noite,

Entrevistador: Muito cansado; né?

Participante 4: É, a gente trabalha das 7, mas hoje as vezes é das 8 as 16, mas muitas formas trabalham das 7 as 17. Aí você tem que dobrar e ficar até 22 horas. Aí ficando até 22 duas horas, ficava sem poder ir pro colégio, se matriculava sem poder estudar.

Entrevistador: Imagino.

Participante 4: Porque uma vez estudei em Camaçari, e fui pra Mataripe e continuava a sair às 22 horas, chegava aqui, o motorista era daqui mesmo chegava às 00 horas, 00 horas eu chegava aqui, ele levava lá no Bonfim o pessoal de Santo Amaro, Olivença, Caípe, Madre de Deus, ele ia fazer esse retorno todo, quer dizer quando ele chegava aqui, ficava com medo de vim aqui primeiro, pra ele sozinho, então ele ia em Santo Amaro primeiro entregar o pessoal, pra trazer mais gente até cá porque ele morava aqui, eu sou besta rapaz, eu vou sozinho, eu tinha que fazer esse papel, tá certo.

Entrevistador: Não, não mesmo.

Participante 4: Chegava aqui era doze e meia, doze horas, chegando agora, chegava em casa tomava meu banho, pegava minha farinha e ia descansar, quando dava 5 horas já tava no ponto de novo, trabalho cansativo mas é isso.

Entrevistador: Claro! E o senhor seu Domingos, já participou aqui de associação de moradores e de festas populares, como nega maluca, nego folhagem, meninos de lama, ou samba das pitangueiras ou samba chulo; o senhor gosta, já participou?

Participante 4: Rapaz eu gosto, eu gosto, eu já participei também do bumba meu boi, todo ano eu saía no bumba meu boi. Eu gostava muito do bumba meu boi, porque quando era época folclórica saía, porque às vezes a prefeitura fazia, hoje o carnaval vai ser de folclore. Folclore, não é...?

Entrevistador: Festas populares?

Participante 4: É não era um carnaval mesmo, era festa populares, negócio de folclore esses negócios.

Entrevistador: Tipo micareta?

Participante 4: É, tipo micareta, ficou sendo assim, aí quando fazia bumba meu boi a gente saía, saía os três dias, três a quatro dias, saía de manhã, saía de tarde.

Entrevistador: Não tem mais essa tradição aqui?

Participante 4: Tem, tem tradição, tem!

Entrevistador: Mas o senhor que deixou de sair; né?

Participante 4: Eu também deixei de sair porque a turma que a gente trabalhava, a gente gostava de sair, foi morrendo muitos, outros foram trabalhar fora, aí o grupo foi ficando pouco. Aí foi chegando essa jovem guardadinha, esses novatozinhos, aí fui me saindo, não dá pra mim não, porque as vezes a gente tinha o grupo da gente brincava tranquilo, mas hoje em dia essa jovem guarda, esses jovens só quer saber de, não quer brincar, só quer saber de confusão, isso e aquilo outro, e você no meio direito, para tá no meio de delegacia essas coisas, disse não dá pra mim mais, por que que não dá? Porque, a gente brincava tranquilo, mas hoje em dia não dá pra gente brincar mais porque, eles só pensam só em briga e discussão e fica chato porque as vezes você é pai de família, pai de neto e nunca teve esse problema de delegacia e confusão uma vez de cara quebrada, fica chato, aí eu me sair, fui me saindo. Eles fazem as brincadeiras deles aqui, sai de micareta, sai todo mundo, mas eu não piso o pé, não vou não! Meu grupo a gente participava, muito morreram, muitos foi embora, muitos tá trabalhando fora e ficou aqueles 2, 3, aí fica chato. Oi vamos evitar.

Entrevistador: Com certeza, seu Domingos, aqui a gente tem um monte que é considerado um quilombo, né isso? E o senhor já ouviu história dos seus avós, por exemplo, ou dos seus pais que falavam sobre a tradição do negro fugido, dos negros escravizados, que saíram? Já ouviu, ou lembra as histórias que eles contavam?

Participante 4: Isso. Rapaz minha mãe sempre falava na escravidão, minha mãe, meu pai, sobre o monte, falava da escravidão, da escola agrícola, sempre falava, porque ela é uma pessoa que ele era mais velho que eu e sabia, eu era garotinho tudo bem, mas meu pai participava disso e sabia. Aí meu pai falava que tinha a escola agrícola, é muita gente se formou aqui na escola agrícola, então eu fui na escola agrícola ver.

Entrevistador: Hoje só tem a fachada dela; né?

Participante 4: Isso. Só tem a fachada

Entrevistador: Vão reformar essa escola, e nada de reformar né?

Participante 4: É, ela tem 365 janelas, a idade do ano é a quantidade que tinha de janela nesse colégio. Então ali, muita gente se formou naquele colégio, ali tinha oficina, tinha tudo pra aprender, depois muita gente de Salvador, Valera foi formado ali. Foi esse Valera foi formado ali.

Entrevistador: É. Eu tenho ouvido algumas coisas que dizem justamente isso, de pessoas renomadas que passaram por aqui pela escola agrícola...

Participante 4: Passou por aqui pela escola agrícola, passou por aí, quer dizer, tinha os negros também que era do Monte, entendeu? Aqueles negros que era, que o pessoal que era da escravidão esses negócios. Meu pai sempre falava sobre isso. Hoje tem a escravidão, mas talvez daqui pra frente não vai existir mais escravidão mais, porque vai mudando, quer dizer hoje ainda teve a escravidão, mas hoje em dia não tá tendo mais aquela escravidão como a gente via antigamente.

Entrevistador: Claro, claro!

Participante 4: Pode ter alguma escravidão, mas é difícil, porque Cachoeira teve, Santo Amaro teve escravidão; muito lugar teve escravidão.

Entrevistador: Esse é o Recôncavo aqui, baiano?

Participante 4: É, teve escravidão, mas meu pai sempre falava sempre de Cachoeira, porque hoje a gente vai mudando. Sobre Cachoeira, Muritiba, Santo Amaro, São Félix, teve muita escravidão, mas hoje em dia a gente não tá tendo mais escravidão, hoje a gente vai pra algum lugar, antes o negro era pisado de pé, eles sempre falavam, meu pai e minha mãe sempre falava, meu avós falava. Mas a gente, graças a Deus, não pegou esse tempo de escravidão, a gente já pegou já mais ou menos, quer dizer hoje em dia graças a Deus tá indo tudo bem.

Entrevistador: Que bom!

Participante 4: Tá joia.

Entrevistador: Obrigada, Sr. Domingos, esse bate papo que a gente tá tendo aqui que eu queria registrar, certo?

Participante 4: Tá certo!

Entrevistador: Te agradeço muitíssimo pela sua colaboração.

Participante 4: Muito obrigada por isso.

ENTREVISTA 05 - Creusa Ribeiro dos Santos (Cremilda)

Entrevistador: Eu sou Jeferson, sou professor lá em Salvador de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. Eu trabalhei aqui em São Francisco do Conde por dez anos, mais ou menos, ali em baixo onde era o PREVESP, Chica foi minha coordenadora, minha amiga e eu escrevo algo sobre as memórias dos idosos de São Francisco do Conde. Quem são vocês, o que lembram; qual sua relação com a escola, com a leitura, a escrita, ou seja, eu quero escrever o que as idosas e os idosos de São Francisco do Conde pensam ou lembram sobre suas vidas e o que serve para juventude franciscana hoje em dia. Vou fazer perguntas bem diretas e interagir com a senhora. A senhora pode falar naturalmente. Vai me falar o nome todo da senhora, dizer a idade, quanto filhos, se é casada, solteira, quantos netos, o que for vindo à sua mente, a senhora vai falando, tá bom? Fique a vontade.

Participante 5: Eu me chamo Creusa Ribeiro dos Santos, tenho 65 anos, tenho 5 filhos, 10 netos e 2 bisnetos.

Entrevistador: Casada, Solteira ou Viúva?

Participante 5: Solteira

Entrevistador: A senhora foi à escola, estudou?

Participante 5: Estudei até o segundo ano de Enfermagem e no primeiro semestre, minha neta que tem 27 anos ela nasceu, eu abri mão para tomar conta dela e a mãe dela abandonou, aí eu sai do colégio. Não consegui terminar, mas fui até o segundo ano de enfermagem.

Entrevistador: Se tivesse que voltar hoje, a senhora voltaria a estudar?

Participante 5: Não, Enfermagem.

Entrevistador: Por quê?

Participante 5: Porque na hora de ver sangue, ver ferida, não quero não, bem que eu gostaria, eu tenho vontade de ir, mas o problema de saúde e outra, eu sou costureira também. É meu ganha pão e trabalho mais a noite porque a casa é pequena e não tenho minha área de costura e tem muita gente, muito movimento, passando para lá e para cá e não consigo me concentrar. Aí costumo costurar de cinco horas da tarde até uma a duas horas da manhã todos os dias. Aí não dá para estudar.

Entrevistador: É um trabalho pesado esse; né?

Participante 5: É

Entrevistador: É prazeroso por um lado, mas pesado e a senhora costura de tudo, né? Faz bainha também?

Participante 5: Faço.

Entrevistador: Bainha na mão ou na máquina?

Participante 5: Na máquina.

Entrevistador: Porque ninguém hoje mais quer fazer bainha na mão?

Participante 5: Na máquina é mais garantido porque se eu fizer na mão e vai vestir a calça, fica sua unha pegando no fio de linha e na máquina não acontece isso.

Entrevistador: Eu estou te perguntando isso porque lá em Salvador, onde moro, as costureiras quando levo para fazer a bainha, elas dizem que só faz na máquina.

Participante 5: Na máquina é melhor. Mais seguro. Mais garantido.

Entrevistador: Fica tranquilo né?

Participante 5: É

Entrevistador: Certo. E a senhora já participou ou participa de algum grupo cultural aqui em São Francisco do Conde?

Participante 5: Não.

Entrevistador: Samba de roda? Chula?

Participante 5: Não

Entrevistador: Samba das pitangueiras?

Participante 5: Não. Nunca gostei de samba não. Meu negócio era seresta.

Entrevistador: Seresta?

Participante 5: Há uns anos atrás aí.

Entrevistador: Hoje não mais? Jovem desse jeito?

Participante 5: Eu não me vejo mais não. A última vez que fui fiquei de tarde e agora as danças é diferente né? Aquele negócio aí eu fiquei assim de parte olhando e disse: Meu Deus, eu que andava nesse meio aí? Não me vi mais naquele lugar. Isso aí não é mais para mim não, não tenho mais idade para isso. Aí também teve umas colegas que era parceira de seresta que morreram. Aí vamos perdendo a vontade de ir e hoje em dia vou mais para igreja e mais lugar nenhum. Até quando alguém me convida para passar fim de semana em praia, como Madre de Deus, eu não vou, não tenho mais vontade de sair para canto nenhum não.

Entrevistador: Netos? A senhora tem?

Participante 5: Tenho dez netos e três bisnetos.

Entrevistador: E a senhora gosta de cuidar desses bisnetos?

Participante 5: Eu ajudo, mas falta a paciência porque quando a casa enche e eu procuro lugar para sentar, eu não gosto não.

Entrevistador: E a juventude de São Francisco do Conde? Seus parentes ou outros jovens, como a senhora acha que eles encaram a educação, a formação, o respeito pelo idoso?

Participante 5: Menino, isso aí eu não sei te informar não porque lá em casa mesmo tem um que às vezes me trata com maior carinho, mas às vezes é uma grosseria que nunca vi, parece até que eu não sou a avó.

Entrevistador: Estudam, vão à escola, gostam?

Participante 5: Só um que não estuda, esse que estou falando. Fiz de tudo para ele estudar, mas ele não quis nada. Os outros estudam.

Entrevistador: O que a senhora acha que ele é diferente dos outros com esse comportamento? Porque a educação que a senhora deu foi a mesma.

Participante 5: É isso que fico me perguntando, meu Deus, o que foi que eu errei com esse menino? Ele é problemático. Eu me pergunto onde foi que eu errei porque criei meus filhos do mesmo jeito que ele foi criado e ele deu para ruim. Eu criei do mesmo jeito que eu criei meus filhos. Graças a Deus, eu não tenho o que dizer dos meus filhos. Respeitam os mais velhos, são pessoas que todo mundo gosta, todo mundo gosta dos meus filhos e das minhas filhas, mas esse neto, meu irmão, veio para me arrasar.

Entrevistador: Deixa eu perguntar para senhora, a senhora sempre trabalhou como costureira ou trabalhou com outras coisas?

Participante 5: Não, eu com nove anos de idade era empregada doméstica. Eu era tão gente que não dava na altura da pia e a dona da casa, antigamente os engradado era de madeira, agora é de plástico, e ela colocava dois engradado para eu puder dar na altura da pia e eu era linda os cabelos batia aqui. Aí lavava os pratos e só almoçava depois que todo mundo almoçava.

Entrevistador: Seus pais que colocaram para você trabalhar desde cedo?

Participante 5: Eu não tive pai não. Só conheci mãe, mas sempre fui assim, via as necessidades, precisava das coisas e mãe não podia dar. Aí a solução era ir trabalhar.

Entrevistador: Vocês eram em quantos filhos?

Participante 5: Só eu.

Entrevistador: Filha única? Ainda assim

Participante 5: É, mas depois comecei a trabalhar, lavei roupa de ganho, comecei a fazer e de tudo nessa vida acho que já fiz. Só não fiz me prostituir, graças a Deus.

Entrevistador: E a escola a senhora gostava, quando era pequena, lembra?

Participante 5: Gostava, gostava.

Entrevistador: Desde quando aprendeu a ler e a escrever?

Participante 5: Eu ia. Era uma distância, sabe onde era São Bento, não?

Entrevistador: Sei onde é sim, aqui.

Participante 5: Como daqui a São Bento, eu ia andando para estudar.

Entrevistador: Longe, distante mesmo.

Participante 5: Eu colocava um caderninho dentro do saco plástico e não tinha merenda e dinheiro nenhum.

Entrevistador: Descendo essas ladeiras e subindo outras. De barro né?

Participante 5: Ia estudar. Era em Campinas e morava na Boa Vista e depois cresci, virei mulher, tive filho, me envolvi com um sujeito e tive filho e daí para cá....

Entrevistador: Esse sujeito não foi homem não de ficar ali?

Participante 5: Não. Só foi homem para fazer mesmo.

Entrevistador: Ainda vive ele?

Participante 5: Vive.

Entrevistador: Mas hoje é uma pessoa melhor, ele?

Participante 5: Não sei, não vejo a cara dele e nem quero nem ver. Não deu certo, parti para outra não deu certo. Eu não deu certo não, meu irmão. Aí de uns tempos para cá, eu disse que ia dar um basta nessa vida que não é para mim não. Aí graças a Deus, hoje vivo bem, vivo sozinho, mas vivo bem.

Entrevistador: Isso. Fazendo o que a senhora gosta, não é isso? E com os seus filhos, netos e bisnetos, tendo suas alegrias, certamente. E final de semana, curte a vida como?

Participante 5: Vou para igreja domingo.

Entrevistador: Só alegria lá né?

Participante 5: Fico no sofá assistindo Silvio Santos a tarde toda.

Entrevistador: Esse é um programa é?

Participante 5: O programa é esse.

Entrevistador: E na igreja, vocês fazem campanhas, têm movimentos de alguma coisa assim? Para se envolver, se animar?

Participante 5: Não, eu não consigo não.

Entrevistador: Só vai mesmo à igreja para missa, né?

Participante 5: É. Só para missa

Entrevistador: Eu soube que aqui em São Francisco do Conde, soube não, já experimentei Aponã, bolachinha de goma, moquequinhas. A senhora sabe fazer moqueca na folha de bananeira, sabe fazer essas coisas?

Participante 5: Nunca fiz não. Aponã, eu fiz, mas moqueca na folha de bananeira, não. Não é difícil não.

Entrevistador: E mariscar? Já mariscou alguma vez?

Participante 5: Não. Já o que, meu irmão!? Pense eu branca, ia para maré e quando chegava toda preta. Ficava parecendo uma garça, branca com o pé preto. Ainda minha mãe pegava o sururu e eu ainda ia ter que vender. Aí ela vinha para casa e eu saía gritando pela rua "Olha o sururu", Daqui o pessoal ouvia minha voz de lá. Para puder ter o dinheiro para comprar o pão.

Entrevistador: E essa vida de mariscagem é uma vida penosa, né isso? Custosa. Problema de coluna né isso? Ficar ali abaixada.

Participante 5: E como é. Avemaria....!!! E para pegar o tal do miroró, minha mãe metia a mão no buraco.

Entrevistador: Miroró é um peixe?

Participante 5: É um peixe assim pequenininho. Gostoso que você nem imagina. Aí metia o braço assim oh e ficava com medo porque a lama vinha até aqui oh. Aí quando o peixe agarrava, puxava para pegar de um a um, é brincadeira?!

Entrevistador: Quer dizer que a senhora branca era considerada tipo no carnaval que tem uns meninos de lama né isso? Que se melava de lama da maré para puder sair no carnaval. A senhora lembra disso? Já viu alguma vez?

Participante 5: Eu sei que saia com os pés todo preto e branca com o cabelo que minha mãe fazia um cocó.

Entrevistador: E para tirar essa lama toda, como era depois?

Participante 5: Tirava o grosso na água da maré e o resto tirava em casa.

Entrevistador: Eu imagino só como era.

Participante 5: E quando ia pescar que levava para comer? Ralava o sal, pimenta e farinha. Aí pegava o miroró fazia um fogo com graveto, botava o peixe para assar, como assim e agora tem que lavar, fazer não sei o quê. Comia aquele peixe e só tirava a tripa. Pense que delícia com a farinha... depois bebia água. Avemaria, era bom demais. Hoje em dia, se não tratar bem tratado não come, eu nunca tive nada. Só fazia tirar a tripa do peixe, se comia com tudo.

Entrevistador: E os anticorpos nossos já estavam ali presente, né? Hoje é muito invenção não é?

Participante 5: E como. Quando ia para escola o lanche era um pedacinho de coco porque o vizinho tinha coco e sempre estávamos com o coco lá em casa, " Tem coco, tome aqui". E eu pegava um pedacinho de coco, botava no saco plástico ou então uma banana que não faltava porque tinha muitas. Era roça, não faltava banana.

Entrevistador: Aqui a plantação de banana sempre foi muito grande né? Nessa região toda. Um pedaço de coco e tinha rapadura pelo menos para acompanhar o coco?

Participante 5: Rapadura era difícil. Eu nem sabia o que era. Olhe para te contar melhor, onde eu morava era difícil as coisas. Era Boa vista, Campinas, São Francisco do Conde que era aqui, chamava Vila. Aí vinha para aqui, aí minha mãe comprava dois pão, pense meu senhor, o que é uma pessoa comer um pão e colocar a mão debaixo para não cair àqueles farelos. Não comia pão não. Não sabia o que era pão, biscoito de coco. De manhã cedo era um pedaço de carne de sertão frita com café. O café era esse e quando vinha para aqui e comprava esse pão, avemaria, a boca chega enchia de água. Eu por mi colocava a mão embaixo para não perder um farelo do pão. Eu não esqueço disso.

Entrevistador: Eu tive um pouco dessa infância também, meu sonho era comer uma vara de pão, só minha. Já que somos oito filhos e aí meu pai dividia a vara de pão em três partes. E aí a gente fazia isso aí, não deixava cair nenhum fragmento. Era meu sonho comer uma vara de pão sozinho, imagine!

Participante 5: Meu irmão, e outra coisa, para comer um arroz, hoje em dia, lá em casa cozinha um arroz e joga fora. Antigamente, só comia arroz quando tomava remédio de verme.

Entrevistador: Porque era caro, o acesso; né?

Participante 5: Era. “Salme” das crianças, um molho. Que bicho ruim até hoje ainda lembro.

Entrevistador: Era tipo Emulsão de Scott né?

Participante 5: Esse era melhor do que o outro. Era um óleo grosso, difícil de engolir e passava o dia todo sem comer e quando era de tarde cozinhava aquele arroz só com sal e botava, comia com maior gosto o arroz. Arroz puro de água e sal e ainda grudando para não dizer que era aquele solto não.

Entrevistador: Era Unidos e venceremos né?

Participante 5: É esse.

Entrevistador: E hoje a senhora cozinha? Se chamasse a senhora para cozinhar, por exemplo, um caruru para um batalhão de gente, cozinhava?

Participante 5: Cozinho. Caruru, eu sou boa, mas outras coisas, eu não sou não. Eu já trabalhei em escola, fiz muita merenda. Hoje mesmo, não quero mais não.

Entrevistador: Já lavou roupa de ganho?

Participante 5: Oxê.... Já lavei roupa de ganho de mulher de brega. Sabe o que é brega?

Entrevistador: Sim.

Participante 5: Eu lavava roupa das mulheres do brega de Maizinha lá. Quando ia levar a roupa, a dona do brega fazia assim, deixava uma pessoa na frente da porta para não deixar homem nenhum entrar porque eu ia entrar, eu era mocinha ainda. Eu ia entrar para levar a roupa. Ela deixava compadre Dilson ficar na porta olhando para homem nenhum entrar porque eu estava levando as roupas das meninas. Fazia unha das mulheres do brega, lavava roupa, tudo isso eu fazia.

Entrevistador: Uma vida bem sacrificante, mas ao mesmo tempo de muita aprendizagem, não é dona Creusa?

Participante 5: Me sinto uma mulher feliz, milionária. Hoje eu tenho televisão, cama box, tenho ventilador, graças a Deus, tenho tudo. Antigamente, eu não tinha nada, dormia no colchão, no colchão não, na folha de bananeira. Percevejo, que nunca vi tanto percevejo na minha vida. O lençol era de saco. Tomar banho de sabonete, meu Deus, nunca na minha vida, a minha infância toda. Escovava o dente, tem uma folha que se chama Folha de papagaio que espuma, eu pegava a folha, eu sempre fui vaidosa, eu passava a nos dentes. Pegava folha de manjeriço, machucava, colocava dentro de um frasco e guardava e quando ia tomar banho passava, que era meu perfume. É brincadeira?

Entrevistador: Manjeriço tem aquele cheiro né?

Participante 5: Tem aquele cheiro. A coisa era essa. E não tinha esse negócio de tomar banho todo dia não, só lavava pé, só tomava banho quando vinha para aqui. Assim mesmo com sabão massa.

Entrevistador: Porque água era difícil, o acesso né?

Participante 5: Não. Água tinha, mas era longe. Você não faz ideia a distância que era.

Entrevistador: Carregava latas de água na cabeça né?

Participante 5: Não tinha água para beber. Não tinha esses vasilhames não. Era um negócio assim, que colocava duas latas de água.

Entrevistador: Aquelas latas de manteiga né? Reaproveitadas

Participante 5: Rapaz, você me fez agora ir longe. Rapaz... não é brincadeira não. Eu já sofri, mas hoje em dia, graças a Deus, eu sou uma mulher feliz. Me considero, mesmo com as dificuldades que ainda tenho, mas me considero uma mulher feliz e realizada. Boneca? Meu sonho era ter uma boneca. Foi por isso que agora, tem uns tempo atrás aí, tem uns cinco anos, a idade de Natali, eu fui em Candeias e vi uma boneca deste tamanho e perguntei "Moça, quanto é essa boneca, ela disse 110 reais, eu estava com dinheiro, não sei porque estava com esse dinheiro na mão, não sei porque. Eu disse "110?" ela disse "É", "enrole aí que eu vou levar para minha bisneta". Na realidade, era para eu realizar um sonho meu, é tanto que é uma briga porque eu nem quero que ela pegue nela. É deste tamanho, grandona.

Entrevistador: Na caixa ainda?

Participante 5: Na caixa, nova. Eu comprei e disse "aqui Natali para você", mas é sua e minha porque estou realizando um sonho meu porque não tive uma boneca dessas. Uma vez tinha uma propagando de uma boneca da Eliana que era grandona que era quase um salário mínimo

Entrevistador: Eu me lembro dessa propaganda.

Participante 5: Eu quase que eu compro essa boneca, pelo amor de Deus. Minha mãe fazia boneca de pano, então com milho, quando o milho está no pé tem aqueles cabelos. Eu usava aquilo ali para fazer como boneca.

Entrevistador: Hoje em dia essa juventude tem tudo isso

Participante 5: Tem tudo. Lá em casa é uma reclamação. Reclama de tudo e tem tudo. Eu digo se vocês passarem a dificuldade que eu passei. Mesmo depois que tive filho, eu lutava porque não tinha água da Embasa, a gente pegava água no lugar chamado Embaúba, lá em baixo. Você precisava ver a ladeira. Dia de domingo, eu enchia dois túnel de água para segunda feira lavar roupa de ganho. É brincadeira? Para sustentar esses filhos, mas também não entreguei meus filhos a ninguém, graças a Deus. Achei quem quisesse.

Entrevistador: Com sacrifício, a senhora criou todo mundo com sabedoria, amor e carinho sempre. E sozinha porque praticamente não teve homem.

Participante 5: Nunca tive homem na minha vida não. Na verdade, eu nunca tive homem para dizer “Creusa toma aqui 50 reais e vai fazer uma feira”, nunca na minha vida, nunca. A não ser o primeiro que é o pai dos dois meninos que fazia as compras, mas o resto, ninguém nunca me deu nada.

Entrevistador: Situação difícil, realidade.

Participante 5: E como era minha vida.

Entrevistador: Obrigada dona Creuza, por esse momento a senhora puder compartilhar suas lembranças e suas memórias.

Participante 5: Tudo besteira

Entrevistador: Não. Essas besteiras que a senhora está dizendo aí são registros da sua vida e são autênticos e o melhor de tudo que me faz lembrar a relação que meus pais viviam entre eles. Não estão mais vivos e essa alegria. Muito obrigado.

Participante 5: Qualquer coisa, estou aqui.

ENTREVISTA 06 - Maria Sofia Lima dos Santos (Sabrina)

Entrevistador: Como é o nome da senhora, idade, casada, solteira ou Viúva e quantos filhos?

Participante 6: Maria Sofia Lima dos Santos, tenho 78 anos, sou viúva e tenho nove filhos seis meninas e três meninos.

Entrevistador: Netos?

Participante 6: Tenho netos, mas agora não dá nem para contar, tenho netos e bisnetos.

Entrevistador: A senhora é franciscana mesmo? Nasceu aqui?

Participante 6: Não, eu não nasci aqui, nasci em uma cidade chamada Jacuípe distrito de São Sebastião do Passé.

Entrevistador: É aqui no Recôncavo baiano, né?

Participante 6: É aqui no Recôncavo baiano

Entrevistador: Mas é mais franciscana do quê...

Participante 6: Sou mais franciscana do quê Jacuipense.

Entrevistador: De tantos anos e tudo. E a senhora foi a escola?

Participante 6: olha, nunca fui em escola. Eu estudei em casa, assim, em casa de administrador porque no lugar em que eu me criei era Usina de Cana de açúcar e tinha usina, tinha o administrador e tinha o feitor, então eu estudei com a filha do administrador dali da terra, daquele lugar, mas nunca fui em colégio.

Entrevistador: nunca foi em colégio formal. Aprendeu a ler e a escrever?

Participante 6: eu assino meu nome e leio alguma coisa, mas não leio muito, não tenho muito conhecimento de leitura não.

Entrevistador: e a escola? Ou esse espaço aí? Era importante quando a senhora estudava, era importante para senhora?

Participante 6: era importante para mim. Ela ensinava a gente muito bem, por sinal eu aprendi até o segundo ano, eu acho, eu nem lembro mais como era que dizia, que foi no tempo da cartilha que foi do povo, que tinha tabuada, fazia sabatina. O estudo era assim né? Tinha ditado, tinha cópia, mas nunca fui em um colégio.

Entrevistador: Aí a senhora aprendia através desses ensinamentos, né?

Participante 6: através deste ensinamento nessa casa desse administrador.

Entrevistador: Que bom! A senhora falou que tinha um feitor na fazenda que a senhora morava e assim a senhora conheceu alguma história de escravos nesse período?

Participante 6: eu não. Não, mas meus avós falavam, assim, que tinha escravos que trabalhava, que carregava os brancos, mas eu não alcancei não.

Entrevistador: e lá onde a senhora estava a produção? Eles plantavam, colhiam alguma coisa? O quê?

Participante 6: plantavam e colhiam cana de açúcar porque eu morava em uma fazenda que através de outra fazenda tinha uma usina que se chamava Aliança, que é antiga, mas o nome tinha Aliança, tinha usina Paranaguá, usina Passagem e a usina Santa Elisa que por fim ainda tem aquele bueiro quando passa por Santo Amaro vê, quer dizer que meu pai que trabalha nessa redondeza toda de usina porque meu pai era carreto e trabalhava com boi e naquele tempo colocava a cana nós bois e era seis bois para o boi puxar o carro com as camas, aquelas cana iam para um ponto e aqueles pontos iam pesado daquele peso, passava para máquina que hoje eu nem sei se a pessoa conhece, tinha umas máquinas com uns vagões que pegavam as cana, aí tinha outra pessoa que pegava aquelas canas e jogavam naqueles vagões e as canas eram pesadas, as toneladas que eles levam no carro de boi, ali eu assinava para poder fazer o pagamento. O dinheiro? Um nada.

Entrevistador: imagine como era, um trabalho pesado e tudo para poder receber nada.

Participante 6: um trabalho pesado para poder receber por quinzena. A gente se alimentava assim, de produtos que tinham na cooperativa da usina. O bacalhau era assim oh, os litros porque ficava tudo assim batidinho.

Entrevistador: eles colocaram em...

Participante 6: eles colocavam naqueles litros de madeira, que hoje tudo é pesado, tudo no saco plástico, mas nessa época era aquela coisinha assim de madeira que media as coisas para a gente comprar. O pagamento era de quinze em quinze e a gente tinha que comer ali regradinho para chegar naqueles quinze dias para tornar fazer outra compra.

Entrevistador: e a senhora gostava mais de fazer o quê? O que a senhora lembra da sua infância, por exemplo?

Participante 6: da minha infância o que mais gostava era de brincar de boneca porque nunca gostei de trabalhar não, eu fui trabalhar mesmo de dez anos em diante, agora minha irmãs com minha mãe sempre já aprontaram cana, trabalha assim, mas eu nunca fui muito de trabalhar, gostava de ficar em casa cuidando das coisas.

Entrevistador: a senhora aprendeu algum ofício, costura, bordado, a cozinhar perfeitamente, alguma coisa?

Participante 6: Cozinhar, gosto muito de cozinhar e eu tinha uma madrinha que era uma coisa que eu sempre dizia, quando era menina, se algum tempo eu me casasse, eu não dava um filho meu a minha que tivesse mais um poder para ser madrinha porque minha madrinha me explorava. Eu com sete anos me lembro. Ela fazia manteiga, fazia requeijão, colocava aquelas vasilhas que colocava tudo de molho, aquelas panelas, então ela me botava para lavar aquelas panelas e naquela época não tinha Bombril, tinha mesmo o sabão de massa e ela me coloca para lavar aquelas panelas. Aí, naquelas panelas, era uma folha que se chamava caiçara que a gente lavava, passava bem para tirar o carvão para depois, então, passar areia com a bucha para a panela ficar limpinha. Então, na época era muito menina ainda, tinha sete anos, minha vó me botava para lá porque eu era criada com minha vó e minha madrinha era muito... ela dizia que seu trabalho hoje vai ser o dia todo, você lavar as panelas, eu ficava e botava aquelas panelas no chão com aquele baldinho, vasilha com água e arisca aquelas panelas e quando eu terminava, estava de carvão da cabeça aos pés. Aí ela ia corrigir, se tivesse um pouquinho assim de nada na panela do carvão, ela me botava para lavar tudo de novo, mas me ensinou muita coisa, ótimo.

Entrevistador: mas a senhora não se arrepende desse aprendizado.

Participante 6: não me arrependo, não. Ela me colocou para auxiliar meia, pegava um ovo de galinha, colocava um ovo de galinha dentro da meia e ali tinha que fazer aqueles pontinhos na meia para ninguém vê que foi costurado. Aprendi fazer bainha aberta nas toalhas, que tinha aquelas toalhas de saco, a gente tirava o fio para a gente mesmo fazer aqueles bordadinhos na ponta né? Hoje ainda se usa, mas é muito pouco, não tem mais assim não, mas no meu tempo era muito assim, para crianças era muito escravizadas, mas era bom porque não tinha muito ladrão, filho não queria bater em mãe, não tinha muito das coisas não. Hoje fico assim horrorizada de vê muita coisa aí, mas graças a Deus, os meus filhos não. Quem me criava era minha vó, aí quando fiz dez anos meu avô morreu e naquela época não tinha pensão, ninguém tinha direito a nada não é? Enterrou aquele defunto ali, pronto, quem ficasse que fosse se cuidar, nem herança não tinha porque disso morar na casa de usina e até hoje a casa que a gente morava,

pertenceu a usina. Aí nessa época minha vó tinha um patente em Salvador, aí levou. Minha vó foi para trabalhar e ter um dinheirinho para sobreviver, que ela me criou e mais duas irmãs minha, aí ela me levou e deixou as duas irmãs minha com minha mãe e lá, eu com dez anos a parenta da minha vó, que minha vó foi, acho que não deveria dar comida a mim e a minha vó, porque eu tinha que trabalhar. Elas me botaram em uma casa que fazia sapato na época, era no Taboão, ainda existe esse Taboão, e na época era bonde que se usava, eu não sabia ler direito e ela só foi me levar ,assim, dois dias e eu morava no interior para ir para cidade grande que mesmo assim na época, Salvador já era uma cidade grande para quem não conhecia. Eu fiquei com tanto medo que te um dia que eu vim e cai do bonde, quando eu caí disse que não ia mais por causa da distância que ela me botou nesse trabalho para eu ir para casa dela era muito distante, bem verdade, eu saia do trabalho e pegava assim o bonde, mas não conhecia nada porque para mim foi um desastre.

Entrevistador: uma cidade grande, um desastre, em desenvolvimento né?

Participante 6: aí eu disse " Olhe, minha vó", eu chamo minha vó de mãe," Olhe, mãe, não vou ficar aqui não, não vou nesse trabalho mais não. É muito sacrifício para vim embora, tenho medo". Aí, minha vó "não, não quer ficar, vou arranjar a casa de uma criatura que tem uma criança para tomar conta, você vai". Eu aí fui. Não sabia nem quanto de dinheiro iria receber. Aí tomei para mim e foi ótimo. Eu me adaptei mais, eu gostava muito de criança, fiquei com a criança e lá fui me desarrando e fui levando minha vida, passando os tempos.

Entrevistador: e aprendendo muito, como sempre, né?

Participante 6: como sempre. Hoje eu vejo coisas que fico assim, que eu nunca vi né? Então, depois eu vim para aqui trabalhar também em casa de família, vivendo com minha tia que mora aqui e daqui eu fui para casa de uma família que já tinha aqui a Petrobrás, o rapaz era engenheiro da Petrobrás. Fui morar na casa dele e de lá, eu saindo a noite, arranjei esse namorado que era o marido e poucos tem eu obrigado! Antigamente, a gente não tinha essa sabedoria que tem hoje né? Então, ele falando assim para mim, você é moça? Pode falar (Olhos arregalados e sinais na face de pudor, ao tocar em um assunto tão íntimo e delicado – sua virgindade; observação do pesquisador)?

Entrevistador: pode sim.

Participante 6: você é moça? Eu disse, eu sou. Vivo nas casas de meus pais, nunca tive namorado. Aí ele falou assim, para eu saber que você é moça, você tem que deixar eu vê. Eu naquele tempo.

Entrevistador: a inocência né isso?

Participante 6: naquela época havia inocência, né? Eu prontamente, nessa foi uma vez só engravidei.

Entrevistador: era porque tinha que acontecer mesmo. Era ele, né? E a senhora estava com quantos anos nessa época?

Participante 6: nessa época, eu já estava com vinte e um anos. Qual a moça hoje com vinte e um anos!?

Entrevistador: não chega essa idade; não consegue.

Participante 6: eu disse, meu Deus, aí falei comigo mesmo, não tinha colega, não tinha minha mãe ali perto, não tinha ninguém para falar. Aí quando ele falou que para saber se eu era moça tinha que deixar ver, eu confiei.

Entrevistador: ele foi sabido demais não foi? Mas era o homem da sua vida.

Participante 6: era o homem da minha vida e também não me deixou não viu? Aí eu fiquei e ele também aqui pescava, não tinha muita coisa. Eu sofri muito, viu? Depois Jesus abençoou e ele achou uma firma, essa Petrobrás, antigamente, tinha muita firma e ele achou uma firma para trabalhar e foi melhorando e lá vai eu tendo filho, vai um, dois, três, quatro, cinco e quando ele morreu, eu tinha cinco filho e tava grávida. Ele morreu com trinta e cinco anos e eu tinha vinte e nove.

Entrevistador: jovem, muito jovem.

Participante 6: diga o que sofrer, meu irmão. Foi o dobro do sofrimento porque ele empregou nessa firma, tinha um sofazinho, uma cadeirinha, uma bobagem. A família dele pensava que tinha coisa demais.

Entrevistador: já tinha casa própria?

Participante 6: já, mas a casa era assim de taipa ainda. Eu sei que depois dessa morte dele eu sofri demais. Sofri e assim mesmo eu fiquei viúva durante seis anos para poder. Levei seis anos de sofrimento.

Entrevistador: imagino, com as crianças pequenas e tudo.

Participante 6: com as crianças pequenas. Eu sentei assim, não sei, não sei não. Era uma coisa que até hoje eu tenho um arrependimento que eu não queria na minha vida era manchar o meu casamento, mas o sofrimento, eu fiz isso. Era uma coisa que eu tenho arrependimento na minha vida, que eu me casei na igreja e no civil, mas por causa de sofrimento, filho pequeno e eu sem saber andar direito, aí eu...

Entrevistador: mas a senhora só voltou a casar depois de seis anos não é?

Participante 6: foi isso

Entrevistador: encontrou outro

Participante 6: encontrei outra pessoa, que não tinha ouro e nem prata, não tinha nada para mim dar, mas era uma pessoa que tratava meus filhos super bem. Ele morreu, nunca entrou no quarto das minhas filhas.

Entrevistador: e com esse a senhora teve outros filhos?

Participante 6: tive só três. Dois meninos e uma menina.

Entrevistador: mas a relação de vocês era muito amorosa e muito carinhosa, tranquila não era?

Participante 6: era

Entrevistador: só o fato de não tocar nos seus filhos e respeitar os seus filhos isso era muito importante.

Participante 6: só isso era muito, muito importante. Eu vivi com ele vinte e quatro anos e ele nunca entrou no quarto das minhas filhas. Bebia e quando bebia ele dizia não tire minha roupa por causa das meninas. Respeitava muito minhas filhas, então para mim ele deixou ouro e deixou prata porque respeitou os meus filhos.

Entrevistador: então a senhora é viúva duplamente.

Participante 6: É. Duas vezes.

Entrevistador: e as festas aqui, as populares daqui de São Francisco do Conde ou festas religiosas, a senhora participa delas?

Participante 6: olhe, eu participo assim, indo para novena, indo para missa. Já participei muito do bloco da coroa, ia muito, mas agora...

Entrevistador: como era esse bloco da coroa?

Participante 6: o bloco da coroa a gente faz a roupa, colabora com o dinheiro e o dono do bloco faz a vestimenta e cada andar a gente sai com uma roupa.

Entrevistador: que maravilhoso. Divertido né?

Participante 6: divertindo. A gente ia, eu e minha comadre ía; passeava a vontade, para missa, com os idosos, Reisado.

Entrevistador: Lindro amor?

Participante 6: tem o Lindro amor também. Fui por muitos anos no lindo amor, mas não participo mais.

Entrevistador: samba das pitangueiras, samba chula?

Participante 6: samba chula, a gente participava um pouco.

Entrevistador: dizem que é um samba diferente não é? Agradável não é? Muito reconhecido nacional, né? E se a senhora tivesse a oportunidade de voltar para escola hoje, a senhora voltaria?

Participante 6: voltaria

Entrevistador: o que impede a senhora de voltar? Já teve essa proposta de voltar a estudar?

Participante 6: os idosos e lá tem uma parte que a pessoa que quer estudar, agora eu não quis mais não, mas eu tive vontade de conseguir uma coisa.

Entrevistador: porque é importante para senhora estudar né?

Participante 6: cada uma estudaram um pouquinho não é? Tenho uma mesmo agora que é advogada e paro ano, ela vai fazer a prova do OAB para poder começar, ver o que Deus quer fazer né? Porque tudo temos que confiar em Deus. Não é dizer eu quero, tem que vê o que Deus vê se ela vai ser uma advogada e vai dar o direito dela passar na prova né?

Entrevistador: e tudo com tempo têm tempo. Não é isso?

Participante 6: tudo com o tempo tem tempo e acho que para estudar não tem idade.

Entrevistador: não tem, por isso, perguntei né? É só uma curiosidade porque às vezes a gente precisa que os idosos voltem a estudar e se animem também e que veja naquilo ali um objetivo de vida para eles, porque, por exemplo, nas novelas estão aí e os idosos preferem ficar em casa assistindo novela a ir para sala de aula. Aí a gente pergunta o que é mais interessante na novela do que em uma sala de aula, não é?

Participante 6: em uma sala de aula e mais interessante porque nas novelas não tem nada de bom para oferecer. Acabou o tempo, época que tinha uma novela boa que a gente se empolgava, mas hoje só tem tragédia e tragédia a gente já vê aí pelo mundo a fora, essa droga está acabando com os jovens. É filho querendo acabar com a mãe. É coisas que sente assim, eu mesmo sinto porque nunca vi. Ter uma mãe e um pai era muito respeitado era tanto que o povo dizia que quando um filho suspendia uma mão para dar na mãe, o braço ficava duro e hoje fica mole.

Entrevistador: Ah cozinheira, sim... me conte essa história? Da cozinheira?

Participante 6: de cozinhar?

Entrevistador: Sim

Participante 6: cozinhar é uma profissão que eu amo. Eu disse se eu ainda tenho força, eu ia colocar um restaurante que eu gosto de cozinhar. Amo, amo mesmo. De coração.

Entrevistador: aqui em São Francisco, eu sempre soube que tinha boas cozinheiras e eu não tinha visto falar da senhora ainda porque a senhora deve ter deixado de cozinhar a muito tempo. Fiúca era uma delas. Já ouviu falar em Fiúca, né?

Participante 6: Já

Entrevistador: Dona nega também, dali de baixo.

Participante 6: mas a única repartição que eu cozinhei aqui uma vez, foi no convento no tempo de Frei Augusto e tinha uns congressos e ele me botou para cozinhar e ele achava que eu cozinava bem.

Entrevistador: e qual a comida que a senhora mais gosta de fazer?

Participante 6: todas

Entrevistador: fazer aquela moqueca assim bem recheada com aquele pirrãozinho...

Participante 6: então, um caruru, vatapá, moqueca, né? Tudo isso eu gosto de fazer. Na minha casa mesmo, não tenho muita coisa, mas cada dia eu invento uma coisa diferente, nunca faço uma coisa o tempo todo. Se tiver um ovo, já boto uma coisa diferente.

Entrevistador: e a senhora cozinha até hoje?

Participante 6: cozinho.

Entrevistador: que bom, porque eu tenho uma sogra de oitenta e sete anos e ela gosta de cozinhar, gosta de fazer as coisas, mas o médico proibiu por ser diabética. Descobriu a diabetes sênior.

Participante 6: é o meu caso. Eu sou hipertensa e não posso está provando muito sal, então para mim...

Entrevistador: eu também sou hipertenso. Eu tomo remédios todos os dias. Dona Sofia, muito obrigada pela colaboração. Foi um prazer conhecer sua história e poder escrever isso sobre a senhora. Depois a senhora vai receber um retorno sobre isso, tá bom. Muito obrigado.

Participante 6: essa daqui é uma comadre minha, minha vizinha e ela viu meus filhos pequenos e eu vi o dela.

Entrevistador: que lindo; maravilha!

Participante 6: ela me ajudava com meus filhos e eu ajudava ela, então por fim, quando as coisas são certas as pessoas aparecem.

Entrevistador: muito obrigado!

Entrevistada 7: (Zefa) - Durvalina da Glória dos Santos – Rua Castro Alves, no. 5 – Centro. CEP 43.900-00 São Francisco do Conde - Bahia

Cheguei a São Francisco do Conde – Ba, à Rua Castro Alves, no. 5, pela grade e portas abertas, vejo uma senhorinha, toda arrumadinha, sentada em sua cadeira confortável, esperando-me! Era Durvalina da Glória dos Santos, mais conhecida como D. Duzinha. De sorriso tímido me pede para entrar e me diz: “estava te esperando”. D. Duzinha tem 86 anos de idade, nascida ali mesmo, em São Francisco do Conde, em 15.08.1932, viúva. Nunca teve filhos, mas criou muitos filhos dos outros.

Estudou até a 5^a. Série da educação básica; teve 7 irmãos, sendo dois rapazes, ela e mais 4 irmãs de mulheres. Todos já falecidos, apenas ela “para contar história”. Mulher trabalhadeira,

que ganhava a vida como doméstica, mas também “lavava de ganho”, cozinhava como ninguém; fazia parte de grupos da Igreja Católica, como Legião de Maria e da Penhunião de Santo Antônio – grupo só de mulheres.

Quando perguntamos do que ela mais gostava ou lembrava, nos disse que gostava de tudo, mas lavar era o que mais gostava e sabia fazer, sentindo saudades daquele tempo, quando engomava as calças de tergal; colocava as roupas no azul-anil para alvejar; usava as folhas de patchouli para dar um cheiro especial às roupas. Fez referência ao “sabão de pedra” (em barra), preferindo o azul com pintinhas, que para ela era melhor e alvejava mais as roupas; o sabão de coco era para a cabeça, sendo mais leve para os cabelos.

Lembrou que sua antiga moradia, já em ruína, fica na Praça Santa Cruz, ali mesmo em São Francisco do Conde – “aqui não existia casa de construção... era tudo de taipa”.

Sobre a maternidade e partos, disse nunca ter visto um só parto – “nunca vi um parto, apenas vi pela televisão”. Começou a criar os filhos de seus irmãos e de outras pessoas. “Everaldo foi um dos que não queria colégio, queria vaquejada; Jorge, cresceu, construiu família e teve mais dois filhos, que estudaram e trabalham no setor público; um desses meninos pegou uma frieira em um dos pés. Eu lavava ele, limpava o pé dele, era um pé só. Ele disse: eu queria morar com a senhora! Ela disse: então venha!”.

Perguntei se ela só havia criado meninos. Ela disse: “não, também criei meninas, Eliana, que teve Midiane e Suzane; netas e bisnetas... todas, filhas do coração”.

“Eu criava, mas não ia à reunião do Colégio, porque para mim a mãe tinha que ir; não batizei nenhum deles, porque já sou tia!”.

Suas memórias viajaram até seu pai, enquanto vivo, lembrando a época de marisqueira. “Quando papai morreu, para me manter, botava uma isca no cordão para pegar siri; amarrava uma pedra com uma isca qualquer ou até com outro sirizinho...”.

Narrou que “carregava muita água de ganho, nas fontes (cisternas)”; que fazia as tradicionais moquequinhas na folha: “eu pegava os peixes – xangó, sardinha... temperava no sal e limão, enrolava na folha de bananeira e assava na brasa; não gosto de pimenta”. Essa última fala de D. Duzinha reflete a ideia de que sempre esse alimento de matriz africana, por parte de seus ancestrais, sempre foi elaborada com tais condimentos, incluindo sempre a pimenta, mas que por ela não gostar, não a colocava.

Católica praticante, mas impossibilitada de caminhar por conta da diabetes e da própria idade, nos disse: “eles vêm aqui todo domingo, traz a eucaristia para mim”.

Perguntamos sobre as festas religiosas, se ela participava, rezava ou mesmo fazia, mantendo alguma tradição. Disse que não! “Só o presépio que foi de minha mãe”. Mas lembrou de uma das festas, a de Nossa Senhora da Conceição da Praia, que “os pescadores, na orla, se organizavam; depois veio o Prefeito Osmar Ramos e mudou um pouco para a novena que começava em 1º de dezembro e culminava no dia 8 com a festa”.

Suas memórias foram recordando das manifestações culturais, festas e obrigações do Candomblé, dizendo: “batiam antes na orla, 2 de fevereiro – manifestação cultural – construíam um barracão para Iemanjá – antes tinha isso na orla, agora não”.

Sobre outra manifestação cultural – Lindroamor: “eles vinham, cantavam, dançavam e animavam, pedindo qualquer ajuda para a festa”.

Lembrou-se do forte caruru, organizado por Mãe Aurinha (Mãe de Santo do Terreiro Angurusena Dya Nzambi), no dia 27 de setembro, que antes era na Cubamba – ponto tradicional e turístico da cidade.

Outras perguntas foram feitas sobre os grupos tradicionais e as histórias que ela havia escutado ou participado, dizendo-nos: “tinha o Capabode, que saía pelas ruas no carnaval com cabaças e vestidos com a pele e a cabeça do bode, assustando as pessoas, metendo medo! Mas também tem o Mandú; Amigo Folhagem; Bumba meu Boi; Samba das Pitangueiras – elas cantam e dançam e eles só tocam – é uma espécie de cerimônia, reverência, ritual... a cada tocador. Tem hora para tudo”.

Sobre a formação das novas gerações e do ensino-aprendizagem e saberes que são passados para eles: “as crianças de hoje não querem mais; a juventude não quer aprender, não dão valor; tudo é esculhambado... eu carregava lenha para cozinhar, hoje eles não querem nada. Hoje, quando o gás acaba, eles dizem – o gás acabou, chama o gás aí; por que não volta o passado?”, referindo-se as brincadeiras no carnaval: “Era uma lavagem com cavalos, lata d’água na cabeça; hoje é mangueirada (banho de mangueira)... por que não voltamos”?

Quando perguntamos se ela lembrava ou havia tido alguma experiência com o Quilombo ali existente e as histórias de pessoas escravizadas de parentes ou conhecidos, ela disse: “Não alcancei isso aí, a única coisa que me lembro é do Engenho da Vida, hoje Dorna,

que antes pertencia a Dr. Batista, dono de todas as terras, mas que depois foi dividida; loteou tudo. Agora é Campinas, Gurugé, São Bento e outros”.

D. Duzinha faz uma descrição “geográfica” de como era a cidade a partir do que hoje é a orla marítima de São Francisco do Conde, onde funciona o centro econômico-financeiro-político: “Antes tinha o Cais; quando a maré enchia, ninguém passava, depois foram entulhando, entulhando, até termos o que temos hoje que é a Câmara; o Prefeito Edson fez o início das melhoras; naquele tempo não tinha fraude, não tinha, não”.

Sobre muitas curiosidades do pesquisador, perguntamos sobre sua descendência e sobre os costumes locais da época. Prontamente ela foi logo nos dizendo: “Minha mãe era descendente de escravos, fazia muito doce de banana no tacho de cobre e depois amassava nas folhas de banana seca. A banana prata era a melhor para fazer o doce. Ela forneceu muito para a Prefeitura. Fazia também o de goiaba. Esses doces eram heranças de escravos”.

Suas narrativas seguem, contando como era a arte de lavar, passar e engomar: “engomava em diagonal para não amarrotar e não sujar com o carvão; eu era procurada para engomar, porque não existia ninguém melhor do que eu”.

Algumas recordações de anos levam D. Duzinha a falar da máquina de lavar e registrar sua resistência a essa nova tecnologia: “menino, compre sabão em pó, em pedra (barra), água milagrosa para alvejar, folhas de bambú, murungú, birreiro e deixe comigo”. Ela lavava a roupa nas beiras das fontes, fervia e colocava para quasar e só depois de secas, passar com ferro a lenha.

Falamos sobre saudades e ela nos narrou: “tenho saudades de muitas coisas! A educação – os mais velhos eram mais respeitados – bastava passar os olhos e já entendia; hoje – está doida, cafona, velha...”. Ela conclui essas lembranças dizendo: “eu não alisei o banco da ciência, mas tenho sabedoria”.

A Escola Agrícola, em São Bento – distrito de São Francisco do Conde, centenária no Município e de grande tradição da época, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico, trazem muitas recordações a D. Duzinha, quem relembra de seus irmãos tendo estudado aí e saído para grandes empresas e até mesmo outros Estados. Ela fala: “meus irmãos estudaram nessa escola. Foram para Maceió; entraram para a Marinha, Petrobrás; faziam farinha, plantavam arroz, laranjal e ficavam em regime de internato; aprendiam de tudo; cada um tinha que cumprir com

suas obrigações; lá tinha as enfermarias – eles curavam de tudo; era um lugar grande, 320 janelas, eu acho!”.

Perguntamos sobre elas, mulheres, o que estudavam e faziam? Disse-nos: “tinha uma escola chamada de FERMAM para as meninas, uma espécie de internato também, onde se aprendia de tudo, aquelas que queriam iam estudar lá”.

Arriscamos uma última pergunta a D. Duzinha. Para a senhora, o que é ser negra? “Muitos não se consideram, não sei por quê! Vai muito da consciência de cada um. Antigamente tudo era parente. Em minha identidade tem pardo, pode?! Eu me considero e sou negra”.

Entrevistada 8: **Alva Célia Medeiros (Altamira)**

Uma mulher idosa de 63 anos, professora, divorciada, com um único filho, membro do Candomblé com o cargo de Mãe Pequena do Terreiro Angurusena Dya Nzambi, em São Francisco do Conde – Bahia, quem nos recebe de braços abertos, com sorriso farto e em um terreiro acolhedor.

As primeiras palavras são de quem não sabe muita coisa; de quem melhor poderia falar seria sua Mãe de Santo (Áurea), por ser mais experiente e vivida, mas que também sua irmã (Telinha), quem muito poderia contribuir para nossa pesquisa.

Discursos e desculpas aceitas, iniciamos nossa tarefa de saber quais eram as memórias de letramento, leitura e escrita dela, enquanto idosa e dos idosos que frequentavam o terreiro.

Com grande entusiasmo, D. Alva nos fala empolgadamente dos projetos que o terreiro tem com as idosas e a relação desses projetos vinculados à Prefeitura Municipal, através de ganhos por Editais e sua forte influência na comunidade local. Esses projetos, diz ela: “servem como terapias, retiradas da depressão e capacita esse idoso para ter não somente uma ocupação, mas o prazer de ser útil e também gerar um pouco de renda, através de suas produções artístico-culturais”.

Para D. Alva, é importante resgatar as raízes ancestrais-culturais-tradicionais de São Francisco do Conde, onde a valorização dos produtos anteriormente ali comercializados e a qualidade de vida dos idosos possam florescer. Para isso, junto com a Prefeitura, o projeto aprovado prevê o trabalho de temas relativos à Gastronomia do idoso, que são realizados

através de Câmaras Temáticas – Oficinas, onde o objetivo é, segundo D. Alva: “desenvolver uma gastronomia identitária de São Francisco do Conde para o idoso”.

O Terreiro de Candomblé promove ações de ensino-aprendizagem, sem que as pessoas que participam, sejam necessariamente do “Axé” (participantes e iniciadas na religião de Matriz Africana).

Ações como essas, diz D. Alva: “resgatam não somente a cultura dos nossos antepassados, provando nossa gratidão, através dos alimentos, mas resgata nossas tradições”.

Um excelente exemplo são as oficinas de ensino-aprendizagem desenvolvidas a partir do projeto, dito por nossa colaboradora: * “Maria de Benzer – o tabuleiro, sua história, música, samba de roda...”. É uma tentativa de não somente resgatar a memória de uma grande figura da tradição cultural ancestral de Maria de Benzer, quem muito contribuiu para a formação cultural da sociedade franciscana com seus quitutes e sabedorias, mas não deixar morrer, esquecer ou mesmo se apagar as tradições.

*Nasceu no dia 4 de agosto de 1894, em São Francisco do Conde, faleceu em 29 de outubro de 1990. Filha de escravos trabalhou desde os nove anos de idade na roça e tomando conta dos irmãos menores. Aos 15 anos já era dona de casa, onde aprendeu com os familiares a fazer a sua famosa cocada, servindo de tradição, levando-a a ganhar vários troféus por ser a baiana que tinha seu grito “Olha quem vai me benzer?”, chamando a todos para comprar sua cocada e outros doces, com a força do seu grito que era ouvido a muitos metros de distância, daí o seu apelido Benzer.

Aos 94 anos Benzer sofreu uma fratura no fêmur, operando-se e levando dois meses no hospital Roberto Santos. Depois voltou para sua residência, levando mais 1 ano e 8 meses sem andar, necessitando de tudo em suas mãos. Até que chegou o dia 27 de outubro de 1990, quando teve um derrame, ficando esquecido um lado do seu corpo, permanecendo até o dia 29 de outubro, às 17h47min, quando faleceu, deixando na memória dos franciscanos a força do seu grito e reafirmando a resistência da Raça Negra. (ESPIRITO SANTO, José Jorge do, São Francisco do Conde; resgate de uma riqueza cultural. São Francisco do Conde, 1998, p. 154).

Sendo assim, “as idosas são motivadas a, a partir do fruto da bananeira, desenvolver o doce de banana sem açúcar, envolvido na folha seca da bananeira, comercializando e promovendo saúde para a maioria dos idosos que geralmente são diabéticos”.

D. Alva descreve: “Elas não têm algo que lhes dê prazer, qualidade de vida na cidade; há muita depressão por conta dessa falta de qualidade de vida”.

Perguntamos como era essa relação da religião de Matriz Africana – o Candomblé e os idosos, recebendo de D. Alva a seguinte narrativa: “Religião é cultura popular, assim trabalho aqui no terreiro com samba de raízes de Angola, de Nação Angola; Chula de Caboclo e Ciranda de Roda; a importância dos caboclos criou ações para dar melhor qualidade de vida aos idosos”.

D. Alva é uma idosa ativa e pensa sempre para além das barreiras que poderiam impedir as memórias e a qualidade de vida dos seus. Portanto, em 1993, viu a necessidade de resgatar uma tradição antiga, chamada Lindro-Amor, que é um peditório para as festas religiosas, que visita casas da cidade antes da realização das festas, com as imagens dos santos numa bandeja enfeitada com flores, tendo a frente um estandarte. Os acompanhantes usam chapéus floridos e tocam pandeiros e tambores (ESPÍRITO SANTO, 1998, p. 107). Foi aí que a comunidade do Axé (povo do Candomblé), acompanhado de 45 músicos mais um grupo de participantes, baianas e do afoxé, revitalizaram o Lindro-Amor.

Segundo D. Alva, “O Lindro-Amor cura depressão; é uma terapia para muitos idosos; é um lazer dentro do calendário do nosso terreiro que é mais importante para o idoso; é nossa verdadeira cultura popular”.

Falar de cultura, manifestação cultural e religião para D. Alva, é falar de bem-estar e qualidade de vida para o idoso. Portanto, ela sempre está nos surpreendendo com suas memórias que resgatam histórias do passado e que ainda hoje são celebradas para o bem da comunidade. A esmola cantada, ou peditório que era uma forma de sair de porta em porta, pedindo qualquer contribuição para o caruru, aceitando-se tudo, desde poucas moedas a bocapiu – cesto de palha de Ouricuri usado para carregar compras nas feiras.

Perguntamos sobre a alegria dos idosos em ter por perto outra manifestação cultural chamada de Samba das Pitangueiras. Ela, então nos diz: “temos outros sambas aqui também, o Samba Chula, que hoje está sendo homenageado em um espaço inaugurado ‘Essa Viola dá Samba’, no Gurugé (distrito do Município) para fazer nascer a viola que está em

extinção, por causa da viola de Machete (espécie de viola pequena com quatro cordas;”). Milton Primo é quem faz esse trabalho de resgate, assim nos contou.

Recuperando algumas narrativas sobre o Lindro-Amor, D. Alva nos diz que as novas gerações têm dificuldade de participar dessa festa, porque os pais as proíbe. Então ela relata: “eles não gostam e não participam por causa da família; a cidade é muito dividida; os pais pensam que o Lindro-Amor é Candomblé”. Diante dessa situação, D. Alva disse que chama os pais e explica que não é uma festa do Candomblé, mas de todos; independente de religião.

“A religião é a base de tudo. A fé é a nossa base. Temos que nos apegar”. Sentencia D. Alva.

Sobre a participação da mulher negra no terreiro, a maioria é negra e assume seu papel na sociedade Franciscana?

“Sim. Ser negra pela constituição da pele, de sua identidade, melanina; é condição de sua raça”.

E as novas gerações, os adolescentes, o que pensam de tudo isso?

“Eles têm dificuldade de pensar, refletir; não querem, não conseguem sentar para discutir. Gostam de pagode e dessas músicas populares da moda”.

Quando se fala em idosos, D. Alva fica mais que entusiasmada, porque vê neles a potencialidade e possibilidade de reverter depressão em qualidade de vida. Ela nos conta com alegria, um último projeto que ela e demais idosos estão participando a partir da colaboração com a PRODETUR – Órgão Municipal, onde o projeto consiste em reaproveitamento da matéria prima da bananeira, levando os idosos a participarem de oficinas de capacitação e qualificação cultural, aproveitando desde as fibras da bananeira – mais resistentes que as da palha da costa para confeccionar artesanatos e comercializar, gerando renda para os idosos, em uma perspectiva de cooperativa financeira para eles a elaboração dos tradicionais doces envolvidos nas folhas da bananeira. Inclusive, esses materiais são fornecidos para que os idosos levem para suas casas e deem continuidade a sua fabricação, livrando-os da depressão e motivando-os como distração e lazer.

E a relação desses idosos com a escola, como é?

“Tentamos implementar a EJA – Educação de Jovens e Adultos aqui no Terreiro, mas não deu certo, porque vieram as novelas. Eles achavam mais interessante. Mudamos os horários das aulas para não atrapalhar as novelas, mas assim mesmo, não deu certo”.

Segundo D. Alva, “os idosos ficaram mais felizes com a parte econômico-financeira, gerada por sua produção do artesanato, porque na confecção de brincos, por exemplo, ele terá o retorno financeiro, melhorando sua vida”.

Esses projetos preveem, não somente a promoção da saúde do idoso, mas também o resgate de nossa cultura, nossa identidade, como diz D. Alva: “os idosos também ensinam a cantar as músicas antigas tradicionais”.

APÊNDICE E - DETALHAMENTO DAS PERGUNTAS

Na intenção de construir os corpora da pesquisa, detalhamos as perguntas que vão compor a entrevista semiestruturada:

1. A/o Sra. (Sr.) nasceu aqui, em São Francisco do Conde; quantos anos; casada (o), solteira(o), viúva(o); tem filhos; netos; bisnetos; profissão; sua religião; estudou, até qual série; participa(ou) de grupos de samba, terno de reis, grupos culturais; quais as atividades diárias que a/o Sra.(Sr.) mais gosta?
2. E na escola, como o/a Sr./Sra. aprendeu a ler e a escrever?
3. Qual foi a importância de aprender?
4. E as dificuldades em aprender, como foram?
5. Ainda vai à escola? Como é lá na escola?
6. Hoje o/a Sr./Sra. voltaria à escola para estudar, caso tivesse oportunidade?
7. Soube que em algumas escolas daqui de São Francisco estão oferecendo vagas para idosos voltar a estudar. O que a/o Sra./Sr. pensa sobre isso?
8. Por favor, me diga aí, por que é importante aprender a ler e a escrever?
9. É melhor ler ou escrever, por quê?
10. Hoje o/a Sr./Sra. lê o que?
11. Ainda escreve? Por quê?
12. A/o Sra.(Sr.) lembra da época dos escravos (escravizados); da população de São Francisco do Conde; das histórias do Capabode; Negro fujão; Meninos de lama; Lindroamor, Samba das pitangueiras?
13. Se te chamarem para contar essas histórias, a/o Sra./Sr. iria? Como começaria a contar?
14. E como são os festejos da Igreja Católica? Sabe alguma coisa sobre a Reza cantada?
15. E o Candomblé, como é visto pela (o) senhora (Sr.)?
16. E as Igrejas Evangélicas, têm muitas? O Sr./Sra. frequenta alguma delas?
17. Nesses locais certamente tem algum tipo de leitura da Bíblia; cânticos; reza; avisos sobre novos encontros/reuniões. A/o Sra./Sr. participa lendo ou só escutando? Quando escuta, compreende bem o que foi lido? E quando lê se sente seguro (a), confiante?
18. Quais são os momentos em que o/a Sr./Sra. mais lê?
19. E sobre os mais jovens da cidade, como a/o Sra./Sr. vê o interesse deles pela leitura, escrita, religião e eventos culturais?
20. O que mudou aqui na cidade de sua época para cá?

21. O “Aponã”, a “moquequinha” são iguarias culinárias características daqui?! Pode explicar um pouco?
22. E as marisqueiras, como desenvolvem seus trabalhos? A Sra. o Sr. mariscou?
23. Quais as histórias mais antigas que a Sra./ o Sr. lembra, contadas aqui, pelos seus pais, parentes ou vizinhos que ficaram em sua memória?
24. O que falta para que São Francisco do Conde seja um bom lugar para viver? Como o Sr./a Sra. vê o futuro aqui na cidade?
25. O que o/a Sr (a) pensa sobre: “já viu papagaio velho aprender novas palavras?”.
26. Para o/a Sr./Sra. é importante que as mulheres idosas e os homens idosos aprendam a ler e a escrever? Por quê?
27. Quais seriam seus projetos de vida, caso voltasse a estudar?
28. A/o Sra./Sr. se sente parte desse lugar, dessa cultura de São Francisco do Conde? De que maneira?
29. Quais seriam suas contribuições para que a cidade de São Francisco do Conde valorize mais a leitura, a escrita e as manifestações culturais?

APÊNDICE F - PERGUNTAS PARA O PESQUISADOR

1. De que forma as práticas de letramento estão presentes nas narrativas das mulheres e dos homens idosos de São Francisco do Conde - Bahia?
2. Como as idosas e os idosos se apropriam dos saberes de letramento na vida cotidiana?
3. Como esses saberes são ressignificados em suas vidas e nos espaços sociais onde vivem e frequentam, seja na família, na igreja, nas mercearias, no trabalho, na associação da comunidade, nas atividades domésticas e da lavoura?
4. Quais os projetos de vida que as/os idosas/os manifestam decorrentes do ingresso à escola?
5. Quais são os sentidos dos eventos e práticas de letramentos vivenciados pelas/os idosas/os na escola e nas práticas sociais cotidianas?
6. Como as/os idosas/os se narram e se percebem no devir das suas identidades socioculturais?
7. Como se reconhecem como atores sociais em suas narrativas autobiográficas?
8. Quem são essas/es mulheres/homens e o que contam de suas memórias/histórias?
9. Quem são as/os mulheres/homens retratadas/os em suas narrativas?
10. Enfim, de onde falam; o que pensam e fazem da vida?